

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

A PLURALIZAÇÃO NO WEBJORNALISMO PARTICIPATIVO:  
UMA ANÁLISE DAS INTERVENÇÕES  
NO *WIKINEWS* E NO *KURO5HIN*

MARCELO TRÄSEL

Dissertação apresentada como requisito  
para a obtenção do grau de mestre em  
Comunicação e Informação pelo  
Programa de Pós-graduação em  
Comunicação e Informação da  
Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul.

Orientador: Professor Dr. Alex Fernando Teixeira Primo

Porto Alegre, fevereiro de 2007

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARCELO RUSCHEL TRÄSEL

**A PLURALIZAÇÃO NO WEBJORNALISMO PARTICIPATIVO:  
UMA ANÁLISE DAS INTERVENÇÕES  
NO *WIKINEWS* E NO *KURO5HIN***

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de mestre em Comunicação e Informação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2007

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Suely Fragoso – Unisinos

---

Prof. Dra. Luciana Mielniczuk – UFSM

---

Prof. Dra. Márcia Benetti – UFRGS

*Gostaria de dedicar este trabalho à memória de Gabriel Pillar, que abrigou meu blog na comunidade insanus.org quando este ficou sem casa e veio a se tornar um de meus melhores amigos e companheiros de debate. Faz falta, tanto como amigo, quanto como pesquisador.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à sociedade brasileira, representada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo privilégio de por oito anos ter obtido uma formação de qualidade às custas do Estado. Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa que me permitiu concentrar esforços apenas no mestrado nos últimos dois anos. Espero que esta dissertação e o trabalho desenvolvido ao longo deste tempo, bem como no futuro, estejam à altura do investimento realizado.

Diria que tenho uma grande dívida com meu orientador, Prof. Dr. Alex Primo, se não houvesse comprovado nestes dois anos de trabalho conjunto que ele se sente mais do que recompensado pela atividade de professor. Se posso lhe devolver de alguma forma a dedicação e amizade, é me tornando um professor tão dedicado e afetivo quanto ele.

A lista de mestres a quem deveria prestar homenagem por me colocarem no caminho que segui até hoje é por demais extensa, mas gostaria de lembrar pela amizade para comigo e respeito que sempre demonstraram por seus alunos os nomes de Marcia Benetti, Francisco Rüdiger, Paulo Seben, Christa Berger, Giba Assis Brasil, Luiz Antonio de Assis Brasil, Juremir Machado da Silva e Sérgio Fischer.

Essa dissertação não seria possível sem a contribuição inestimável de meus colegas mestrando ao longo destes dois anos, através dos debates espirituosos e por vezes acalorados em que nos engajamos em sala de aula e em mesas de bar. Um obrigado especial à Barbara Nickel, parceira intelectual desde os tempos de faculdade. Agradeço também pela ajuda e apoio de meus amigos, sobretudo à Taís Campelo, pela leitura mais do que atenta deste trabalho. Merece crédito ainda a paciência de meus familiares durante este período, principalmente a de minha mãe, que suportou amorosamente o ocasional mau-humor e as ausências.

“Surpreender-se, estranhar, é começar a entender. É o esporte e o luxo específico do intelectual. Por isso seu comportamento geral consiste em olhar o mundo com olhos arregalados pela estranheza. Tudo no mundo é estranho e maravilhoso para olhos bem abertos.”

– Ortega y Gasset, *A rebelião das massas*

“Não existe, falando-se de um modo geral, nenhum método científico totalmente independente da intuição e da percepção que nos dá o conhecimento das coisas e dos acontecimentos. A verdade é que, em circunstâncias comuns, o máximo que os métodos formais podem fazer pela pesquisa é secundar o investigador na obtenção de fatos que lhe possibilitem verificar as percepções e palpites que tinha no início, ou logrou mais tarde, no curso de suas pesquisas.”

– Robert Park, *A notícia como forma de conhecimento*

“A maturidade do homem consiste em haver reencontrado a seriedade que tinha nas brincadeiras de quando era criança.”

– Friedrich Nietzsche, *Além do bem e do mal*

“Há muitas possibilidades na mente do principiante, mas poucas na do perito.”

– Shunryu Suzuki, *Mente zen, mente de principiante*

## RESUMO

A Internet oferece um suporte descentralizado e aberto para a comunicação, transformando cada indivíduo em um produtor de conteúdo em potencial e favorecendo a cooperação. Sobre esta base, surgem projetos jornalísticos em que o público é convidado a interferir diretamente no processo noticioso, com ou sem a supervisão de jornalistas profissionais, até um ponto em que a fronteira entre consumo e produção se torna borrada. Este “webjornalismo participativo” pode atender a demandas históricas pela democratização do jornalismo, sobretudo no que concerne à pluralização das perspectivas sobre os acontecimentos transformados em material jornalístico. Para tanto, porém, é preciso que a participação do público nos processos de webjornalismo participativo seja relevante. A pesquisa investigou as intervenções sobre material jornalístico coletado nos webjornais participativos *Kuro5hin* e *Wikinews* através de uma análise de conteúdo, com o objetivo de verificar se essas intervenções tendem a ter um caráter pluralizante, ou centram-se em aspectos formais dos textos e atitudes disruptivas. Conclui-se que as intervenções do público tendem a se concentrar em aspectos jornalísticos e no debate dos fatos narrados, sendo portanto em sua maioria pluralizantes. Assim, entende-se que o webjornalismo participativo pode contribuir para o avanço da democracia, assumindo um papel complementar ao jornalismo profissional.

## ABSTRACT

The Internet provides a decentralized, open venue for communication, thus transforming each individual in a potential content producer and fostering cooperation. Journalistic projects emerge, in which the public is invited to interfere directly on the news producing, with or without supervision from professional reporters. When the divide between consumption and production becomes too blurred to be distinguished, “participatory webjournalism” happens. This kind of participatory news process may address historical demands for the democratization of journalism, specially the pluralization of perspectives about events transformed in news stories. In order to achieve this goal, however, the public must show relevant contributions in the participatory webjournalism processes. This work submitted contributor intervention on stories collected from the participatory news sites *KuroShin* and *Wikinews* to a content analysis. The objective was to verify whether these interventions are mostly of pluralizing character, or are focused in formal aspects of text and disruptive behavior. The results show that contributor intervention concentrate predominantly on journalistic aspects of text and on discussing the presented facts, i.e., are for the most part pluralizing. Participatory webjournalism, then, is considered to assume a complementary role to professional journalism, thereby helping to further develop democracy.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Página principal do <i>Wikinews</i> .....	23
Figura 2 – Plataforma de edição de uma notícia no Wikinews .....	24
Figura 3 – Reprodução da página principal do <i>Kuro5hin</i> . .....	25
Figura 4 – Formulário para o envio de matérias para a lista de edição ou votação.....	27
Figura 5 – Formulário e opções de voto em matéria enviadas por colaborador.....	28
Figura 6 – Selo que indica reportagem original no Wikinews .....	103
Figura 7 – Reprodução da página principal do <i>Wikinews</i> .....	106
Figura 8 – Espaço de discussão referente à primeira página do <i>Wikinews</i> .....	107
Figura 9 – Plataforma para a edição de uma matéria no <i>Wikinews</i> .....	108
Figura 10 – Quadro com exemplos da linguagem de marcação usada no <i>Wikinews</i> .	108
Figura 11 – Histórico de modificações de um texto do <i>Wikinews</i> .....	110
Figura 12 – Comparação entre duas versões diferentes no histórico de uma matéria do <i>Wikinews</i> .....	111
Figura 13 – Reprodução da página principal do <i>Kuro5hin</i> .....	118
Figura 14 – Formulário para o envio de matérias para a lista de edição ou votação..	121

Figura 15 – Listas de moderação de submissões sob votação e em edição do <i>Kuro5hin</i> .....	122
Figura 16 – Formulário e opções de voto em matéria enviadas por colaborador no <i>Kuro5hin</i> .....	122
Figura 17 – Quadro de pontos atribuídos a votos no <i>Kuro5hin</i> .....	123
Figura 18 – Lista de comentários relacionados a um texto do <i>Kuro5hin</i> .....	124
Figura 19 – Quadro de pontuação da avaliação de comentários no <i>Kuro5hin</i> .....	125
Figura 20 – Comentários feitos por avaliadores e seletor de filtro para comentários do <i>Kuro5hin</i> .....	126
Figura 24 – Gráfico comparativo do número de intervenções e número de colaboradores.....	142
Figura 25 – Gráfico comparativo do número total de intervenções e número global de colaboradores.....	143
Figura 27 – Gráfico mostrando a média de novos artigos publicados por dia no <i>Wikinews</i> entre novembro de 2004 e janeiro de 2007 .....	146

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição de intervenções entre as categorias de análise no estudo piloto .....	133
Tabela 2 – Número de ntervenções coletadas no <i>Wikinews</i> e <i>Kuro5hin</i> .....	140
Tabela 3 – Distribuição de unidades por categoria em números absolutos e proporcionais .....	141
Tabela 4 – Distribuição de unidades por categorias no <i>Wikinews</i> em números absolutos e porcentagem.....	145
Tabela 5 – Distribuição de unidades por categorias no <i>Kuro5hin</i> em números absolutos e porcentagem.....	161

## SUMÁRIO

RESUMO.....	6
ABSTRACT .....	7
SUMÁRIO .....	11
INTRODUÇÃO .....	15
INTRODUÇÃO AO <i>WIKINEWS</i> .....	22
INTRODUÇÃO AO <i>KURO5HIN</i> .....	25
1 A COOPERAÇÃO EM REDE.....	29
1.1 CIBERCULTURA.....	30
1.2 INTERAÇÃO .....	36
1.3 PRODUÇÃO COOPERATIVA EM REDE.....	40
1.4 O MODELO <i>OPEN SOURCE</i> .....	45
2 DO JORNALISMO AO WEBJORNALISMO .....	53
2.1 O QUE É O JORNALISMO.....	53
2.1.1 O que é notícia .....	58
2.2 JORNALISMO NAS REDES DE COMPUTADORES .....	62
2.3 O QUE O JORNALISMO DEVERIA SER .....	70
3 WEBJORNALISMO PARTICIPATIVO.....	76

3.1	<i>GATEWATCHING</i> .....	84
3.2	WEBJORNALISMO PARTICIPATIVO E DEMOCRACIA.....	88
4	APRESENTAÇÃO DOS OBJETOS.....	91
4.1	<i>WIKINEWS</i> .....	94
4.1.1	Colaboradores .....	95
4.1.2	Política editorial.....	97
4.1.3	Código de ética .....	100
4.1.4	Reportagem original .....	102
4.1.5	Página principal e páginas de discussão .....	104
4.1.6	Plataforma de edição.....	107
4.1.7	Histórico .....	109
4.2	<i>KURO5HIN</i> .....	111
4.2.1	Política editorial.....	114
4.2.2	Colaboradores .....	116
4.2.3	Website .....	118
4.2.4	Formulário de proposição de matérias e fila de votação .....	120
4.2.5	Comentários .....	124
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	128
5.1	ANÁLISE DE CONTEÚDO .....	128
5.1.1	Categorias de análise preliminares .....	131
5.1.2	Estudo piloto.....	133
5.1.3	Categorias de análise definitivas.....	135
5.2	COLETA DA AMOSTRA .....	137

6 A PARTICIPAÇÃO EM <i>WIKINEWS</i> E <i>KURO5HIN</i> .....	139
6.1 <i>WIKINEWS</i> .....	144
6.1.1 Subcategoria edição .....	149
6.1.2 Subcategoria dados .....	150
6.1.3 Subcategoria fontes.....	151
6.1.4 Subcategoria valor-notícia .....	152
6.1.5 Subcategoria multimídia.....	155
6.1.6 Subcategoria Links .....	156
6.1.7 Intervenções formais/disruptivas .....	157
6.2 <i>KURO5HIN</i> .....	158
6.2.1 Subcategoria edição .....	162
6.2.2 Subcategoria dados .....	163
6.2.3 Subcategoria valor-notícia .....	166
6.2.4 Subcategoria links.....	167
6.2.5 Subcategoria argumentação .....	169
6.2.6 Intervenções formais/disruptivas .....	170
6.3 SÍNTESE .....	172
CONCLUSÃO .....	182
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	187
APÊNDICE.....	193
APÊNDICE A – Lista de webjornais participativos pré-selecionados .....	194
APÊNDICE B – Lista de intervenções coletadas no <i>Wikinews</i> .....	196
APÊNDICE C – Lista de intervenções coletadas no <i>Kuro5hin</i> .....	201
APÊNDICE D – Codificação de intervenções do <i>Wikinews</i> .....	225

APÊNDICE E – Codificação de intervenções do <i>Kuro5hin</i> .....	233
APÊNDICE F – Lista de websites citados .....	237
ANEXOS .....	240
ANEXO A – Amostra de material jornalístico do <i>Wikinews</i> .....	241
ANEXO B – Amostra de material jornalístico do <i>Kuro5hin</i> .....	262

## INTRODUÇÃO

O jornalismo está mudando. O desenvolvimento das tecnologias de telecomunicações e computação permite pela primeira vez, desde a instituição da comunicação de massa, que os cidadãos ameacem com alguma chance de sucesso o monopólio da “grande mídia” sobre o fluxo de informação. As comportas foram abertas pela Internet e escancaram-se cada vez mais com o desenvolvimento de outras tecnologias de comunicação em rede em tempo real, como telefones celulares e redes sem-fio, liberando a energia expressiva da massa, por décadas represada pelos altos custos de produção e circulação dos bens culturais e por políticas de concessão restritivas do espectro eletromagnético e das licenças de impressão. Escritores amadores não são mais obrigados a deixar seus manuscritos em gavetas, músicos iniciantes não precisam mais distribuir fitas cassete pelo correio ou fazer pequenas apresentações para amigos, fotógrafos e pintores iniciantes não estão mais circunscritos às galerias. E jornalistas amadores hoje podem distribuir suas reportagens, análises e comentários em texto, áudio ou vídeo de forma barata e eficaz, quando antes eram obrigados a submeter seus produtos à avaliação de um editor para publicação como colaboradores, ou então gastar seu próprio tempo e dinheiro na produção e distribuição de fanzines em fotocópia, ou mesmo se arriscar na criação de uma rádio ou emissora de tv piratas. Sob a pressão desta onda de publicação amadora, o jornalismo está sendo obrigado a rever seus conceitos, valores e estratégias comerciais. Ainda mais importante, está sendo obrigado a rever seu papel em uma sociedade democrática.



É bem verdade que apenas uma pequena parcela da população mundial conta com acesso a computadores e à telefonia e nada garante que mesmo essa pequena parcela tenha condições de usá-los de forma construtiva para a democracia. Ainda que tenham acesso à tecnologia, os indivíduos e grupos interessados em distribuir sua produção cultural via Internet estão sujeitos a fatores históricos, econômicos e sociais que não podem ser desprezados. Apesar de reconhecer sua existência, não é possível no presente trabalho discutir o problema das condições de acesso e uso das redes telemáticas. Aqui, o foco será dirigido aos grupos que de uma forma ou de outra transpuseram as barreiras de acesso à Internet, mais especificamente à World Wide Web, e já estão fazendo uso dela para publicar material multimídia.

Ainda assim, cabe apontar que somente no Brasil o número de municípios com provedores de acesso à Internet triplicou entre 1999 e 2005, passando de 16,4% para 46% (IBGE, 2005). Conforme o site *Internet World Stats*<sup>1</sup>, entre 2000 e 2006 o uso da Internet no mundo subiu 202,4%, atingindo 16,8% da população mundial. Ao mesmo tempo, um relatório do Instituto PEW (2006a) produzido entre fevereiro e abril de 2006 mostra que o nível de acesso de americanos de diferentes etnias é semelhante: 73% dos brancos acessam a rede, contra 61% de negros e 76% dos hispânicos. Enquanto nas cidades 75% dos habitantes têm acesso, nas áreas rurais a proporção chega a 63%. A renda não aparenta ser uma barreira definitiva nos Estados Unidos, embora seja certamente importante: mais da metade da faixa mais pobre da população (53%) diz acessar a Internet, contra 91% na faixa mais rica. A educação também é outro fator importante, mas ainda assim 40% das pessoas que não cursaram o segundo grau costumam se conectar, frente a 64% das pessoas com segundo grau completo e 91% daqueles com formação universitária. Estes dados sugerem que, embora ainda reste um longo caminho a percorrer na inclusão digital, a adoção dos computadores como ferramenta de comunicação está ocorrendo em grande velocidade em todas as partes do mundo.

Além disso, um relato de FORD e GIL (2002) mostra como os índios do movimento Exército Zapatista de Libertação Nacional, do México, conseguiram fazer com que suas demandas chegassem à Internet mesmo cercados pelos militares em uma das regiões mais atrasadas do país, em meio à floresta tropical. Trata-se de um exemplo de como, mesmo enfrentando dificuldades sócio-econômicas e contra as circunstâncias, os cidadãos podem usar

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.internetworldstats.com>. Último acesso em: 09/01/2007.

as redes telemáticas para seus próprios fins. Com efeito, os autores vêem essas redes como uma forma de os movimentos sociais organizados burlarem as dificuldades impostas pela mídia tradicional à distribuição de informação:

Como as comunicações estivessem sob o controle da indústria, os produtores de mídia alternativa viram-se obrigados a buscar novos caminhos de comunicação, e a rápida expansão das redes de computadores com a finalidade de comunicação alternativa pode ser vista, em parte, como uma resposta a esses esforços (p.272).

Assim, apesar de a maior parte da população mundial ainda estar alijada do ciberespaço, o futuro das redes de computadores e telefonia móvel como ferramentas de participação democrática toma contornos promissores.

Uma via importante de participação é o jornalismo. Esta participação se dá em duas frentes: maior interação com os veículos tradicionais, com o objetivo de interferir no processo produtivo, e publicação de material gerado pelos próprios indivíduos e grupos interessados em tomar posição na esfera pública.

Os webjornais têm cada vez mais cortejado a participação dos leitores<sup>2</sup>, ainda que de forma tímida, por meio de correio eletrônico, boletins, fóruns, enquetes e outros recursos. Em geral, todavia, mantendo o controle da publicação nas mãos de uma equipe de jornalistas profissionais, com formação específica ou não, dependendo do contexto legal do país onde a empresa tem sede. Alguns webjornais abriram espaços para que os leitores comentem as matérias, como o alemão *Die Zeit*<sup>3</sup>, ou criaram blogs da redação que contam com espaço para comentários, como o britânico *The Guardian* ou o brasileiro *Globo Online*. Outros, como o *Los Angeles Times* chegaram ao extremo de abrir seus editoriais para intervenção direta do público – suspendendo a iniciativa em pouco tempo, devido à profusão de imagens pornográficas publicadas pelos colaboradores<sup>4</sup>. O webjornal sul-coreano *OhmyNews* foi um dos primeiros a se basear desde a concepção na interação entre leitores e jornalistas (BRAMBILLA, 2006). Sob a palavra-de-ordem “todo cidadão é um repórter”, o fundador Oh

---

<sup>2</sup> Seguindo proposta de SANTAELLA (2004, p.17), os websites serão considerados como objeto de leitura, a despeito de serem constituídos por linguagem escrita, imagem e áudio, isto é, serem peças multimidiáticas. Desta forma, os internautas que acessam tais websites serão designados leitores: “...desde os livros ilustrados e, depois, com os jornais e revistas, o ato de ler passou a não se restringir apenas à decifração de letras, mas veio também incorporando, cada vez mais, as relações entre palavra e imagem, desenho e tamanho de tipos gráficos, texto e diagramação.”

<sup>3</sup> O endereço eletrônico para este e outros sítios da Web citados no corpo do texto serão fornecidos no APÊNDICE F, de modo a facilitar a consulta e preservar a formatação deste documento.

<sup>4</sup> MSNBC. **Los Angeles Times suspends “Wikitorials”**. 21/6/2005. Disponível em: <http://www.msnbc.msn.com/id/8300420/>. Último acesso em: 09/01/2007.

Yeon Ho permitiu que qualquer cidadão enviase matérias, em troca de uma pequena quantia em dinheiro, que eram editadas e publicadas pela equipe de jornalistas do *OhmyNews*.

A segunda frente é a publicação sem supervisão prévia ou posterior por jornalistas profissionais. O grande expoente deste tipo de participação são os weblogs, ou blogs, páginas da World Wide Web atualizadas com frequência, com registros datados e ordenados por ordem cronológica, aparecendo os mais recentes no topo (BLOOD, 2002). Em julho de 1999 foi lançado Pitas, a primeira ferramenta gratuita para a publicação de blogs que não requeria nenhum conhecimento de HTML<sup>5</sup> do usuário, seguida em agosto pelo Blogger, ainda hoje uma das mais populares. A partir daí, houve uma explosão no número de blogs. Conforme o relatório *Bloggers: a portrait of the Internets new storytellers* (PEW, 2006b), 12 milhões de americanos adultos dizem manter um blog e 57 milhões lêem blogs. O uso mais comum é a publicação de diatribes e relatos sobre o cotidiano, mas muitos blogueiros se dedicam a disseminar informações altamente especializadas, reportagens ou análises e críticas das notícias publicadas pela imprensa:

Os blogs estão filtrando as notícias, detalhando o cotidiano de vidas e oferecendo respostas editoriais para os eventos do dia. Para muitas pessoas, um weblog é um palanque do qual podem proclamar seus pontos de vista, potencialmente influenciando muito mais pessoas do que poderiam em seu dia-a-dia (BLOOD, 2002, p.X)<sup>6</sup>.

As ferramentas que permitem a qualquer um criar um blog sem a necessidade de ser um especialista em informática deram a virtualmente todo cidadão com acesso à Web a possibilidade de se expressar. Outras ferramentas que permitiam a publicação na Web sem a necessidade de saber programar existiam – como os wikis<sup>7</sup>, por exemplo –, mas nenhuma se tornou tão popular. Ocasões como os atentados de 11 de Setembro em Nova York, a segunda guerra no Iraque ou a campanha pela indicação como candidato presidencial democrata de Howard Dean, nos Estados Unidos, mostraram o potencial dos blogs como fontes de informação (GILLMOR, 2004). Eles se tornaram uma alternativa quando os webjornais ficaram inacessíveis devido ao imenso tráfego de internautas em busca de notícias sobre o

---

<sup>5</sup> Sigla para Hypertext Mark-Up Language, o tipo de código mais usado na criação de páginas da Web.

<sup>6</sup> “Blogs are filtering the news, detailing daily lives, and providing editorial responses to the events of the day. For many people, a weblog is a soapbox from which they can proclaim their views, potentially influencing many more people than they can in their everyday lives.” Tradução livre.

<sup>7</sup> Wikis são programas instalados no servidor, acessíveis através de um navegador normal, que permitem aos usuários a criação e publicação conjunta de conteúdo em páginas da Web. Em geral, qualquer um pode editar o conteúdo, inclusive as contribuições de outros usuários. A maioria dos wikis também oferece um histórico de modificações, que permite a reversão para versões anteriores.

ataque às Torres Gêmeas. Do Iraque, o blogueiro Salam Pax<sup>8</sup> publicou a visão dos civis locais sobre a segunda invasão americana ao país. Em 2004, o pré-candidato democrata Howard Dean entrou efetivamente na disputa com John Kerry ao levantar milhões de dólares em pequenas doações através de seu blog de campanha.

Os protestos contra a reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC) em Seattle, em 1999, demonstraram que grupos de cidadãos podiam organizar coberturas jornalísticas eficientes e mais profundas que as da mídia tradicional, sem necessariamente possuir algum conhecimento formal ou experiência em jornalismo. Diferentes grupos de ativistas se armaram de câmeras portáteis, telefones móveis e computadores com conexão à Internet para transmitir praticamente em tempo real as ações contra o encontro da OMC e os casos de violência policial que se seguiram. O material passou a ser concentrado no sítio do *Independent Media Center*, ou *Indymedia*, de aparência semelhante a um webjornal tradicional, mas alimentado por colaboradores. A imprensa tentou mostrar os manifestantes como baderneiros violentos, mas foi obrigada a mudar o rumo de sua cobertura por causa das filmagens de policiais agredindo jovens selvagememente, sem que estes oferecessem resistência (BRUNS, 2005a). Com o sucesso da iniciativa, outros países criaram seus Centros de Mídia Independente (CMI) e, até janeiro de 2007, o *Indymedia* já contava com versões em oito línguas diferentes, entre elas o português.

Estes eventos marcam o florescimento do jornalismo participativo na Web, ou webjornalismo participativo, definido por PRIMO e TRÄSEL (2006, p.9) como “práticas desenvolvidas em seções ou na totalidade de um periódico noticioso na Web, onde a fronteira entre produção e leitura não pode ser claramente demarcada ou não existe”. O termo, que será discutido adiante de maneira mais aprofundada, refere-se àqueles webjornais em que o público pode intervir sobre o conteúdo publicado, seja enviando seu próprio material jornalístico<sup>9</sup>, seja reescrevendo textos, fazendo comentários sobre e debatendo a partir do material jornalístico publicado por outros colaboradores. Blogs que se dedicam a debater notícias ou publicar reportagens e notícias, sítios como o *Centro de Mídia Independente* e webjornais como o *OhmyNews* são exemplos de webjornalismo participativo.

---

<sup>8</sup> Seu weblog, interrompido em 2004, está no endereço [http://www.dear\\_raed.blogspot.com](http://www.dear_raed.blogspot.com).

<sup>9</sup> O termo será usado neste trabalho para se referir aos doze gêneros jornalísticos propostos por MELO (2003): nota, notícia, reportagem e entrevista, dentro da categoria jornalismo informativo; e editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta, na categoria jornalismo opinativo. Prefere-se não usar o termo notícia porque no Brasil este designa um tipo muito específico de texto narrativo, calcado no uso do modelo da pirâmide invertida (LAGE, 1993).

Não é mais questão de **se** indivíduos sem educação formal ou licença profissional vão publicar sua própria produção e influenciar a esfera midiática, mas de **quanto e como**. Os jornalistas terão de conviver mais cedo ou mais tarde com o fato de que serão pautados pelas pessoas que antes ocupavam a posição de simples consumidores de notícias no imaginário das redações. Pior ainda, sempre haverá um especialista em determinado assunto com disposição para apontar erros factuais ou mesmo casos de má-fé usando as ferramentas do webjornalismo participativo. GILLMOR (2004) descreve em *We, the media* como o que chama de “ex-audiência” está usando blogs, correio eletrônico, chats, fóruns e outros veículos de comunicação via Internet para dar sua própria versão dos acontecimentos e, sobretudo, contestar informações publicadas pela imprensa.

Antes mera consumidora de notícias, a audiência está aprendendo como conseguir informação melhor e mais oportuna. Também está aprendendo como se juntar ao processo jornalístico, ajudando a criar uma enorme conversação e, em alguns casos, fazendo um trabalho melhor que o dos profissionais (p.XIV)<sup>10</sup>.

A possibilidade desse aprendizado se deve sobretudo ao desenvolvimento das tecnologias de comunicação em rede, que permite aos indivíduos darem vazão à vontade de participar do processo jornalístico, antes represada pela dificuldade de acesso aos meios de comunicação de massa. Apesar do ufanismo da análise de GILLMOR, é certo que a participação da “ex-audiência” no processo jornalístico não é boa em si mesma e merece um exame profundo. Na verdade, há bastante ceticismo quanto às vantagens que a participação do público possa trazer para o jornalismo, especialmente entre os jornalistas. Uma crítica comum é que o webjornalismo participativo seria apenas uma desculpa para o panfletarismo e constituído na maior parte por frivolidades

Além da acusação de panfletarismo e falatório inútil, freqüentemente aponta-se que a curiosidade dos amadores em produzir reportagens é passageira e que as pessoas não estariam interessadas em produzir informação, mas sim consumi-la. Todas essas críticas retratam uma parte dos fatos, assim como as visões mais otimistas a respeito da interferência do público têm base na realidade. Dado que o webjornalismo participativo existe, que indivíduos isolados e grupos de interesse **estão** produzindo material jornalístico e publicando-o na Web, com ou sem supervisão de profissionais da imprensa, é importante analisá-lo sem preconceitos,

---

<sup>10</sup> “Once mere consumers of news, the audience is learning how to get a better, timelier report. It's also learning how to join the process of journalism, helping to create a massive conversation and, in some cases, doing a better job than the professionals.” Tradução livre.

procurando destacar tanto as promessas quanto as ameaças que esse fenômeno traz para o futuro do jornalismo e da democracia.

O objetivo principal desta pesquisa, portanto, é verificar se a participação de “leigos” no webjornalismo resulta em uma proporção significativa de contribuições preocupadas em atender a critérios e valores jornalísticos, ou apenas em interferências mais preocupadas com a gramática e ortografia, estilo, frivolidades e mesmo bate-bocas inúteis. Em outras palavras, **nas intervenções feitas pelos colaboradores em webjornais participativos, predomina o caráter pluralizante?**

Para dar conta deste objetivo e responder a esta questão, foram selecionados para uma análise de conteúdo dois webjornais participativos de grande representatividade escritos em inglês: *Wikinews* (<http://www.wikinews.org>) e *Kuro5hin* (<http://www.kuro5hin.org>). Os seguintes objetivos específicos foram definidos:

- a) discutir as tensões que se estabelecem entre os conceitos fundamentais da teoria do jornalismo e as práticas do webjornalismo participativo;
- b) observar os recursos de interação oferecidos pelos webjornais *Wikinews* e *Kuro5hin*;
- c) construir corpora de intervenções do público sobre os textos coletados como amostra e verificar seu caráter pluralizante por meio da análise de conteúdo;
- d) criar uma técnica para a análise do conteúdo de intervenções feitas por colaboradores sobre textos de webjornais participativos;
- e) sugerir meios pelos quais o webjornalismo participativo pode se aprimorar e contribuir para o desenvolvimento do jornalismo e da pluralização do debate das questões públicas.

O primeiro capítulo será dedicado a discutir a natureza da Internet, compreendida como um suporte tecnológico que favorece a cooperação e ao mesmo tempo engendra uma cultura que valoriza o trabalho colaborativo. No segundo capítulo, será exposta a definição de jornalismo aqui adotada, bem como algumas tensões a que a prática jornalística está submetida em sua atual configuração. Apresentar-se-á também a proposta de Herbert GANS (2003) para solucionar esses problemas. A seguir, o conceito de webjornalismo participativo será apresentado e problematizado. Além disso, serão analisadas de forma mais sistemática as críticas e elogios à interferência do público no jornalismo, bem como as contribuições que este pode trazer para a democracia. No quarto capítulo, os objetos de estudo, os webjornais

participativos *Wikinews* e *Kuro5hin*, serão apresentados em detalhes. No quinto capítulo, a técnica de análise de conteúdo desenvolvida para essa pesquisa será exposta, assim como os critérios de amostragem e coleta. Depois serão apresentados e discutidos os resultados da análise de conteúdo e formulada uma resposta para o problema de pesquisa.

Com o objetivo de facilitar a compreensão do trabalho, os webjornais participativos *Wikinews* e *Kuro5hin* serão brevemente apresentados neste primeiro momento, descrição que será aprofundada no capítulo pertinente.

## **INTRODUÇÃO AO WIKINEWS**

Wikis são sistemas cuja característica mais notável é permitir a edição de páginas da Web por qualquer internauta, sem o conhecimento de HTML ou qualquer linguagem de programação e usando apenas um navegador comum. Além disso, todo link introduzido em um texto remete a uma página dentro do próprio wiki, ou cria uma nova página, caso aquele título ainda não exista. Wikis oferecem também um histórico de modificações para cada página, de modo que se possa reverter erros ou atos de vandalismo.

O primeiro wiki, chamado *PortlandPatternRepository*<sup>11</sup>, foi criado em 1995 pelo programador Ward Cunningham<sup>12</sup>, com o objetivo de tornar mais fácil o registro de processos de trabalho em sua empresa de *software*. Logo diversos grupos aproveitaram o código aberto do wiki original e criaram seus sistemas personalizados, formando a *WikiWikiWeb*. O *Wikinews* é o projeto de uma agência de notícias aberta e livre, baseada em um sistema wiki e produzida por uma comunidade de colaboradores.

---

<sup>11</sup> O endereço eletrônico para este e outros sítios da Web citados no corpo do texto serão fornecidos no APÊNDICE F, de modo a facilitar a consulta e preservar a formatação deste documento.

<sup>12</sup> Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Ward\\_Cunningham](http://en.wikipedia.org/wiki/Ward_Cunningham). Acesso: 10/02/2007.

The screenshot shows the Wikinews homepage. At the top, there's a navigation bar with links like 'article', 'discussion', 'view source', 'history', and 'watch'. Below this, a banner for the Wikinews Arbitration Committee elections is visible. The main content area features a 'Welcome to Wikinews' message and a featured article: 'North Korea denies cooperation with Iran on nuclear programs'. To the right, there's a 'Start a new article' section with a 'Create article' button. The left sidebar contains navigation and search options.

Figura 1– Página principal do Wikinews  
 Fonte: <http://en.wikinews.org>. Acesso: 21/01/2007

Ao entrar na página principal do Wikinews, o navegante se depara com uma manchete, seguida abaixo por outras matérias de importância. Em geral, há fotos. Um menu no canto superior direito oferece links para as listas de notícias em diferentes línguas. Acima da manchete, há uma caixa de texto com apontadores destinados às “últimas notícias”, a páginas sobre como participar, iniciar um artigo, à “redação”<sup>13</sup> (*newsroom*) e a versões em áudio e impressas, bem como outros serviços. Na coluna esquerda há um menu de navegação.

No topo de cada página do Wikinews, “abas” oferecem as opções de participar de uma discussão aberta a respeito da primeira página com outros colaboradores, exibir o código fonte e o histórico de modificações. Não é necessário se cadastrar para fazê-lo. Se o leitor clicar em “editar esta página” (*edit this page*), será apresentada uma plataforma com o código do texto, que utiliza uma sintaxe simplificada. Há também uma barra de tarefas que permite introduzir a sintaxe específica da *Wikimedia* sem a necessidade de memorizá-la. O leitor então

<sup>13</sup> Trata-se de uma página onde os colaboradores podem checar quais artigos estão sendo escritos no momento e como podem colaborar para seu desenvolvimento, bem como contatar outros membros da “comunidade Wikinews” e acessar recursos para a redação de suas colaborações. Disponível em: <http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Newsroom>. Último acesso: 14/05/2007.



pode fazer as mudanças que achar necessárias no texto e depois republicá-lo, clicando em “salvar página”. A mudança entra no ar automaticamente.

The screenshot shows the Wikinews editing interface. At the top, there are navigation tabs: 'article', 'discussion', 'edit this page', 'history', 'rename', and 'watch'. The article title is 'Editing Senator Obama announces presidential candidacy'. Below the title, there is a sub-header 'From Wikinews, the free news source you can write!'. The main editing area contains a rich text editor with various icons (bold, italic, link, etc.) and a text area with the following content:

```

{{date|February 10, 2007}}
[[Image:SenatorBarackObama.jpg|thumb|150px|right|Senator Barack Obama]]
Junior [[Illinois]] Senator [[w:Barack Obama|Barack Obama]] officially announced his presidential
candidacy, today, in [[w:Springfield, Illinois|Springfield, Illinois]]. Obama's speech was given from
the same spot that [[w:Abraham Lincoln|Abraham Lincoln]] gave his "House divided" speech over 125
years ago and from the place where Obama began his elected career 10 years ago.

Obama is the second major Democrat to announce his candidacy, after [[w:New York|New York]] Senator
[[w:Hillary Clinton|Hillary Clinton]]. If elected Obama would be the US's first [[w:African
American|African American]] President.

{{QuoteLeft|It's time to admit that no amount of American lives can resolve the political
disagreement that lies at the heart of someone else's civil war.
|4=Senator [[w:Barack Obama|Barack Obama]]}}
Obama placed topics such as healthcare reform, ending poverty, re-building labor unions, energy
independence, repairing the US's global image, and the [[w:Iraq War|Iraq War]] in the context of
generational change. Obama's spoke against retaining troops in Iraq, saying that "all of this cannot
come to pass until we bring an end to this war in Iraq . . . America, it's time to start bringing our
troops home. It's time to admit that no amount of American lives can resolve the political
disagreement that lies at the heart of someone else's civil war."

The announcement kicks off a weekend of rallies and events that will take Obama from Springfield to
Iowa and then on to Chicago before he wraps up Monday in New Hampshire.

Obama broke onto the national scene with his popular speech at the [[w:2004 Democratic National

```

Below the text area, there is a 'Do not submit copyrighted work without permission.' warning, a 'Summary:' field, and a 'Save page' button. The interface also includes a sidebar with navigation links, a search box, and a toolbox.

Figura 2 – Plataforma de edição de uma notícia no Wikinews  
 Fonte: <http://en.wikinews.org>. Acesso: 11/02/2007

De acordo com o guia do *Wikinews*<sup>14</sup>, as notícias publicadas devem ser: a) focadas em um único assunto; b) escritas de um ponto de vista neutro; c) factuais; d) relevantes; e) globais e locais; e f) colaborativas. Editoriais, *press releases* e artigos científicos não são aceitos. “Uma matéria do Wikinews não tem um repórter como seu autor, o mundo está convidado a participar e escrever, editar e reescrever cada artigo para melhorar seu conteúdo.”<sup>15</sup> Não há controle prévio sobre a publicação de matérias, espera-se que a própria comunidade de colaboradores corrija erros e elimine os conteúdos que infringem as regras editoriais.

<sup>14</sup> Disponível em: [http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:What\\_Wikinews\\_is](http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:What_Wikinews_is). Acesso: 10/02/2007.

<sup>15</sup> “A Wikinews story does not have one reporter as its author, the world is invited to join in and write, edit and rewrite each article to improve its content.” Tradução livre. Disponível em: [http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:What\\_Wikinews\\_is](http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:What_Wikinews_is). Acesso: 10/02/2007.

## INTRODUÇÃO AO KURO5HIN

O *Kuro5hin* funciona de maneira bastante diferente do *Wikinews*, embora também seja baseado no princípio da colaboração entre repórteres amadores. O *Kuro5hin* foi aberto pelo programador Rusty Foster em 21 de dezembro de 1999. O título é um apelido usado na Web pelo próprio Rusty, uma brincadeira com seu nome, pois *Kuro5hin* é uma corruptela de *corrosion*, ou “corrosão”, e Rusty é relativo a *rust*, ou “ferrugem”. O “5” substituindo um “S” é homenagem ao personagem Da5id<sup>16</sup>, do livro *Snow Crash*, de Neal Stephenson.

Em termos de conteúdo, há uma clara opção em favor das discussões que ocorrem nos fóruns relacionados a cada matéria, mais do que em publicar notícias. “Damos bastante preferência a propostas que expressem um argumento ou ponto de vista sobre a matéria e encorajem a discussão ou o debate.”<sup>17</sup> Os artigos são frequentemente escritos em primeira pessoa e raramente partem de uma notícia publicada em outro webjornal ou site.

Figura 3 – Reprodução da página principal do *Kuro5hin*  
 Fonte: <http://www.kuro5hin.org>. Acesso em: 16/8/2006

<sup>16</sup> Trata-se de um tipo de escrita conhecido como *leet script* (também grafado l33t ou l337), típico das subculturas da informática, usada principalmente entre programadores, hackers e jogadores de videogames. O termo é uma corruptela baseada na pronúncia inglesa da palavra “*elite*” e pretende indicar que quem usa esse tipo de grafia é um usuário de computadores experiente (SHERBLOM-WOODWARD, 2002).

<sup>17</sup> “We very much prefer article submissions that express an argument or point of view about the article, and encourage discussion or debate”. Tradução livre. Disponível em: <http://www.kuro5hin.org/special/faq>. Último acesso em: 5/8/2006.

Na coluna central da página principal aparecem dez matérias que tenham sido escolhidas para a posição. Elas não são necessariamente recentes. No dia 6 de agosto de 2006, por exemplo, a primeira posição era ocupada por um artigo em primeira pessoa sobre um funeral japonês<sup>18</sup>, publicado naquele dia, enquanto o artigo em última posição, uma receita do prato indiano chamado vindaloo<sup>19</sup>, fora publicado no dia 22 de junho, mais de um mês antes.

O *Kuro5hin* é dividido em 12 seções: *diaries* (diários), que funciona como um blog para digressões pessoais, cujo subtítulo é “se você não tem nada a dizer, diga aqui”; *technology* (tecnologia), para matérias a respeito de equipamentos e programas; *science* (ciência), para artigos relacionados a pesquisa e estudos; *culture* (cultura), cuja descrição é “o mundo em que vivemos: discutam”; *politics* (política); *media* (mídia), voltado a comentários sobre noticiários e entretenimento; *Internet*, com foco no aspecto social, não no tecnológico; *Op-Ed* (editorial), para artigos de opinião; *fiction* (ficção), para publicação e discussão de textos narrativos e poéticos; *meta*, onde são publicados os artigos sobre o próprio *Kuro5hin*; *MLP* ou *Mindless Link Propagation* (propagação impensada de links), para notas com sugestões de sites; e finalmente *news* (notícias), onde os coladoradores podem publicar informação atual. Um aviso na descrição desta seção define melhor a diferença de matérias com links e o que a comunidade critica como “propagação impensada” dos mesmos: “Aqui é onde VOCÊ relata as notícias, chega às suas próprias conclusões, adicionando links como forma de providenciar informação suplementar (em oposição à MLP onde o link É a informação)”<sup>20</sup>.

Qualquer internauta pode se cadastrar como colaborador do *Kuro5hin*, bastando escolher um nome de usuário (*username*) e indicar um endereço válido de correio eletrônico. Após esse breve trâmite, pode submeter matérias à votação da comunidade. No topo de cada página há o apontador *submit story* (submeter matéria), clicando-se no qual se é dirigido a um formulário. Um texto pede que o colaborador leia ao menos uma vez as diretrizes editoriais, fornecendo o link, e oferece alguns lembretes, como por exemplo não deixar de escolher um

---

<sup>18</sup> BJH. **Family reunion**. Kuro5hin, 6/8/2006. Disponível em:

<http://www.kuro5hin.org/story/2006/8/4/17244/24684>. Último acesso em: 15/8/2006.

<sup>19</sup> TROLLAXOR. **Vindaloo a l'Agni**. Kuro5hin, 22/6/2006. Disponível em:

<http://www.kuro5hin.org/story/2006/6/20/141135/408>. Último acesso em: 15/8/2006.

<sup>20</sup> “This is where YOU report the news, come up with your own conclusions, adding links as a way of providing supplementing information (as opposed to MLP where the link IS the information).” Tradução livre. Disponível em: <http://www.kuro5hin.org/special/faq>. Último acesso em: 5/8/2006.

tópico, reler cuidadosamente o texto ao menos uma vez, checar todos os endereços eletrônicos para os quais se apontou, e checar os fatos. Também avisa que a equipe editorial – colaboradores antigos com status de administradores do sistema – guarda o direito de corrigir erros gramaticais e de estilo, mas sempre procurando manter o sentido original. As diretrizes editoriais se limitam a explicar os aspectos técnicos da publicação, com poucos conselhos a respeito de estilo, como escolher um título curto e atraente, ou tentar adequar o máximo possível o assunto à seção escolhida.

post to:   Request editorial feedback

Formatting mode:

title:

Category:

tags: (comma-separated, maximum of 10 tags please)

intro:
   

 Allowed HTML: <STRIKE></STRIKE> <A [HREF] [NAME]></A> <DT> <TT></TT>
 <OL [TYPE] [START]></OL> <SUB></SUB> <CITE></CITE> <CODE></CODE> <I></I> <UL [TYPE]></UL>
 <BR> <STRONG></STRONG> <BLOCKQUOTE [TYPE]></BLOCKQUOTE> <DD> <EM></EM> <P>
 <SUB></SUB> <B></B> <LI [VALUE] [TYPE]> <DL></DL>

[Comment Preferences](#)  
[Logout from all locations](#)  
[Logout trasel](#)

**Related Links**  
[Also by](#)

Figura 4 – Formulário para o envio de matérias para a lista de edição ou votação  
 Fonte: <http://www.kuro5hin.org>. Acesso em: 15/8/2006

O formulário oferece os campos *post to* (publicar em), em que se escolhe a seção; *formatting mode* (modo de formatação), que pode ser automático, HTML ou texto simples; título; *category tags*, ou “etiquetas” de categorias para recuperação por assunto; introdução, ou seja, o trecho de um ou dois parágrafos que aparece como resumo ou introdução do texto; corpo do texto; e enquete, que não é obrigatória.

Ao entrar no sistema, o colaborador também ganha o direito de votar em propostas de outros internautas e a moderar comentários. Seguindo o link *moderate submissions* uma lista de propostas em votação é mostrada e, ao clicar-se em algum dos títulos, pode-se ler o texto

completo. Ao final, um seletor oferece as opções *post it to the front page!* (publicar na primeira página), *post it to the section page only* (publicar apenas na seção), *abstain!* (abster-se), e *dump it!* (eliminar). A cada opção é atribuído um valor numérico. Os pontos são somados e, quando atingem um certo nível, a matéria é recusada ou aceita. Em geral o patamar de publicação é 70 pontos, enquanto o patamar de recusa é de -20 pontos. O colaborador também pode fazer comentários sobre o texto, nos mesmos moldes dos comentários feitos na zona aberta do *Kuro5hin*, bem como avaliar os comentários feitos por outros colaboradores. A avaliação também é feita por meio de um seletor, com as opções *hide* (esconder), *discourage* (desencorajar), *neutral* (neutro) e *encourage* (encorajar). Pode-se visualizar todos os comentários, ou ler conforme a classificação. Os leitores não cadastrados também têm à sua disposição estas opções de visualização dos comentários, mas não podem votar em sua qualidade.

Figura 5 – Formulário e opções de voto em matéria enviadas por colaborador  
 Fonte: <http://www.kuro5hin.org>. Acesso em: 16/8/2006

O objetivo de todos estes níveis de avaliação é, por um lado, permitir o autogerenciamento da comunidade de colaboradores e da publicação de textos e, por outro lado, impedir que vândalos soterrarem os comentários relevantes com intervenções desnecessárias ou ataques gratuitos. O sistema tem ainda a vantagem de facilitar a filtragem da informação, pois o leitor pode contar com avaliações de dezenas de outros leitores como forma de aferição da qualidade. No próximo capítulo, veremos como a arquitetura específica da Internet e a cibercultura tornam esse tipo de cooperação possível.

# 1 A COOPERAÇÃO EM REDE

Uma das características das redes mundiais de computadores e telecomunicações que tem se destacado à medida que a Internet ganha uma massa crítica de usuários, formando uma rede social em escala planetária, é a cooperação. Antes restrito às comunidades de aficionados e trabalhadores da informática, o modelo de produção colaborativo tem protagonizado uma migração para setores mais amplos da sociedade. Dos movimentos de programadores como a *Free Software Foundation* e a *Open source Initiative*, chega-se hoje à propagação da noção de Web 2.0 e à popularização de serviços baseados na contribuição – ainda que involuntária – de cada usuário para a construção de bens comuns, como o sistema de recomendações da livraria virtual *Amazon.com*, a enciclopédia eletrônica *Wikipedia*, sistemas de classificação comunitária de websites como *Del.icio.us* e redes de trocas de arquivos *peer-to-peer* (P2P).

Este capítulo trata dos aspectos tecnológicos e sociais que formam a base cultural para o surgimento do webjornalismo participativo. Em primeiro lugar, os valores da cultura que se formou a partir do surgimento das redes telemáticas e moldou o desenvolvimento dessas mesmas redes, denominada cibercultura, serão explicitados. Ver-se-á que um dos principais traços desta cultura é o incentivo à interação, conceito que será investigado em seguida, bem como suas implicações para os fenômenos sociais específicos da Internet. Depois, o modelo de trabalho cooperativo em rede, típico da cibercultura, será abordado. Ao final do capítulo, a noção de Web 2.0 será discutida.

## 1.1 CIBERCULTURA

O desenvolvimento das tecnologias de comunicação em rede, sobretudo de comunicação mediada por computador, engendrou nas últimas décadas uma nova cultura, denominada cibercultura. Isto se deu pela abertura de um novo espaço para a ação humana, um espaço virtual cujo suporte são as ondas eletromagnéticas, os cabos de fibra ótica, os discos rígidos, os microprocessadores e outros aparelhos eletrônicos. Um espaço acessível por interfaces que variam dos computadores pessoais com seus *mice*, teclados e telas aos aparatos para a experiência da realidade virtual. Porque baseado em tecnologias cibernéticas, ou seja, sistemas complexos que respondem automaticamente às mudanças no ambiente, este espaço é chamado ciberespaço. No entanto, as bases sociais para o surgimento dessa cibercultura não foram criadas pela tecnologia. Rejeita-se aqui qualquer determinismo tecnológico, em favor de uma visão do desenvolvimento da cibercultura como um processo recursivo em que a tecnologia potencializou aspectos já presentes na cultura moderna, enquanto a potencialização destes aspectos levou a esforços ainda maiores de avanço tecnológico, que novamente influíram sobre a cultura e assim por diante. De fato, adota-se aqui a perspectiva da técnica como um fenômeno surgido do ser humano, e não uma entidade autônoma (LÉVY, 1999; LEMOS, 2002; RÜDIGER, 2003). A tecnologia, portanto, não pode ser determinante nos fenômenos culturais.

Isso dito, a tecnologia certamente tem um papel importante na cibercultura. “A cibercultura resulta da convergência entre a socialidade contemporânea e as novas tecnologias de base micro-eletrônica” (LEMOS, 2002, p.18). Esta convergência entre uma socialidade dispersa, efêmera e hedonista típica da pós-modernidade e a tecnologia leva a um movimento de apropriação dos aparelhos informáticos e à “perversão” da utilidade planejada pelos fabricantes de tais aparelhos: “Esta apropriação se dá como um método de improvisação, onde os desvios do uso são responsáveis pelos desenvolvimentos na indústria da informática e por sua popularização” (p.257). A Internet, tecnologia-símbolo da cibercultura, é um dos principais exemplos desta apropriação de criações da indústria e do Estado capitalistas para os objetivos de uma sociabilidade que não contribuem com a produção de ativos financeiros e por vezes até causam perturbações nessa produção.

A Internet é uma rede que une diversas redes de computadores pertencentes a governos, corporações, entidades educacionais e científicas, organizações civis e indivíduos. Ela também une diversos tipos de protocolos diferentes, que se refletem nos variados serviços disponíveis aos usuários: POP3, SMTP e IMAP (correio eletrônico), IRC (troca de mensagens

em tempo real), FTP (transferência de arquivos), Usenet (listas de discussão e fóruns eletrônicos) e HTTP (hipertexto). Este último tipo de protocolo é a base da World Wide Web, ou rede mundial de computadores, que costuma ser confundida com a Internet. A WWW ou Web tem como característica principal permitir a vinculação de documentos localizados em qualquer banco de dados ligado à Internet através de *hyperlinks*, ou simplesmente links. A Web também permite a visualização de documentos por interfaces gráficas chamadas *websites* ou *sites*, que reúnem em uma página os diferentes arquivos vinculados a um documento (texto, imagem, áudio) por meio de links.

A origem da Internet é militar, mas ela só pôde se desenvolver plenamente com uma sinergia entre o Departamento de Defesa dos Estados Unidos, instituições acadêmicas e aficionados por informática trabalhando de forma dispersa (CASTELLS, 1999). A rede foi planejada nos laboratórios da Defense Advanced Research Project Agency (DARPA), um órgão do governo dos Estados Unidos. O objetivo era construir um sistema de comunicação entre instalações militares que não pudesse ser interrompido por um ataque nuclear soviético. O pesquisador Lawrence Roberts foi contratado para concretizar o projeto e concebeu uma rede descentralizada, em que cada ponto pudesse atuar como um nó enviando mensagens para os pontos seguintes. Uma mensagem enviada por esta rede é “quebrada” em pedaços menores, que são enviados para os pontos seguintes e fazem diferentes caminhos, até se reunirem no destino. Caso um dos nós da rede seja interrompido, os pacotes são roteados para nós que estejam funcionando, até que encontrem um caminho intacto para o ponto de chegada. Assim, seria necessário um ataque nuclear que destruísse a maior parte das instalações militares dos Estados Unidos, para que a comunicação entre elas fosse totalmente interrompida. A primeira rede do tipo, a ARPANET, foi iniciada em 1969. Diversas outras redes foram sendo criadas ao longo dos anos no bojo da ARPANET por instituições científicas e militares americanas. Estas redes foram conectadas a redes semelhantes na Europa e, em 1983, pesquisadores de Berkeley criaram o protocolo TCP/IP, usado até hoje, inaugurando a Internet propriamente dita.

Mas esse é apenas um lado da história, pois paralelamente aos esforços do Pentágono e da “Grande Ciência” para estabelecer uma rede universal de computadores com acesso público dentro das “normas aceitáveis”, uma contracultura computacional sempre crescente surgia nos EUA, muitas vezes mentalmente associada às conseqüências dos movimentos dos anos 60 em sua versão mais libertária/utópica (CASTELLS, 1999, p.377).

Os aficionados conhecidos como *hackers* foram os responsáveis por grande parte das mais importantes inovações criadas para a rede mundial de computadores. O modem,



equipamento que permite a comunicação entre dois computadores por uma linha telefônica, foi criado por dois estudantes de Chicago, Ward Christensen e Randy Suess, para evitar terem de ir um à casa do outro durante o inverno para trocar programas. O modem acabou se tornando o principal meio de conexão de computadores pessoais à Internet, hoje adaptado também aos cabos de TV por assinatura. O protocolo Usenet foi criado e distribuído gratuitamente por estudantes da universidade de Duke, dando origem aos *bulletin board systems* (BBS), isto é, os fóruns eletrônicos e listas de discussão, um dos recursos mais usados na Internet – embora hoje a grande parte dos fóruns e listas opere na mais amigável World Wide Web, não mais na Usenet. Os indivíduos envolvidos nestes dois exemplos se apropriaram de tecnologias desenvolvidas por militares para seus próprios fins e terminaram, ao cooperar com outros indivíduos de interesses semelhantes, por iniciar redes sociais que produziram bens comuns, à revelia de qualquer controle por parte do Pentágono. Com efeito, seria muito difícil o controle, visto que a Internet foi pensada para que não se pudesse barrar o fluxo de informações.

Embora a tecnologia não determine as práticas sociais, certamente pode condicioná-las. Tanto a arquitetura da Internet quanto a história de seu desenvolvimento têm como característica importante a descentralização. A arquitetura descentralizada envolve o princípio de funcionamento *end-to-end* (ponta-a-ponta), isto é, o protocolo TCP/IP faz com que a rede apenas transmita dados entre computadores, mas o uso e interpretação destes dados é definido localmente pelos remetentes e destinatários. Em outras palavras, a rede em si é burra, o que dificulta o controle do tráfego de dados, permitindo e na verdade obrigando cada usuário a decidir localmente como usar a capacidade da Internet. Os programadores e empresas que criam novos aplicativos não precisam pedir autorização a um órgão central para usá-los na Internet, mas podem distribuí-los livremente. As pessoas que publicam um blog e as corporações que mantêm webjornais tampouco necessitam de autorização para tanto. Esta característica permitiu que os hackers originais<sup>21</sup> ajudassem a transformar, espontaneamente e sem planejamento central, uma rede de comunicação militar em um bem comum.

Sua colaboração tinha por objetivo criar um recurso que beneficiasse a todos – começando pelos próprios colaboradores que o criaram. Como outros criadores de

---

<sup>21</sup> O termo *hacker* foi criado no início dos anos 60 para designar os aficionados por computadores que criavam programas e novos aplicativos para seus próprios fins, por diversão ou interesse intelectual. Em geral essa informação era compartilhada com outros hackers. Mais tarde, o termo foi apropriado para designar os “piratas de computador”, especialistas que invadem sistemas por simples prazer ou mesmo para roubar dados (RHEINGOLD, 2002).

bens públicos, os hackers criaram algo que eles mesmos estavam afoitos por usar para seus próprios fins (RHEINGOLD, 2002, p.47).<sup>22</sup>

O mesmo princípio que dirigiu a transformação da ARPANET na Internet provocou uma mudança profunda na comunicação. A divisão entre emissão e recepção, típica da comunicação de massa, é estressada até um ponto em que é preciso questionar se estes conceitos ainda podem ser aplicados à comunicação mediada por computador. Enquanto a arquitetura da radiodifusão e da imprensa privilegia a centralização e as trocas de mensagens no esquema um→todos, na Internet há a convivência do esquema um↔todos com os esquemas todos↔todos, todos↔um e um↔um. Não se pretende aqui sugerir que a audiência da mídia de massa seja passiva ou incapaz de dar respostas. Na comunicação de massa há, por exemplo, interação na seção de cartas dos leitores em jornais e revistas. Porém, trata-se de um espaço muito limitado e que fica sob controle dos proprietários dos meios de publicação. Na comunicação mediada por computador, por outro lado, um leitor que não tenha sua carta publicada pode usar o mesmo suporte do veículo que ignorou sua mensagem para divulgá-la na forma de um site ou enviando e-mails para sua rede de contatos.

Cabe destacar mais uma vez a singularidade do modelo de desenvolvimento da Internet. Compare-se por exemplo com o modelo de desenvolvimento do rádio. Em princípio, não há impedimento técnico para que o rádio seja um sistema de comunicação todos↔todos (BRECHT, 2005, ENZENSBERGER, 1978). No entanto, as decisões políticas e econômicas resultaram em um sistema um→todos, com apenas uma pequena parte dos recursos reservados à comunicação todos↔todos do rádio-amador. Por um lado, o Estado loteou o espectro eletromagnético e controlou a distribuição de concessões para operar emissoras conforme regras mais ou menos democráticas, dependendo do país. Por outro, a própria indústria oferecia ao consumidor um aparelho que permitia apenas a recepção, mas não a emissão. ENZENSBERGER (1978, p.45) atribui essa contradição à organização capitalista da sociedade:

A transformação de um mero meio de distribuição num meio de comunicação não oferece qualquer problema de natureza técnica. Essa transformação se evita conscientemente, justificada pelas boas razões de uma má política. A diferenciação técnica entre emissor e receptor reflete a divisão social do trabalho entre produtores e consumidores.

---

<sup>22</sup> “Their collaboration was aimed at creating a resource that would benefit all – starting with the collaborators who created it. Like other creators of public goods, the hackers created something that they were eager to use for their own purposes.” Tradução livre.

Embora gestada também em uma sociedade capitalista, a Internet livrou-se do mesmo destino do rádio e da televisão graças, ironicamente, à ameaça de holocausto nuclear da humanidade por uma guerra entre Estados Unidos e União Soviética. Ao mesmo tempo, a contracultura, com seus ideais libertários, e o advento da sociedade informacional, trazendo a necessidade de colaboração entre cientistas de diferentes instituições e gerando especialistas em eletrônica apaixonados pelo *hacking* (CASTELLS, 1999), contribuíram para que a rede transcendesse seus objetivos meramente militares e se tornasse um suporte para a comunicação em que a diferenciação entre emissores e receptores tende a se dissolver.

É claro que a possibilidade de publicar não garante que a mensagem atingirá um grande número de destinatários. Embora a Internet seja uma rede descentralizada, há nós que ganham mais importância e concentram mais tráfego. Trata-se certamente de um ambiente mais participativo do que a mídia de massa, mas isso não significa que as relações de poder sejam extingüidas, ao contrário do que proclamam certos grupos de pesquisadores, pensadores e articulistas. LÉVY (1999, p.203), por exemplo, acredita que a tecnologia elimina a necessidade de mediação:

O ciberespaço é justamente uma *alternativa* para as mídias de massa clássicas. De fato, permite que os indivíduos e os grupos encontrem informações que lhes interessam e também que difundam sua versão dos fatos (inclusive com imagens) sem passar pela intermediação dos jornalistas. O ciberespaço encoraja uma troca recíproca e comunitária, enquanto as mídias clássicas praticam uma comunicação unidirecional na qual os receptores estão isolados uns dos outros.

É inegável que o ciberespaço realmente oferece essas possibilidades. Disso não decorre, porém, que a eliminação das mediações seja possível ou mesmo desejável. Embasado em estudos sobre o comportamento dos leitores na Web, VAZ (2004, p.13) questiona a concretização da utopia segundo a qual nesta rede o proprietário do armazém da esquina teria tanta voz quanto o webjornal lastreado na credibilidade de uma corporação midiática tradicional:

Na prática, embora tenha uma estrutura de base muitos-muitos e os indivíduos possam selecionar dentre uma oferta gigantesca as informações a serem acessadas, a Web funciona de modo similar à estrutura dos meios de comunicação tradicionais, com muitos atentos às informações produzidas por poucos.

A mediação não perdeu a sua força nas redes telemáticas, apenas mudou sua forma. A credibilidade e a tradição de certos veículos contribuem para seu domínio do mercado consumidor de bens culturais na Web tanto quando na radiodifusão ou imprensa. Mesmo quando empreendimentos nativos do novo meio avançam sobre o mercado da “mídia

tradicional”, estes tendem a se tornar grandes nós da rede e a concentrar um tráfego imenso, obscurecendo os veículos menores.

Por outro lado, a história singular do desenvolvimento da Internet, reunindo esforços de diferentes setores da sociedade e privilegiando desde o início um modelo descentralizado de comunicação, é expressa em fenômenos inimagináveis na comunicação massiva. Por exemplo, a proliferação e sucesso dos blogs, ferramenta-símbolo do novo esquema de comunicação. Publicados com recursos humanos e econômicos incomparavelmente menores do que os recursos da mídia tradicional, os blogs têm alcançado grande influência na World Wide Web. Conforme uma pesquisa da ferramenta de buscas *Technorati*<sup>23</sup>, entre os 20 websites mais influentes em agosto de 2005, cinco deles eram blogs (SIFRY, 2005): *Boing Boing*, *Daily KOs*, *Instapundit*, *Gizmodo* e *FARK*. Em oitavo colocado, o *Boing Boing*, blog coletivo que se dedica à publicação de links interessantes sobre assuntos diversos, seguidos por comentários, ficou à frente de gigantes da mídia como *Fox News* e *USA Today*. As histórias do Exército Zapatista de Libertação Nacional e dos protestos contra a reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC) em Seattle, relatadas na introdução, também demonstram que a Internet oferece aos Davis a possibilidade de derrotar os Golias na arena comunicacional, mesmo que nem todos os Davis cheguem a ser ouvidos. Assim como o desenvolvimento de tecnologias, a circulação de informação na Internet também é pautada por ideais libertários presentes na contracultura dos anos 60.

Um aspecto importante deste ideário é a atitude faça-você-mesmo (*do it yourself*, ou DIY), presente no movimento punk e depois recuperado pelo ideário ciberpunk, movimento que se tornou uma das principais fontes de valores da cibercultura (LEMOS, 2002). Assim como os hackers tomam em suas mãos o desenvolvimento tecnológico quando estão insatisfeitos com o *software* e *hardware* oferecidos pela indústria da informática, os consumidores de bens culturais descobrem na Internet uma forma de divulgar sua produção e suas agendas passando ao largo da indústria cultural. Da mesma forma que os hackers, colocam esses produtos à disposição na maioria das vezes gratuitamente e muitas vezes concedem licença para que outros consumidores/produtores modifiquem e redistribuam sua

---

<sup>23</sup> É difícil estabelecer a confiabilidade dos dados de qualquer pesquisa sobre influência na Web, visto que ainda não há parâmetros largamente aceitos para medi-la. A pesquisa em questão levou em conta o número de links que apontavam para cada site, ou *incoming links*. Quanto mais links tinham como alvo determinado site, mais influente ele foi considerado. Em quantidade de acessos diários, o *Boing Boing* está na posição 1488 em toda a Web, conforme o ranking da ferramenta de busca *Alexa*. Disponível em: [http://www.alexa.com/data/details/traffic\\_details?url=www.boingboing.net](http://www.alexa.com/data/details/traffic_details?url=www.boingboing.net). Acesso: 05/02/2007.

produção. Esta apropriação social da tecnologia e da informação revela um outro aspecto da cibercultura, que é a taticidade:

Devemos superar a perspectiva do uso correto ou não das máquinas de comunicação, marcados para sempre pelo estigma do consumidor passivo e envolvido por uma rede de estratégias dos produtores. Devemos vê-lo como agente. Hoje, se observarmos a dinâmica social da internet, poderemos identificar, na evolução do uso das máquinas de comunicar, uma certa busca de taticidade, reforçando ainda mais a apropriação social destas. (...) A taticidade social potencializada pela micro-eletrônica pode ser comprovada pelas inúmeras agregações sociais. Ela é fruto de uma utilização não-programada das novas tecnologias, e não um projeto de instâncias superiores (LEMOS, 2002, p.260).

Essa “taticidade” é outro aspecto importante da cibercultura. O autor refere-se ao design de interfaces que permitem uma interação cada vez maior entre os seres humanos e as máquinas. Porém, pode-se falar também em uma busca por taticidade social no ciberespaço, uma busca cada vez maior de intercâmbio com o outro, que explicaria a formação de agregações sociais e comunidades virtuais. Assim, tanto tem termos tecnológicos quanto sociais, a potencialização da interação é um dos aspectos que se destacam na cibercultura.

## 1.2 INTERAÇÃO

Na Internet, a divisão entre emissor e receptor se dissolve até o ponto em que é preciso questionar se estes conceitos ainda podem ser aplicados. Neste contexto, a interação passa a desempenhar um papel cada vez mais proeminente e em alguns casos torna-se o motivo mesmo dos fenômenos sociais. Um protesto, a Copa do Mundo ou uma cerimônia religiosa no Vaticano são, na opinião de MAFFESOLI<sup>24</sup>, meros pretextos para que interagjamos uns com os outros. O sucesso de redes de relacionamento como o *Orkut*<sup>25</sup> atesta a importância da Internet como plataforma para a interação com outros seres humanos.

“Interatividade” tornou-se um dos conceitos mais levantados em discussões sobre o ciberespaço. É difícil encontrar um texto sobre as práticas sociais e culturais na rede mundial

---

<sup>24</sup> Informação verbal fornecida durante seminário na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, entre os dias 8 e 11 de maio de 2006.

<sup>25</sup> Trata-se de um website onde os internautas podem criar um perfil digital, mediante cadastro. A pessoa acrescenta dados sobre si mesma, como aparência física e gosto para livros, filmes, cozinhas, formas de contato etc. Pode-se incluir fotografias e uma lista de vídeos favoritos no perfil. Há também um espaço para recados de outros participantes do *Orkut*, que podem ser lidos por todos, e ferramentas para troca de mensagens privadas. Após a criação do perfil, pode-se “adicionar amigos” a uma lista. Constrói-se assim uma rede digital de amigos e conhecidos. Além disso, é possível criar comunidades sobre os mais variados assuntos, nas quais pode-se encontrar desconhecidos com interesses afins. Disponível em: <http://www.orkut.com>.

de computadores que não mencione ao menos *en passant* a questão da interação entre o homem e a máquina ou do homem com o homem através da máquina. Não apenas no campo científico, mas também na mídia, “interatividade” permeia as referências à Web. A publicidade usa o termo como estimulante das vendas. Tudo é interativo, de programas de televisão em que se pode escolher o final mediante uma ligação ou envio de mensagens de texto pelo celular, até o sistema elétrico que aciona as luzes da sala quando alguém entra.

SANTAELLA (2004, p.151) oferece uma explicação para o fenômeno:

Uma das características principais da tecnologia criada e distribuída em forma digital, potencializada pela configuração informacional em rede, é permitir que os meios de comunicação possam atingir os usuários e obter um feedback imediato. Por isso mesmo, há algum tempo, um dos tópicos centrais da comunicação digital tem sido o da interatividade.

O uso indiscriminado do termo interatividade, no entanto, leva a uma refração semântica que exige uma explicitação exata do que ele significa em cada contexto. Seguindo PRIMO (2003), prefere-se aqui o termo **interação** para designar as situações em que há a ação recíproca de dois objetos um sobre o outro<sup>26</sup>. Ou seja, interação é o estabelecimento de uma relação, não uma característica inerente a um equipamento eletrônico. Os estudos focados no canal de comunicação analisam no mais das vezes as possibilidades técnicas de interação, deixando de lado a questão de como são as relações efetivamente estabelecidas entre os interagentes. Há também análises que se focam excessivamente no *hardware* ou em modelos informacionais, ou ainda adotam uma perspectiva “transmissionista” da interação.

PRIMO propõe em lugar disso uma abordagem sistêmico-relacional do conceito de interação. O foco deve estar na relação entre os interagentes, não apenas nas qualidades interativas que cada um deles possa porventura apresentar. “Importa investigar o que se passa **entre** os sujeitos, **entre** o interagente humano e o computador, **entre** duas ou mais máquinas” (p.11). O interesse recai, portanto, sobre a relação, e não apenas sobre as características da rede, dos computadores e de suas interfaces.

Dois tipos de interação são identificados no contexto do ciberespaço. As interações reativas são aquelas que se estabelecem conforme determinam as condições iniciais de um sistema (programa, máquina) e podem se repetir infinitamente com os mesmos resultados (p.12). Em outras palavras, podem existir milhares de alternativas à disposição do navegante

---

<sup>26</sup> A ação recíproca de um objeto sobre outro não é um fenômeno necessariamente social, já que mesmo objetos inanimados como pedras apoiadas uma contra a outra, por exemplo, exercem uma força mecânica recíproca que se equilibra e as mantém em pé.

em um site, mas clicar em cada uma delas cem vezes o levará cem vezes aos mesmos lugares. PRIMO separa esse tipo limitado de interação e a interação mútua (p.12):

Na interação mútua, os interagentes reúnem-se em torno de contínuas problematizações. As soluções inventadas são apenas momentâneas, podendo participar de futuras problematizações. A própria relação entre os interagentes é um problema que motiva uma constante negociação. Cada ação expressa tem um impacto recursivo sobre a relação e sobre o comportamento dos interagentes.

Ou seja, num contexto de interação mútua, cada ação modifica as alternativas posteriores. O sistema como um todo se rearranja e não é mais possível retornar a um ponto anterior a uma determinada ação. Retomando o exemplo do site, cada clique modificaria as milhares de alternativas e um mesmo clique não levaria sempre ao mesmo lugar, se sua programação permitisse a interação mútua. É o que acontece nas interações entre seres humanos: há certas coisas que dizemos ou fazemos que mudam completamente a relação que o outro mantinha conosco até aquele momento, e todas as interações futuras com esse outro serão pautadas por aquela declaração ou ação.

Os dois tipos de interação nunca ocorrem de forma isolada. Uma interação mútua entre seres humanos depende sempre de fatores físicos, seja uma troca de palavras (ar, aparelho vocal), seja uma troca de socos e pontapés (pele, ossos, músculos), seja uma troca de olhares (luminosidade, aparelho óptico), que dependem de interações reativas. Um ser humano conversando com outro ser humano por meio de um computador tem interações reativas com a máquina, com o software (em princípio) e interações mútuas (em princípio) com a pessoa na outra ponta. Ao contrário do que sugerem as aparências, um internauta entretido em navegar na Web não está com a mente totalmente projetada em algum espaço fora do corpo, porque “todo pensamento é indissociável da percepção e da ação” (SANTAELLA, 2004, p.151). A mente participa tanto quanto o corpo no clicar de um *mouse*.

No *Wikinews*, por exemplo, existe uma negociação constante entre os colaboradores, tanto na redação de uma notícia individual, quanto na construção do conjunto hipertextual formado pelas matérias, capas e páginas de discussão (TRÄSEL, 2005a). Muito embora os colaboradores nem sempre discutam sobre as informações ou a redação das matérias no espaço apropriado para isto, a dinâmica interacional de modificar os textos uns dos outros é uma negociação. O autor de uma notícia tem de se confrontar com correções e acréscimos feitos por outros e pode decidir reverter para o texto original, ou fazer ainda mais correções e acréscimos, ou deixar tudo como está. Os outros colaboradores, por sua vez, já partem de um texto pronto, portanto o modificam conforme os limites e possibilidades abertos pelo texto

inicial. Para o leitor, porém, o resultado é um texto sem sinais de que tenha sido escrito por mais de um autor.

Quando há esta negociação de um grupo de indivíduos, que interagem via computador para a produção de um texto coletivo homogêneo, o produto resultante pode ser considerado um hipertexto cooperativo. Isso implica na criação de uma estrutura hipertextual em comum, por meio de negociações e assimilação dos impactos causados pelas ações de cada membro do grupo de autores/leitores, isto é, por meio de interações mútuas. Ou seja, o hipertexto cooperativo “chama por uma discussão contínua que modifica o produto à medida em que é desenvolvido” (PRIMO, 2002, p.13).

Em oposição ao hipertexto cooperativo, há o hipertexto potencial, aquele definido pelo programador na montagem da página. Trata-se daquele hipertexto “onde os caminhos e movimentos possíveis estão pré-definidos e que não abrem espaço para o interagente visitante incluir seus próprios textos e imagens” (PRIMO, 2002, p.9). Neste caso o que se tem são interações reativas, já que o interagente tem um número definido de caminhos possíveis e não lhe é permitido modificá-los por suas ações.

Entre estes dois tipos há ainda o hipertexto colagem, em que blocos de sentido criados individualmente são organizados em um todo compreensível, mas em que as ações de cada membro do grupo não necessariamente têm impacto sobre as ações do todo. Hipertextos colagem são aqueles em que se pode perceber as vozes de diversos autores, pois não há homogeneidade no estilo da redação. Um exemplo de hipertexto colagem são os fóruns eletrônicos ou os comentários de sites como o *Kuro5hin*, em que, embora haja um debate com concatenação lógica, podendo levar ao final a conclusões, e este resultado dependa de negociações entre os autores, pode-se perceber distintamente as diversas vozes no produto final. Ainda assim, há sempre um nível mínimo de cooperação entre os autores de um hipertexto colagem, sem o que ele deixa de fazer sentido.

LANDOW (2002, p.3) entende hipertexto como:

Texto composto de blocos de palavras (ou imagens) vinculados eletronicamente por múltiplas trilhas, elos ou sendas, em uma textualidade aberta, perpetuamente inacaba, descrita pelos termos *elo*, *nó*, *rede*, *teia* e *trilha*<sup>27</sup>.

---

<sup>27</sup> “Text composed of blocks of words (or images) linked electronically by multiple paths, chains, or trails in an open-ended, perpetually unfinished textuality described by the terms *link*, *node*, *network*, *web*, and *path*.”  
Tradução livre.



Aqui, entende-se hipertexto como aquele texto correlacionado tecnologicamente com outros textos, formando um conjunto de sentido. Este sentido pode ser em maior ou menor grau determinado pelo programador, e em maior ou menor grau construído pelo próprio leitor durante o processo de navegação. “Transitando entre informações modularizadas, reticuladas, as opções do caminho a ser seguido são de inteira responsabilidade do leitor” (SANTAELLA, 2004, p.50). Ao escolher seguir este ou aquele link na World Wide Web, o leitor vai criando percursos próprios, decidindo quais temas quer aprofundar e quais informações não merecem maior atenção. É claro que o programador do hipertexto pode limitar as opções disponíveis ao leitor, mas é inegável que o leitor do hipertexto é inerentemente mais ativo do que o leitor de suportes tradicionais ou que a audiência da mídia de massa, quando não seja simplesmente pela necessidade de tomar decisões a respeito de qual link seguir a cada momento.

A potencialização da interação na Internet, que possibilita a criação de hipertextos altamente colaborativos, também é o princípio fundamental dos processos de cooperação entre militares, instituições, empresas, cientistas e hackers – e, hoje, o público de internautas em geral – que permitiram o desenvolvimento e crescimento da própria rede.

### **1.3 PRODUÇÃO COOPERATIVA EM REDE**

Imagine-se uma enciclopédia digital, disponível a todas as pessoas com acesso à Internet. Essa enciclopédia não seria produzida por equipes de especialistas contratados, mas pelos próprios internautas que viessem consultá-la. Para tanto, ela seria baseada em um software que permitisse a qualquer um publicar textos apenas clicando em um botão. Não apenas isso, como todos os colaboradores poderiam editar os textos uns dos outros, caso tivessem informações a acrescentar. Na melhor das hipóteses, haveria uma profusão de equívocos e preconceitos nos verbetes; na pior, vândalos passariam o tempo inteiro publicando fotos pornográficas em todas as páginas. Apenas utopistas poderiam acreditar que uma enciclopédia aberta se tornaria tão boa quanto o produto de especialistas contratados para redigir verbetes com base em sua expertise.

Porém, a utopia encontrou um lugar na realidade. Esta enciclopédia existe desde o ano 2000: é a *Wikipedia*, um dos maiores exemplos positivos de trabalho colaborativo na Web. A versão em inglês já ultrapassou 1 milhão de verbetes, enquanto as versões para outras 10

línguas – entre 249 versões no total – já contam contavam mais de 100 mil verbetes até a primeira semana de fevereiro de 2007<sup>28</sup>. Em dezembro de 2005, um artigo da revista *Nature* considerou a enciclopédia colaborativa quase tão confiável quanto a versão online da *Brittanica*, com uma média de erros por verbete de 3 e 4, respectivamente (GILES, 2005). Além disso, em junho de 2006, ela era a terceira fonte de informação mais procurada na Web (HAFNER, 2006). Este sucesso mostra que, ao se permitir que trabalhem por si mesmas para atingir um objetivo, as pessoas têm a tendência de colaborar, não de guerrear.

Isto não significa, é claro, que não existam conflitos na redação de verbetes com algum tipo de conteúdo polêmico. É o caso do texto sobre Adolf Hitler, que foi fechado à edição apenas para colaboradores cadastrados por ao menos quatro dias, ou da página principal, fechada à edição porque nela vândalos publicavam sistematicamente imagens de pênis. Jimmy Wales, co-fundador da *Wikipedia* afirma que essas mudanças atingem uma pequena fração das páginas: “A proteção é uma ferramenta para o controle de qualidade, mas não define a *Wikipedia*. (...) O que define a *Wikipedia* é a comunidade de voluntários e a participação aberta” (HAFNER, 2006<sup>29</sup>). Pode-se apontar ainda que o fato de um hipertexto ser escrito de forma cooperativa não significa que não existirão conflitos. Como foi dito, a produção de um hipertexto cooperativo demanda constante negociação entre seus criadores. Ademais, pôr em foco os defeitos isolados de projetos como a *Wikipedia* é uma forma de não enxergar o dado verdadeiramente mais interessante: que ela funciona muito bem, afinal.

A admiração pelo fato de que a ausência de hierarquia possa resultar em algo além de caos é bem expressa por KOLLOCK (1999<sup>30</sup>):

Mesmo um passeio casual pelo ciberespaço fornece evidências de hostilidade, egoísmo e simples nonsense. Porém, a maravilha da Internet não é que exista tanto barulho, mas sim que haja algum tipo cooperação significativa. Dado que a interação online é relativamente anônima, que não há autoridade central e que é difícil ou impossível impor sanções monetárias ou físicas a alguém, é surpreendente que a Internet não seja literalmente uma guerra de todos contra todos<sup>31</sup>.

De fato, agregações de voluntários como a *Wikipedia* se assemelham a sistemas emergentes, no sentido em que cada elemento (internauta) dá sua contribuição seguindo

<sup>28</sup> Disponível em: <http://stats.wikimedia.org/EN/Sitemap.htm>. Acesso: 05/02/2007.

<sup>29</sup> Documento eletrônico sem paginação.

<sup>30</sup> Documento eletrônico sem paginação.

<sup>31</sup> “Even a casual trip through cyberspace will turn up evidence of hostility, selfishness, and simple nonsense. Yet the wonder of the Internet is not that there is so much noise, but that there is any significant cooperation at all. Given that online interaction is relatively anonymous, that there is no central authority, and that it is difficult or impossible to impose monetary or physical sanctions on someone, it is striking that the Internet is not literally a war of all against all.” Tradução livre.

regras simples (manter um ponto de vista neutro, não violar direitos autorais, seguir o manual de estilo etc.) e o trabalho isolado de cada um resulta em um conjunto mais complexo do que a soma de suas partes.

Em termos simples, [sistemas emergentes] resolvem problemas com o auxílio de massas de elementos relativamente simplórios, em vez de contar com uma única “divisão executiva” inteligente. (...) Neles, os agentes que residem em uma escala começam a produzir comportamento que reside em uma escala acima deles. (...) O movimento das regras de nível baixo para a sofisticação do nível mais alto é o que chamamos de emergência. (JOHNSON, 2003, p.14).

Estes sistemas emergentes funcionam pelo princípio de auto-organização, ou seja, sem a necessidade de que um líder diga a cada elemento o que fazer. Embora o conceito de sistema emergente seja derivado da física, JOHNSON (2003, p.17) afirma que pode ser aplicado a campos tão diferentes quanto a informática e o estudo das sociedades humanas. “O que une esses diferentes fenômenos é uma forma e um padrão recorrentes: uma rede de auto-organização, de agentes dessemelhantes que inadvertidamente criam uma ordem de nível mais alto”. No caso da *Wikipedia*, porém, não se pode dizer que a ordem de nível mais alto seja criada “inadvertidamente”. Existe uma intenção na participação de cada colaborador, mesmo que o processo cooperativo não se dê de forma planejada, mas com cada um trabalhando de forma isolada conforme as regras. Tampouco se pode dizer que cada elemento do sistema *Wikipedia* colabore de forma igual. Existem aqueles internautas que produzem dezenas de verbetes, enquanto outros apenas corrigem uma palavra errada e jamais voltam a interferir. O próprio co-fundador, Jimmy Wales, admite este fato: “Um monte de gente pensa na *Wikipedia* como 10 milhões de pessoas, cada uma adicionando uma frase. Mas na verdade a maior parte do trabalho é feita por um pequeno núcleo comunitário”<sup>32</sup> (HAFNER, 2006). Ainda assim, pode-se considerar a *Wikipedia* um sistema auto-organizado.

Os sistemas de comunicação mediada por computador descentralizados como a Internet favorecem a emergência do trabalho auto-organizado. Como foi exposto na breve história do desenvolvimento desta rede, a própria configuração atual dela se deve em grande parte ao trabalho voluntário sem coordenação central de *hackers*, pesquisadores e engenheiros a serviço dos militares, bem como de todas as pessoas que de alguma forma nela publicaram conteúdo.

---

<sup>32</sup> “A lot of people think of Wikipedia as being 10 million people, each adding one sentence. But really the vast majority of work is done by this small core community.” Tradução livre.

KOLLOCK (1999) rejeita, no entanto, a idéia de que a economia da cooperação online seja análoga à economia de dádivas descrita em certas tribos indígenas, porque o destinatário da informação distribuída online em geral não pode ser identificado. Tudo é disponível para uma coletividade; isso torna difícil ou impossível criar laços de obrigação entre as partes no sentido tradicional, fator essencial para a configuração de uma economia de dádivas. Tratar-se-ia na verdade de uma economia de intercâmbio generalizado, porque as dádivas informacionais são oferecidas não a indivíduos, mas a esta coletividade. Por isso, fenômenos como as trocas de conselhos técnicos em listas de discussão, redação voluntária de textos para sites participativos e outras formas de doação na Internet não podem ser consideradas dádivas em um senso estrito, mas sim bens públicos, ou seja, “bens dos quais qualquer um pode se beneficiar, mesmo que não tenha contribuído para sua produção”<sup>33</sup> (KOLLOCK, 1999).

Os bens públicos são definidos por apresentarem em algum grau duas características principais: são indivisíveis, porque seu consumo por um indivíduo não reduz a quantidade do bem disponível a outras pessoas; e são não-excludentes, por ser difícil ou impossível impedir que alguém se beneficie. LESSIG (2002, p.19-20) chama aos bens públicos de *commons*, palavra sem equivalente no português que se refere a recursos de propriedade conjunta, que podem ser desfrutados igualmente por um determinado número de pessoas. “A essência, em outras palavras, é que ninguém exerce o principal direito de propriedade sobre estes recursos – o direito exclusivo de decidir se o recurso será colocado à disposição dos outros”. Bens públicos, porém, não são necessariamente grátis: um parque florestal pode cobrar ingressos, mas é público no sentido de não poder impedir que esta ou aquela pessoa pague o ingresso e desfrute da natureza. Ou, na formulação de Richard Stallman (apud LESSIG, 2002), um dos idealizadores do movimento *Free Software*: “livre como em livre expressão, e não como em cerveja liberada” (*free as in free speech, not free beer*).

O maior desafio para a construção e manutenção desses bens públicos é providenciar as condições de motivação e coordenação. A dificuldade de motivar os indivíduos a participar de projetos coletivos vem do fato de que o relativo anonimato oferecido pela Internet torna muito fácil consumir um bem público sem dar nada em troca e, ainda assim, não sofrer sanções da comunidade. Se todos os internautas sucumbissem a essa tentação, o resultado seria a ausência de bens públicos para todos. Mas pode-se verificar empiricamente que não é

---

<sup>33</sup> "...goods that anyone might benefit from, regardless of whether they have helped contribute to their production." Tradução livre.

isso o que acontece: existe uma grande quantidade de veículos jornalísticos, bases de dados, sites de entretenimento e softwares criados e mantidos por grupos não-remunerados, disponíveis livremente na rede. A explicação de KOLLOCK (1999) para este fato aponta três razões principais: a interação mediada por computador reduz os custos de participação e coordenação; os benefícios podem ser distribuídos mais fácil e amplamente; e a relação entre o número de indivíduos necessários para produzir um bem público e o número de beneficiários cai.

Assim, uma das principais motivações para a cooperação em rede é ver o resultado do esforço beneficiar a muitos internautas, ao mesmo tempo em que o indivíduo engajado em um projeto espera beneficiar-se do esforço de outras pessoas em outros projetos. Além disso, um bem público como o sistema operacional Linux, por exemplo, pode ser reproduzido com perfeição quantas vezes for necessário e atingir beneficiários em qualquer ponto da Terra com conexão à Internet. Finalmente, bens públicos como um weblog podem ser produzidos por apenas uma pessoa, ou um número muito pequeno de pessoas, e atingir centenas ou milhares por dia.

Por outro lado, em projetos cooperativos o princípio de auto-organização faz com que a necessidade de coordenação seja reduzida ao mínimo. Um caso é o *Wikinews*. Embora existam alguns colaboradores com status de administradores, seu trabalho consiste basicamente em aplicar decisões tomadas pela comunidade nos fóruns destinados à discussão do projeto e em lidar com vândalos contumazes, ou apaziguar os ânimos quando as sucessivas interferências sobre uma notícia geram conflitos entre os colaboradores. É a contribuição de cada colaborador nos fóruns de discussão que define os rumos do projeto, bem como sua própria participação. Não é preciso que um gerente ou conselho de diretores designe as atribuições de cada um. Além disso, as regras oriundas dos debates ficam à disposição dos colaboradores menos envolvidos, de modo que mesmo o participante eventual saiba o que deve ser feito.

É importante ter em mente que a cooperação não se dá porque na Internet todos são pessoas generosas ou porque a tecnologia faz nascer a vontade de colaborar por si mesma, mas sim porque, paralelamente às facilidades tecnológicas, os indivíduos têm interesses na produção de bens coletivos, sejam estes os mais elevados, como prover um recurso a quem dele necessita, sejam os mais terrenos, como a busca por reputação ou simples diversão. Como bem coloca AXELROD (1984, p.22), “a amizade é desnecessária para o desenvolvimento da cooperação. Sob condições adequadas, cooperação baseada na

reciprocidade pode se desenvolver mesmo entre antagonistas”. A Internet não é uma nova Atenas, nem um paraíso libertário tecnológico, mas apenas um novo ambiente onde algumas práticas sociais antigas são potencializadas.

## 1.4 O MODELO *OPEN SOURCE*

Esta lógica da cooperação que permeia a Internet gerou um modelo de produção nativo, o *open source*, ou “código aberto”. O termo “código” refere-se às diferentes notações usadas pelas linguagens de programação. A abertura deste código por seu criador permite a outros programadores modificá-lo, melhorá-lo e redistribuí-lo, para que outros façam o mesmo. Quando um projeto *open source* tem sucesso, arregimentando muitos programadores interessados em contribuir, o código evolui rapidamente, resultando em programas mais confiáveis.

A expressão *open source* não refere, porém, apenas à abertura do código. A *Open Source Initiative* lista dez características que definem os programas do gênero<sup>34</sup>:

1. Redistribuição livre: a licença não pode limitar a venda ou distribuição gratuita do *software*, nem exigir uma proporção do faturamento no caso de venda do programa.
2. Código-fonte: o *software* deve incluir seu código-fonte ao ser distribuído, ou oferecer este código de alguma maneira que permita fácil acesso dos interessados.
3. Trabalhos derivados: a licença precisa permitir modificações no código-fonte e a distribuição de trabalhos dele derivados.
4. Integridade do código-fonte autoral: a licença só pode restringir a modificação do código-fonte se permitir a criação de *patches* que modifiquem o funcionamento do programa e a distribuição de tais *patches* a todos os interessados.
5. Não-discriminação contra pessoas ou grupos: nenhum grupo ou indivíduo pode ser impedido sob qualquer pretexto de fazer uso de todos os privilégios dados pela licença de um programa *open source*.

---

<sup>34</sup> Disponível em: <http://www.opensource.org/docs/definition.php>. Acesso: 05/02/2007.

6. Não-discriminação de campos de atividade: a licença não pode impedir o uso do programa para qualquer tipo de iniciativa, seja comercial ou científica. Por exemplo, não se pode proibir o uso para a pesquisa genética.
7. Distribuição da licença: a licença que acompanha o programa deve se aplicar a todos aqueles a quem ele seja distribuído, sem necessidade de que os beneficiários tomem qualquer ação para requerer a licença.
8. A licença não deve ser específica a um produto: os direitos que acompanham um programa não podem depender de seu uso em conjunto com algum outro programa específico.
9. A licença não pode restringir outros programas: nenhum dos programas distribuídos com o programa licenciado devem ser restringidos sob qualquer forma. Isto é, não se pode exigir que outros programas distribuídos em um mesmo pacote sejam exclusivamente *open source* ou proprietários.
10. A licença deve ser tecnologicamente neutra: nenhum tipo de tecnologia ou interface pode ser excluído da licença de uso do programa.

Caso um programa atenda a todos esses requisitos em sua licença de uso, pode ser considerado *open source*. As restrições não visam impedir o comércio, nem implicam necessariamente um posicionamento político socialista ou comunista, mas apenas garantir que o código desenvolvido por uma coletividade de programadores se mantenha sempre como um bem público.

O programa-símbolo do modelo *open source* é o sistema operacional Linux. Ele foi criado pelo finlandês Linus Torvalds com base no Minix (daí o nome do programa de Linus Torvalds), uma versão mais simples do sistema operacional criado em um projeto extra-oficial dos pesquisadores dos laboratórios Bell chamado Unix, e que acabou servindo como base para a comunicação dos computadores ligados à então ARPANET (RHEINGOLD, 2002, p.50-53). Ken Thompson, criador do Unix, costumava enviar fitas magnéticas com o *software* a programadores amigos, para que eles pudessem desenvolver suas próprias versões. Em 1976, porém, a direção dos laboratórios Bell decidiu fechar o código do Unix e a redistribuição e modificação do sistema operacional se tornou, ao menos oficialmente, ilegal. O programador Richard Stallman criou então o projeto de um novo sistema operacional, o GNU, procurando manter as mesmas características de portabilidade e abertura do Unix. Fundou também a *Free Software Foundation* (FSF, Fundação do Programa Livre) em 1985,

para coordenar o projeto GNU e “promover os direitos do usuário de computadores ao uso, estudo, cópia, modificação e redistribuição de programas”<sup>35</sup>. A FSF preocupa-se mais em fazer com que os programas sejam um bem público do que um bem gratuito, isto é, seu objetivo é que ninguém possa ser impedido de usar os programas e conhecer o seu código, embora eles possam ser comercializados:

Assim, você deve ser livre para redistribuir cópias, com ou sem modificações, gratuitamente ou cobrando uma taxa de distribuição, para qualquer um em qualquer lugar. Ser livre para fazer essas coisas significa (entre outras coisas) que você não precisa pedir permissão ou pagar por ela.<sup>36</sup>

Este modelo de licenciamento de programas difere radicalmente do modelo adotado por empresas como a Microsoft, por exemplo, que exige o pagamento de taxas para cada computador em que seu sistema operacional *Windows* será instalado, bem como por atualizações, e o protege de cópias por meio de leis de direitos autorais (*copyright*), impedindo a redistribuição. Por esse mesmo motivo, o código é um segredo comercial, inacessível aos clientes e à maior parte dos desenvolvedores de aplicativos para o *Windows*. Apesar de adotar o *copyleft* (trocadilho com *copyright*, denotando a oposição entre os dois tipos de licença) como forma de licenciamento de seus produtos, o modelo de produção do GNU, embora colaborativo, ainda se assemelhava muito ao das empresas de informática tradicionais, pois operava com uma coordenação centralizada. O que tornou o Linux o programa-símbolo do movimento *open source* foi justamente o fato de Linus Torvalds ter adotado um modelo diferente de produção, igualmente colaborativo, porém descentralizado. Em vez de tentar manter um controle estreito de cada aspecto da produção do Linux, ele pôs o código à disposição de quem quisesse modificá-lo, sem a necessidade de que os colaboradores se registrassem ou avisassem o que estavam fazendo. Bastava criar trechos de código e enviá-los a Torvalds, que então os incluía no sistema operacional e lançava uma nova versão – ele chegou a lançar mais de uma versão por dia. “A comunidade Linux parecia lembrar um grande bazar balbuciante com agendas e abordagens diversas (...) do qual um sistema coerente

---

<sup>35</sup> “Promoting computer users' rights to use, study, copy, modify, and redistribute computer programs”. Tradução livre. Disponível em: <http://www.fsf.org>. Acesso: 05/02/2007.

<sup>36</sup> “Thus, you should be free to redistribute copies, either with or without modifications, either gratis or charging a fee for distribution, to anyone anywhere. Being free to do these things means (among other things) that you do not have to ask or pay for permission.” Tradução livre. Disponível em: <http://www.fsf.org/licensing/essays/free-sw.html>. Acesso: 05/02/2007.



e estável aparentemente só emergiria por uma sucessão de milagres”<sup>37</sup> (RAYMOND, 1998<sup>38</sup>). Esta descentralização fez com que os *bugs*<sup>39</sup> fossem corrigidos e o sistema ganhasse estabilidade muito mais rápido do que nos empreendimentos que seguiam o modelo centralizado de produção, chamado por RAYMOND de modelo “catedral”:

Na visão do construtor de catedrais da programação, bugs e problemas de desenvolvimento são fenômenos complicados, insidiosos, profundos. Leva meses de escrutínio por um grupo dedicado para criar confiança de que você acabou com todos eles. Por isso os longos intervalos entre as versões...

Na visão do bazar, por outro lado, você assume que os bugs são fenômenos em geral superficiais – ou, ao menos, eles se tornam superficiais bastante rápido quando expostos a mil co-desenvolvedores ansiosos martelando sobre cada nova versão. Conseqüentemente, você lança versões freqüentemente, para ganhar mais correções...<sup>40</sup>

Essa visão do modelo bazar é resumida em uma fórmula bastante usada pelos adeptos do *open source*: “com olhos suficientes, todos os bugs são superficiais” (*given enough eyeballs, all bugs are shallow*). Embora os bens públicos tenham sido uma constante na história da humanidade, desde que um grupo de *Homo sapiens* teve pela primeira vez a idéia de se juntar para caçar um animal tão grande que só poderia ser abatido em conjunto, mas alimentaria a todo clã, a informática, com a digitalização e a estrutura descentralizada da Internet, permite que qualquer esforço individual seja potencializado. Enquanto a caça trazia benefícios apenas a um determinado grupo, porque pedaços de carne já comidos não podem ser partilhados e a tentativa de distribuí-los a clãs distantes poderia fazer com que estragassem, os arquivos digitais podem ser reproduzidos infinitamente sem que percam qualquer uma de suas características e distribuídos rapidamente para qualquer ponto do planeta. Essa potencialização torna a construção de um bem público muito mais rápida e efetiva, como relata Linus Torvalds (GHOSH, 1998<sup>41</sup>):

Todos se esforçam para melhorar o Linux, e todos ganham o esforço de todos os outros de volta. E é isso que faz o Linux tão bom: você contribui e esse esforço se

---

<sup>37</sup> “The Linux community seemed to resemble a great babbling bazaar of differing agendas and approaches (...) out of which a coherent and stable system could seemingly emerge only by a succession of miracles.” Tradução livre.

<sup>38</sup> Documento eletrônico sem paginação.

<sup>39</sup> *Bug* é uma expressão da informática que se refere a problemas no hardware ou no software de um sistema.

<sup>40</sup> “In the cathedral-builder view of programming, bugs and development problems are tricky, insidious, deep phenomena. It takes months of scrutiny by a dedicated few to develop confidence that you've winkled them all out. Thus the long release intervals... In the bazaar view, on the other hand, you assume that bugs are generally shallow phenomena – or, at least, that they turn shallow pretty quick when exposed to a thousand eager co-developers pounding on every single new release. Accordingly you release often in order to get more corrections...” Tradução livre.

<sup>41</sup> Documento eletrônico sem paginação.

*multiplica*. Essencialmente, em termos da teoria dos jogos, não é um “jogo de soma zero” de maneira alguma: é um ciclo de feedback positivo.

Imagine dez pessoas, cada uma investindo 1 hora por dia no projeto. Elas investem uma hora de trabalho, mas porque compartilham os resultados finais, elas ganham nove horas do “trabalho de outras pessoas” de graça.<sup>42</sup>

Além de se beneficiar dos resultados do trabalho em grupo, outro benefício importante que os participantes de projetos *open source* recebem é a reputação. Ser reconhecido como competente não apenas dá o prazer do status ao programador, mas pode se refletir em vantagens financeiras: “Há muito valor *indireto* tangível decorrente do Linux. Eu posso não ser pago diretamente pelo projeto Linux, mas meu emprego atual é obviamente em grande parte devido ao Linux”<sup>43</sup> (TORVALDS citado por GHOSH, 1998). Este ganho de reputação não se reflete em ganhos financeiros apenas para programadores engajados em projetos de *software* importantes. Alguns indivíduos que publicam sua produção cultural na Internet de graça e conseguem amedidar credibilidade muitas vezes são contratados por empresas de mídia. O jornalista e webdesigner Tiago Dória, por exemplo, foi contratado pelo portal brasileiro *IG* após dois anos mantendo um blog sobre tecnologia que se tornou respeitado<sup>44</sup>. No entanto, embora casos como esses não sejam raros, não há garantia alguma de retorno financeiro por tomar parte em um projeto *open source*.

Há, porém, a garantia de diversão. Os programadores gostam de tomar parte em projetos que considerem relevantes e pelos quais se interessam. Conforme Torvalds, “a maioria dos bons programadores programam não porque eles esperam ser pagos por isso ou ser adulados pelo público, mas porque programar é *divertido*”<sup>45</sup> (GHOSH, 1998). Da mesma forma, os blogueiros se dedicam a escrever textos ou publicar fotografias, vídeos e áudio de graça na Internet porque consideram essas atividades relevantes ou divertidas. A pesquisa *Blogosfera Brasil* apurou que 90,4% dos respondentes acessam blogs por lazer (VERBEAT, 2005). Entre as motivações para escrever um blog, “lazer” não foi incluído como opção, mas a grande proporção de blogueiros entre os respondentes (80%) permite inferir que estes

---

<sup>42</sup> “everybody puts in effort into making Linux better, and everybody gets everybody else's effort back. And that's what makes Linux so good: you put in something, and that effort *multiples*. Essentially, in game theory terms it's not a ‘zero-sum game’ at all: it's a positive feedback cycle. Imagine ten people putting in 1 hour each every day on the project. They put in one hour of work, but because they share the end results they get nine hours of ‘other people's work’ for free.” Tradução livre.

<sup>43</sup> “There's a lot of tangible *indirect* value for doing Linux. I may not get paid directly from the Linux project itself, but my current work position is obviously in large part due to Linux.” Tradução livre.

<sup>44</sup> Disponível em: <http://tiagodoria.blogspot.com/2005/10/convite-do-ig.html>. Acesso: 20/01/2007.

<sup>45</sup> “Most of the good programmers do programming not because they expect to get paid or get adulation by the public, but because it is *fun* to program.” Tradução livre.

considerem sua atividade divertida. Entre as opções disponíveis, a mais citada (48,3%) é “registrar idéias e pensamentos que tenho”, a segunda (22,3%) é “divulgar livremente minha produção artística” e a terceira (10,9%) “manter amigos informados sobre a minha vida”. Ora, atividade artística e cultural ou socialização são fatores muito mais ligados ao lazer do que os motivos menos citados para manter um blog, mais ligados à relevância social: “ser um canal alternativo à grande imprensa” (9,5%) e “ativismo social ou político” (8,9%). Os dados sugerem que os internautas em geral, mesmo sem tomar parte em projetos *open source*, têm motivações semelhantes às dos especialistas em informática para dar a contribuição que podem a este bem público.

SANTOS (2002, p.4) fala em uma “ética *hacker*”, cujas principais características são colocar o prazer no trabalho à frente dos rendimentos que ele possa gerar, a visão da informação como algo que deve ser compartilhado e a meritocracia. Essa ética coloca entre as motivações para cooperar “a diversão, a paixão, o reconhecimento dos outros membros da comunidade, a reputação e o prestígio que a contribuição lhes traz e até a vontade de participar de uma ação que visa promover a liberdade de acesso à informação”. Motivações que podem ser ampliadas para toda a cibercultura, se admitir-se que uma de suas características essenciais é essa ética hacker – ou cyberpunk, como prefere LEMOS (2002). Em outras palavras, a ética dos programadores está contaminando os “leigos”, indicando que a cibercultura não é um fenômeno restrito a círculos acadêmicos e a aficionados por informática.

Um sintoma desta contaminação é o sucesso de serviços baseados na participação dos internautas, como a *Wikipedia*, os espaços para comentários de leitores sobre os livros na *Amazon.com*, o *YouTube*, cujos vídeos são enviados e avaliados pelos próprios participantes, ou os serviços de *social bookmarking*, que filtram a Web e permitem o compartilhamento de links interessantes, bem como a indexação coletiva dos mesmos. Este sucesso levou O'REILLY (2005) a cunhar o termo Web 2.0 para denominar uma série de conferências de sua editora O'Reilly Media, em que esse tipo de serviço era apontado como o novo rumo da Internet. Apesar da origem no marketing, a expressão acabou se consagrando e sendo usada nos meios informáticos, acadêmicos e por profissionais de administração e publicidade ligados à mídia digital.

A Web 2.0 refere-se não apenas a uma combinação de técnicas informáticas (serviços Web, linguagem Ajax, Web Syndication, etc.), mas também a um determinado período tecnológico, a um conjunto de novas estratégias

mercadológicas e a processos de comunicação mediados por computador (PRIMO, 2006, p.1).

Um dos princípios fundamentais da Web 2.0 é uma arquitetura de participação, que prevê a incorporação de recursos de compartilhamento e interconexão nos serviços oferecidos pelos websites. Essa arquitetura visa aproveitar a “inteligência coletiva” gerada pelos usuários dos serviços. É o caso da *Amazon.com*, que registra o comportamento de seus clientes para poder lhes oferecer sugestões de títulos adequados a seu perfil quando retornam à livraria virtual, com base em suas compras passadas e nas de outras pessoas que adquiriram itens semelhantes. A livraria também incentiva os compradores a resenham os livros na própria página em que são apresentadas as informações e a opção de compra dos mesmos. É interessante notar que a participação é involuntária no primeiro exemplo e voluntária no segundo. Nos dois casos, a *Amazon.com* está na verdade fazendo com que o consumidor trabalhe para si. O consumidor, porém, também colhe benefícios, na medida em que suas compras podem ser melhor informadas. Outro princípio da Web 2.0 é que os serviços se tornam melhores na proporção em que são usados por mais pessoas. Isto é, quanto mais pessoas compram livros, mais o sistema “aprende” sobre o comportamento dos consumidores e melhor pode traçar paralelos entre perfis para sugerir automaticamente livros que possam interessar a um cliente que retorna. De novo se percebe aqui o caráter potencializador da cooperação nas redes digitais: os bens públicos são reproduzíveis e se beneficiam na proporção em que mais pessoas os utilizam.

A adoção cada vez maior do modelo Web 2.0 por diversos tipos de empreendimentos potencializa o trabalho coletivo, a produção e circulação de informações, a troca afetiva, a construção social do conhecimento que já ocorriam na Internet. Com efeito, o fato de a Web 2.0 ser uma evolução de características consideradas inerentes à Internet, que apenas esperavam o desenvolvimento de tecnologias adequadas e um aumento da penetração do acesso à rede mundial de computadores na população, leva muitos profissionais da área a desmerecer a expressão como mero golpe de marketing<sup>46</sup>. Em todo caso, a adoção do conceito denota que o trabalho cooperativo se tornou um fenômeno conhecido do público em geral.

---

<sup>46</sup> Ver por exemplo a enquete feita pelo webjornal especializado em tecnologia *The Register*, em que os leitores eram instados a dizer de que é feita a Web 2.0. Entre as respostas mais educadas figuravam definições como “A Web 2.0 é feita de... 600 milhões de opiniões desnecessárias em tempo real”, “... pessoas facilmente manejáveis”, “...marketing e auto-ilusão colaborativa”. Disponível em: [http://www.theregister.co.uk/2005/11/11/web\\_two\\_point\\_naught\\_answers](http://www.theregister.co.uk/2005/11/11/web_two_point_naught_answers). Acesso: 04/04/2006.

Esta cibercultura, que tem como sua principal característica a descentralização tanto dos suportes tecnológicos quanto dos esquemas sociais da comunicação, favorecendo a interatividade e a cooperação em rede, refletindo-se inclusive no modo de produção capitalista, certamente traz conseqüências também para o jornalismo, como veremos no capítulo seguinte.

## **2 DO JORNALISMO AO WEBJORNALISMO**

A premissa desta pesquisa é que o webjornalismo participativo pode ser considerado uma forma complementar de jornalismo. Este capítulo começa por delimitar o conceito de jornalismo adotado e apresentar algumas questões importantes no debate teórico da área. A seguir, os impactos do uso das redes telemáticas como suporte para o jornalismo serão discutidos. A partir desta base, mostrar-se-á como a arquitetura descentralizada da Internet e suas conseqüências levam a uma participação maior do público no jornalismo, configurando o webjornalismo participativo. Para encerrar, serão apontadas algumas maneiras pelas quais a participação do público na esfera midiática pode contribuir com o jornalismo.

### **2.1 O QUE É O JORNALISMO**

As definições da prática jornalística variam conforme a história acadêmica e profissional do pesquisador, suas preferências ideológicas e agendas políticas, enfim, dependem da visão de mundo. Variam de definições simples e amplas, típicas das primeiras tentativas de se delimitar o jornalismo – tome-se por exemplo a definição de BOND (1959, p.1): “todas as formas nas quais e pelas quais as notícias e seus comentários chegam ao público” – até aquelas derivadas de premissas ontológicas complexas, que caracterizam o jornalismo como uma forma de conhecimento específica (PARK, 1972; GENRO FILHO, 1989; MEDITSCH, 1997). O jornalismo pode ainda ser definido a partir da mídia, deontologia, função social, história ou como um discurso, com graus variáveis de

complexidade. Assim, é necessário estabelecer o conceito de jornalismo com o qual se vai trabalhar aqui.

Em primeiro lugar, rejeita-se a identidade entre notícia (*hard news*) e jornalismo, hábito tão arraigado entre pesquisadores a ponto de não ser percebido, sobretudo entre aqueles de origem anglo-saxônica. “...grande parte do trabalho acadêmico reflete apenas uma porção do que constitui o jornalismo e permite que seja tomada pelo todo”<sup>47</sup> (ZELIZER, 2004, p.6). A notícia é inegavelmente o principal produto jornalístico, do ponto de vista do interesse público, mas certamente não é o único produto jornalístico. No Brasil, em geral segue-se a proposta de MELO (2003), que divide o jornalismo em duas categorias, informativo e opinativo, desdobradas em doze gêneros diferentes. Jornalismo informativo compreende notas, notícias, reportagens, e entrevistas. O jornalismo opinativo inclui editoriais, comentários, artigos, resenhas, colunas, crônicas, caricaturas e cartas. Embora admita-se a existência de outros gêneros jornalísticos que não a notícia, o jornalismo informativo costuma ser considerado o produto jornalístico por excelência, acabando por muitas vezes ocupar o lugar do conceito de notícia na academia anglo-saxã como o todo do jornalismo.

O problema de se identificar a prática jornalística com o jornalismo informativo, especialmente com a notícia, é excluir milhares de profissionais formados na área, mas hoje trabalhando em publicações voltadas para os relatos de interesse humano, nos jornais populares, em programas de variedades no rádio e televisão, nas assessorias de imprensa. SCHUDSON (2003) o faz de forma bastante clara: “Jornalismo é a ocupação ou prática de produzir e disseminar informação sobre assuntos contemporâneos de interesse público e importância geral” (p.11), enquanto “notícia é o produto da atividade jornalística de publicação” (p.12). Se a notícia é o produto da atividade jornalística e o interesse público é atendido apenas por “notícias que toquem diretamente em questões políticas”<sup>48</sup> (p.15), então apenas o jornalismo informativo é jornalismo. O autor reconhece a existência de outros produtos saídos das redações, apenas considera que não são dignos de figurar em uma definição do jornalismo.

---

<sup>47</sup> “... much existing scholarly work reflects only a portion of that which constitutes journalism and allows it to stand in for the whole.” Tradução livre.

<sup>48</sup> “Journalism is the business or practice of producing and disseminating information about contemporary affairs of general public interest and importance”, “News is the product of the journalistic activity of publicizing” e “news that touches directly on political affairs”, respectivamente. Tradução livre.

O jornalismo também pode ser definido como aquilo que os jornalistas fazem. TRAQUINA (2005) considera o jornalismo uma prática que ruma para a profissionalização e justifica esta afirmativa com base no fato de os jornalistas formarem uma comunidade interpretativa transnacional. O argumento dá ênfase à cultura das redações como fator definidor do que seja ou não jornalismo: “Não podemos compreender por que as notícias são como são sem compreender a cultura profissional da comunidade jornalística” (p.26). E que cultura seria essa? O trecho a seguir explica:

Muitas vezes o trabalho jornalístico realiza-se em situações difíceis, marcadas por múltiplas incertezas. O trabalho jornalístico é condicionado pela pressão das horas de fechamento, pelas práticas levadas a cabo para responder às exigências da tirania do fator tempo, pelas hierarquias superiores da própria empresa, e, às vezes o(s) próprio(s) dono(s), pelos imperativos do jornalismo como um negócio, pela brutal competitividade, pelas ações de diversos agentes sociais que fazem a “promoção” dos seus acontecimentos para figurar nas primeiras páginas dos jornais ou na notícia de abertura dos telejornais da noite (p.25).

Uma visão um tanto heróica, ou mesmo trágica, que pinta o repórter em permanente luta contra forças superiores. Outros teóricos da atividade também descreveram a prática jornalística com termos quase míticos, especialmente quando a teoria não se encontrava ainda consolidada. Observe-se a descrição de DINES (1986, p.120):

...o jornalista é um permanente buscador. Jornalista conformado não é jornalista. O profissional de imprensa pessimista ou cínico prejulga, não acredita no que pode acontecer, pois já sabe o que vai acontecer. Quem não acredita na notícia não a persegue e não a encontra.

Ou seja, a notícia seria questão de fé, e os repórteres, seus profetas. A própria definição de jornalismo proposta pelo autor é vaga: “jornalismo é a busca de circunstâncias” e uma “técnica que se destina, antes de tudo, ao estudo e tratamento dos fatos, é dinâmica porque lida com material mutante” (p.25). Embora feitas nos anos 1980, as afirmações de DINES não estão tão distantes da descrição atual de TRAQUINA sobre o cotidiano jornalístico, visto que se pode remeter as “circunstâncias” e “material mutante” de que fala o primeiro aos condicionamentos da rotina de uma redação, de que fala o segundo. Ambos também tomam a notícia como sinônimo de jornalismo, o que traz o problema de excluir da profissão a maior parte dos alunos saídos dos bancos escolares com diploma de jornalistas. Além disso, que dizer dos revisores, operadores de impressoras, técnicos de áudio e vídeo, executivos das empresas de mídia? A produção industrial das notícias é sempre coletiva. Para que os repórteres, profissionais-modelo do jornalismo, possam “perseguir” a notícia, é preciso contar com uma estrutura institucional mantida por uma série de atividades menos glamourosas.



Por outro lado, definir jornalismo como tudo aquilo que é publicado em jornais, webjornais, rádio, ou televisão também não fornece um conceito operativo. Esta posição costumava ser adotada nos manuais escritos por profissionais, não por acadêmicos, nos anos 1950, antes da consolidação das teorias do jornalismo. BOND (1959, p.1), por exemplo, considera notícia praticamente tudo aquilo que está no jornal, seja entrevista, editorial, nota ou notícias em si, definindo jornalismo como “todas as formas nas quais e pelas quais as notícias e seus comentários chegam ao público”. Adiante, o autor enumera as funções da profissão:

O jornalismo tem quatro razões de ser fundamentais: informar, interpretar, orientar, entreter. Ele realiza outras funções importantes, como a circulação de anúncios e a difusão de um grande volume de informações e comentários que dificilmente podem ser enquadrados no conceito geral de notícia (p.5-6).

Conquanto tenha a vantagem de ser mais inclusiva em termos dos tipos de atividades consideradas jornalísticas, esta definição permite que se considere qualquer tipo de publicação de relatos sobre acontecimentos no mundo como jornalismo – até mesmo a publicidade é considerada jornalismo pelo autor.

As condições de produção e os suportes materiais certamente determinam a prática do jornalismo, mas não são suficientes para defini-lo, porque deixam de levar em conta sua dimensão imaterial:

“... a imprensa é o corpo material do jornalismo, o processo técnico do jornal – que tem sua contrapartida na tecnologia do rádio, da TV, etc. – e que resulta num produto final, que podem ser manchas de tinta num papel ou as ondas de radiodifusão. O jornalismo é a modalidade de informação que surge sistematicamente destes meios para suprir certas necessidades histórico-sociais que (...) expressam uma ambivalência entre a particularidade dos interesses burgueses e a universalidade do social em seu desenvolvimento histórico” (GENRO FILHO, 1989, p.175).

Esta modalidade específica de informação produz uma forma de conhecimento (PARK, 1972, GENRO, 1989, MEDITSCH, 1997) baseado na apreensão das singularidades que ocorrem na realidade objetiva. Este conhecimento é expresso em um discurso e feito circular na sociedade em suportes materiais. Ao ser comunicado, o conhecimento produzido pela realidade objetiva ao ser recortada como fato jornalístico reproduz essa mesma realidade para o público. Não a reproduz como um espelho ou uma fotografia, entretanto, porque os fenômenos são percebidos pelo jornalista conforme sua postura ideológica, julgamento ético, interpretação e opinião. Por outro lado, ao reproduzir essa realidade para o público na forma

de fatos noticiados, o jornalismo contribui para a recriação – ou reprodução – das necessidades histórico-sociais de que depende, em um ciclo recursivo.

E que tipo de conhecimento é esse? PARK (1972) situa o jornalismo a meio caminho entre o senso comum (“conhecimento de”) e o saber científico (“conhecimento acerca de”). O primeiro é baseado na experimentação direta dos fenômenos através dos sentidos, o segundo, na sistematização e ordenação dos fenômenos. O “conhecimento de” pode ser compartilhado apenas parcialmente pela linguagem, enquanto do “conhecimento acerca de” espera-se uma universalidade. O conhecimento concretizado em forma de notícias se situaria em algum ponto do continuum entre o senso comum e a ciência, diferenciando-se do conhecimento histórico por se preocupar com o insólito e o inesperado no momento presente, não no passado. Seria um tipo de senso-comum transformado por técnicas narrativas em um “conhecimento de” comunicável a toda uma sociedade: “...a notícia realiza, de certo modo, para o público, as mesmas funções que realiza para o indivíduo; isto é, não somente o informa como principalmente o orienta, inteirando cada um e todos do que está acontecendo” (p.176). Neste ponto de vista, a função do jornalismo é preservar a permanência da sociedade, isto é, atender ao interesse público.

Seguindo esta proposta, MEDITSCH (1997<sup>49</sup>) vê no jornalismo uma forma de conhecimento posicionada entre a ciência e o senso comum. Tenderia, porém, para este último, visto que sua direção é a de universalizar, não a de especializar. Enquanto forma de conhecimento, o jornalismo sofre duas críticas por parte dos homens de ciência: falta de rigor analítico e incapacidade de revelar o novo. Isto se deve ao fato de não gerar novas leis universais através da análise sistemática de fenômenos, mas revelar singularidades a partir do senso comum, destacar os aspectos de determinado acontecimento que o contrariam:

É o fato de operar no campo lógico da realidade dominante que assegura ao modo de conhecimento do Jornalismo tanto a sua fragilidade quanto a sua força enquanto argumentação. É frágil, enquanto método analítico e demonstrativo, uma vez que não pode se descolar de noções pré-teóricas para representar a realidade. É forte na medida em que essas mesmas noções pré-teóricas orientam o princípio de realidade de seu público, nele incluídos cientistas e filósofos quando retornam à vida cotidiana vindos de seus campos finitos de significação.

Em outras palavras, nas sociedades contemporâneas, o jornalismo, embora não seja nem senso comum, nem ciência, dirige a percepção da realidade em que estes dois tipos de conhecimentos se baseiam. Quando não estão pesquisando, os cientistas entram em contato

---

<sup>49</sup> Documento eletrônico sem paginação.

com a sociedade através das notícias, que fornecem subsídios para definir as questões cujas respostas serão buscadas através do método científico. Por outro lado, a sociedade toma conhecimento das respostas da ciência através das notícias, reconfigurando-se a partir delas e criando novas perguntas. O jornalismo é, portanto, um mediador entre o senso-comum e a razão, assim como a história, a arte e outras formas de conhecimento.

Esta mediação se dá através de um discurso “dialógico; polifônico; opaco; ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos; elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares; com um contrato de leitura específico, amparado na credibilidade de jornalistas e fontes” (BENETTI, 2006<sup>50</sup>). Discurso que tem ainda a especificidade de ser orientado pela singularidade dos fatos. GENRO FILHO (1989) chama o conhecimento do jornalismo de “singular”, enquanto o “conhecimento de” seria o “particular” e o “acerca de”, o “universal”. Esta singularidade identificada pelos repórteres nos fenômenos objetivos seria o princípio condicionador da narrativa jornalística, identificada com a notícia, porém não restrita a ela.

### 2.1.1 O que é notícia

Assim como o jornalismo, a notícia também tem definições concorrentes, oscilando entre as mais amplas e as mais restritas e variantes conforme a origem acadêmica ou profissional e preferências teóricas e políticas.

Do ponto de vista profissional, BOND (1959) define notícia como a narração de um acontecimento, selecionado conforme os critérios de oportunidade, proximidade, tamanho e importância. A possibilidade de despertar interesse no público é essencial: “Notícia é uma reportagem oportuna sobre coisa de **interesse** para a humanidade e a melhor notícia é a que **interessa** ao maior número de leitores” (p.68). Essa definição não faz diferença entre a notícia e outros gêneros jornalísticos informativos. Entretanto, encaminha um debate sobre as condições de seleção dos fatos que serão narrados em detrimento de outros.

A perspectiva do newsmaking parte desse reconhecimento da existência de condições de seleção de fatos a ser narrados para definir o produto do jornalismo. A ênfase recai sobre os critérios (historicamente variáveis) que transformam um evento em notícia, chamados valores-notícia. “A partir dessa perspectiva, ‘faz notícia’ o que – tornado pertinente pela cultura profissional dos jornalistas – é suscetível de ser ‘trabalhado’ pelo aparato sem muitas alterações e subversões do ciclo de produção normal” WOLF (2003, p.196). Em outras

---

<sup>50</sup> Documento eletrônico sem paginação.

palavras, os valores-notícia são critérios construídos pela própria atividade jornalística ao longo do tempo.

Em uma análise de conteúdo sobre matérias relativas à AIDS em jornais dos Estados Unidos, Brasil, Portugal e Espanha, TRAQUINA (2005b) concluiu que os valores-notícia são compartilhados por jornalistas de diferentes regiões e culturas, o que o levou a propor que estes profissionais formam uma comunidade interpretativa transnacional. “Os valores-notícia são um elemento básico da cultura jornalística que os membros desta comunidade interpretativa partilham. Servem de ‘óculos’ para ver o mundo e para o construir” (p.94). A partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema, o autor propõe uma lista própria de valores-notícia, divididos entre aqueles relativos à seleção e aqueles relativos à construção da notícia. Os primeiros referem-se critérios usados pelos jornalistas no momento de selecionar um determinado fato para transformá-lo em notícia, deixando outros de lado. Este divide-se em duas subcategorias: critérios substantivos, que dizem respeito ao acontecimento em si, e contextuais, que se relacionam às condições de produção da notícia. O segundo gênero de valores-notícia são os relativos à construção narrativa de um fato como notícia.

Os valores-notícia de seleção incluem, entre seus critérios substantivos, os seguintes aspectos: a **morte**; a **notoriedade** das pessoas e instituições envolvidas em um acontecimento; a **proximidade** geográfica e cultural; a **relevância** para o cotidiano do público e os rumos da região ou país; a **novidade**, referente tanto a fatos inéditos como a novos elementos de um assunto que vem sendo acompanhado pela redação; o **tempo**, tanto no sentido de atualidade, daquilo que aconteceu hoje, agora, quanto no de efeméride, como os centenários de nascimento ou morte de celebridades; **notabilidade**, isto é, a presença de manifestações concretas, visíveis de um acontecimento, pois abstrações como as relações de trabalho ou mudanças climáticas são difíceis de se noticiar sem que redundem em protestos de trabalhadores ou tragédias como enchentes e secas, por exemplo; o **inesperado**, aqueles acontecimentos que são contrários às expectativas, como a vitória de um azarão ou ataques terroristas; o **conflito** ou controvérsia, que podem ser expressos em violência simbólica, como ofensas entre políticos, ou mesmo física, como brigas e guerras; a **infração** a regras sociais e legais, como crimes e gafes; o **escândalo**, em geral político, que é uma infração cometida por funcionários de alto escalão no setor público ou privado.

Os valores-notícia contextuais de seleção são: **disponibilidade**, ou seja, a facilidade e conveniência da cobertura de um acontecimento; **equilíbrio**, no sentido de não permitir que um mesmo assunto ocupe espaço demais no noticiário, ou seja noticiado muito

freqüentemente; a **visualidade**, como cenas passíveis de ser filmadas para a televisão ou fotografias e gráficos que mereçam destaque no caso dos impressos; a **concorrência** com outras empresas jornalísticas, que leva os jornalistas a publicar um assunto se pensarem que seus colegas farão o mesmo – ou, melhor ainda, se acharem que seus colegas não sabem do acontecimento, o que configura um produto noticioso exclusivo ou “furo” jornalístico –; o **dia noticioso**, isto é, a presença ou ausência de outros fatos mais importantes para publicar naquele ciclo do noticiário.

Finalmente, os valores-notícia de construção incluem: a **simplificação**, que favorece os acontecimentos desprovidos de ambigüidade e complexidade, passíveis de ser expostos de forma sucinta e facilmente compreensíveis; a **amplificação**, ou a possibilidade de criar hipérbolos para atrair a atenção do leitor, em manchetes como “o mundo chora a morte do Papa João Paulo II” ou “projeto nuclear iraniano pode causar terceira guerra mundial”; a **relevância**, ou capacidade de a notícia dar sentido a um acontecimento, torná-lo importante para o público; a **personalização**, ou seja, a existência de personagens para ilustrar o acontecimento, acentuar o “lado humano” dos fatos; a **dramatização**, ou a possibilidade de construir a narrativa como um conflito entre dois ou mais lados; e a **consonância**, ou seja, a relação entre um acontecimento e o contexto tanto dos jornalistas quanto do público.

Cabe ressaltar que a filtragem dos acontecimentos conforme os valores-notícia não é um ato necessariamente consciente.

O rigor dos valores/notícia não é, portanto, o de uma classificação abstrata, teoricamente coerente e articulada: trata-se, preferencialmente, da lógica de uma tipificação, destinada à realização programada de objetivos práticos e, em primeiro lugar, a tornar possível a repetitividade de certos fenômenos (WOLF, 2003, p.204).

Estes critérios de noticiabilidade, mais do que fornecer um roteiro pelo qual os jornalistas podem se decidir pela publicação ou rejeição de uma notícia, expressam-se como um tipo de intuição sobre a importância de um acontecimento, como um “senso” do que é a notícia. Nasce daí o mito do repórter como um sujeito com “faro” para notícias e a notória dificuldade dos profissionais em explicar suas decisões editoriais, quando inquiridos.

Além da perspectiva do newsmaking, que define a notícia de acordo como produto de uma organização, sujeito portanto às condições de produção, há também a perspectiva que define a notícia a partir de sua estrutura narrativa. LAGE (1982, p.36; 1993, p.60; 2005, p.73), por exemplo, conceitua a notícia como o relato de um fato ou uma série de fatos a partir de seu aspecto mais relevante e diferencia a notícia de outros gêneros jornalísticos, como

reportagem e entrevista. Notícia é apenas o texto que segue a estrutura da pirâmide invertida, começando com um lead que responde às questões “quem / o que (*sic*), fez o que (*sic*), quando, onde, como, por que (*sic*) / para que (*sic*)” (2005, p.75), seguido pelos outros fatos relacionados ao acontecimento, do mais importante até o menos importante. Embora considere a notícia o gênero básico do jornalismo, não exclui os outros gêneros.

Prefere-se aqui a definição de GENRO FILHO (1989, p.191), que reúne os aspectos narrativos e epistemológicos da notícia e propõe uma reversão da noção de pirâmide invertida:

*Do ponto de vista meramente descritivo, o lead, enquanto apreensão sintética da singularidade ou núcleo singular da informação, encarna realmente o momento jornalístico mais importante. Não obstante, sob o ângulo epistemológico – que é o fundamental – a pirâmide invertida deve ser revertida, quer dizer, recolocada com os pés na terra. Nesse sentido, a notícia caminha não do mais importante para o menos importante (ou vice-versa), mas do singular para o particular, do cume para a base.*

Esta reversão permite resolver a separação entre notícia e outros gêneros, na medida em que o formato de texto em que um lead é seguido pelas informações em ordem decrescente de importância pode ser abandonado como modelo do que seria o jornalismo. Um texto jornalístico passa a ser aquele que toma a singularidade de um fato como ponto de partida para explicar um aspecto do mundo, não importando seu formato e organização. Por outro lado, a proposta tem a qualidade de separar os gêneros jornalísticos de outros gêneros de texto informativo, científico ou artístico, ao exigir que se parta da construção de um fato a partir de sua singularidade, e não particularidade ou universalidade.

Além disso, a presença de condicionantes organizacionais e sociais está implícita na própria noção do jornalismo como uma forma de conhecimento, que subjaz a essa proposta. “O jornalismo tem uma maneira própria de perceber e produzir ‘seus fatos’. Sabemos que os fatos não existem previamente como tais” (GENRO FILHO, p.186). Os fatos são recortados da realidade objetiva conforme determinações subjetivas do jornalista, derivadas do contexto cultural, social e organizacional em que atua. Ver a notícia como um texto que vai do singular ao particular e, se possível, ao universal, permite conjugar as perspectivas acadêmicas baseadas na epistemologia, deontologia, discurso e sociologia.

## 2.2 JORNALISMO NAS REDES DE COMPUTADORES

O jornalismo é visto aqui como um tipo de conhecimento que depende de suportes materiais para ser comunicado. Embora sua existência não dependa da tecnologia, sua produção certamente é condicionada pelos processos e equipamentos à disposição. Assim, é de se esperar que novos suportes causem modificações no jornalismo e nos textos jornalísticos. De fato, muitos profissionais e acadêmicos saudaram de forma mais ou menos ufanista o suporte das redes de computadores como uma “libertação” para os jornalistas e para o público, uma panacéia para os problemas dos noticiários. Mais de dez anos depois do início da vulgarização do acesso à Internet, poucas dessas previsões se concretizaram (PAUL, 2005<sup>51</sup>).

Entre as possibilidades imaginadas então, estavam o espaço ilimitado, que permitiria publicar todas as notícias deixadas de lado em meios onde este era escasso; ampliação do conteúdo, fornecendo aos leitores todo tipo de material que pudesse aprofundar as notícias; novas formas narrativas baseadas em hipertexto e o abandono da pirâmide invertida; maior interação entre o repórter e o leitor; maior transparência das redações, oferecendo aos leitores detalhes de como as coberturas foram feitas, o que foi deixado de fora etc.; integração entre texto e imagem. A realidade é que os leitores mostraram não ter tempo ou interesse em receber ainda mais informações a respeito das notícias; as empresas tendem a privilegiar as mídias tradicionais em detrimento da Web, muitas vezes atrasando a publicação *online* em favor do jornal impresso, ou apenas reproduzindo na Web o conteúdo gerado para outros setores; as empresas tendem a evitar a publicação de links externos a seus produtos, para não desviar o tráfego de internautas para a concorrência e com isso perder verbas publicitárias; muitos repórteres ainda resistem a fornecer dados para contato, e quando o fazem muitas vezes não respondem aos leitores. As promessas que mais se concretizaram foram aquelas relacionadas à multimídia e à contextualização das notícias através de arquivos digitais.

Outro tipo de promessa era a pluralização das fontes de notícias, na medida em que ocorreria uma internacionalização dos noticiários. Repórteres do Brasil poderiam acessar webjornais da Malásia ou Burkina Fasso e ali encontrar material para um jornalismo menos dependente de agências de notícias e correspondentes. Poderiam também buscar fontes em locais onde não houvesse um representante da redação, ao passo em que a tecnologia facilitaria o trabalho de repórteres free-lance. Esperava-se que os webjornais se

---

<sup>51</sup> Documento eletrônico sem paginação.

diferenciassem entre si e atendessem a públicos diversos. Porém, parece ter ocorrido uma homogeneização ainda maior dos noticiários na Web. Em um estudo comparativo envolvendo oito webjornais da Alemanha, França, Reino Unido e Rússia, QUANDT (2006, p.14) encontrou poucos motivos para otimismo:

A revolução não aconteceu. (...) O que une os websites pela Europa é uma estrutura formal semelhante, a ausência de conteúdo multimídia, a falta de opções para interação direta com os jornalistas, um repertório bastante padronizado de tipos de artigos, falhas na atribuição de fontes e autores, uma tendência geral à cobertura de eventos políticos nacionais e um escopo limitado das notícias. (...) Não encontramos nem um jornalismo internacional (nem mesmo um Europeu), nem testemunhamos um “jornalismo totalmente novo”.<sup>52</sup>

Um dos motivos pelos quais não houve uma renovação mais profunda das práticas jornalísticas, ou a solução de defeitos das antigas práticas, nem a concretização das previsões feitas no início da colonização da rede, é que o jornalismo, sendo uma forma de conhecimento, pode sofrer variações conforme sua concretização material, mas a curto prazo não muda suas práticas fundamentais. Além disso, o jornalismo é hoje uma indústria, e modelos de produção evoluem mais devagar do que a tecnologia. Em dez anos as tecnologias de comunicação podem ter se desenvolvido muito, mas as empresas levam tempo para se reorganizar, sobretudo aquelas cujo negócio principal eram os mídia tradicionais. Terceiro, a geração que se alfabetizou já acessando a Internet ainda não chegou às universidades e levará alguns anos ainda para chegar às redações.

Em todo caso, não houve uma ruptura completa entre o jornalismo feito nos meios de comunicação anteriores e neste novo meio, mas uma potencialização de alguns aspectos.

Entendido o movimento de constituição de novos formatos mediáticos não como um processo evolucionário linear de superação de suportes anteriores por suportes novos, mas como uma articulação complexa e dinâmica de diversos formatos jornalísticos, em diversos suportes, “em convivência” e complementação no espaço mediático, as características do Jornalismo na web aparecem, majoritariamente, como Continuidades e Potencializações e não, necessariamente, como Rupturas em relação ao jornalismo praticado em suportes anteriores (PALÁCIOS, 2003, p.12).

O hipertexto, por exemplo, uma das grandes promessas do jornalismo online, foi pensado antes mesmo da existência das redes de computadores por Ted Nelson e Vannevar Bush (PRIMO, 2002), e ainda antes foi sugerido pelas notas de rodapé e referências em livros.

---

<sup>52</sup> “The revolution did not happened. (...) What unifies the web sites around Europe is a similar formal structure, the lack of multi media content, the missing options of direct interaction with the journalists, a fairly standardized repertoire of article types, missing source/author attributions, a general trend towards the coverage of national political events, and the limited scope of the news (...) Neither did we find a World Wide journalism (not even an European one), nor did we witness a ‘whole new journalism’.” Tradução livre.



A convergência entre texto e imagem já existia em certa medida nas revistas e jornais, enquanto na televisão conviviam o áudio, o vídeo e o texto. Para PALÁCIOS (2003), a característica mais potencializada no webjornalismo é a **memória**, ou seja, a capacidade de armazenamento e recuperação de materiais jornalísticos, que tende a ser cada vez mais disponível a custo cada vez menor. O autor acredita que, se houve uma ruptura, foi neste ponto, porque pela primeira vez o jornalismo tem uma forma de memória múltipla, instantânea e cumulativa.

No meio impresso, por exemplo, o leitor deveria guardar exemplares antigos em casa, caso quisesse consultar determinadas notícias posteriormente, destinando para isso um grande espaço e esforço na recuperação. As redações, por outro lado, precisavam destinar um setor inteiro para o arquivo e contratar pessoal para microfilmar as edições do jornal e recuperar os microfilmes específicos quando os repórteres necessitassem. Com o desenvolvimento de computadores mais potentes e sua interconexão em rede, estas tarefas puderam ser automatizadas e ter seu custo diminuído. A ruptura é ainda mais evidente no caso da televisão e do rádio, em que o público contava com ainda menos possibilidades de armazenar o conteúdo veiculado. De fato, a única maneira era gravar programas em fitas cassete, e para isso era preciso estar em casa ou deixar os aparelhos ligados permanentemente. Além disso, se algo interessante irrompesse sem que o espectador estivesse preparado, como uma transmissão ao vivo, era perdido. Nos dois casos, acessar os arquivos das empresas demandava do público o pagamento de taxas e muitas vezes arcar com os custos de deslocamento. Hoje, as próprias emissoras estão colocando os arquivos à disposição na Web, e quando não o fazem o próprio público se encarrega disso em serviços de hospedagem gratuita de vídeos. A recuperação destes conteúdos se torna, portanto, muito mais simples e rápida. A possibilidade de apresentar os fatos do dia junto às notícias anteriores sobre determinado assunto, por meio de links para as matérias arquivadas, também é algo inédito no jornalismo.

Outra característica extremamente potencializada foi a **interatividade**<sup>53</sup>. Acredita-se aqui que também neste ponto há uma ruptura entre o webjornalismo e o jornalismo em meios tradicionais. Como foi apresentado no capítulo anterior, a arquitetura descentralizada da Internet favorece a interação como nenhum outro meio até o momento. É certo que os leitores

---

<sup>53</sup> Em que pese o termo “interação” ser o preferido neste trabalho, optou-se por manter a preferência do autor citado.

de jornais e revistas podiam mandar cartas à redação, dar telefonemas para as rádios e enviar decisões judiciais às emissoras de televisão para obter a veiculação de suas opiniões e críticas ao noticiário, mas o controle sobre a publicação ou não dessas respostas estava nas mãos dos jornalistas. Na Internet, embora alguns webjornais ofereçam fóruns eletrônicos e espaços para comentários dos leitores sem censura prévia, o controle em última instância sobre o que os leitores publicam continua com os jornalistas. Afinal, pode-se apagar comentários e mensagens em fóruns.

No entanto, os leitores agora podem usar o mesmo meio em que os webjornais são publicados para contestar o trabalho dos jornalistas. Os serviços de hospedagem grátis e ferramentas para blogs tornam os custos de produzir um website infinitamente mais baixos do que os de publicar mesmo um jornal artesanal, com a possibilidade de atingir a muito mais pessoas. Por outro lado, não é necessário ter uma concessão governamental, como ocorre com o rádio e a televisão. Caso o site tenha sucesso em reunir um público razoável, pode forçar a mídia a lhe dar atenção, como ocorreu com o *Centro de Mídia Independente* durante os protestos de Seattle, ou com o movimento zapatista no México. Em uma escala macro, muitas vezes há discussões que ultrapassam as fronteiras de um único site, com respostas e réplicas ligadas por links, troca de mensagens entre sites que pode ser considerada como uma conversação (PRIMO; SMANIOTTO, 2005) e implica em interação mútua. Além disso, a própria navegação pelo hipertexto construído pelo noticiário de determinado webjornal implica em interação, ainda que seja uma interação do tipo reativa, pois os caminhos possíveis são definidos pela redação.

Outras características do webjornalismo, conforme PALÁCIOS (2003) são a **multimedialidade/convergência** de mídia tradicionais (imagem, som, texto) em uma mesma peça jornalística, através do processo de digitalização da informação; a **hipertextualidade**, expressa na interconexão de diversos textos e outros tipos de materiais jornalísticos a uma peça jornalística específica; **customização/personalização**, que consiste na configuração dos produtos jornalísticos conforme os interesses e preferências individuais do leitor, como por exemplo a assinatura de *feeds* RSS ou os webjornais que permitem escolher a aparência da primeira página para quando o leitor a ela retornar; e **instantaneidade/atualização contínua**, que combina a rapidez de acesso por parte do leitor à facilidade de produção e publicação permitidas pelas redes de computadores para aumentar a agilidade dos processos jornalísticos e possibilitar o acompanhamento contínuo da cobertura de um determinado fato, à medida que as matérias são atualizadas.

A potencialização da interação como uma das características mais salientes do webjornalismo é reconhecida na definição de MACHADO (2003, p.22), derivada do conceito de jornalismo adotado também nesta pesquisa:

O jornalismo digital inclui todo produto discursivo que re-produz a realidade pela singularidade dos fatos, tem como suporte de circulação as redes telemáticas ou qualquer outro tipo de tecnologia que transmita sinais numéricos e que incorpore a interação com os usuários no processo produtivo.

Trata-se, por certo, de uma definição em termos ideais, visto que a incorporação da interação com os usuários ainda é incipiente, como mostram os trabalhos de QUANDT e PAUL citados acima. Ainda assim, tem-se visto um esforço de alguns webjornais em aumentar as possibilidades de interação para além dos fóruns e enquetes. A revista *Wired* recentemente publicou uma reportagem sobre sistemas wiki que foi deixada aberta à intervenção dos leitores, cujo resultado final foi considerado pelo repórter “mais preciso e representativo de como os wikis funcionam” do que seu primeiro texto<sup>54</sup>. A versão digital do *New York Times* oferece espaços para comentários de leitores, nas matérias de maior importância, fóruns em que os repórteres efetivamente tomam parte, respondendo a perguntas e esclarecendo pontos obscuros e questões sobre a política do jornal<sup>55</sup>. Ambas são publicações de referência que apenas começam a experimentar com um aprofundamento da interação com os leitores. Se por um lado é decepcionante verificar que o jornalismo pouco mudou nas redes telemáticas, casos como esses dão margem a um certo otimismo quanto à próxima década de webjornalismo.

MIELNICZUK (2003), após fazer um apanhado das classificações mais correntes para o jornalismo praticado no ciberespaço, sugere o termo webjornalismo para designar aquelas publicações veiculadas na World Wide Web. A expressão é mais específica do que jornalismo online, aquele desempenhado usando-se tecnologias de transmissão de dados em rede e em tempo real; e do que ciberjornalismo, que se utiliza de tecnologias relativas ao ciberespaço como um todo. Nessa proposta, jornalismo digital é aquele que emprega qualquer tecnologia baseada no código binário. Jornalismo eletrônico é ainda mais amplo, designando o uso de equipamentos eletrônicos na apuração e publicação, o que se aplicaria a qualquer emissora de rádio ou televisão, bem como à grande maioria das revistas e jornais. Neste trabalho,

---

<sup>54</sup> SINGEL, Ryan. **The wiki that edited me**. *Wired*, 07/09/2006. Disponível em: <http://www.wired.com/news/technology/0,71737-0.html>. Acesso: 05/02/2007.

<sup>55</sup> CALAME, Byron. **Voices of readers online, windows on the newsroom**. *New York Times Online*, 17/12/2006. Disponível em: <http://topics.nytimes.com/top/opinion/thepubliceditor/index.html>. Acesso: 05/02/2007.

decidiu-se adotar o termo **webjornalismo** para designar toda a atividade jornalística que tem como objetivo a publicação de textos na Web, ainda que muitas vezes a apuração, produção e edição das notícias sejam feitas utilizando-se recursos como o correio eletrônico ou *instant messengers* – ferramentas que não têm na World Wide Web seu suporte, mas sim na Internet. Porém, as matérias publicadas em jornais impressos apuradas via telefone não são chamadas de “telefonejornalismo”, nem aquelas denúncias feitas por meio de câmeras e gravadores escondidos chamadas de “jornalismo deceptivo”. De maneira geral, usa-se somente jornalismo impresso, telejornalismo ou radiojornalismo, dependendo do meio em que são veiculadas as matérias. Notícias e outros conteúdos jornalísticos publicados na Web, portanto, são webjornalismo, não importa como tenham sido apurados. O termo admite categorizações, como, hipoteticamente, webjornalismo opinativo, webjornalismo científico ou, caso desta pesquisa, webjornalismo participativo.

Do ponto de vista da técnica, ou seja, do meio, SILVA Jr. (2001) faz uma sistematização da diferenciação entre o webjornalismo e o jornalismo em meios tradicionais, dividida em três etapas: webjornalisms transpositivo, perceptivo e hipermidiático. A primeira etapa, nos primórdios da Web, é aquela em que as publicações transpõem a formatação e a organização do jornal impresso para o ciberespaço. Alguns webjornais, como *O Estado de São Paulo* em seu primeiro site, ou o *Correio do Povo* até 2005, simplesmente ofereciam arquivos em PDF reproduzindo a versão impressa. Este último até hoje limita-se a republicar o material da edição diária na Web, embora use no momento documentos em codificação HTML. Os recursos hipertextuais limitam-se a elementos de navegação ou de contato com a redação.

Na etapa perceptiva, o webjornal continua reaproveitando o conteúdo do jornal impresso, mas existe a agregação de alguns recursos hipermidiáticos, como listas de últimas notícias, listas de matérias relacionadas, fóruns, animações, vídeos, personalização do conteúdo e produção de algum material de apoio exclusivo para a Web. Apesar de a versão em papel seguir como metáfora, há a percepção das especificidades do meio por parte dos veículos.

A terceira etapa é aquela em que as publicações digitais passam a incorporar a hipermídia à produção do texto, aprofundando a hipertextualidade e a multimodalidade permitidas pela convergência das mídias no código binário. Nesta etapa, denominada hipermidiática, o conteúdo passa a ser pensado para a distribuição em outras plataformas, como telefones celulares e *handhelds*. Ao mesmo tempo, a notícia ganha caráter hipertextual

para além do material de apoio e menus de navegação. No webjornal britânico *The Guardian*, por exemplo, frequentemente se aponta para as fontes primárias das matérias no próprio corpo do texto, convidando o leitor a navegar em outras páginas, aprofundando o conhecimento dos assuntos que lhe parecem pertinentes, e ao mesmo tempo liberando o repórter de estender-se no resumo de suas informações.

Essas mudanças sofridas pelo jornalismo nas redes telemáticas geram tensões ao criar práticas que se distanciam daquelas do jornalismo tradicional. Pesquisadores e profissionais preocupam-se com a diminuição na qualidade do jornalismo sob a exigência de velocidade e atualização contínua das matérias e com a possível perda das funções profissionais e de mediação dos jornalistas.

Os jornalistas da mídia tradicional (mídia impressa e audiovisual) evoluem dentro de um espaço profissional fortemente regulamentado. Entretanto, quando praticam o webjornalismo, são eles mesmos que transgridem estas normas. Centenas de jornalistas online trabalham sem parâmetros legais rompendo diariamente com o código convencional do jornalismo tradicional. Textos, imagens, sons, programas e bancos de dados podem ser lidos, copiados, recopiados e enviados livremente no ciberespaço. Todos estes novos suportes modificam a maneira de tratar a informação (ADGHIRNI, 2001, p.2).

Os motivos para esse relaxamento dos parâmetros éticos na Web seriam a valorização excessiva da velocidade de publicação (“tempo real”) e o trabalho permanente, devido ao fim da noção de fechamento de edição num ambiente que permite a atualização contínua das notícias; a contratação de “produtores de conteúdo” sem formação universitária em jornalismo para o papel de redatores nos webjornais, em conjunto com a pressão pela desregulamentação do estatuto profissional; e a promiscuidade entre assessores de imprensa e repórteres.

Como indica pesquisa feita por MACHADO e SOSTER (2003) no portal *UOL* durante as eleições presidenciais de 2002, no webjornalismo o erro é uma constante maior do que o acerto, mesmo quando o webjornal está lastreado por uma corporação midiática com abundância de recursos e tradição. Uma análise de conteúdo buscou erros durante cinco dias, totalizando cerca de 700 notícias. Os pesquisadores constataram que a maior parte das notícias eram publicadas com problemas. Em uma única manhã, 39 entre 43 matérias publicadas continham algum tipo de erro. Os resultados levaram à conclusão de que “a relação entre a velocidade e a precisão – entendida aqui no sentido da exatidão, da correção e do rigor na apuração e na correspondência aos fatos – é inversamente proporcional quando o assunto é jornalismo” (p.2). Trata-se de uma constatação paradoxal que o fim da necessidade de fechar as edições em determinados horários tenha produzido uma valorização da

velocidade, quando poderia gerar mais tempo para reflexão sobre os fatos e melhor tratamento das matérias.

Certos autores preocupam-se com um hipotético desaparecimento do jornalista profissional como mediador da comunicação no ciberespaço. MORETZSOHN (2003, p.6), por exemplo, vê uma ameaça na visão da Internet como um ambiente em que todos podem acessar a informação disponível diretamente nas fontes primárias:

...a facilidade proporcionada pelas novas tecnologias torna cada vez mais comum o discurso de que o trabalho do jornalista é dispensável, ou no mínimo equivalente ao de qualquer outra pessoa que deseje “comunicar”. E aqui ocorre provavelmente uma confusão entre o estímulo a projetos voltados para a participação comunitária – tão freqüentemente apropriados pelas grandes empresas na famosa fórmula do “resgate da auto-estima” dos “excluídos”, que desvirtua e dilui o sentido político da cidadania – e os requisitos necessários à tarefa de informar.

Embora a autora não acredite que o jornalista vá perder seu papel de mediador, identifica nesse tipo de discurso um fator de fragilização do estatuto profissional, já muito abalado pelas rotinas produtivas e a busca do lucro em detrimento do serviço público nas empresas de mídia. Assim, os projetos de interação mais profunda com o público imaginados desde o início do webjornalismo seriam na verdade contraproducentes para a democracia, na medida em que dificultariam o aprimoramento do jornalismo como um todo. Esse argumento é válido apenas se se considerar que os projetos de jornalismo participativo na Web tenham por objetivo substituir completamente o jornalismo feito por profissionais, o que não é o caso. Na maioria das vezes, o que chamamos neste trabalho de webjornais participativos buscam preencher lacunas na cobertura da imprensa, que deixa alguns assuntos, localidades e grupos sociais de lado por considerar que não têm potencial de atrair audiência e, por consequência, retorno financeiro através da publicidade.

O weblog *H2otown* é produzido por uma dona de casa norte-americana de Watertown, subúrbio de Boston. Insatisfeita com o jornal local semanal e a cobertura superficial do *Boston Globe*, maior veículo de sua área, decidiu publicar notícias sobre eventos, acontecimentos e política da comunidade por si mesma. “... na maior parte das cidades e vilarejos que por acaso estejam a mais de 500 pés de um grande mercado de comunicação, a gente local sofre mais de anorexia midiática do que de sobrecarga de informação. É difícil

encontrar boa informação sobre onde você vive”<sup>56</sup> (WILLIAMS, 2005<sup>57</sup>). Reunindo dados do sistema de televisão a cabo comunitária, informativos de organizações civis, outros blogs e jornais das redondezas, bem como “indo para a rua” participar de eventos, entrevistar pessoas e receber “dicas” de “fontes” como o presidente do conselho do vilarejo e outros concidadãos, a autora consegue suprir o vácuo deixado pela grande mídia, para a qual noticiar eventos “menores” na periferia é anti-econômico. O *H2OTown* é um exemplo de como o webjornalismo participativo pode contribuir para corrigir os problemas de diversas ordens que fazem com que o jornalismo não consiga concretizar todos os seus ideais.

### 2.3 O QUE O JORNALISMO DEVERIA SER

Prestar serviço ao público é o objetivo do jornalismo. Ao admitir-se que o jornalismo é uma forma de conhecimento que reproduz a realidade a partir de suas singularidades, e que essa reprodução é tomada pela sociedade como uma maneira de perceber o mundo além do alcance da experiência sensorial dos indivíduos, é preciso admitir também que este papel é importante demais para ser subordinado meramente ao julgamento de poucos escolhidos, ou, ainda pior, subordinado à busca do lucro apenas.

A questão do conhecimento que o jornalismo produz e reproduz e de seus efeitos pode ser demasiado estratégica para a vida de uma sociedade para ser controlada exclusivamente pelos jornalistas como grupo profissional ou pelas organizações onde trabalham (MEDITSCH, 1997<sup>58</sup>).

O aviso do autor se torna ainda mais eloquente quando se atenta para o fato de que, a despeito de todos os preceitos teóricos, manuais de redação e códigos de ética produzidos, o jornalismo raramente atinge os ideais que os próprios jornalistas se propõem – o que não é dizer que os repórteres não façam um bom trabalho na maior parte das vezes. O problema são os diversos condicionantes sociais, organizacionais e cognitivos que entram em jogo na produção de notícias, que se interpõem entre os ideais profissionais e a prática.

---

<sup>56</sup> “.in most cities and towns that happen to be more than 500 feet outside a major media market, the local people suffer more from media anorexia than information overload. It’s hard to find good information about the place where you live.” Tradução livre.

<sup>57</sup> Documento eletrônico sem paginação.

<sup>58</sup> Documento eletrônico sem paginação.

Os próprios profissionais reclamam do jornalismo como se encontra hoje. Paulo José Cunha, por exemplo, critica a “mesmice” dos jornais brasileiros (RAMOS, 2007<sup>59</sup>), afirmando que “do ponto de vista do conteúdo, raramente os jornais brasileiros conseguem sair com matérias próprias, exclusivas, e que se diferenciem da concorrência”. As manchetes e mesmo as notícias de páginas internas são em geral as mesmas, com poucas diferenças no tratamento, em geral apenas uma foto de melhor qualidade ou um gráfico mais esclarecedor. Cunha acusa a obsessão em evitar “furos” como um dos principais fatores responsáveis por essa situação, além dos enxugamentos nas redações e a carga de trabalho excessiva sobre os repórteres.

Já SILVA (2000) faz uma coletânea de casos de equívocos, má-fé, preguiça intelectual, superficialidade e manipulação de padrões no jornalismo brasileiro. Destaca que, além das trocas de favores entre empresários, governo e proprietários das empresas de mídia, o mais grave é o consentimento dos próprios jornalistas, que ou participam eles mesmos do tráfico de influência, ou não colaboram para tirar este poder da mídia ao manter os mitos sobre a profissão. Conclui que os jornais, em articulação com a mídia, acabam criando um mundo paralelo que tomam pelo todo da sociedade. “É até mais fácil ver o Brasil real nas telenovelas do que nos telejornais. Estes ficionam o país de acordo com os interesses das elites. Aquelas, num carnaval de imagens contraditórias, acabam por mostrar tudo” (p.23). Embora exagere nas cores ao pintar as mazelas do jornalismo, o autor aponta acertadamente a ideologia profissional e o modelo industrial do jornalismo como fontes de problemas.

De fato, GANS (2003, p.49) identifica no caráter industrial do jornalismo contemporâneo sua maior fonte de defeitos:

Os problemas se originam em grande parte da própria natureza das notícias fornecidas comercialmente em um país grande. As organizações noticiosas são responsáveis por fornecer um produto sempre novo para um grande número de pessoas, regularmente e no horário. Como resultado, as notícias precisam ser produzidas em massa, virtualmente exigindo um processo industrial que ocorre em um tipo de linha de montagem.<sup>60</sup>

Atender a essa necessidade de produção em massa demanda a imposição de certos condicionamentos sobre o trabalho jornalístico, como a exigência de objetividade e

---

<sup>59</sup> Documento eletrônico sem paginação.

<sup>60</sup> “The problems stem largely from the very nature of commercially supplied news in a big country. News organizations are responsible for supplying an always new product to a large number of people, regularly and on time. As a result, news must be mass produced, virtually requiring an industrial process that takes place on a kind of assembly line.” Tradução livre.



imparcialidade, levando à reprodução do status quo social. Para o autor, o papel do jornalismo em uma democracia representativa é contribuir para que todos os cidadãos sejam efetivamente representados pela classe política, um papel expressado no mito profissional de que apenas cidadãos informados podem se fazer representar e apenas o jornalismo pode informá-los. No entanto, o jornalismo tem caído em descrédito cada vez maior por parte dos cidadãos devido a seus defeitos e os jornalistas se vêem hoje sem poder para solucioná-los.

Analisando o jornalismo americano, GANS identifica diversos fatores que causam um enfraquecimento (*disempowerment*) dos jornalistas. Embora seu estudo seja centrado em um único país, com um sistema político específico, o fato de os jornalistas compartilharem uma cultura transnacional (TRAQUINA, 2005b) permite ampliar estas críticas para além das fronteiras dos Estados Unidos. Os fatores estruturais para o enfraquecimento do jornalismo são os cortes de custos nas redações; a diminuição da audiência, que causa perdas financeiras e força as empresas a reequilibrar os orçamentos; e a desaprovação da audiência, que desconfia das notícias e critica alguns métodos usados pelos repórteres, bem como a atenção insuficiente aos interesses dos cidadãos. Entre os fatores que contribuem para o descrédito do jornalismo em meio aos cidadãos, o principal é as notícias serem produzidas “de cima para baixo”, isto é, concentrarem-se demais nos altos escalões do governo e tenderem a reproduzir os pontos de vista da elite, não dos cidadãos como um todo. Isso faz com que os jornalistas sejam vistos como “estranhos” à gente comum e considerados parte da mesma elite cujas ações reportam em seu cotidiano. “O jornalismo procede sob a certeza de que, se relatar as atividades dos poderosos, os cidadãos terão a informação de que precisam para cumprir com seus papéis e obrigações democráticas”<sup>61</sup> (p.48). Embora justifiquem esse procedimento com a defesa dos interesses dos cidadãos, os jornalistas raramente levam em conta os papéis que os cidadãos efetivamente desempenham na democracia, reduzindo-os em geral ao depósito de um voto nas urnas. O motivo para isso é que os políticos de alto escalão tendem a dar grande importância ao voto que os elegeu e pode tirá-los do poder, e os repórteres tendem a se concentrar nas questões que suas fontes principais consideram importantes.

A própria “teoria” dos jornalistas sobre a democracia, que orienta a ação, tem problemas. O jornalismo pressupõe que a) o papel dos jornalistas é informar os cidadãos; b) considera-se que os cidadãos estão informados se acompanham as notícias locais, nacionais e

---

<sup>61</sup> “Journalism proceeds on the assumption that if it reports the activities of the high and mighty, citizens have the information they need to perform their democratic roles and responsibilities.” Tradução livre.

mundiais; c) quanto mais informados, mais os cidadãos tendem a participar politicamente, especialmente do debate público de questões nacionais; d) quanto mais informada é esta participação, mais democrática a nação se torna. Porém, não se discute que tipo de notícias é essencial para o avanço da democracia, e os jornalistas tendem a considerar aquelas matérias que conseguem passar pelo filtro dos valores-notícia como essenciais. Essa lógica também implica que os repórteres sejam informados o suficiente para informar o cidadão, o que costuma ser o caso com setoristas, mas não com os generalistas obrigados a cumprir diversas pautas diárias, sem tempo para se aprofundar nos assuntos de que vão tratar. Além disso, não é necessariamente a informação que leva os cidadãos a participar politicamente. “Se as pessoas querem fazer exigências a seus representantes, protestar, ou proteger seus interesses e valores, elas não deixam que informação inadequada, ou, aliás, os fatos as impeçam de praticar suas ações” (GANS, 2003, p.57)<sup>62</sup> As pessoas podem até mesmo reduzir o consumo de notícias àquelas que sejam favoráveis às suas opiniões. Além disso, a teoria democrática do jornalismo é pouco realista, na medida em que considera que o debate público por si mesmo tem o poder de influenciar as decisões dos representantes eleitos, suplantando fatores econômicos e internos ao processo político. Finalmente, cidadãos melhor informados não produzem necessariamente uma democracia melhor, porque essa depende também de uma sociedade igualitária, uma economia estável e uma série de outros pré-requisitos – e um exame da história mostra que no mundo inteiro cidadãos informados também já apoiaram ditaduras, tanto quanto buscaram derrubá-las.

Um dos problemas mais sérios é o desconhecimento do público por parte dos jornalistas que pretendem informá-lo.

Embora os aparatos promovam pesquisas sobre as características da audiência, sobre seus hábitos de audição e sobre suas preferências, os jornalistas raramente os conhecem e têm pouca vontade de conhecê-los. Eles precisam apresentar programas informativos, e não tentar satisfazer um público; quanto menos souberem do público, mais atenção podem dar às notícias (WOLF, 2003, p.222).

Trata-se de uma contradição o fato de o jornalismo pretender falar em nome do público e ao mesmo tempo desprezá-lo. Assim, ao passo em que noticiam certos fatos porque o público “precisa saber”, deixam outros de lado para “proteger” a sociedade de verdades muito delicadas – a proibição geral a notícias sobre suicídio é um caso simbólico.

---

<sup>62</sup> “If people want to make demands on their representatives, to protest, or to protect their interests and values, they do not let inadequate information, or for that matter, the facts get in the way of what they do.” Tradução livre.

Simplificam os textos e rejeitam a discussão de problemáticas complexas com base na suposição de que “o público não vai entender”, para depois criticar esse mesmo público por preferir matérias de interesse humano às notícias sobre o processo político nos altos escalões. Um exemplo da consideração das redações por seus leitores e audiência é a comparação feita por William Bonner, apresentador do *Jornal Nacional*, mais importante telejornal brasileiro, e Homer Simpson, personagem de um desenho animado, conhecido por sua incapacidade intelectual e passividade (LEAL FILHO, 2005).

A solução para esses problemas do jornalismo, conforme GANS (2003), é criar instrumentos que permitam uma representação de setores mais variados da sociedade nos noticiários. Em primeiro lugar, a opinião deveria ser mais valorizada, como forma de introduzir a discussão de problemáticas em meio à reportagem de acontecimentos. O autor propõe que, por um lado, a imprensa publique mais opiniões de especialistas e do público em geral, ouça mais as pessoas na rua. Essas opiniões deveriam vir dos mais variados estratos políticos e sociais possíveis, por mais extremas que sejam suas posições políticas e condições econômicas. Por outro, que os repórteres dedicados a coberturas mais extensas sobre determinados assuntos sejam autorizados a dar explicitamente suas opiniões sobre o que presenciaram durante a apuração, em vez de sacrificarem um ponto de vista bem informado em nome da objetividade.

Em segundo lugar, é preciso pluralizar os pontos de vista representados no noticiário, criando o que o autor chama de **jornalismo multiperspectivo** (*multiperspectival news*).

Idealmente, o jornalismo multiperspectivo engloba fato e opinião, refletindo todas as perspectivas possíveis. Na prática, significa criar espaço para pontos de vista atualmente não representados, fatos não noticiados e partes da população não representadas ou raramente presentes nas notícias (p.103).<sup>63</sup>

Um dos meios para concretizar essa proposta seria deslocar o foco do jornalismo da elite para a classe trabalhadora, que compõe a maioria da população. Além de acompanhar a variação no mercado de ações, por exemplo, a imprensa poderia acompanhar as variações no mercado de trabalho e nos preços de produtos e serviços ao consumidor. Além de relatar o drama das vítimas de crimes, poderia também tentar determinar as causas e condições que levam o perpetradores a cometer os atos criminosos. Outro meio é pluralizar a própria

---

<sup>63</sup> “Ideally, multiperspectival news encompasses fact and opinion reflecting all possible perspectives. In practice, it means making a place in the news for presently unrepresented viewpoints, unreported facts, and unrepresented, or rarely reported, parts of the population.” Tradução livre.

composição das redações, buscando incentivar a candidatura e contratação de repórteres das mais variadas origens sócio-econômicas, que possam ajudar a noticiar os fatos sob a perspectiva desses grupos.

Ainda outra forma de concretizar essa proposta é aprofundar a incorporação da interação com o público no processo produtivo no webjornalismo e também permitir que esse público se expresse diretamente, aproveitando a facilidade e relativo baixo custo do uso das tecnologias de comunicação mediada por computador. GANS não chega a explorar as implicações desse novo suporte para a comunicação em sua proposta de jornalismo multiperspectivo, mas nesta pesquisa parte-se da premissa de que a possibilidade de os cidadãos publicarem seus pontos de vista sem controle de instâncias superiores e cooperarem na Internet pode concretizar essa pluralização dos noticiários. Porém, a Internet é a primeira tecnologia que torna essa proposta operacional e economicamente viável. Com efeito, a proposta original do jornalismo multiperspectivo se assemelha muito aos webjornais participativos:

A mídia central (ou de primeira instância ) poderia ser complementada por uma segunda instância de mídia nacional pré-existente e nova, cada uma reportando as notícias para audiências específicas, razoavelmente homogêneas... Suas organizações noticiosas teriam de ser pequenas [por razões financeiras]. Eles se dedicariam principalmente a reanalisar e reinterpretar as notícias coletadas pela mídia central – e pelas agências – para suas audiências, adicionando seus próprios comentários e fundamentando os mesmo com tanta reportagem original... quanta fosse financeiramente possível (GANS citado por BRUNS, 2005b).<sup>64</sup>

Acredita-se, portanto, que a identificação do jornalismo multiperspectivo com as práticas descritas neste trabalho é completamente válida. Propõe-se ainda que a interação entre os membros do público – e, por vezes, destes com os jornalistas – tanto em escala macro (material jornalístico produzido por não profissionais em webjornais independentes, forçando os limites da imprensa através de um ciclo de *feedback*), quanto em escala micro (participação em espaços reservados para o público nos webjornais sob controle de jornalistas profissionais), configura o que se chama aqui de **webjornalismo participativo**.

---

<sup>64</sup> “central (or first-tier) media would be complemented by a second tier of pre-existing and new national media, each reporting on news to specific, fairly homogeneous audiences. ... Their news organisations would have to be small [for reasons of cost]. They would devote themselves primarily to reanalysing and reinterpreting news gathered by the central media – and the wire services – for their audiences, adding their own commentary and backing these up with as much original reporting ... as would be financially feasible.” Tradução livre.

### 3 WEBJORNALISMO PARTICIPATIVO

Aqueles webjornais em que o público pode intervir sobre o conteúdo publicado, seja enviando seu próprio material jornalístico, seja fazendo comentários sobre e debatendo a partir do material jornalístico publicado por uma equipe editorial, profissional ou não, são **webjornais participativos**. PRIMO e TRÄSEL (2006, p.9) definem webjornalismo participativo como “práticas desenvolvidas em seções ou na totalidade de um periódico noticioso na Web, onde a fronteira entre produção e leitura não pode ser claramente demarcada ou não existe”. A hipótese é que as intervenções do público são capazes de adicionar diferentes perspectivas a determinado material jornalístico, tornando-o mais plural – embora não necessariamente melhor sob critérios profissionais –, o que pode contribuir para o debate de idéias em uma sociedade democrática. Por isso, o webjornalismo participativo tem recebido atenção positiva nos meios acadêmicos e sobretudo no ciberespaço.

O fenômeno atrai críticas, porém, principalmente de jornalistas. As mais amenas consideram que o público não está interessado em produzir informação, mas sim em consumi-la, como afirma CROSBIE (2006<sup>65</sup>):

Eu concordo que boa parte da mídia tradicional tem complacientemente “falado de cima” para sua audiência por anos. Eu com certeza penso que o “jornalismo cidadão” é uma excelente ferramenta para ajudar a reparar estes problemas; mas é apenas uma das muitas novas ferramentas necessárias. A maioria das “pessoas

---

<sup>65</sup> Documento eletrônico sem paginação.

anteriormente conhecidas como a audiência” ainda quer ser a audiência, não quer o ônus de noticiar os fatos por si mesma...<sup>66</sup>

Por outro lado, muitos jornalistas ficam decepcionados quando a interação não atinge bons resultados. Em um *chat* do *Washingtonpost.com* sobre os dez anos da Internet, em junho de 2006, um internauta perguntou quando os editores começariam a “interagir de verdade”. Jim BRADY (2006<sup>67</sup>), editor executivo da versão eletrônica do jornal, respondeu:

Se você está falando do post.blog, onde os comentários em grande parte se focam em quem deveria ser demitido do The Washigton Post e do washingtonpost.com, eu não vejo muito sentido em dar respostas lá. Pode ser divertido para mim, mas é chato para todo o resto.<sup>68</sup>

O sistema de comentários do *Washingtonpost.com* chegou a ser fechado por um determinado período, devido a constantes ataques pessoais e discursos preconceituosos. Porém, mais adiante, o editor executivo admite que “nós lançamos dúzias de blogs no site, muitos dos quais usaram a área de comentários para construir comunidades incríveis...” (BRADY, 2006)<sup>69</sup>. O jornalista especializado em tecnologia do *New York Times*, John Markoff (POWELL, 2003<sup>70</sup>), critica a participação no webjornalismo em tom semelhante, partindo do ufanismo em torno dos blogs:

... às vezes parece que temos um mundo cheio de blogueiros e que os blogs são o futuro do jornalismo, ou ao menos é isso que os blogueiros dizem, e na minha opinião ainda não está claro se os blogs são algo mais do que rádio amador. E, você sabe, dê cinco ou dez anos e veja se alguma instituição emerge disso. É possível que ao final haja um pequeno grupo de pessoas que consiga ganhar a vida com isso e que o resto das pessoas descubra que, você sabe, manter seus diários online não é a coisa mais útil que elas têm para fazer com seu tempo<sup>71</sup>.

Outro tipo de crítica, feita inclusive pelos defensores do webjornalismo participativo, é a constante reciclagem de material publicado pela mídia tradicional. A maior parte das

<sup>66</sup> “I agree that much of traditional media might have been complacently ‘talking down’ to their audience for years. I indeed think that ‘citizen journalism’ is an excellent tool for helping to repairing those problems; but it is just one of many new tools needed. Most of ‘the people formerly known as the audience’ still want to be the audience, don’t want the onus of reporting the news themselves...” Tradução livre.

<sup>67</sup> Documento eletrônico sem paginação.

<sup>68</sup> “If you’re talking specifically about post.blog, where the comments are largely focused on who should be fired at The Washington Post and washingtonpost.com, I don’t see much point in responding there. It may be entertaining to me, but it’s boring to everyone else.” Tradução livre.

<sup>69</sup> “We’ve launched dozens of blogs on the site, many of which have used the comments area to build incredible communities...” Tradução livre.

<sup>70</sup> Documento eletrônico sem paginação.

<sup>71</sup> “...it sometimes seems we have a world full of bloggers and that blogging is the future of journalism, or at least that’s what the bloggers argue, and to my mind, it’s not clear yet whether blogging is anything more than CB Radio. And, you know, give it five or 10 years and see if any institutions emerge out of it. It’s possible that in the end there may be some small subset of people who find a livelihood out of it and that the rest of the people will find that, you know, keeping their diaries online is not the most useful thing to with their time.” Tradução livre.

notícias publicadas no *Wikinews*, por exemplo, é baseada em notícias de vários veículos da “grande imprensa”, cujas informações são reunidas em um novo texto (TRÄSEL, 2005b). A partir desse fato, jornalistas profissionais e pesquisadores do jornalismo enxergam motivos para desprezar o webjornalismo participativo como um todo. EDMONDS (2005<sup>72</sup>) vê como principal problema o desvio de tráfego da mídia tradicional para o webjornalismo participativo, o que “ameaça o modelo de negócios tradicional da mídia, que paga pela onerosa coleta de notícias”<sup>73</sup>. Ou seja, ao usar as informações da mídia tradicional para publicar suas próprias matérias, o webjornalismo participativo estaria colaborando para matar sua fonte de recursos, como um parasita.

Finalmente, há a visão de que o webjornalismo participativo pode oferecer certas vantagens e cometer alguns sucessos, mas ainda assim não se trataria de jornalismo, e sim de panfletarismo (LEMANN, 2006<sup>74</sup>):

Os blogs mais ambiciosos, em seu conjunto, funcionam como uma forma de panfletarismo rápido e densamente inter-referenciado – um fórum aberto para toda opinião concebível que não consegue espaço na grande mídia, ou, no caso dos milhões de blogs puramente pessoais, simplesmente a visão de um indivíduo sobre a vida<sup>75</sup>.

O autor admite que a Internet é um bom veículo para a crítica da imprensa e uma grande biblioteca de falhas, piadas, “pegadinhas” e performances embaraçosas de pessoas importantes. No entanto, “nada disso chega ainda ao nível de uma cultura jornalística rica o bastante para competir seriamente com a mídia antiga – para funcionar como um substituto, em vez de um adendo”<sup>76</sup>. A crítica dirige-se às proposições voluntaristas e exageradas de que o webjornalismo participativo tomará o lugar do jornalismo tradicional em um futuro próximo.

Não se pretende afirmar aqui que o webjornalismo participativo vá substituir o jornalismo tradicional, muito menos que seja uma forma mágica de resolver todos os problemas históricos da imprensa através do milagre da moderna tecnologia. Entretanto, a publicação de informação por qualquer indivíduo com acesso à Web é um fato. As

---

<sup>72</sup> Documento eletrônico sem paginação.

<sup>73</sup> “... threaten the traditional media business model that pays for costly news-gathering.” Tradução livre.

<sup>74</sup> Documento eletrônico sem paginação.

<sup>75</sup> “The more ambitious blogs, taken together, function as a form of fast-moving, densely cross-referential pamphleteering – an open forum for every conceivable opinion that can’t make its way into the big media, or, in the case of the millions of purely personal blogs, simply an individual’s take on life.” Tradução livre.

<sup>76</sup> “But none of that yet rises to the level of a journalistic culture rich enough to compete in a serious way with the old media – to function as a replacement rather than an addendum.” Tradução livre.

ferramentas para que o público intervenha em webjornais existem e estão sendo usadas. O importante é investigar como elas estão sendo usadas e quais suas possíveis contribuições para o jornalismo e para o debate na esfera pública democrática.

Parte-se, então, da premissa de que o webjornalismo participativo não é, nem pretende ser, ao menos nas avaliações providas de senso crítico, um substituto do jornalismo tradicional. GILLMOR (2004, p.XVI) pergunta-se:

Quem levará adiante grandes projetos investigativos, apoiados por bolsos cheios e a capacidade de pagar advogados caros quando interesses poderosos tentarem punir aqueles que os expuseram, se o modelo de negócios [da mídia tradicional] implodir?<sup>77</sup>

Por maiores que sejam as contribuições de repórteres leigos atuando em diferentes partes do mundo, ao final do dia eles precisam voltar para casa e pôr comida na mesa. Por enquanto, ainda não existem modelos de negócios que permitam sequer cobrir os custos dos colaboradores. O sul-coreano *OhmyNews International*, por exemplo, paga cerca de US\$ 20 por matéria enviada por seus repórteres-cidadãos, valor que, se talvez compense o dinheiro gasto em telefonemas e transporte para a cobertura após o pagamento de impostos e taxas bancárias de transferência internacional, dificilmente incentiva qualquer um a largar seu emprego para dedicar semanas de investigação a um caso de corrupção no governo, por exemplo. E muito menos paga os honorários de advogados em um eventual processo por calúnia ou difamação devido aos fatos expostos na reportagem.

Outros webjornais participativos de cunho comercial usam o trabalho voluntário dos leitores, sem oferecer qualquer tipo de pagamento. O portal *Terra* lançou o canal *vc repórter*, que convida os leitores a enviar textos, fotos e vídeos via correio eletrônico ou telefone celular para a redação. A apresentação do serviço diz: “Já pensou que a sua foto, vídeo ou áudio de um flagrante de notícia pode virar manchete? (...) A partir de agora suas fotos, vídeos, áudios e depoimentos enviados ao Terra podem se transformar em notícia”<sup>78</sup>. Para participar, basta cadastrar-se e aceitar um termo de autorização de uso do material enviado futuramente. Depois disso o indivíduo está apto a enviar textos e imagens, que serão avaliados por jornalistas profissionais da redação do *Terra* e publicados, ou não, na própria seção *vc repórter*, mas também em meio a notícias normais e mesmo na capa do portal. O

---

<sup>77</sup> “Who will do big investigative projects, backed by deep pockets and the ability to pay expensive lawyers when powerful interests try to punish those who exposed them, if the business model collapses?” Tradução livre.

<sup>78</sup> Disponível em: <http://www.terra.com.br/vcreporter>. Acesso em: 10/8/2006.



*FotoRepórter*<sup>79</sup>, da *Agência Estado*, funciona de forma semelhante. O interessado cadastra-se e envia fotos tiradas com máquina digital ou telefone celular. No entanto, caso uma foto seja usada por algum dos jornais do grupo Estado de São Paulo, ou vendido pela agência para outras empresas de mídia, o colaborador é remunerado como um fotógrafo free-lance. Hoje, todos os grandes portais brasileiros de acesso à Internet, exceto o *UOL*, têm algum projeto de webjornalismo participativo nos mesmos moldes – embora a *Folha Online*, parceira da editora Abril no *UOL*, tenha um projeto de jornalismo comunitário comandado por Gilberto Dimenstein. O *IG* tem o *Minha Notícia* e o *Jornal de Debates*, enquanto o *Globo* criou o *Eu-Repórter*. A editora *Abril* lançou uma revista impressa dedicada às matérias de interesse humano e variedades, em que as notícias são enviadas pelos leitores e editadas por jornalistas, chamada *Sou + Eu*.

Há ainda os webjornais participativos em que não existe a supervisão de um jornalista profissional colocado em uma posição de controle sobre os colaboradores – embora nada impeça os profissionais de tomar parte nestes projetos. Nesses casos, a própria comunidade de colaboradores se encarrega de controlar o conteúdo. Os sites selecionados para essa pesquisa, *KuroShin* e *Wikinews*, são exemplos deste tipo de webjornal participativo.

Pela interação com repórteres nas redes telemáticas, o público passa a ter um papel muito mais importante no webjornalismo participativo, quando comparado a seu papel em webjornais normais. No webjornalismo participativo, este papel é ainda mais fundamental, pois não apenas têm mais chances de se tornarem fontes e desempenhar algumas funções antes restritas quase somente aos jornalistas profissionais, como os internautas têm uma função essencial na própria continuidade da operação do site. A falta de colaboração por parte do público, com efeito, inviabiliza ou prejudica o funcionamento de um webjornal participativo. Isso porque esse tipo de projeto assemelha-se ao modelo *open source* de produção, em que é essencial a contribuição de todos para a construção de um bem comum, que no caso é um noticiário mais plural e, muitas vezes, livre (tanto no sentido de gratuidade quanto de redistribuição). Enquanto a engenharia de programação trata os colaboradores como co-desenvolvedores de um *software*, no webjornalismo participativo eles são co-autores de um hipertexto jornalístico.

BRAMBILLA (2006) parte do modelo *open source* de produção para definir estas práticas no conceito de **jornalismo open source**. O termo é usado tanto na academia como em

---

<sup>79</sup> Disponível em: <http://www.estadao.com.br/fotoreporter>. Acesso em: 25/6/2006.

meios profissionais para se referir aos noticiários embasados na filosofia do software livre, conforme a qual os produtos intelectuais podem ser apropriados e modificados por qualquer um, desde que o resultado das modificações fique disponível para novas apropriações e modificações. A expressão jornalismo *open source* foi cunhada por Andrew Leonard, colunista da revista eletrônica *Salon*, referindo-se a um caso em que um repórter da revista especializada em defesa *Jane* pediu que os colaboradores do *Slashdot* destrinçassem um artigo a respeito de terrorismo no ciberespaço. Os comentários acusaram diversos erros e imprecisões, causando o cancelamento da matéria (LEONARD, 1999). O também jornalista GILLMOR (2004, p.113) depois usou o termo para amalgamar as idéias do processo de trabalho das comunidades de programadores ao processo de trabalho do *grassroots journalism*, ou jornalismo participativo. Nas palavras do autor: “um processo no qual o próprio código é desenvolvido por uma comunidade e então fica disponível a todos”<sup>80</sup>, isto é, em que as notícias são investigadas, redigidas e verificadas por todos os colaboradores e podem ser modificadas e apropriadas por todos.

Como vimos, esse tipo de cooperação em geral ocorre em grupos de programadores e atualmente começa a se tornar o ideal de desenvolvimento de projetos para a Internet, dentro do conceito de Web 2.0. No jornalismo *open source*, o espaço do webjornal é aberto para que os leitores possam colaborar enviando suas próprias reportagens, ou mesmo editando as reportagens de outros colaboradores, gerando um hipertexto cooperativo em que qualquer interessado pode intervir, se julgar que tem algo a acrescentar. O objetivo é que, como ocorreu no caso do Linux, relatado anteriormente, muitos olhos possam tornar os erros transparentes.

No jornalismo, a relação de temporalidade entre a publicação de uma notícia equivocada e sua retificação assemelha-se à correção de *bugs* no desenvolvimento de *software open source*. O valor da notícia aumenta à medida em que for publicada com maior agilidade. O tempo que se ganha com a rapidez pode ser pago com a incorreção ocasionada por uma apuração apressada. Ao estar exposta a um público numeroso, onde podem ser encontrados especialistas das mais diversas áreas e, especialmente, por ter sua fonte de publicação acessível, a notícia *open source* que contenha uma incorreção pode ser corrigida o mais brevemente possível (BRAMBILLA, 2006, p.66).

Apesar da importância que dá à participação do leitor no jornalismo *open source*, BRAMBILLA faz questão de resguardar a autoridade dos profissionais. Critica os sistemas totalmente abertos à edição sem supervisão de jornalistas, como o *Wikinews*, com base na

---

<sup>80</sup> “A process in which the code itself is developed by a community and then is freely available.” Tradução livre.

suposição de que isso redundaria em casos de vandalismo e publicação de spam. Como veremos no capítulo 6, a análise de conteúdo de intervenções feitas pelos colaboradores às notícias do *Wikinews* não resultou em um único caso de vandalismo ou spam, sugerindo que ataques de internautas mal-intencionados são raros. De fato, há menos perturbação neste webjornal participativo do que no *Kuro5hin*, em que há um sistema de controle da publicação. A pesquisadora também identifica o papel do profissional no jornalismo *open source* com o do coordenador responsável por liberar a versão oficial de um *software* livre. Acredita-se aqui, porém, que essa comparação é problemática, dado que uma versão modificada de determinado programa pode ser usada e distribuída com ou sem aval do coordenador do projeto – embora talvez conte com menos credibilidade – e ainda ser potencialmente útil para seu autor e para outras pessoas, enquanto uma matéria rejeitada pelos editores do *OhmyNews* dificilmente tem qualquer utilidade, mesmo para seu autor. Isso porque o valor-notícia da atualidade torna os textos jornalísticos um produto extremamente perecível. Depois de passar por todas as instâncias de edição do *OhmyNews*, uma matéria terá perdido grande parte de seu valor devido à passagem do tempo. Um pedaço de código rejeitado pelo coordenador de um projeto de *software* livre, por outro lado, será útil até que uma seja lançada uma versão do programa incompatível com aquele código.

Outro problema no conceito de jornalismo *open source* diz respeito ao *forking* (desvio), isto é, à capacidade de um grupo insatisfeito em um projeto usar o código desenvolvido até o momento para começar um novo projeto, com outros rumos (BRUNS, 2005a). No caso de um projeto jornalístico, seria preciso reproduzir todo o banco de dados no site do projeto desviante, para que os colaboradores mantivessem o trabalho que doaram à comunidade até então. O problema é que, dado o caráter perecível do material jornalístico, essa reprodução do banco de dados seria inútil. Enquanto os programas evoluem ao longo do tempo e se tornam melhores, no webjornalismo cada novo dia, cada novo momento é um novo início. A única coisa que evolui no tempo é a credibilidade auferida pelo veículo, mas esta não é transferível a novos projetos. Portanto, um webjornal participativo lançado por colaboradores insatisfeitos do *OhmyNews*, por exemplo, teria de recomeçar do zero, perdendo todo o trabalho feito em prol da comunidade. É difícil ver como isso pode ser reconciliado com a filosofia *open source*.

Isso não significa, porém, que alguns aspectos do modelo *open source* não possam ter paralelos no webjornalismo participativo. Já foi citada a maior facilidade na correção de erros

e pluralização. Outro aspecto é a motivação para colaborar. Assim como ocorre com o software, o prazer de interagir com outros participantes é uma das principais recompensas:

O fato dos colaboradores – interagentes, pessoas sem formação jornalística que escrevem e publicam notícias – serem voluntários e não funcionários de uma empresa liberta-os não apenas quanto à forma e ao conteúdo da notícia, como também os estimula a produzi-la, uma vez que o trabalho atende a um interesse particular e não a metas de terceiros (BRAMBILLA, 2005, p.92).

O prazer de participar em um projeto sobre o qual se tem real ingerência é um grande motivador para a participação, ainda mais necessária no webjornalismo participativo do que em um projeto de *software* livre. Como foi apontado, o material jornalístico é perecível, portanto uma das preocupações mais importantes é como manter a rotatividade do noticiário, se não é possível cobrar produção dos voluntários. Mesmo no desenvolvimento de programas é importante dar aos colaboradores uma impressão de evolução, conforme Linus Torvalds, para quem o sucesso da comunidade Linux se deveu em grande parte ao hábito de liberar versões diárias do programa (GHOSH, 1998).

Resta ainda a questão da credibilidade, frequentemente levantada quando se discute o webjornalismo participativo. De fato, não é possível garantir a exatidão e veracidade dos fatos narrados por um público interagente que pode se esconder atrás de pseudônimos. Por outro lado, como sugere LASICA (2003<sup>81</sup>), assim como os veículos da mídia tradicional, os webjornais participativos e blogs podem contruir credibilidade frente ao leitor ao longo do tempo, desde que façam um bom trabalho:

Os blogueiros podem dizer a verdade? Suspeito que sim. Ao longo do tempo, eles constroem uma história, como qualquer publicação faz quando começa. Filtros de reputação e círculos de credibilidade ajudam a eliminar o besteiro na blogosfera. Todos precisamos ajustar nossos sensores de bobagem<sup>82</sup>.

O relatório *Trust in the Media* (GLOBESCAN, 2006) mostra que na verdade os “sensores de bobagem” parecem estar funcionando, ao menos no caso da Web. Em uma amostra de dez países desenvolvidos e subdesenvolvidos, a televisão foi a mídia que demonstrou maior credibilidade, com 82% de confiança. Enquanto isso, webjornais tradicionais ficaram em penúltimo lugar na confiança do público, com 38%. Os blogs ficaram em último, com 25%. O Brasil foi um dos países pesquisados, com semelhante resultado em

---

<sup>81</sup> Documento eletrônico sem paginação.

<sup>82</sup> “Can bloggers tell the truth? I suspect so. Over time, they build up a track record, much as any news publication does when it starts out. Reputation filters and circles of trust in the blogosphere help weed out the nonsense. We all need to fine-tune our bullshit meters.” Tradução livre.

termos de posicionamento dos meios: a televisão ficou em segundo lugar na confiança, com 66%, contra 68% dos jornais impressos. Webjornais ficaram em penúltimo, com 40%, empatados com os jornais internacionais. Blogs atingiram apenas 20% de confiança. Deve-se no entanto fazer a ressalva de que há muitos tipos diferentes de blogs, enquanto a mídia tradicional é mais homogênea em termos de conteúdo. Os entrevistados na pesquisa não foram instados a avaliar apenas blogs com aspirações jornalísticas, mas toda uma gama de formatos, que inclui desde diários pessoais até noticiários altamente especializados. Vista dessa maneira, a confiança de 20% dos entrevistados é até mais alta do que se poderia esperar. Os dados sugerem que os leitores mantêm uma postura crítica na Web, embora a relativa novidade do meio possa ser um dos fatores que contribuem para a desconfiança, por não haver uma memória de erros ou acertos longa o suficiente para gerar credibilidade. Um dado reforça a conclusão de que o público interagente está atento: 28% dos entrevistados relataram ter abandonado uma fonte de notícias no último ano por perder a confiança em seu conteúdo.

Apesar das restrições deste trabalho ao uso do termo *open source* para se referir ao jornalismo, a expressão tem uso corrente, o que obriga a levá-la em conta. Prefere-se o termo webjornalismo participativo não apenas por isso, entretanto, mas porque considera-se que este também pode se dar em contextos nos quais o processo produtivo não é tão aberto quanto exige o modelo *open source*, caso do *vc repórter* e *fotorepórter*, por exemplo, em que, a despeito do caráter inegavelmente participativo na possibilidade de o leitor enviar notícias, o controle sobre a publicação e redistribuição está nas mãos das empresas de mídia.

### 3.1 GATEWATCHING

Uma crítica contundente ao webjornalismo participativo é o fato de muitas vezes os colaboradores usarem informações publicadas em veículos da imprensa profissional para a redação de seu material jornalístico, limitando-se a “filtrar” a Web. Porém, acredita-se aqui que essa filtragem tem um valor informativo em si mesma, dado que as características específicas da Internet geram uma profusão de informação que exige algum tipo de mediação para fazer sentido. Esta mediação, está claro, pode ser feita por jornalistas profissionais, papel que de todo modo estes sempre desempenharam nos meios tradicionais. As redes de computadores, porém, permitem que o próprio público faça esse trabalho, na medida em que facilitam a cooperação. O pesquisador australiano Axel BRUNS (2005a) chama a esta filtragem de *gatewatching*, em oposição ao conceito de *gatekeeping* da teoria do jornalismo.

*Gatekeeping* é um conceito usado por WHITE (1993) em um estudo do ano de 1950 para descrever o sistema de seleção de notícias em uma redação de jornal típica. É uma noção que traz em si uma discussão sobre as distorções provocadas pela subjetividade no fazer jornalístico. O autor parte da suposição de que seria possível um jornalismo sem interferência das experiências, crenças e ideologia do repórter ou editor seria desejável, ou até mesmo possível.

Os setores ou pessoas que funcionam como “portões” (*gates*) para as notícias dentro de uma redação são regidos ou por regras imparciais, ou por um grupo no poder, que toma a decisão de “deixar entrar” ou rejeitar material jornalístico. Além disso, as matérias são transmitidas “de um *gatekeeper* para outro na cadeia de comunicações” (WHITE, 1993, p.143). Os repórteres das agências, por exemplo, enviam suas matérias a seus editores, estes selecionam aquelas que serão enviadas aos veículos assinantes, onde as notícias serão submetidas a mais uma rodada de escolha dentro da redação. O resultado é que

... o editor do jornal providencia (apesar de poder nunca estar consciente desse facto) para que a comunidade oiça como facto somente aqueles acontecimentos que o jornalista, como o representante da sua cultura, acredita serem verdade (p.151).

A conclusão do estudo é que a comunicação das notícias é subjetiva, pois o “conjunto de experiências, atitudes e expectativas” do “porteiro” interfere em suas decisões (p.151). No entanto, o indivíduo colocado na posição de *gatekeeper* reclama a objetividade, brandindo a observação das técnicas jornalísticas e o código de ética profissional como provas.

SERRA (2004) relê o conceito de *gatekeeper* 50 anos depois de sua introdução na pesquisa em jornalismo e sugere que ela continua válida, mas que há maior importância das normas profissionais do que da subjetividade na escolha das notícias publicáveis, ao contrário do que supunha WHITE. A subjetividade influiria mais na explicação a respeito da decisão do que no processo em si. Para a autora, o estudo original é insuficiente frente à complexidade das mediações envolvidas no fazer jornalístico. Seja como for, no cotidiano do jornalismo algumas notícias de fato são barradas com base na subjetividade e vedadas à comunidade, afirma a autora ao encerrar sua releitura.

Com efeito, a noção de *gatekeeper* segue válida na mídia de massa, como jornais impressos, revistas, programas de rádio e televisão, devido à escassez de espaço para publicação. É preciso selecionar entre vasto material aquilo que chegará ao conhecimento da audiência na próxima edição do noticiário, porque os custos e rotinas de produção impõem limites de tempo e espaço. Veicular tudo faria os custos subirem a ponto de tornar o modelo

de negócios inviável. Este problema não existe, porém, na Internet. Não há variação de custo significativa entre publicar uma parte ou todo o material de que se dispõe. Mesmo as rotinas produtivas não se alteram, pois muitas vezes pode-se criar mecanismos de publicação automática de matérias enviadas por agências de notícias, não é necessária destacar mais recursos humanos para trabalhá-las.

BRUNS (2005a, p.13) afirma que a diminuição dos limites para publicação na Internet fazem com que surja um novo fenômeno em paralelo ao *gatekeeping*, o *gatewatching*. Os motivos puramente tecnológicos e econômicos para a o *gatekeeping* são superados. Possíveis motivos ideológicos também são superados, em certo sentido, porque o material rejeitado por um veículo provavelmente será publicado por algum outro veículo em algum lugar do mundo. Além disso, a própria fonte da informação pode publicá-la na Web, sem nem mesmo entrar no processo jornalístico. Finalmente, enquanto na mídia de massa as respostas da audiência são limitadas a uma pequena seção de cartas, ou mesmo ignoradas quando não acompanhadas de uma intimação judicial, como no caso de telejornais, na Web elas podem ser publicadas todas, na íntegra, sem prejuízo do espaço destinado aos outros materiais jornalísticos.

Cria-se com isso um novo problema, todavia, que é a dificuldade em lidar com uma superabundância de informação. A organização em rede típica da Web resiste a tentativas de gerenciar a informação a partir de modelos centralizantes, como o de *gatekeeping*, porém

Isso não é um desenvolvimento totalmente negativo, já que tais sistemas são em geral altamente arbitrários em seus julgamentos de valor, e podem posicionar pessoas parciais ou insuficientemente qualificadas como gatekeepers; porém, não é um grande consolo para os usuários atolados em informação que a ausência de quaisquer gatekeepers selecionando material (...) também signifique que menos escolhas ruins serão feitas (BRUNS, 2005a, p.13).<sup>83</sup>

Os gatekeepers desempenham funções úteis, livrando seu público de uma grande quantidade de lixo jornalístico. Para conciliar a abertura dos “portões” do *gatekeeping* à maior quantidade de material possível e a manutenção de algum tipo de contextualização da informação, o jornalista pouco a pouco se afasta de seu papel como repórter e passa a assumir em paralelo uma função semelhante à do bibliotecário.

...ao passo que os gatekeepers jornalísticos analisam a informação com o claro objetivo de limitar a quantidade de material passando pelo portão, de modo a suprir

---

<sup>83</sup> “This in itself is not necessarily an altogether negative development, as such systems are often highly arbitrary in their value judgments, and may place biased or insufficiently qualified people in gatekeeper positions; however, it is of little consolation to users swamped with information that the absence of any gatekeepers selecting material (...) also means that fewer bad choices will be made.” Tradução livre.

as necessidades da organização midiática para a qual trabalham, bibliotecários (que não são produtores e publicadores em si mesmos) idealmente adquirem o conhecimento mais amplo possível sobre sua área, de modo a ser capaz de indicar aos usuários da biblioteca a direção certa (ou seja, a direção mais adequada a suas necessidades), mas eles não podem e não tentam limitar o acesso do usuário a todas as outras obras contidas na biblioteca como um todo, ou disponível fora dela (BRUNS, 2005a, p.16).<sup>84</sup>

O que blogs e webjornais participativos como *Slashdot*, *Kuro5hin*, *Centro de Mídia Independente* e *Wikinews* fazem, em grande parte, é justamente desempenhar o papel de bibliotecários da Web, reunindo informações publicadas em outros sites – ou mesmo de fontes exteriores à Internet – e organizando-a conforme as necessidades de seu público interigente. A isso BRUNS (2005a, p.17) denomina *gatewatching*:

O que essas comunidades colaborativas de “bibliotecários” fazem, portanto, é observar os portões de saída da maior variedade de publicadores tradicionais e não-tradicionais de informação possível, com vistas a usar essa informação como fontes em matérias...<sup>85</sup>

Esses sites em geral permitem a seu público submeter matérias e links para conteúdo novo disponível em outros locais da Web, mas em muitos deles também é produzido material primário original. Por isso acredita-se aqui que as críticas a respeito da “reciclagem” de material da mídia tradicional, embora em alguns casos possam ser acertadas, estão freqüentemente mal dirigidas, porque partem da idéia do texto jornalístico completo e fechado em si mesmo, o que tornaria as contribuições nos espaços para debate e comentário meros acessórios para conquistar uma audiência ávida por se engajar em discussões inúteis e boataria.

Ressalte-se que o *gatewatching* não é algo totalmente novo, que emerge a partir das práticas comunitárias de filtragem da Web. Embora atinja sua maior expressão nesses casos, os portais de conteúdo e acesso à rede já praticavam um tipo de “*gatewatching* interno”. As páginas principais de portais como os brasileiros *Terra* e *UOL* oferecem uma seleção do conteúdo considerado mais importante em meio a todo o conteúdo publicado dentro do portal e seus sites parceiros. O *gatewatching* é de certa forma uma extrapolação dessa prática para

---

<sup>84</sup> “...where journalistic gatekeepers screen information with a clear aim of limiting the range of material passing through the gate in order to address the needs of the publishing organization for which they work, librarians (who are not producers and publishers themselves) ideally acquire the broadest knowledge possible their field, in order to be able to point to library users in the right direction (that is, the direction most suited to their needs), but they cannot and do not attempt to limit users' access to all the other works contained in the overall library, or available outside it.” Tradução livre.

<sup>85</sup> “What these collaborative ‘librarian’ communities engage in, therefore, is to watch the output gates of as wide a range of traditional and nontraditional publishers of information as possible, with a view to using this information as source material in news reports...” Tradução livre.



qualquer outro site da Web. Devido a interesses comerciais, porém, veículos de jornalismo tradicional na Web raramente apontam para páginas fora de sua rede restrita, pois com isso perderiam valiosos índices de leitura, ou desviariam o tráfego para a concorrência. Já os webjornais participativos costumam concentrar tráfego de internautas justamente porque reúnem em suas páginas apontadores para uma variedade de outras fontes de informação, mesmo quando objetivam o lucro por meio de publicidade.

Essa ressalva lembra também por que não é possível igualar o *gatewatching* a webjornalismo participativo. O *gatewatching* é um fenômeno que pode acontecer em contextos tão pouco participativos quanto um portal de conteúdo, onde, exceto pelos fóruns que engendram interações mútuas, tudo é planejado para dirigir e incentivar o consumo de serviços pelo internauta, que fica limitado na maior parte do tempo às interações reativas de decidir em qual link clicar. O webjornalismo participativo, embora aconteça também por meio de processos de *gatewatching*, ocorre apenas quando a colaboração do público é essencial para a realização do site em questão. Sem o público interagente, webjornais como *KuroShin* e *Wikinews* ofereceriam apenas páginas vazias.

### **3.2 WEBJORNALISMO PARTICIPATIVO E DEMOCRACIA**

Na mídia de massa, em que há restrições de espaço e custos, faz sentido manter-se dentro dos parâmetros socialmente predominantes, com ocasionais linhas de fuga em direção a idéias mais radicais. É preciso, afinal, agradar à maior parcela possível da audiência e ao mesmo tempo evitar conflitos com os patrocinadores, que sustentam o negócio. Na World Wide Web, entretanto, as restrições espaciais se esfacelam e os custos caem vertiginosamente quando comparados aos da imprensa ou radiodifusão. A primeira consequência é que não é mais preciso escolher quais notícias serão publicadas, pois se pode publicá-las todas – embora apenas algumas poucas ganhem destaque na página principal dos webjornais, que continuam sendo um espaço limitado. A segunda é que alivia-se a necessidade de agradar a uma grande audiência e evitar conflitos com patrocinadores, dada a diminuição dos custos. Terceiro, dado não existirem mais os limites do espectro eletromagnético existentes na televisão e no rádio, a concorrência explode e pode-se esperar que os fatos ignorados por um veículo sejam publicados em outro, bem como que versões distintas da mesma matéria sejam mais facilmente comparadas pelo público. A democratização dos meios de comunicação de massa é uma bandeira antiga, surgida entre aqueles que pensam a mídia junto com a própria

massificação dos meios. O jornalista A. J. Liebling apontou de maneira algo sarcástica em 1960, na revista *The New Yorker*, que “a liberdade de imprensa é garantida apenas àqueles que possuem uma [prensa]”<sup>86</sup>.

O final dos anos 60 e início dos 70 viram a proliferação de rádios livres na Europa, especialmente Itália e França, mas já em 1925 houve tentativas de exploração comunitária do meio na Áustria, Países Baixos e Estados Unidos (MACHADO et al., 1987). A seguinte passagem de *Rádios livres* poderia figurar na maior parte dos textos sobre webjornalismo participativo escritos hoje:

Rádios e televisões livres constituem a melhor resposta de uma sociedade democrática aos conglomerados e monopólios, bem como ao seu poder de concentração e comando. Elas se dirigem a segmentos específicos da população, oferecendo transmissões diferenciadas, voltadas às aspirações de cada estrato social, de cada comunidade ou de cada grupo cultural (p.21).

Embora “comando” dos mídia sobre a sociedade seja um termo em desuso, visto que várias tradições teóricas da Comunicação já demonstraram que as audiências não são totalmente passivas, o resto das demandas expressas na citação são as mesmas que aparecem ligadas ao fenômeno dos blogs jornalísticos e sites como *CMI*. Comparando weblogs e fanzines, veículos de imprensa cultural alternativos, SILVA (2002, p.4) afirma que:

[O fanzine] pode ser considerado como um dos primeiros veículos a adotar a dinâmica da comunicação e produção cultural característica do ciberespaço mesmo antes da criação de computadores, principalmente por causa da sua essência interativa, presente nas comunidades que se formam em torno de interesses específicos e pela redução das distâncias entre consumidores e produtores.

Os fanzines são uma expressão da cultura faça-você-mesmo que subjaz à cibercultura. Outra expressão do faça-você-mesmo é a imprensa alternativa, cujo movimento esteve até agora restrito a pequenos grupos de interesses semelhantes e geralmente localizados em um espaço geográfico limitado, dados os custos de produção e distribuição. No ciberespaço, estes grupos têm uma chance concreta de atingir um público de massa e dar uma resposta à grande mídia, devido à relativa facilidade e baixo custo da publicação e distribuição, quando comparado ao de se publicar um jornal ou transmitir programas de televisão.

As possibilidades abertas à democracia são inegáveis e vêm ao encontro das bandeiras defendidas por décadas nos círculos acadêmicos e políticos. Causa surpresa ver pesquisadores

---

<sup>86</sup> “Freedom of the press is guaranteed only to those who own one.” Tradução livre. Frase de tradução literal impossível, pois o inglês *press* significa tanto imprensa quanto a prensa usada para a confecção de jornais antigamente. Disponível em: [http://en.wikiquote.org/wiki/A.J.\\_Liebling](http://en.wikiquote.org/wiki/A.J._Liebling). (Último acesso em 20/3/2006.)

e jornalistas esforçando-se em impedir que o cidadão utilize-se dos meios de que dispõe para se manifestar na esfera pública, agora que eles finalmente são acessíveis a virtualmente todos. Por outro lado, a glorificação acrítica de tecnologias contribui tão pouco para o progresso científico quanto o preconceito. Esta pesquisa pretendeu evitar estes dois extremos e ser um passo no sentido de descobrir as falhas, mas também os acertos do webjornalismo participativo.

Em lugar de apenas descrever como os sistemas de publicação de webjornais participativos permitem a qualquer um tomar parte no processo jornalístico, de maneira cooperativa, prefere-se aqui verificar que tipo de cooperação ocorre nestes sistemas. Caso sejam intervenções com potencial de modificar profundamente o texto inicial em seus aspectos jornalísticos, serão consideradas intervenções pluralizantes. Do contrário, as intervenções, por mais interessantes que possam ser para os leitores, são consideradas pouco relevantes no que concerne ao objetivo da participação no jornalismo e denominadas formais/disruptivas. A saber, pluralizar os pontos de vista sobre determinados fatos, conforme a proposta de um jornalismo multiperspectivo de GANS (2003). A predominância do primeiro tipo, no âmbito deste trabalho, indica que o webjornalismo participativo está atendendo a seus objetivos. Em poucas palavras, o que se quer verificar com este estudo é se a colaboração resulta em produtos consistentes, ou apenas em socialização descompromissada e, por que não dizê-lo de forma honesta, “besteírol”.

## 4 APRESENTAÇÃO DOS OBJETOS

Com o intuito de gerar resultados o mais generalizáveis a partir da análise de conteúdo planejada, foi necessário selecionar webjornais participativos que ao mesmo tempo atendessem aos critérios da definição do termo e fossem o mais diferentes possível. Adotou-se em primeiro lugar a estratégia de selecionar webjornais participativos de referência. A relevância foi definida principalmente a partir da presença na bibliografia pesquisada, isto é, os webjornais participativos citados em artigos jornalísticos e trabalhos científicos foram considerados relevantes.

Um segundo critério usado para determinar a relevância dos webjornais foi minha própria experiência como internauta. SANTAELLA (2004, p.60) considera como usuário “experto” aquele que “transita pela rede com familiaridade em função da representação mental clara que tem da estrutura, da qualidade e das idiossincrasias dos mecanismos de navegação”. A pesquisadora considerou experientes usuários que acessam a rede três vezes por semana e não têm computador em casa. Em meu caso, acesso a rede diariamente por em média seis horas e mantenho publicações eletrônicas desde 1998, entre elas o extinto fanzine *Cardosonline*, distribuído por correio eletrônico, e os blogs *Martelada*, *Garfada* e *Conversas Furtadas*, disponíveis no site *Insanus.org*, bem como o blog do Laboratório de Interação Mediada por Computador da Fabico/UFRGS (<http://www.ufrgs.br/limc/blog>). Além disso, trabalhei durante dois anos como redator e editor de notícias no Portal Terra. Nessas atividades, tive contato com os mais variados tipos de publicação digital e pude elaborar uma lista de webjornais participativos com base no arquivo de sites favoritos que mantenho (APÊNDICE A).

A partir desses dois critérios, destacaram-se as seguintes publicações: *Slashdot*, *Centro de Mídia Independente (CMI)*, *Kuro5hin*, *Wikinews* e *OhmyNews*. *Slashdot*, *CMI* e *OhmyNews International* já mereceram dissertações de mestrado no Brasil. O *Slashdot* foi analisado segundo seu sistema de cooperação entre leitores e colaboradores, ou seja, mais do ponto de vista da interação social na Web do que do ponto de vista jornalístico (MARTINS, 2006). BURGER (2004) analisou o *CMI*, focando-se nas relações de poder entre os colaboradores de redes de notícias independentes. RIGITANO (2004) debruçou-se também sobre o *CMI*, observando em sua dissertação o funcionamento e a organização de redes de ativismo social na Internet. Estas contribuições, certamente de grande importância, estão mais preocupadas com os aspectos técnicos das redes, ou com as relações sociais nelas desenvolvidas.

O *OhmyNews International* foi estudado por BRAMBILLA (2006), com foco nos aspectos jornalísticos do objeto. A dissertação estuda a reconfiguração do papel do jornalista com a emergência do jornalismo *open source*. A pesquisa aqui proposta é uma continuação do trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Laboratório de Interação Mediada por Computador (LIMC) da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, buscando aprofundar e ampliar o escopo da análise deste novo fenômeno com que o jornalismo contemporâneo precisa lidar, mas mudando a ênfase no jornalista profissional para ênfase no público interagente.

Este trabalho pretende acrescentar ao arcabouço de pesquisas nacionais sobre o tema a análise da produção efetiva dos colaboradores de webjornais participativos. A maior parte da pesquisa existente centra-se na descrição das ferramentas e dos processos de produção de conteúdo jornalístico que permitem a intervenção do leitor, como os sistemas de comentários e avaliação, por exemplo, mas não chega a verificar de forma sistemática que tipo de intervenções os leitores fazem após a publicação do texto inicial. Propõe-se aqui preencher esta lacuna, observando os tipos de intervenções do público nos sites de webjornalismo participativo, seja sob a forma de textos e outros tipos de material jornalístico, seja de comentários a respeito dos mesmos. Em vez do foco nas miríades de possibilidades futuras abertas pelas ferramentas para a intervenção sobre o material jornalístico, pretende-se observar como essas possibilidades se concretizam no cotidiano atual do webjornalismo participativo.

Entre os webjornais participativos mais relevantes segundo a avaliação deste trabalho, ainda não foram estudados nos meios acadêmicos brasileiros o *Kuro5hin* e o *Wikinews*.

Pretendeu-se introduzi-los no círculo brasileiro da pesquisa em jornalismo, ampliando o conhecimento sobre as novas relações entre a esfera midiática e a audiência através da multiplicação de exemplos extraídos da experiência concreta. Entre os pesquisadores estrangeiros, BRUNS (2005a) e GILLMOR (2004) fazem referência ao *Kuro5hin*, sendo que o primeiro dedicou-lhe um estudo de caso. BRUNS (2005b) também é o responsável pelo único artigo científico encontrado a respeito do *Wikinews* em bases de dados de teses e periódicos da Capes e ferramentas de busca como o *Google* e *Google Scholar*. As palavras-chave pesquisadas foram os nomes dos webjornais participativos, bem como combinações dos termos “jornalismo online”, “jornalismo digital”, “webjornalismo”, “jornalismo participativo” e suas traduções para o inglês, e ainda “wiki”. Nenhum dos dois pesquisadores se deteve sobre o foco da análise de conteúdo aqui efetuada, isto é, qual o caráter predominante nas intervenções de leitores sobre o material jornalístico publicado nesses veículos. Ambos atêm-se mais à descrição do funcionamento dos sistemas e processos de publicação do que ao tipo de material produzido.

Trata-se, é certo, de uma amostra pouco representativa em termos quantitativos, ou seja, não reproduz em menor escala a variedade de tipos de webjornais participativos. “Quando se quiser determinar, com base no conhecimento dos estatísticos da amostra, os parâmetros da população, é necessário ter uma amostra representativa desse universo” (RICHARDSON, 1999, p.160). Assim, não se pretende que os resultados da análise de conteúdo levada a cabo sejam definitivos. Um estudo com uma amostra de amplitude muito maior seria necessário para se poder afirmar categoricamente que todos os colaboradores de webjornais participativos se comportam como os colaboradores do *Wikinews* e do *Kuro5hin*. Por outro lado, ambos são sujeitos-tipo, na medida em possuem as características que definem todos os membros da população de webjornais participativos, ou seja, ambos permitem e dependem da intervenção profunda do leitor no processo produtivo. Ao mesmo tempo, tanto o *Kuro5hin* quanto o *Wikinews* seguem modelos diferentes de webjornalismo participativo, o primeiro investindo na expressão da opinião e na socialização, o segundo, na busca da neutralidade e funcionalidade. Dado que os dois webjornais participativos selecionados se encontram em posições quase opostas, pode-se esperar que os resultados da análise de conteúdo sejam representativos do todo.

## 4.1 WIKINEWS

O *Wikinews* (<http://em.wikinews.org>) foi aberto ao público em novembro de 2004 e é baseado no conceito wiki. Um wiki é um programa hospedado em um servidor que permite aos usuários colaborar na elaboração do conteúdo de um website, redigindo e editando o material disponível diretamente através de um aplicativo de navegação na Web normal, muitas vezes sem a necessidade de cadastro. Em geral os colaboradores podem fazer modificações nos textos uns dos outros e um histórico de versões publicadas é armazenado e fica disponível aos leitores, permitindo ainda reverter cada página para uma versão anterior. Um ponto de interesse no *Wikinews* (*WN*) é o fato de se ter originado na Wikimedia Foundation, que administra a *Wikipedia*, cujo sucesso foi descrito no capítulo 1.

O *WN* é um site de notícias em que qualquer internauta pode interferir nos textos. Tem o formato de um webjornal tradicional, mas todo texto traz uma aba chamada *edit this page* perto do topo. Clicando-se aí, acessa-se uma plataforma de edição em que, com uma linguagem de marcação própria, pode-se acrescentar imagens, corrigir erros ou adicionar palavras, frases e parágrafos aos textos, bem como inserir links. É possível mesmo apagar as notícias completamente. Não há necessidade de cadastro para modificar o conteúdo do site. Já há versões em 22 línguas, inclusive o português<sup>87</sup>. O *WN* foi idealizado por Erik Möller, jornalista e membro do conselho da Wikimedia Foundation. O objetivo, desde sempre, foi produzir jornalismo informativo, e não opinativo:

A idéia do Wikinews surgiu anonimamente em uma discussão no Metawiki. Um sujeito perguntou por que não utilizávamos a ferramenta para produzir notícias. Levou algum tempo até que eu me convencesse da necessidade de um veículo para o jornalismo cidadão. Queríamos algo que não fosse a mera republicação de notícias de outros veículos e seguisse o mesmo modelo *open source* da Wikipedia. Mas não nos moldes do OhmyNews, em que os repórteres-cidadãos são incentivados a escrever sobre o que lhes aconteceu hoje, a escrever matérias sobre sua vida. Queríamos notícias. A não ser que você seja alguém muito importante, este tipo de texto não é notícia.<sup>88</sup>

Com pouco mais de dois anos de operação, o *WN* ainda busca se firmar, não tendo atingido um sucesso tão grande em termos de participação quanto a *Wikipedia* (BRUNS, 2005b), ou quanto webjornais participativos como *Slashdot* e *Centro de Mídia Independente*. No entanto, a comunidade que se formou em torno do *WN*, mesmo relativamente pequena, consegue fazê-lo operar satisfatoriamente.

---

<sup>87</sup> Disponível em: <http://www.wikinews.org>. Último acesso em: 10/01/2007.

<sup>88</sup> Entrevista concedida ao blog do LIMC em 15/02/2006. URL: <http://www6.ufrgs.br/limc/blog/arquivos/2006/02/index.html>.

Decidiu-se não trabalhar com a versão em português do *WN*, o *Wikinotícias*, porque esta ainda é muito incipiente. A maior parte do material é uma condensação de notícias colhidas de outros veículos de imprensa e algumas manchetes são mantidas por mais de 24 horas (TRÄSEL, 2005). No dia 10 de janeiro de 2007, por exemplo, a manchete ainda era “Explosão atinge terminal 4 de aeroporto de Madrid”<sup>89</sup>, notícia publicada no dia 30 de dezembro de 2006. Outro motivo para não se analisar a versão em português do *WN* seria uma possível distorção durante a análise de conteúdo ao se trabalhar com duas línguas diferentes. Como minha língua nativa é o português, poderia ocorrer algum tipo de favorecimento deste veículo em detrimento do *KuroShin*. QUANDT (2006), em uma análise de conteúdo comparando webjornais alemães, franceses, ingleses e russos, usou codificadores nativos em cada uma das línguas para evitar distorções. Infelizmente, não havia recursos suficientes para fazer o mesmo no âmbito desta pesquisa.

#### 4.1.1 Colaboradores

Há três tipos de colaboradores no *WN*. O primeiro é o colaborador não-cadastrado, aquele internauta que descobre um erro ou pensa em um acréscimo importante durante a leitura de uma matéria e decide intervir, mas sem se registrar no sistema. A intervenção deste tipo de colaborador é assinada com o IP<sup>90</sup> da máquina que ele estiver usando no momento. Embora não-cadastrado, nada impede que esses colaboradores sejam na verdade bastante atuantes.

O segundo tipo de colaborador é o cadastrado. Para cadastrar-se, é preciso seguir o link *create account* existente no canto superior direito de cada página do *WN*. O internauta é então apresentado a um formulário que solicita um nome de usuário (*username*), uma senha e um endereço de correio eletrônico. É preciso também preencher um campo de filtragem de *spam*<sup>91</sup>, que pede a resolução de um problema de adição. Inserindo-se o resultado correto, o sistema aceita o envio do formulário. O cadastro é criado automaticamente e então o

---

<sup>89</sup> Disponível em: [http://pt.wikinews.org/wiki/Explos%C3%A3o\\_atinge\\_terminal\\_4\\_de\\_aeroporto\\_de\\_Madrid](http://pt.wikinews.org/wiki/Explos%C3%A3o_atinge_terminal_4_de_aeroporto_de_Madrid). Último acesso em: 10/01/2007.

<sup>90</sup> Sigla para *Internet Protocol adress* (protocolo de endereço na Internet). Trata-se de um endereço que os aparelhos usam para se comunicar uns com os outros em redes de computadores usando um protocolo específico da Internet – em resumo, a identificação de um determinado computador, servidor, impressora ou mesmo de alguns telefones e aparelhos de fax dentro da rede.

<sup>91</sup> *Spam* é uma mensagem eletrônica não solicitada, em geral anunciando algum produto. O tipo mais conhecido é o *spam* de correio eletrônico, mas também há *spam* em fóruns de discussão, comentários de blogs, sites de relacionamento, programas de mensagens instantâneas etc. O nome vem de um esquete do programa de humor televisivo britânico *Monty Python's Flying Circus*, que os personagens incluíam a palavra “*spam*” (uma marca de carne enlatada) em todas as frases de um diálogo.



colaborador pode escolher um apelido (*nickname*) e diversas características de navegação dentro do *WN*, tais como a coloração e diagramação das páginas, o tamanho máximo de visualização de imagens, a notação de datas, o fuso-horário, o tipo de alinhamento do texto e diversas outras opções. Nesta descrição, apenas as opções-padrão serão abordadas. As intervenções feitas pelos colaboradores cadastrados são assinadas com seu apelido. Além disso, ganha-se o direito de solicitar credenciais de repórter do *WN* e de participar de votações. Até outubro de 2006, haviam 12.320 colaboradores cadastrados<sup>92</sup>.

O terceiro tipo de colaborador são os administradores, num total de 48 até janeiro de 2007. Eles são supervisionados pelos *stewards* (membros antigos da Wikimedia Foundation que atribuem status de administrador a qualquer colaborador de qualquer projeto da fundação) e *bureaucrats* (membros de determinado projeto, têm o poder de atribuir status de administrador a outros colaboradores). Os administradores são escolhidos pela própria comunidade de colaboradores do *WN* com base em sua reputação, com a condição de estar atuando como colaborador cadastrado há pelo menos um mês. Qualquer um pode solicitar status de administrador. Ao fazer a solicitação, é aberto um fórum e todos os membros da comunidade podem dar seu apoio ou contrapor-se. Se o consenso for atingido, os *bureaucrats* (burocratas) dão privilégios ao candidato, que poderá então criar mensagens oficiais para a comunidade, bloquear usuários, apagar e fechar páginas à edição. O poder do administrador, no entanto, é limitado pela política editorial do *WN*. Conforme Erik Möller, eles “são mais como zeladores: quem decide o que fazer são os moradores, o zelador apenas cumpre” (TRÄSEL, 2006). Qualquer membro da comunidade pode solicitar a retirada dos privilégios de determinado administrador. Os administradores do sistema têm entre suas atribuições apagar matérias que infringem as regras, quando outros colaboradores não o fazem. Uma técnica muito usada para descobrir infrações de direitos autorais, por exemplo, é fazer uma busca pela íntegra do texto na ferramenta de buscas *Google*. Caso descubra-se um texto anterior igual em outro webjornal, a versão do *WN* é apagada.

O *WN* é totalmente aberto à escrita e à participação, pois as intervenções ocorrem em todos os momentos, sem controle prévio. Os colaboradores podem escrever uma notícia, editar as notícias de outros colaboradores, editar a capa do webjornal ou tomar parte nas discussões que acompanham cada matéria. Não apenas isso, como também participam da criação da política editorial e da própria manutenção do sistema, como administradores.

---

<sup>92</sup> Disponível em: <http://en.wikinews.org/wiki/Special:Statistics>. Acesso: 20/01/2007.

### 4.1.2 Política editorial

O *WN* declara como sua missão “apresentar conteúdo atual, interessante, relevante e divertido sem tendenciosidade”<sup>93</sup>. Pode-se perceber nessa declaração um julgamento de valor sobre o jornalismo praticado tanto pela mídia tradicional, quanto por outros tipos de webjornais participativos, que produziram material jornalístico tendencioso. Em uma discussão sobre que tipo de valor teria o *WN*, iniciada por um colaborador insatisfeito com o grande número de matérias que se limitam a condensar informação de outras fontes, Doldrums, um administrador, responde que as vantagens estão em “juntar vários pontos de vista, anulando a parcialidade de fontes de notícias individuais” e no fato de que “o objetivo é produzir reportagens completas, não *posts* como os de blogs, cobrindo todo o espectro das notícias em geral”<sup>94</sup>. Os blogs e outros tipos de webjornais participativos são considerados fragmentários e excessivamente carregados de opinião.

O aspecto mais importante da política editorial, decorrente desta preocupação em eliminar a opinião do material jornalístico publicado, é o Ponto de Vista Neutro (*Neutral Point of View*, NPOV). Essa diretriz foi desenvolvida para a *Wikipedia* e aplicada ao *WN*. O objetivo é eliminar qualquer tipo de parcialidade dos textos publicados.

O ponto de vista neutro é um meio de lidar com visões conflitantes. A diretriz exige que, quando existirem ou houverem existido visões conflitantes, elas devem ser apresentadas de forma equilibrada. Nenhuma das visões deve ganhar *peso indevido* ou ser afirmada como a verdade, e todos os pontos de vista significativos publicados devem ser expostos, não apenas o mais popular. Também não se deve afirmar que o ponto de vista mais popular ou algum tipo de visão intermediária entre as diferentes visões é o correto. Os leitores devem formar suas opiniões sozinhos.<sup>95</sup>

Observa-se nessa diretriz a preocupação com imparcialidade e equilíbrio, valores caros ao jornalismo. Além disso, a noção de que os leitores devem ficar livres para formar seu próprio ponto de vista sobre determinados fatos é corrente entre jornalistas e nas políticas editoriais de veículos de imprensa. A política do NPOV reconhece que mesmo a neutralidade

---

<sup>93</sup> “To present up-to-date, relevant, newsworthy and entertaining content without bias”. Tradução livre. Disponível em: [http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Mission\\_statement](http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Mission_statement). Acesso: 20/01/2007.

<sup>94</sup> “Getting various points of view together, overcoming individual news sources' biases” e “its aim to produce full reports, not blog-like posts, covering the full spectrum of general news”. Tradução livre. Disponível em: <http://en.wikinews.org/wiki/User:Kinnerc/WhereToWikinews%3F>. Acesso: 20/01/2007.

<sup>95</sup> “The neutral point of view is a means of dealing with conflicting views. The policy requires that, where there are or have been conflicting views, these should be presented fairly. None of the views should be given undue weight or asserted as being the truth, and all significant published points of view are to be presented, not just the most popular one. It should also not be asserted that the most popular view or some sort of intermediate view among the different views is the correct one. Readers are left to form their own opinions.” Tradução livre. Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Neutral\\_point\\_of\\_view](http://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Neutral_point_of_view). Acesso: 20/01/2007.

é uma construção discursiva: “Como o nome sugere, o ponto de vista neutro *é* um ponto de vista, não a ausência ou eliminação dos pontos de vista. É um ponto de vista neutro – ou seja, nem simpático, nem oposto a seu sujeito”<sup>96</sup>. Ainda assim, entretanto, o ideal de que a apresentação dos fatos “como eles são” sugere a filiação dessa política editorial à ideologia profissional do jornalismo como um espelho realidade. Conforme TRAQUINA (2005, p.147), o papel do jornalista no âmbito da Teoria do Espelho é o do “observador que relata com honestidade e equilíbrio o que acontece, cauteloso em não emitir opiniões pessoais”. É o mesmo papel que a política do NPOV atribui aos colaboradores da *Wikipedia* e, por extensão, do *WN*.

O NPOV, de fato, levou BRUNS (2005b, p.11) a acusar o *WN* de tentar “parecer mais jornalístico do que os jornalistas”<sup>97</sup>. A busca da neutralidade faz com que o *WN* seja incapaz de oferecer uma abordagem realmente inovadora das notícias, redundando em formatos narrativos com foco no conflito, em lugar de problemáticas, um ponto bastante criticado no modelo tradicional de noticiário. O NPOV exige para sua observação a citação de fontes verificáveis – com efeito, outra diretriz editorial do *WN* – o que leva a uma grande dependência da mídia tradicional:

Devido à natureza perecível das notícias, **toda informação em um artigo do Wikinews deve ser referenciada e verificável**. Isso é para garantir que tudo o que nós publicamos é verdade e que nós tenhamos uma reputação confiável.<sup>98</sup>

O resultado dessa diretriz é que a maior parte dos textos publicados pelo *WN* se limita a condensar informação de fontes da mídia tradicional (TRÄSEL, 2005). Ou seja, há um processo de *gatewatching* (BRUNS, 2005) em um nível muito básico, sem a agregação de comentário ou análise. No fundo, o *WN* adiciona um novo gatekeeper à cadeia de *gatekeeping* que leva da coleta de fatos à publicação de uma notícia por outros veículos de imprensa, quando faz tão somente a condensação de informações provindas de outras fontes jornalísticas. Neste caso, a utilidade do serviço reside sobretudo em ser uma agência de

---

<sup>96</sup> “As the name suggests, the neutral point of view is a point of view, not the absence or elimination of viewpoints. It is a point of view that is neutral – that is neither sympathetic nor in opposition to its subject.” Tradução livre. Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Neutral\\_point\\_of\\_view](http://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Neutral_point_of_view). Acesso: 20/01/2007.

<sup>97</sup> “Appear more journalistic than journalists”. Tradução livre.

<sup>98</sup> “Due to the time-limited nature of news articles, **every piece of information in a Wikinews article must be referenced and verifiable**. This is to ensure that everything we run is true, and that we have a trust-worthy reputation.” Tradução livre. Disponível em: [http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Cite\\_sources](http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Cite_sources). Acesso: 20/01/2007.

notícias aberta, cujo material pode ser aproveitado por veículos pequenos ou alternativos que não disponham de recursos para contratar uma agência de notícias comercial:

Embora o Wikinews tenha como meta se tornar um recurso útil em si mesmo um dia, também pretende oferecer uma alternativa a agências de notícias proprietárias como a *Associated Press* ou *Reuters*; ou seja, pretende oferecer um serviço de notícias de alta qualidade sem custos para que empreendimentos de mídia independente complementem seu próprio noticiário. Graças ao copyleft, qualquer um pode criar sua fonte de notícias livre – mesmo uma não-neutra – com base neste trabalho.<sup>99</sup>

Evidentemente, essa proposta gera questionamentos sobre direitos autorais. O guia editorial, apesar de oferecer as seções *copyright* (direito autoral) e *fair use* (uso justo), resume a discussão nessas seções ao uso de imagens, mas não de informações obtidas em outras fontes. A única menção à autoria de textos é encontrada no tutorial que ensina a escrever um artigo:

Os artigos no Wikinews não devem infringir os direitos autorais de nenhum outro trabalho. Assim, copiar porções de texto de outras fontes em um artigo do Wikinews em geral é inaceitável, e em alguns casos mesmo reescrever o conteúdo de outra fonte não é suficiente. É melhor coletar informação de múltiplas fontes e reuni-las todas *em suas próprias palavras* no artigo que escrever. (...) Por favor, não publique um artigo até que ele tenha múltiplas fontes, ou haja um acordo entre os editores de que mais fontes não estão disponíveis e o artigo não é uma infração de direitos autorais ou inclui reportagem original.<sup>100</sup>

Em outras palavras, o *WN* admite usar o resultado do trabalho de jornalistas profissionais e empresas sem retribuição financeira, embora reconhecendo a fonte. Em que pese não ser produzido por jornalistas profissionais, o *WN* importa valores de manuais de redação e códigos de ética e, portanto, seria de se esperar que observasse as restrições quanto ao uso do trabalho alheio. Por outro lado, apesar de esse posicionamento parecer ferir a ética profissional, é preciso destacar que as empresas jornalísticas tradicionais costumam fazer o mesmo por meio de suas escutas de rádio e TV e leitura de jornais e webjornais, com o agravante de por vezes não admitirem a prática, nem citarem as fontes. O real problema em

---

<sup>99</sup> “While Wikinews aims to one day be a useful resource of its own, it will also provide an alternative to proprietary news agencies like the *Associated Press* or *Reuters*; that is, it will allow independent media outfits to get a high quality feed of news free of charge to complement their own reporting. Thanks to copyleft, anyone can create their own free news source – even a non-neutral one – on the basis of this work.” Tradução livre. Disponível em: [http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Mission\\_statement](http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Mission_statement). Acesso: 20/01/2007.

<sup>100</sup> “Wikinews articles should not infringe on the copyright of any other work. So copying portions of text from other sources into a Wikinews article is usually not acceptable, and in some cases, even rewriting the content of another source is not sufficient. It is best to gather information from multiple sources and put them all together *in your own words* in the article you write. (...) Please do not publish an article until it has multiple sources, or there is agreement among editors that more sources are not available and article is not a copyright infringement or that article includes original reporting.” Tradução livre. Disponível em: [http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Writing\\_an\\_article](http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Writing_an_article). Acesso: 20/01/2007.

relação ao uso de notícias publicadas em outros veículos como fonte de informação é a proporção em que isso ocorre no *WN*, pois a maior parte das matérias publicadas ainda usa esse expediente. A reportagem original é muito pouca. O ideal do *WN* é mudar este quadro, entretanto, fazendo com que a reportagem original ganhe preponderância no material produzido.

Quais são os valores-notícia no *WN*? De acordo com a apresentação do serviço<sup>101</sup>, as matérias publicadas devem ser: a) focadas em um único assunto; b) escritas de um ponto de vista neutro; c) factuais; d) relevantes; e) globais e locais – “Qualquer matéria pode ser publicada de onde quer que venha no mundo, desde que seja notícia.”<sup>102</sup> —; e f) colaborativas. Editoriais, *press releases* e artigos científicos não são aceitos. Textos opinativos também estão descartados de publicação no *WN*, mas comentários podem ser feitos ocasionalmente nas páginas destinadas à discussão que acompanham cada matéria. É interessante destacar que todos esses valores-notícia costumam estar presentes em trabalhos acadêmicos sobre o jornalismo (TRAQUINA, 2005; WOLF, 2003), exceto pelo último, referente à colaboração. Embora em última análise todo material jornalístico seja colaborativo em maior ou menor grau, pois em geral depende da intervenção de mais de uma pessoa entre a coleta e a publicação, o que o *WN* propõe é transformar a interferência de “mil olhos” sobre uma determinada notícia em um valor em si, conforme a palavra-de-order do movimento *open source*. Isto é, uma notícia avaliada e referendada pela comunidade seria mais completa e confiável do que aquelas avaliadas e referendadas por uma equipe reduzida, ainda que profissional, em uma redação.

### 4.1.3 Código de ética

Até janeiro de 2007, o código de ética do *WN* encontrava-se em desenvolvimento<sup>103</sup>. Isso significa que a página pode ser editada livremente, estando aberta à inclusão de diretrizes contraditórias e mesmo ao vandalismo. Logo abaixo do título, há um aviso de que esse código de ética ainda não é oficial e uma lista de referências sobre ética jornalística que pode ser consultada pelos colaboradores. São listados os códigos de ética da Sociedade de Jornalistas Profissionais dos EUA, da Associação de Jornalistas da Austrália, da Rede Internacional de Jornalistas (IJNet) e de outras instituições semelhantes na Lituânia, Eslovênia, Canadá e

---

<sup>101</sup> Disponível em: [http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:What\\_Wikinews\\_is](http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:What_Wikinews_is).

Último acesso em: 10/8/2006.

<sup>102</sup> “Any story can be published where-ever in the world it is from, as long as it is news”. Tradução livre.

<sup>103</sup> Disponível em: [http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Code\\_of\\_Ethics](http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Code_of_Ethics). Acesso: 20/01/2007.

Estados Unidos. Cita ainda os códigos de ética da *BBC*, *Al Jazeera*, da Comissão de Queixas contra a Imprensa do Reino Unido, um “código de ética dos blogueiros” da revista eletrônica *Cyberjournalist* e o artigo da *Wikipedia* sobre padrões e ética jornalísticas.

O código é dividido entre as obrigações para com os leitores e as obrigações para com as fontes. Em relação aos leitores, o *WN* deve apresentar relatos:

- a) independentes (*independent*), no sentido de que o projeto não busca o lucro, nem é propriedade de qualquer instituição empresarial;
- b) neutros (*neutral*), isto é, devem se conformar ao ponto de vista neutro (NPOV) que norteia todos os projetos da fundação Wikimedia;
- c) verdadeiros (*truthful*), na medida em que se persegue o ideal de não publicar matérias que veiculem informações sem fontes verificáveis;
- d) e responsáveis (*accountable*), ou seja, o *WN* se vê como responsável por qualquer informação inverídica publicada.

As obrigações em relação às fontes são:

- a) minimizar os prejuízos (*minimize harm*), garantindo que as matérias não sejam equivocadas ou inflamatórias e respeitem as fontes. Os métodos para garantir isso são verificar os fatos com múltiplas fontes, contatar os envolvidos sempre que possível, não publicar artigos baseados em especulações, e colocar-se no lugar dos envolvidos, imaginando como cada um se sentiria lendo o texto antes de publicá-lo;
- b) evitar a má interpretação (*avoid misinterpretation*), não distorcendo as palavras dos entrevistados;
- c) mostrar todos os lados da história (*get all sides of a story*), isto é, garantir que todos os pontos de vista dos envolvidos estejam representados;
- d) respeitar o anonimato (*respect anonymity*), ou seja, cumprir qualquer acordo feito com uma fonte quanto a declarações em *off*.

Na verdade, o código de ética resume recomendações fornecidas em outras seções das diretrizes editoriais do *WN*, sendo a maioria delas decorrente da exigência de manter o ponto de vista neutro. Curiosamente, recomenda-se mostrar a versão final das matérias aos

entrevistados, prática em geral mal vista pelos jornalistas profissionais: “Não publique qualquer tipo de entrevista sem assegurar-se de que o entrevistado está absolutamente satisfeito com o texto final do artigo”<sup>104</sup>. A razão exposta é não melindrar as fontes que dispuseram de seu tempo para dar a entrevista. A presença dessa diretriz e o fato de que não tenha sido reescrita ou excluída denota uma admissão, por parte da comunidade de colaboradores, de que o *WN* não tem credibilidade suficiente para enfrentar as fontes. Erik Möller relata que constantemente enfrenta dificuldades de acesso às fontes por conta da edição aberta que de matérias:

Há algum tempo eu tentei entrevistar uma autora norte-americana, que havia escrito um livro sobre evolução para crianças. Ela respondeu que não se sentia confortável dando uma entrevista para um website. Imagine se eu explicasse como um Wiki funciona! No entanto, as pessoas ligadas à tecnologia, que conhecem a Wikipedia, costumam receber bem os pedidos de entrevistas. O desafio é publicar coisas que aumentem a credibilidade do Wikinews fora desta comunidade (TRÄSEL, 2006).

Esta falta de credibilidade talvez se reflita na postura quase subserviente de não enfrentar as fontes, como costuma fazer a imprensa de referência, quando necessário. Porém, é preciso reconhecer que o código de ética ainda está em desenvolvimento e não reflete o consenso da comunidade de colaboradores do *WN*.

#### 4.1.4 Reportagem original

O objetivo último do *WN* é fornecer não apenas material gratuito e livre de direitos autorais para veículos política ou socialmente engajados e mesmo empreendimentos comerciais pequenos e grandes, mas oferecer material original a estes grupos e ao público em geral. A proporção de reportagens originais ainda é muito pequena em relação à quantidade de artigos que se limitam a condensar informação de outras fontes. De um total de 7.818 matérias publicadas desde novembro de 2004, apenas 687 estão marcados como reportagem original, cerca de 8,8%<sup>105</sup>.

A regra mais importante ao se escrever uma reportagem original é publicar o material obtido durante a fase de coleta de informações. Pode-se transcrever as notas tomadas durante as entrevistas com fontes ou participação em coletivas de imprensa, ou ainda publicar arquivos de áudio. No caso de se tratar de um relato testemunhal, é preciso explicar os

---

<sup>104</sup> “Do not publish any sort of interview story without ensuring that the interviewee is absolutely happy with the articles final text.” Tradução livre. Disponível em: [http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Code\\_of\\_Ethics](http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Code_of_Ethics). Acesso: 20/01/2007.

<sup>105</sup> Baseado no cruzamento das informações em <http://en.wikinews.org/wiki/Special:Statistics> e [http://en.wikinews.org/wiki/Category:Original\\_reporting](http://en.wikinews.org/wiki/Category:Original_reporting) coletadas no dia 28/01/2007.

motivos pelos quais se estava presente ao evento, apresentar um breve currículo e oferecer um meio de contato para verificação. Estas informações devem estar presentes na página de discussão que acompanha cada matéria no *WN*.

Ao editar a matéria, deve-se também inserir um código específico ao final do texto, para que um selo de “reportagem original” apareça no pé da página:



Figura 6 – Selo que indica reportagem original no Wikinews  
 Fonte: <http://en.wikinews.org>. Acesso: 20/01/2007

A mensagem no selo explica que se trata de “jornalismo de primeira mão produzido por um membro do *Wikinews*” e direciona o leitor à página de discussão da matéria, onde há mais detalhes de como ela foi produzida. Explica ainda que os artigos são traduzidos pela Wikinews Original Reporting Translation Network<sup>106</sup> (Rede de Tradução de Reportagens Originais do Wikinews), um grupo de voluntários que se dedica a verter os textos para as diversas línguas em que o serviço noticioso é oferecido. O selo apresenta links para o guia de reportagem original do *WN*<sup>107</sup>, para uma página com informações gerais sobre os colaboradores (chamados *wikinewsies*)<sup>108</sup>, para a página de discussão da reportagem e para a página da WORTNET no *MetaWiki*<sup>109</sup>, um website dedicado à discussão dos projetos da Wikimedia Foundation.

Uma segunda regra a seguir é o respeito ao código de ética do *WN*. Em seguida, há uma série de recomendações de comportamento durante uma entrevista, como informar corretamente quem se é e qual o objetivo da entrevista, delimitar o início e o fim da entrevista

<sup>106</sup> Disponível em: <http://meta.wikimedia.org/wiki/WORTNET>. Acesso: 20/01/2007.

<sup>107</sup> [http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Original\\_reporting](http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Original_reporting).

<sup>108</sup> <http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Wikinewsies>.

<sup>109</sup> [http://meta.wikimedia.org/wiki/Main\\_Page](http://meta.wikimedia.org/wiki/Main_Page).



(isto é, quando se está *on* e *off the record*), esclarecer qualquer ponto duvidoso sempre, estar atento às manipulações de fontes experientes no trato com a imprensa e pesquisar sobre a fonte e o assunto a tratar antes da entrevista.

Ao final, há um aviso para que os colaboradores não se identifiquem como representantes do *WN*, mas como pesquisadores ou escritores independentes que pretendem publicar o resultado de seu trabalho no webjornal participativo. “Seus pontos de vista e atividades não representam aquelas de ninguém mais que usa o Wikinews, nem a reputação do Wikinews, ou falta de reputação do Wikinews, se reflete em você”<sup>110</sup>. O guia recomenda ainda deixar bastante claro ao entrevistado que o *WN* é um noticiário aberto e público, “com um controle de qualidade transitório, na melhor das hipóteses”. Finalmente, recomenda-se aos colaboradores que sejam educados e imparciais.

Apesar disso, o *WN* emite credenciais para repórteres, como qualquer empresa jornalística, desde que respeitadas certas regras<sup>111</sup>. A certificação depende de uma votação pelos colaboradores do projeto. O interessado precisa ter publicado diversas matérias, com ao menos algumas semanas de antecedência, e mostrar comprometimento com a política do ponto de vista neutro. O pedido de credenciamento então é colocado em votação durante uma semana e deve receber 70% de votos “sim”. Caso ocorram abusos, qualquer colaborador, cadastrado ou não, pode iniciar um processo de revogação, em que novamente todos votam. Após todo o processo, o administrador do sistema envia uma identificação digital de repórter do *WN* para o indivíduo certificado, sendo que ele mesmo deve providenciar a impressão.

#### 4.1.5 Página principal e páginas de discussão

Ao entrar na página principal do *WN*, o navegador se depara em primeiro lugar com uma caixa de texto, contendo a mensagem “bem-vindo ao Wikinews, a fonte de notícias livre que *você pode escrever*”<sup>112</sup>. Um link na expressão “você pode escrever” leva a uma página de boas-vindas, cujo título é “o Wikinews precisa de você” (*Wikinews needs you*). Uma mensagem informa ao internauta do que se trata o *WN* e como colaborar:

---

<sup>110</sup> “Your own views and activities are not representative of anyone else who uses Wikinews, nor does the reputation of Wikinews, or lack of reputation of Wikinews, reflect on yourself.” Tradução livre. Disponível em: [http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Original\\_reporting](http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Original_reporting). Acesso: 20/01/2007.

<sup>111</sup> Disponível em: [http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Accreditation\\_policy](http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Accreditation_policy). Último acesso em: 10/8/2006.

<sup>112</sup> “Welcome to Wikinews, the free news source you can write”. Tradução livre. Disponível em: [http://en.wikinews.org/wiki/Main\\_Page](http://en.wikinews.org/wiki/Main_Page). Acesso: 27/01/2007.

**Bem-vindos todos ao Wikinews**, a fonte de notícias aberta escrita por **você!** Tudo o que você lê aqui é escrito por indivíduos como você. Você pode editar qualquer artigo – corrigir erros ortográficos, pontuação ou gramática, corrigir erros ou expandir o artigo.<sup>113</sup>

A página segue com mais algumas informações introdutórias sobre o projeto e links para tutoriais e guias. Na mesma caixa de texto em que aparece a mensagem de boas-vindas, há links para as listas de notícias de diferentes regiões do mundo.

Abaixo desta caixa de texto, vem a manchete, seguida por outras matérias de maior importância. Em geral, há fotos. Abaixo, a ilustração de uma caneta é seguida por um texto convidando o internauta a inserir uma manchete na caixa específica, apertar o botão *create article* e começar uma nova matéria. Na terceira posição, um logotipo anuncia as notícias mais novas (*breaking news*). Entre a manchete e a caixa de texto há uma linha com apontadores destinados às "últimas notícias", a versões em áudio e impressas, para o serviço de RSS<sup>114</sup>, bem como para outras páginas institucionais do *WN*. Na coluna esquerda há um menu de navegação. No início, havia a possibilidade de se editar a primeira página, mas hoje esta opção não está mais disponível a todos os internautas, nem a todos os colaboradores cadastrados.

---

<sup>113</sup> “**Welcome all to Wikinews**, the free news source written by **you!** Everything you read here is written by individuals just like yourself. You can edit any article — fix spelling mistakes, punctuation or grammar, correct mistakes or further expand the article!” Tradução livre. Disponível em: [http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Wikinews\\_needs\\_you%21](http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Wikinews_needs_you%21). Acesso: 20/01/2007.

<sup>114</sup> RSS é a sigla para *Rich Site Summary*, ou "sumário enriquecido de sites". Trata-se de um arquivo em codificação XML – uma versão do HTML –, contendo informações sobre conteúdos publicados em um site. É disponível sob demanda e acessável por programas que o assinante instala em seu computador pessoal, ou sites dedicados a agregar "fluxos" (*feeds*) de RSS. A vantagem é que o internauta não precisa ir até o site para verificar se foi ou não atualizado, mas recebe em seu computador ou em sua conta em um site agregador um resumo das atualizações, ou mesmo textos completos acompanhados de imagens. Os programas e sites agregadores permitem visualizar material de diversos webjornais em um mesmo espaço.

The Wikinews Arbitration Committee elections are ongoing (4 days left). **Please vote!** [dismiss]

**Welcome to Wikinews**  
The free news source *you can write!*  
Saturday, January 27, 2007, 23:29 (UTC)

Crime and law - Culture and entertainment - Disasters and accidents -  
Economy and business - Education - Environment - Health - Obituaries -  
Politics and conflicts - Science and technology - Sports - Wackynews

Africa - Asia - Central America - Europe - Middle East - North America - Oceania -  
South America - World

Browse articles • Audio Edition • Print Edition • Wikinews RSS • Get involved • Help with Breaking News • Newsroom • Help

**North Korea denies cooperation with Iran on nuclear programs**  
The North Korean government has denied reports in the press that the country is working with Iran to better their nuclear programs.  
> Full story

**Latest news** **RSS**  
Refresh to see the latest news! If you find a problem with an article, fix it or comment on the article's discussion page. If you are unsure on making a change, comment on the water cooler.

**January 27**

- Microsoft wanted to slap Dell
- North Korea denies cooperation with Iran on nuclear programs
- Iran's official radio silent about U.N. resolution against Holocaust denials
- West Indies wins the third match of the cricket series against India
- U.S. Army to court-martial Abu Ghraib officer
- Thousands protest Iraq war in Washington D.C.
- Technology developed to detect fake drugs quickly
- Martial law lifted in 41 provinces of Thailand
- Students insulted on returned New Zealand exam papers
- Discriminatory job ad by Central Bank of Turkey asks for men only
- Canadian government apologizes to deportation victim Arar

**Start a new article**  
Wikinews articles are written by readers *like you!*  
To report on a news event, check if it is already being covered. If not, Enter a good headline below to start your article.  
Create article

For more guidance, see Wikinews:Writing an article.

**Thousands protest Iraq war in Washington D.C.**  
Anti-war demonstration were being held in Washington, D.C. and other cities around the world in order to call an end to the Iraq war and to bring back home the troops stationed there.  
> Full story

**Featured Story**

Figura 7 – Reprodução da página principal do Wikinews  
Fonte: <http://en.wikinews.org>. Acesso em: 27/01/2007

No topo da página, abas oferecem as opções de participar de uma discussão aberta a respeito da primeira página com outros colaboradores (*discussion*), exibir o código fonte e o histórico de modificações. Para iniciar uma discussão sobre a capa ou sobre determinada matéria, basta clicar no link específico e o colaborador é levado para uma plataforma de edição, em que pode acrescentar seu texto. Um aviso pede que a linguagem ofensiva e inflamatória seja evitada. Também pede que se use um determinado código para a geração automática de uma assinatura com data e hora para cada mensagem. Após clicar em *save page*, o comentário do colaborador é automaticamente publicado.

The screenshot shows the Wikinews discussion page for the Main Page. At the top, there is a navigation bar with options like 'article', 'discussion', 'edit this page', 'add comment', 'history', 'rename', and 'watch'. Below this, a banner indicates that 'The Wikinews Arbitration Committee elections are ongoing (4 days left). Please vote!'. The main heading is 'Talk:Main Page' with a sub-heading 'From Wikinews, the free news source you can write!'. The page content includes a notice that the page is reserved for discussion of things related to the Main Page. A list of instructions follows: to discuss general matters, to request assistance, to write or propose articles, and to connect with the community. A specific discussion point is highlighted: '"Iran Test First Small Atomic Bomb" hoax article on mainpage'. A comment states that the article was on the main page since its creation on 30th November and should be deleted. Another comment explains that Wikinews is not a blog and that hoax articles are quickly deleted. A third comment notes that the article was on the main page for 4 days. A fourth comment expresses confusion about the issue. A fifth comment states that the article was on the main page for 4 days without the correct tag. A final comment explains that only the {{publish}} tag puts an article on the main page. On the left side, there is a navigation menu with links to Main Page, Browse articles, Newsroom, Recent changes, Upload free media, and Donations. Below this are sections for 'wikinews' (Water cooler, Style guide, Live chat, Help) and 'regions' (Africa, Asia, Central America, Europe, Middle East, North America, Oceania, South America). A search box is also present. On the right side, there is a 'Leads' section with a list of links and a 'Contents' section with a list of page contents.

Figura 8 – Espaço de discussão referente à primeira página do Wikinews

Fonte: <http://en.wikinews.org>. Acesso em: 20/01/2007

No canto superior direito da primeira página, bem como de todas as páginas do WN, o colaborador cadastrado pode fazer a autenticação de sua conta (*login*). No início, havia a possibilidade de se editar a primeira página, mas hoje esta opção não está mais disponível a todos os internautas, nem a todos os colaboradores cadastrados.

#### 4.1.6 Plataforma de edição

Se o leitor clicar em *edit this page* (editar esta página), será apresentada uma plataforma com o código do texto, que utiliza uma sintaxe própria, diferente da codificação HTML comum em páginas da Web. Pode-se usar a codificação Wiki ou usar uma barra de tarefas no topo da interface, com botões, que também permite introduzir o código necessário sem que seja preciso memorizá-lo. O leitor então pode fazer as mudanças que achar necessárias no texto e depois republicá-lo, clicando em *save page*. A mudança entra no ar automaticamente.

The screenshot shows the Wikinews editing interface. At the top, there are navigation tabs for 'article', 'discussion', 'edit this page', and 'history'. The article title is 'Editing Former Israeli prime minister Ariel Sharon develops double pneumonia'. Below the title, there is a sub-header 'From Wikinews, the free news source you can write!'. A message states: 'You are not logged in. Your IP address will be recorded in this page's edit history. To protect your privacy Create an account/Log in (Why?)'. The editing area contains a toolbar with icons for bold, italic, link, unlink, image, table, quote, and undo. The main text area shows the following code and rendered text:

```

<<(date|August 15, 2006)>>
[[Image:Ariel Sharon 2004.jpg|thumb|[[w:Ariel Sharon|Ariel Sharon]] in a 2004 file photo]]
Former [[w:Israel|Israeli]] prime minster [[w:Ariel Sharon|Ariel Sharon]], 78, has developed double
[[w:pneumonia|pneumonia]] and is being treated with "massive" amounts of antibiotics according to
hospital officials.

''We are talking about pneumonia that is being treated with massive antibiotics. There is no change
in the functioning of the brain tissue and no significant fall in vital signs,'' said officials at
Tel Hashomer hospital in the Sheba Medical Center located in [[w:Tel Aviv|Tel Aviv]], in a statement
today.

Yesterday doctors stated that Sharon's urine ouput had "decreased significantly" and that a scan of
his brain "showed a deterioration in his brain function," said Anat Dolev, a Sheba Medical Center
spokesman.

Yesterday the hospital reported that the condition of Sharon was getting worse.

Sharon has been in a coma since suffering a major stroke on January 4. Since being admitted to the
hospital, he has undergone several rounds of surgery on his brain in an attempt to stop bleeding.
Currently a respirator assists him in breathing.

==Related==

```

On the left side, there is a navigation menu with links to Main Page, Browse articles, Newsroom, Recent changes, Upload free media, Help, and Donations. Below that is a search box with 'Go' and 'Search' buttons.

Figura 9 – Plataforma para a edição de uma matéria no Wikinews  
 Fonte: <http://en.wikinews.org>. Acesso em: 15/8/2006

A linguagem de marcação ou “código wiki” é bastante mais simples que o HTML. Descrevê-la por completo não contribuiria para o presente trabalho, porém alguns exemplos podem ser vistos na tabela abaixo:

Aparência	Código
<i>Ítálico</i>	<code>''itálico''</code>
<a href="#">Link externo</a>	<code>[<a href="http://www.ufrgs.br">http://www.ufrgs.br</a> Link externo]</code>
1. Lista numerada	<code>#Lista numerada</code>
1.1 Primeira alínea	<code>##Primeira alínea</code>

Figura 10 – Quadro com exemplos da linguagem de marcação usada no Wikinews  
 Fonte: <http://pt.wikinews.org>. Acesso: 20/01/2007

Essa linguagem de marcação pode ser inserida mediante os botões presentes na plataforma de edição, entretanto. Eles oferecem a possibilidade de inserir código wiki para itálico, negrito, link interno, link externo, título, imagem, link para arquivo multimídia, fórmula matemática, ignorar formatação wiki (para trechos em que se pretende usar caracteres

que possam ser confundidos com o código wiki), assinatura com horário e linha horizontal. Há ainda códigos especiais para se inserir as fontes referentes às matérias e categorias (que se confundem com editorias) à qual o assunto abordado pertence. Há links no pé da página para que se possa inseri-los automaticamente.

Abaixo da janela de edição há dois avisos. O primeiro deles informa que a matéria será publicada sob uma licença Creative Commons e atribuído ao *Wikinews*. O segundo alerta que as matérias precisam ter sido escritas pelo colaborador, ou então copiadas de alguma fonte com licença compatível ou de domínio público. Um campo permite resumir as modificações feitas em determinada matéria, caso se trate de uma intervenção sobre um texto pré-existente. Após esse campo há duas *checkboxes*, a primeira para indicar que se trata de uma intervenção menor (por exemplo, uma correção tipográfica), a outra para que qualquer intervenção subsequente seja informada ao colaborador, se ele for cadastrado. Abaixo há os botões *save page* (salvar página), *show preview* (mostrar como a página ficará) e *show changes* (mostrar apenas as mudanças feitas).

Há ainda um terceiro aviso, em destaque, após os botões: “Se você não quiser que seus escritos sejam editados sem piedade e distribuídos por outras pessoas, não os submeta”<sup>115</sup>. Após este aviso, há instruções de formatação da lista de fontes e um mapa de caracteres em geral não usados na língua inglesa.

#### 4.1.7 Histórico

Todas as páginas no *WN* apresentam entre as abas no topo a opção *history* (histórico), através da qual se acessa uma lista das modificações feitas em determinada página. Cada item na lista informa o horário em que a modificação foi publicada, a data e o nome do colaborador. Caso o colaborador não seja cadastrado, apenas o número de IP que estiver usando é fornecido. Há entre parênteses um link *talk*, para a discussão de cada uma das modificações publicadas, nos moldes das páginas de discussão descritas anteriormente. Se o colaborador for cadastrado, aparece também o link *contribs*, que leva a uma lista de matérias publicadas anteriormente por aquele mesmo colaborador. Em seguida, a presença de um “**m**” indica que a modificação foi mínima, em geral se referindo à correção de erros ortográficos e

---

<sup>115</sup> “If you don't want your writing to be edited mercilessly or redistributed by others, do not submit it.” Tradução livre.

gramaticais. Em seguida, se o colaborador houver introduzido algum comentário sobre a modificação, ele aparecerá entre parênteses.

Clicando-se no horário e data de qualquer modificação, é possível ver a versão do texto que foi publicada naquele momento. Pode-se também editá-la e republicá-la, caso em que ela se torna a versão principal daquela matéria. Esta ferramenta é útil para o caso de vandalismos, ou de contribuições equivocadas que insiram erros ou opinião nas matérias. Há, no entanto, uma regra que prevê a eliminação de uma notícia se ela for revertida por três vezes para versões anteriores, o que caracterizaria um conflito de perspectivas entre os colaboradores. A eliminação visa evitar a manutenção de textos tendenciosos no *WN* e a criação de “guerras de reversão”.

The screenshot shows the Wikinews interface for the article "Thousands protest Iraq war in Washington D.C.". At the top, there are navigation tabs: article, discussion, edit this page, history, rename, and watch. A banner at the top right states: "The Wikinews Arbitration Committee elections are ongoing (3 days left). Please vote!". Below the article title, there is a "Revision history" section with a "View logs for this page" link. The main content is a list of revisions, each with a radio button for selection, a timestamp, the author's name, and a brief description of the change. The revisions are as follows:

Selection	Time	Author	Change Description
<input type="radio"/>	22:47, 27 January 2007	Stevenfruitsmaak	(Talk   contribs) <i>(fmt)</i>
<input type="radio"/>	22:43, 27 January 2007	Stevenfruitsmaak	(Talk   contribs) <b>m</b> ( <i>rmv image superseded by new one</i> )
<input type="radio"/>	22:25, 27 January 2007	AudeVivere	(Talk   contribs) ( <i>commonscat, +image</i> )
<input type="radio"/>	22:09, 27 January 2007	132.241.245.245	(Talk)
<input type="radio"/>	22:09, 27 January 2007	132.241.245.245	(Talk)
<input type="radio"/>	22:08, 27 January 2007	132.241.245.245	(Talk)
<input type="radio"/>	20:20, 27 January 2007	Nad	(Talk   contribs) <b>m</b> ( <i>typo</i> )
<input type="radio"/>	19:14, 27 January 2007	Qaphsiel	(Talk   contribs) <b>m</b> ( <i>Pluralized 'organization' in the first paragraph</i> )
<input type="radio"/>	18:45, 27 January 2007	Stevenfruitsmaak	(Talk   contribs) <b>m</b> ( <i>wf</i> )
<input type="radio"/>	18:41, 27 January 2007	66.163.85.217	(Talk)
<input type="radio"/>	18:40, 27 January 2007	66.163.85.217	(Talk)
<input type="radio"/>	18:39, 27 January 2007	66.163.85.217	(Talk)
<input checked="" type="radio"/>	18:35, 27 January 2007	66.163.85.217	(Talk)
<input type="radio"/>	18:32, 27 January 2007	66.163.85.217	(Talk)
<input type="radio"/>	18:32, 27 January 2007	66.163.85.217	(Talk)
<input type="radio"/>	18:32, 27 January 2007	66.163.85.217	(Talk)
<input type="radio"/>	18:29, 27 January 2007	66.163.85.217	(Talk)
<input type="radio"/>	18:29, 27 January 2007	66.163.85.217	(Talk)
<input type="radio"/>	18:28, 27 January 2007	66.163.85.217	(Talk)

Figura 11 – Histórico de modificações de um texto do *Wikinews*  
Fonte: <http://en.wikinews.org>. Acesso em: 27/01/2007

Pode-se perceber uma coluna de *checkboxes* antes das informações sobre horário e autor das modificações. Ao marcar nelas duas versões diferentes do texto e apertar o botão *compare selected versions*, o colaborador é levado a uma tela que permite comparar as diferentes versões publicadas em um mesmo espaço. Trata-se de uma ferramenta muito útil para a operação deste webjornal participativo, porque elimina a necessidade de reler o mesmo

texto várias vezes para encontrar possíveis mudanças equivocadas. Além disso, mesmo a modificação de uma só letra é destacada e por isso se torna facilmente identificável.

The screenshot shows the Wikinews interface for the article "Thousands protest Iraq war in Washington D.C.". At the top, there's a navigation bar with options like "article", "discussion", "edit this page", "history", "rename", and "watch". Below this, a banner indicates "The Wikinews Arbitration Committee elections are ongoing (3 days left). Please vote!". The article title is "Thousands protest Iraq war in Washington D.C.". Below the title, there's a sub-header "From Wikinews, the free news source you can write!". The main content area shows two revisions side-by-side. The left revision is from 18:32 on 27 January 2007, and the right is from 22:43 on the same day. The article text is shown with a diff view, highlighting changes in red and green. The left revision includes text about anti-war demonstrations in Washington, D.C. and mentions the United for Peace and Justice Coalition. The right revision includes a photo of the protest in Washington, D.C. organized by United for Peace and Justice. The interface also includes a navigation menu on the left, a search bar, and a toolbox.

Figura 12 – Comparação entre duas versões diferentes no histórico de uma matéria do *Wikinews*  
 Fonte: <http://en.wikinews.org>. Acesso em: 27/01/2007

A análise da pesquisa aqui proposta centra-se justamente em cada uma dessas modificações listadas no histórico, analisando as intervenções feitas às matérias. Na análise de conteúdo feita para esta pesquisa, as unidades de análise são as diferenças entre uma e outra versão das matérias (ou seja, os trechos em vermelho), que serão aqui chamadas de intervenções. O modo como essas intervenções serão codificadas e analisadas será explicitado mais adiante.

## 4.2 KUROS5HIN

O *Kuro5hin* (<http://www.kuro5hin.org>) foi aberto aos internautas pelo programador norte-americano Rusty Foster em 21 de dezembro de 1999. O sistema de gerenciamento de



conteúdo é chamado *Scoop* e foi desenvolvido pelo próprio Foster<sup>116</sup>. O código do programa é aberto a modificações sob uma licença *open source*. No primeiro ano, o *Kuro5hin* (*K5*) somou 10.075 colaboradores e 1.953 matérias submetidas, das quais 1.304 foram publicadas. Os comentários de leitores chegaram a 58.942. O motivo para a criação do webjornal participativo, de acordo com Foster, foi a vontade de participar de “uma comunidade online que não fosse uma droga”<sup>117</sup>. Conforme a declaração de missão do *K5* sugere, não ser uma droga significa incentivar a reflexão e a discussão bem-humorada:

O *Kuro5hin.org* é uma comunidade de pessoas que **gostam** de pensar. É um site para pessoas que querem discutir o mundo em que vivem. É um site para pessoas que estão em meio ao mundo moderno e de vez em quando olham em volta e se perguntam o que foi que criaram. É *também* um site para pessoas que precisam de uma boa risada volta e meia.<sup>118</sup>

Isto significa que o *K5* tem objetivos bastante distintos do *WN*. Enquanto este busca produzir jornalismo informativo e eliminar qualquer tipo de parcialidade e opinião dos textos publicados, o *K5* se dedica ao contrário: o objetivo é narrar fatos sob a perspectiva do autor, de modo a gerar um debate com o resto da comunidade de colaboradores. Assim, este webjornal participativo pode ser posicionado no campo do jornalismo opinativo, segundo a divisão proposta por MELO (2003).

No topo da página principal do *K5* está o slogan “as melhores matérias do dia, escolhidas por você”<sup>119</sup>. A principal característica deste webjornal participativo é permitir que os colaboradores cadastrados proponham matérias, discutam essas propostas e decidam por votação quais merecem ser publicadas na primeira página, apenas em alguma outra seção do site ou ser rejeitadas. A frase também justifica a existência do *K5*, ao delimitar sua grande diferença em relação ao “concorrente” *Slashdot*, bastante semelhante nos propósitos e mesmo no funcionamento, exceto que neste último uma equipe de editores decide quais matérias recebem destaque na página principal, e não o conjunto dos colaboradores. De fato, o *Kuro5hin* (*K5*) foi criado quase como uma resposta ao *Slashdot*, e os textos institucionais constantemente se referem a este outro webjornal participativo como “eles”:

<sup>116</sup> Disponível em: <http://scoop.kuro5hin.org>. Acesso: 28/01/2007.

<sup>117</sup> Disponível em: <http://www.kuro5hin.org/?op=special;page=random#rusty>. Último acesso em: 10/8/2006.

<sup>118</sup> “*Kuro5hin.org* is a community of people who **like** to think. This is a site for people who want to discuss the world they live in. It's a site for people who are on the ground in the modern world, and who sometimes look around and wonder what they have wrought. It's *also* a site for people who need a laugh now and then.”

Tradução livre. Disponível em: <http://www.kuro5hin.org/?op=special;page=mission>. Acesso: 20/01/2007.

<sup>119</sup> “The best stories of the day, chosen by you”. Tradução livre.

Nós parecemos com eles, mas existe uma diferença... (...) Veja só, eu e os outros editores não escolhemos as matérias que vão para a página principal. Sério. Claro, nós \*podemos\*, mas na prática raramente o fazemos. Então, como as matérias são publicadas? **Você** as publica! Sim, é isso mesmo. Os leitores decidem quais histórias "se encaixam" e quais são apenas encheção de lingüiça.<sup>120</sup>

Porém, o *K5* não atingiu um sucesso tão grande quanto seu suposto rival, que tem cerca de 3 milhões de acessos diários<sup>121</sup>. A média diária de acessos varia entre 90 e 100 mil desde fevereiro de 2006, com uma baixa de março a maio, mês em que a média diária de acessos ainda assim foi de 73.660<sup>122</sup>. Embora seja um nível de leitura nada desprezível, a tendência é de estagnação, pois essa média se mantém desde 2004, causando preocupação na comunidade de colaboradores<sup>123</sup>. O número de usuários registrados no sistema ultrapassa 70 mil. Porém, em 8 de junho de 2006 uma administradora do sistema reportou que nos últimos 30 dias 2241 pessoas haviam feito a autenticação de sua conta ao menos uma vez, 756 haviam publicado ao menos um comentário no mesmo período e apenas 394 haviam publicado mais de cinco comentários<sup>124</sup>. É preciso ainda fazer a ressalva de que estes 394 cadastros com participação mais ativa não significam o mesmo número de indivíduos participando, pois nada impede uma pessoa de criar mais de uma conta e é reconhecido pelos colaboradores mais ativos que esta é uma prática comum.

Há publicidade no *K5*, ao contrário do *WN*. Além disso, há duas modalidades de assinatura. A básica (US\$ 2 por mês) oferece a possibilidade de esconder os anúncios em texto e um corretor ortográfico para os textos que o colaborador escrever diretamente no site. A completa (US\$ 4 por mês) permite esconder todos os anúncios, notificação por e-mail de respostas a comentários feitos pelo colaborador e de novos comentários em suas matérias e diário, alertas de publicação nos diários de outros colaboradores à escolha e corretor ortográfico. Apesar de veicular anúncios e vender assinaturas, o *K5* não é um projeto comercial. O faturamento é revertido para a manutenção do webjornal participativo.

---

<sup>120</sup> "We look like them, but there's a difference... You see, I, and the other editors, do not pick what stories appear on the front page here. Really. Sure, we \*can\*, but in practice, we very rarely do. So how do stories get posted? **You** post them! Yes, really. The readers evaluate and decide which stories they think 'fit' and which ones are just filler." Tradução livre. Disponível em: <http://www.kuro5hin.org/?op=special;page=random#othersite>. Último acesso em: 5/8/2006.

<sup>121</sup> Disponível em: <http://slashdot.org/faq/slashmeta.shtml#sm300>. Acesso: 28/01/2007.

<sup>122</sup> Disponível em: <http://www.kuro5hin.org/pages/stats>. Acesso: 28/01/2007.

<sup>123</sup> Disponível em: <http://www.kuro5hin.org/story/2004/5/26/17552/3069>. Acesso: 28/01/2007.

<sup>124</sup> Disponível em: <http://www.kuro5hin.org/comments/2006/6/6/215614/8403/80#80>. Acesso: 28/01/2007.

### 4.2.1 Política editorial

Em termos de conteúdo, há uma clara opção em favor das discussões que ocorrem nos fóruns relacionados a cada matéria, mais do que em publicar notícias. “Damos bastante preferência a propostas que expressem um argumento ou ponto de vista sobre a matéria e encorajem a discussão ou o debate”<sup>125</sup>. Os artigos são freqüentemente escritos em primeira pessoa e, ao contrário do que ocorre no *WN*, raramente são apenas condensações de notícias publicadas em outro webjornal ou site. Enquanto o *WN* pretende ser um noticiário generalista, o *K5* tem um foco mais específico: “O *Kuro5hin.org* é um site colaborativo sobre tecnologia e cultura, tanto separadamente quanto em suas interações”<sup>126</sup>. Na prática, assuntos tão variados quanto receitas de comida indiana e análises de relações políticas internacionais são publicados sob o escopo da “cultura”:

Em geral, preferimos artigos com alguma substância. Um resumo de um artigo de outro site, com uma declaração de uma ou duas frases dando sua opinião, usualmente não é o preferido aqui (há outros lugares para isso). Nós encorajamos os colaboradores a ampliar seus textos e talvez oferecer algum insight ou explicação de por que eles acharam seu material interessante, e o que ele significa para nós. Também encorajamos escritos originais sobre coisas como computadores e programação, filmes, livros, música e televisão, política, liberdade, ou qualquer coisa que você tenha a dizer. Como sempre, os leitores vão decidir, então seu trabalho é interessá-los no artigo!<sup>127</sup>

Se por um lado a política editorial é bastante ampla para que qualquer assunto possa ser proposto ao *K5*, por outro ela delimita a fronteira entre o tipo de material que deve ser submetido e o material em geral encontrável em blogs informativos como *Boing Boing*<sup>128</sup> e *Metafilter*<sup>129</sup>, mais voltados para a publicação de links para páginas consideradas interessantes, acompanhados de pequenos comentários. De fato, há uma seção destinada a este tipo de contribuição no *K5*, chamada *mindless link propagation* (propagação impensada de links), ou MLP, cujo nome já embute uma crítica ao modelo deste tipo de blog informativo.

---

<sup>125</sup> “We very much prefer article submissions that express an argument or point of view about the article, and encourage discussion or debate”. Tradução livre. Disponível em: <http://www.kuro5hin.org/special/faq>. Último acesso em: 5/8/2006.

<sup>126</sup> “Kuro5hin.org is a collaborative site about technology and culture, both separately and in their interactions.” Tradução livre. Disponível em: <http://www.kuro5hin.org/?op=special;page=mission>. Acesso: 20/01/2007.

<sup>127</sup> “In general, we prefer articles that have some meat to them. A summary of an article on another site, with only a one- or two-sentence statement of opinion added by you, is not usually preferred here (there are other places for that). We encourage submitters to extend their posts, and perhaps offer some insight or explanation as to why they thought their item was interesting, and what it means to us. We also encourage original writing on such things as computers and programming, film, books, music, and television, politics, freedom, or anything you have to say. As always, the readers will decide, so your job is to interest them in your article!” Tradução livre. Disponível em: <http://www.kuro5hin.org/?op=special;page=article#kind>. Acesso: 20/01/2007.

<sup>128</sup> <http://boingboing.net>.

<sup>129</sup> <http://www.metafilter.com>.

O *K5* é dividido em 12 seções: *diaries* (diários), que funciona como um blog para digressões pessoais, com o subtítulo “se você não tem nada a dizer, diga aqui”; *technology* (tecnologia), para matérias a respeito de equipamentos e programas; *science* (ciência), para artigos relacionados a pesquisa e estudos; *culture* (cultura), cuja descrição é “o mundo em que vivemos: discutam”; *politics* (política); *media* (mídia), voltado a comentários sobre noticiários e entretenimento; *Internet*, com foco no aspecto social, não no tecnológico; *Op-Ed* (editorial), para artigos de opinião pessoal não necessariamente baseada em fatos; *fiction* (ficção), para publicação e discussão de textos narrativos e poéticos; *meta*, onde são publicados os artigos sobre o próprio *K5*; *MLP* ou *Mindless Link Propagation* (propagação impensada de *links*); e finalmente *news* (notícias), onde os colaboradores podem publicar informação atual. Um aviso na descrição desta seção define melhor a diferença de matérias com links e o que a comunidade critica como “propagação impensada” dos mesmos: “Aqui é onde VOCÊ relata as notícias, chega às suas próprias conclusões, adicionando links como forma de providenciar informação suplementar (em oposição à MLP onde o link É a informação”<sup>130</sup>.

As explicações sobre que tipo de material deve ser enviado a qual seção não são esclarecedoras, e isso é reconhecido pelos próprios editores do *K5*, que recomendam aos novos colaboradores ler as matérias já publicadas para compreender melhor onde encaixar seus textos. Porém, freqüentemente há discussões nos comentários das matérias sob edição quanto à adequação da seção a que foram destinadas, mesmo quando foram enviadas por colaboradores experientes. Isso sugere que a divisão entre uma e outra seção é tênue demais, prejudicando o discernimento dos colaboradores.

Enquanto no *WN* estão presentes valores-notícia típicos de jornalistas profissionais e veículos da imprensa tradicional, dificilmente se pode falar em valor-notícia no *K5*. Em princípio, qualquer assunto é válido, desde que o texto tenha qualidade formal, apresente uma perspectiva original do autor e, idealmente, incentive o debate. Os assuntos não precisam ser importantes, nem atuais. A imparcialidade é francamente combatida e o equilíbrio não é especialmente valorizado. Qualquer fato da vida pessoal de um autor anônimo pode ser transformado em matéria do *K5*, não importando sua distância no tempo. Tampouco há um código de ética para relações com fontes ou entre os membros da comunidade. De fato, o conflito é até mesmo festejado, pois indica uma discussão calorosa. Se há algum ponto de

---

<sup>130</sup> “This is where YOU report the news, come up with your own conclusions, adding links as a way of providing supplementing information (as opposed to MLP where the link IS the information).” Tradução livre. Disponível em: <http://www.kuro5hin.org/special/faq>. Último acesso em: 5/8/2006.

contato entre os valores-notícia jornalísticos e as diretrizes editoriais do *K5*, é a valorização da precisão nas informações publicadas. Assim como no *WN*, essa precisão é garantida pela comunidade de colaboradores, da qual se espera que aponte quaisquer equívocos e erros da matéria durante o período de edição, para que se possa corrigi-los antes da eventual publicação.

O *K5* não retém os direitos autorais das matérias ou dos comentários feitos às matérias. Por outro lado, não os coloca à disposição sob licença alguma, de modo que os direitos pertencem a cada colaborador individualmente. O *K5* não se responsabiliza por textos de colaboradores que plagiarizem outras publicações, nem tampouco pela precisão das informações neles contidas. A responsabilidade legal, portanto, é do autor da matéria ou comentário, que ao publicá-los admite que se trata de um texto de sua própria autoria e que as informações são verídicas<sup>131</sup>.

#### 4.2.2 Colaboradores

Só é possível colaborar com o *K5* criando um cadastro no sistema. Sem cadastro, só se pode ler os textos publicados. Nem mesmo comentários são aceitos de internautas não-registrados. O motivo é o relativo grau de controle que o registro permite ao *K5*:

Isso adiciona um pouco de responsabilidade que em geral não se encontra num sistema que permite a publicação realmente anônima. Estamos tentando construir uma comunidade, portanto gostaríamos de saber quem você é. Se você tem medo que algo possa voltar para assombrá-lo (como expor uma prática ilegal de uma companhia ou pessoa), você pode facilmente criar uma conta “descartável” usando um dos muitos serviços de webmail por aí. Nós preferiríamos que todos tivessem apenas uma conta, porém.<sup>132</sup>

A exigência de registro também permite o bloqueio do acesso de determinado colaborador, caso seja necessário. O principal motivo para bloqueio costuma ser o envio de spam, mas colaboradores que causem *flames*<sup>133</sup> muito freqüentemente também podem ser

---

<sup>131</sup> Disponível em: <http://www.kuro5hin.org/special/legal>. Acesso: 20/01/2007.

<sup>132</sup> “It also adds a measure of accountability that is generally not found in a system which allows for true anonymous postings. We are trying to build a community, and as such, we would like to know who you are. If you have something that you are afraid might come back to haunt you (such as exposing an illegal practice of a company or person), you can easily create a “throwaway” account using one of the many free webmail services out there. We would prefer that everyone only have one account though.” Tradução livre. Disponível em: <http://www.kuro5hin.org/?op=special;page=account#doineed>. Acesso: 20/01/2007.

<sup>133</sup> *Flames* são mensagens agressivas enviadas para listas de discussão por correio eletrônico ou publicadas em fóruns online, em geral em resposta a uma quebra nas regras de etiqueta daquele grupo. *Flame wars* são as trocas de mensagens inflamadas que por vezes se seguem a uma *flame*. *Flame bait* são mensagens intencionalmente inflamatórias, cujo objetivo de causar *flames*. Disponível em: <http://www.netlingo.com>. Acesso: 28/01/2007.

excluídos – embora isso seja muito raro, visto que *trolls*<sup>134</sup> atuam livremente nos comentários e são até mesmo queridos pela comunidade. Quando o cadastro de MichaelCrawford foi desativado, por exemplo, um colaborador escreveu um texto pedindo a reativação: “Nem todo fórum na internet é abençoado com doentes mentais. Ame-o ou deteste-o, MichaelCrawford é um dos melhores e mais prolixos escritores do Kuro5hin. Realmente um ícone do K5”<sup>135</sup>. Com os votos do resto da comunidade, conseguiu fazer com que fosse publicado na primeira página. Os editores terminaram por reativar o cadastro.

Para cadastrar-se, basta seguir o link *make a new account* (fazer uma nova conta) presente em todas as páginas do K5. Um formulário pede ao internauta que preencha seu endereço de correio eletrônico e um nome de usuário (*login*). Ao clicar no botão *create account!* (criar conta!), uma mensagem é enviada automaticamente para o e-mail fornecido, contendo uma senha inicial e uma URL. Ao acessar essa URL, o novo cadastro é ativado. O novo usuário pode então mudar sua senha e inserir informações sobre si mesmo, como uma breve biografia e link para sua página pessoal. Também é possível definir opções de visualização de comentários que serão explicadas mais adiante. Um diário (*diary*) é aberto para o novo usuário, uma página pessoal dentro do K5 em que pode publicar quaisquer textos, sem limite de tamanho nem necessidade de passar pela avaliação de outros colaboradores. Os textos nos diários são acompanhados por um espaço para comentários igual aos dos outros textos no webjornal participativo. Os textos publicados em cada diário individual são reunidos por ordem cronológica decrescente na seção *diaries* do K5, que é muito semelhante a um blog normal.

Nove colaboradores têm status de editores ou administradores do sistema. Os primeiros têm o poder de tomar decisões sobre a publicação de textos que estejam na lista de edição, caso a votação da comunidade não defina a publicação ou eliminação no intervalo de tempo de 36 horas. Além disso, podem eliminar textos já publicados que apresentem problemas. Os administradores do sistema podem bloquear cadastros e se dedicam a gerenciar a ferramenta de publicação *Scoop* e outros aspectos do site. É possível que um mesmo

---

<sup>134</sup>*Trolls* são indivíduos ou grupos de indivíduos que têm o costume de publicar mensagens propositalmente errôneas ou contrárias às regras de etiqueta de um fórum ou grupo de discussão online, com o intuito de gerar *flames*. O termo se origina da expressão *trolling for newbies*, ou seja, “pescar novatos”, pois em geral são os novatos no grupo que “mordem a isca (*flamebait*)”. No entanto, *troll* também designa uma criatura ignorante e agressiva na mitologia nórdica. Disponível em: <http://www.netlingo.com>. Acesso: 28/01/2007.

<sup>135</sup> “Not every internet forum is blessed with the [mentally ill](#). Love him or hate him, [MichaelCrawford](#) is one of Kuro5hin's best and most prolific writers. He is truly a K5 icon.” Tradução livre. Disponível em: <http://www.kuro5hin.org/story/2007/1/16/71548/8983>. Acesso: 20/01/2007.

colaborador acumule as duas funções. Ao contrário do *WN*, os editores e administradores não são escolhidos por votação ou consenso, mas por convite de Foster e o resto da equipe editorial, com base em seu histórico de produção.

### 4.2.3 Website

A aparência do *K5* é muito semelhante à de um blog. Há um logotipo e uma barra de navegação no topo e uma coluna central com textos ladeada por duas colunas menores com links importantes e anúncios publicitários.

The screenshot shows the Kuro5hin website homepage. At the top, there is a navigation bar with links for 'submit story', 'your account', 'help/FAQ', 'contact', 'links', 'search', 'IRC', and 'site news'. Below this is a horizontal menu with categories: 'Everything', 'Diaries', 'Technology', 'Science', 'Culture', 'Politics', 'Media', 'News', 'Internet', 'Op-Ed', 'Fiction', 'Meta', and 'MLP'. A banner below the menu reads 'We need your support: buy an ad | premium membership | k5\_store'.

The main content area is divided into three columns:

- Left Column:** Contains an advertisement for 'Dutch for foreigners' and a 'Section Stories' section with links to 'The Generic Casserole Recipe' and 'In The Good Old Summertime: 1900-1909'.
- Center Column (Front Page):** Titled 'The best stories of the day, chosen by you.' It features two main articles:
  - 'I Confess: Cineplex Drove Me to Piracy' by CheeseburgerBrown in Meta, dated Sun Jan 26, 2007 at 10:29:05 PM EST. The article discusses the dying tradition of film projection theatres.
  - 'The Declining Quality of Mathematics Education in the US' by Coryoth in Op-Ed, dated Fri Jan 26, 2007 at 07:02:59 AM EST. The article discusses the decline of mathematics education in the US.
- Right Column:** Contains a 'Sponsors' section with logos for 'voxel dot net' and 'rsync.net', and a 'traseel' section with a list of links like 'Moderate Submissions (1/0/1)', 'Review Hidden Comments', etc.

Figura 13 – Reprodução da página principal do *Kuro5hin*  
Fonte: <http://www.kuro5hin.org>. Acesso em: 29/01/2007

Na coluna central da página principal aparecem as dez matérias mais recentes que tenham sido escolhidas para a posição. Elas não são necessariamente atuais, porém. No dia 6 de agosto de 2006, por exemplo, a primeira posição era ocupada por um artigo em primeira pessoa sobre um funeral japonês<sup>136</sup>, publicado naquele dia, enquanto o artigo em última

<sup>136</sup> BJH. **Family reunion**. Kuro5hin, 6/8/2006. Disponível em: <http://www.kuro5hin.org/story/2006/8/4/17244/24684>. Último acesso em: 15/8/2006.

posição, uma receita do prato indiano chamado vindaloo<sup>137</sup>, fora publicado no dia 22 de junho, mais de um mês antes.

Cada manchete é acompanhada pela identificação do autor, a data de submissão (e não a de publicação na área aberta do K5), palavras-chave e o primeiro e por vezes segundo parágrafos da matéria. O link *full story* leva à página daquela matéria específica, onde se pode ler o texto completo e fazer comentários. Entre parênteses, informa-se o número total de comentários à matéria, quantos comentários foram feitos desde a última vez que o colaborador cadastrado acessou aquela matéria, e o número de palavras do texto. Com base nas palavras chave, os sistema insere automaticamente pequenas imagens, como rolos de filmes para palavras que sejam relacionadas ao cinema, tubos de ensaio para palavras relativas a ciência, ou um pacote de macarrão instantâneo para a palavra-chave “comida”. A imagem de uma impressora à esquerda do título abre uma versão para impressão do texto, sem as colunas laterais e imagens. Há também um sinal de adição, clicando-se no qual a matéria em questão é adicionada a uma lista de favoritos (*hotlist*).

A barra de navegação no topo apresenta links para cada seção do K5. Além disso, há links para propor um texto (*submit story*), acessar o próprio cadastro (*your account*), para a página de ajuda e perguntas frequentes (*help/FAQ*), para um formulário de contato com os administradores (*contact*), uma página com links interessantes (*links*), para o sistema de busca (*search*), o canal de IRC<sup>138</sup> e finalmente para uma seção de notícias a respeito do próprio K5. Abaixo da barra de navegação, há três links comerciais, o primeiro para comprar um anúncio, o segundo para comprar uma assinatura e o terceiro para uma loja online de camisetas, por cuja venda o K5 recebe uma comissão.

Na coluna à esquerda da coluna central há anúncios e duas caixas com links para as matérias mais recentes publicadas nas diferentes seções (muitas das quais não aparecem na página principal) e para as entradas mais recentes nos diários dos colaboradores. Ao final, aparece uma lista de colaboradores que estão navegando no K5 no momento, acompanhada do número de internautas que estejam acessando páginas do site. A lista de colaboradores online serve para indicar que talvez amigos do colaborador estejam no canal de IRC.

---

<sup>137</sup> TROLLAXOR. **Vindaloo a l'Agni**. Kuro5hin, 22/6/2006. Disponível em: <http://www.kuro5hin.org/story/2006/6/20/141135/408>. Último acesso em: 15/8/2006.

<sup>138</sup> *Internet Relay Chat*, protocolo de comunicação por redes de computadores que permite a troca de mensagens de texto e arquivos em tempo real entre dois ou mais usuários. É utilizado como base para as salas de bate-papo online.



Na coluna à direita, há em primeiro lugar anúncios de patrocinadores. Abaixo dos anúncios, há um campo para fazer a autenticação do cadastro (*login*). Após a autenticação, este campo se transforma em uma lista de ações (moderar submissões, revisar comentários escondidos, mostrar preferências, escrever no diário, escrever matéria) e links para páginas de interesse (perfil, listas de comentários, matérias e entradas no diário do colaborador). Um marcador indica quantas matérias novas estão em votação, quantas novas estão em edição e o total de matérias na lista de moderação. A seguir é mostrada a *hotlist* do colaborador, se ele houver adicionado algum texto a ela, acompanhada do número de comentários totais e novos. O próximo campo é uma enquete, em geral bem humorada, com perguntas como por exemplo “quantos minutos você leva entre acordar e ler seus e-mails?”. Finalmente, há uma lista de matérias mais antigas publicadas na página principal. As páginas de seções e diários do K5 seguem um padrão semelhante ao da página principal.

#### **4.2.4 Formulário de proposição de matérias e fila de votação**

Em todas as páginas do K5 há um link convidando a propor uma matéria (*submit story*). Ao clicar neste link, abre-se uma página com algumas instruções e um formulário. As instruções pedem que o colaborador leia as diretrizes editoriais na página de ajuda antes de escrever pela primeira vez. Há uma lista dos aspectos mais importantes, como o tipo de codificação HTML que pode ser usada, a exigência de fazer o *preview* do texto ao menos uma vez, checar os links e checar os fatos. Também pede que os colaboradores não reclamem caso seu texto não seja aceito. Uma frase em vermelho e letras capitais avisa que não se deve pôr o texto inteiro no campo destinado à introdução, que deve ser composta do primeiro e no máximo segundo parágrafos – a não ser que a matéria esteja limitada a este tamanho. Há ainda um aviso de que os editores se reservam o direito de corrigir a gramática e ortografia, bem como fazer pequenas modificações em favor da clareza do texto.

post to:   Request editorial feedback

Formatting mode:

title:

Category:

tags: (comma-separated, maximum of 10 tags please)

intro:
   

 Allowed HTML: <STRIKE></STRIKE> <A [HREF] [NAME]></A> <DT> <TT></TT>
   
 <OL [TYPE] [START]></OL> <SUP></SUP> <CITE></CITE> <CODE></CODE> <I></I> <UL [TYPE]></UL>
   
 <BR> <STRONG></STRONG> <BLOCKQUOTE [TYPE]></BLOCKQUOTE> <DD> <EM></EM> <P>
   
 <SUB></SUB> <B></B> <LI [VALUE] [TYPE]> <DL></DL>

Comment Preferences  
 Logout from all locations  
 Logout trasel

Related Links  
 Also by

Figura 14 – Formulário para o envio de matérias para a lista de edição ou votação  
 Fonte: <http://www.kuro5hin.org>. Acesso em: 15/8/2006

O formulário oferece os campos *post to* (publicar em), em que se escolhe a seção; *formatting mode* (modo de formatação), que pode ser automático, HTML ou texto simples; título; *category tags*, palavras-chave para recuperação por assunto na ferramenta de busca; introdução, ou seja, o trecho de um ou dois parágrafos que aparece como “olho” do texto; corpo do texto; e enquete, que não é obrigatória. Uma *checkbox* oferece a possibilidade de receber comentários editoriais de outros colaboradores. Caso o autor do texto a deixe ativa, a matéria será enviada para a lista de edição do *K5*, onde a comunidade poderá apontar erros e equívocos, ou dar orientações. Caso ela seja deixada inativa, a matéria é enviada diretamente para a fila de votação, onde a comunidade decide se será publicada na primeira página, em alguma seção ou eliminada. Um botão permite fazer o *preview*, e o botão de envio (*submit*) só aparece após o botão de *preview* ter sido acionado uma vez. Não é possível usar imagens ou outro tipo de multimídia, mas pode-se fornecer links para materiais hospedados em outros locais na Internet.



**Kuro5hin**  
technology and culture, from the trenches

[submit story](#) | [your account](#) | [help/FAQ](#)

<b>Everything</b>	Diaries	Technology	Science	Culture	Politics	Media	News	Inte
-------------------	---------	------------	---------	---------	----------	-------	------	------

**We need your support: [b](#)**

### Pending Stories

Post threshold: 70  
Hide threshold: -20  
Auto-post is on. A posting decision will be made after 36 hours if no threshold is reached.

### Stories currently in voting:

Title	Date	Author	Score
1) <a href="#">Travelling by Train in North America</a> (9 comments) Section: Meta	08/15/2006 09:08:29 PM EST	Xpat	<a href="#">vote</a>
2) <a href="#">American Muslims face discrimination</a> (138 comments) Section: Politics	08/15/2006 04:55:01 AM EST	Hung Fu	<a href="#">vote</a>

### Stories currently in editing:

Title	Date	Author
1) <a href="#">i'm buying a '92 thunderbird for 1400\$</a> (1 comments) Section: Meta	08/15/2006 10:48:22 PM EST	newb4b0 <a href="#">edit</a>
2) <a href="#">who stole my poll? I FOUND IT! Halleluja!</a> (7 comments) Section: Meta	08/15/2006 01:19:48 PM EST	badvogato <a href="#">edit</a>
3) <a href="#">The Schizophrenic Symptom of Flat Affect</a> (90 comments) Section: Culture	08/15/2006 03:51:49 AM EST	MichaelCrawford <a href="#">edit</a>

Figura 15 – Listas de moderação de submissões sob votação e em edição do *Kuo5hin*  
Fonte: <http://www.kuro5hin.org>. Acesso em: 16/8/2006

Na página de moderação de matérias, há em primeiro lugar um aviso sobre a quantidade de votos positivos para que um texto seja publicado e a quantidade de votos negativos para que seja eliminado. Estes valores são variáveis. Se o sistema de autopublicação estiver funcionando, um aviso indica que após 36 horas uma decisão será tomada pelos editores, caso determinada matéria não tenha recebido votos suficientes para ser publicada ou eliminada.

Your vote really does count! **You** decide whether this story ever sees the light of the front page. For more information on story voting, please see [the Story Moderation Guidelines](#). Then vote!

Your vote:

View:

[Travelling by Train in North America](#) | 9 comments (4 topical, 5 editorial, 0 hidden) | [Post A Comment](#)

Figura 16 – Formulário e opções de voto em matéria enviadas por colaborador no *Kuro5hin*  
Fonte: <http://www.kuro5hin.org>. Acesso em: 16/8/2006

Abaixo, a lista de propostas em votação é mostrada e, ao clicar-se em algum dos títulos, pode-se ler o texto completo. Ao final, um seletor oferece as opções *post it to the front page!* (publicar na primeira página), *post it to the section page only* (publicar apenas na seção), *I don't care* (eu não ligo), e *dump it!* (recusar). A cada opção é atribuído um valor numérico, conforme a seguinte tabela:

Publicar na primeira página	+1
Publicar na página da seção	+1
Eu não ligo	0
Recusar	-1

Figura 17 – Quadro de pontos atribuídos a votos no *Kuro5hin*

Os pontos são somados e, quando atingem um certo nível, a matéria é eliminada ou publicada automaticamente, sem interferência dos editores. Em geral o patamar de publicação é 70 pontos, enquanto o patamar de recusa é de -20 pontos. Para que um texto entre na página principal, ele precisa atingir o patamar de publicação e ter tido ao menos 50% de votos “publicar na primeira página”. Após votar em determinada matéria, é possível verificar seu placar atual e uma lista dos colaboradores que votaram (e como votaram) vai aparecer no lado direito da tela. Ou seja, o voto no *K5* não é anônimo, embora cada colaborador só possa verificá-los após ter dado seu próprio voto, para evitar que seja influenciado pelos outros.

Abaixo da lista de votação há uma lista de edição. Estes são os textos cujos autores solicitaram conselhos editoriais da comunidade antes de enviá-los para a lista de votação. Clicando-se em qualquer título, é possível ler a matéria, sem que ela esteja publicada na área aberta do *K5*. Ao final do texto aparece a opção de publicar um comentário. É através destes comentários que a comunidade dá seus conselhos a um colaborador e discute os fatos narrados no texto. Há também a pergunta “este artigo está abusando da fila de edição?”, seguido pelo botão *move to vote* (mover para a votação). Este recurso é usado quando algum colaborador publica spam, textos sem sentido cujo objetivo seja causar perturbação da atividade normal, e mensagens dirigidas à comunidade, não à publicação na área aberta do *K5*

(caso em que deveriam ser publicadas no diário de seu autor)<sup>139</sup>. Ao ser movido para a fila de votação, um texto pode ser eliminado do sistema mais rapidamente.

## 4.2.5 Comentários

Os comentários podem ser feitos por qualquer colaborador cadastrado. O sistema funciona de forma semelhante a um fórum eletrônico. Um formulário com campos para assunto e mensagem são oferecidos e as mensagens são publicadas automaticamente na lista de comentários. Os parâmetros para o texto e tipos de formatação são os mesmos das matérias principais.

The screenshot displays a forum page with the following elements:

- Navigation:** View: Mixed (default), Display: Threaded, Sort: Ignore Ratings, Oldest First, Rate? (Yes/No), Set.
- Article Header:** Confess: Cineplex Drove Me to Piracy | 77 comments (76 topical, 1 editorial, 0 hidden) | Post A Comment
- Article Title:** A riveting tale of two assholes (2.25 / 12) (#1) by I am teh Unsmart on Sun Jan 28, 2007 at 11:35:26 AM EST
- Text Snippets:**
  - demanding a refund from two cogs in a large machine, because the foreign film three people were watching was projected onto the floor where you extra chromosome folks could see it without risking injury to your necks.
  - The diary section eagerly awaits your vitriolic treatment of the obviously decaying cinematic tradition.
- Comment List:**
  - You Are A Red Carpet for Bad Service by CheeseburgerBrown, 01/28/2007 11:51:25 AM EST (none / 1)
    - False dilemma detected! by David Marcus, 01/28/2007 01:27:15 PM EST (3.00 / 2)
      - Why Not Do Both, And Walk Home With My \$20? by CheeseburgerBrown, 01/28/2007 01:29:21 PM EST (none / 1)
        - Reduced Blood Pressure, For One Thing [Nt] by David Marcus, 01/28/2007 01:32:23 PM EST (none / 1)
          - I Achieve That... by CheeseburgerBrown, 01/28/2007 01:42:00 PM EST (3.00 / 2)
            - ...at least thrice! n by livus, 01/28/2007 09:43:03 PM EST (none / 0)
  - There is a fourth option by squigly, 01/29/2007 07:41:51 AM EST (none / 0)
  - So, did it hurt when they removed your balls? by fn0rd, 01/29/2007 08:31:40 AM EST (none / 0)

- Footer:** View: Mixed (default), Display: Threaded, Sort: Ignore Ratings, Oldest First, Rate? (Yes/No), Set.
- Sponsors:**
- voxel dot net (Managed Servers, Managed Clusters, Virtual Hosting)
- Dedicated and VPS Colo Now with FreeBSD 6.x! (Linux and FreeBSD, Open Source Specialists, Tier-One Internet Connections, John Companies, www.johncompanies.com)
- rsync.net (Secure Offsite Backup, Win / Mac / Unix, Unlimited Transfer, rsync / ssh / WebDAV)
- trassel:**
- Moderate Submissions (1/0/1)
- Review Hidden Comments
- User Info
- Your Comments
- Your Stories
- Your Diary
- Your Ads
- New Diary Entry
- New Ad
- New Story
- User Preferences
- Display Preferences
- Comment Preferences
- Logout from all locations
- Logout trassel

Figura 18 – Lista de comentários relacionados a um texto do *Kuro5hin*

Fonte: <http://www.kuro5hin.org>. Acesso: 29/01/2007

A característica marcante nos comentários do *K5* é a existência de um sistema de avaliação. Ele serve para que se torne mais fácil encontrar as participações de fato relevantes, entre as dezenas de mensagens que em geral acompanham cada matéria, sobretudo aquelas publicadas na primeira página. Há dois tipos de comentários: os editoriais e os topicais. Os comentários editoriais só podem ser feitos durante o período em que o texto se encontra na

<sup>139</sup> Disponível em: <http://www.kuro5hin.org/?op=special;page=moderation>. Acesso: 20/01/2007.

fila de edição, e não são visíveis a leitores que não estejam cadastrados no *K5* após a publicação na área aberta do site. Estes comentários têm o título precedido da palavra *editorial* e são destinados a contribuir com o desenvolvimento do texto, apontando erros e possibilidades de melhoria para o autor. Este então decide se acatará ou não as sugestões dadas pela comunidade. Os comentários topicais, por outro lado, destinam-se ao debate para além dos limites do texto, acrescentando perspectivas pessoais e questionando as informações expostas. Estas mensagens são visíveis a todos após a publicação da matéria na página principal ou em uma seção.

O sistema de avaliação dos comentários é semelhante ao sistema de votação das propostas de matérias. Ao final de cada comentário, há um link para respondê-lo (*reply to this*), que abre um formulário para escrever uma mensagem relacionada àquele assunto, e ao lado um seletor. Este seletor oferece as opções “esconder” (*hide*), “desencorajar” (*discourage*), “neutro” (*neutral*) e “encorajar” (*encourage*). A cada opção é atribuída uma pontuação, conforme a tabela abaixo:

Esconder	0
Desencorajar	1
Neutro	2
Encorajar	3

Figura 19 – Quadro de pontuação da avaliação de comentários no *Kuro5hin*

Quando duas ou mais pessoas avaliam um comentário, um marcador ao lado do título indica a média de pontuação, expressa como uma razão matemática ( $X/Y$ ). Caso apenas uma pessoa tenha avaliado determinado comentário, o marcador indica que não há média ( $none/1$ ). Esta pontuação se reflete nas opções de visualização de comentários. Na barra de seletores ao final de cada matéria, o campo “separar” (*sort*) apresenta as opções “ignorar avaliação” (*ignore ratings*), para que todos sejam mostrados; “não-avaliados, depois os melhores” (*unrated first, them highest*), que coloca os comentários ainda sem avaliação acima dos melhor avaliados; “melhor avaliados primeiro” (*highest rated first*), para deixar os melhores no topo por pontuação decrescente; e “pior avaliados primeiro” (*lowest rated first*), para que

os comentários com menor média apareçam no topo por ordem crescente de avaliação. Caso algum comentário tenha obtido uma média de notas abaixo de 1, ele será escondido. Neste caso, aparecerá na barra de opções de visualização a alternativa “mostrar escondidos” (*show hidden*), através da qual se pode ver estes comentários.

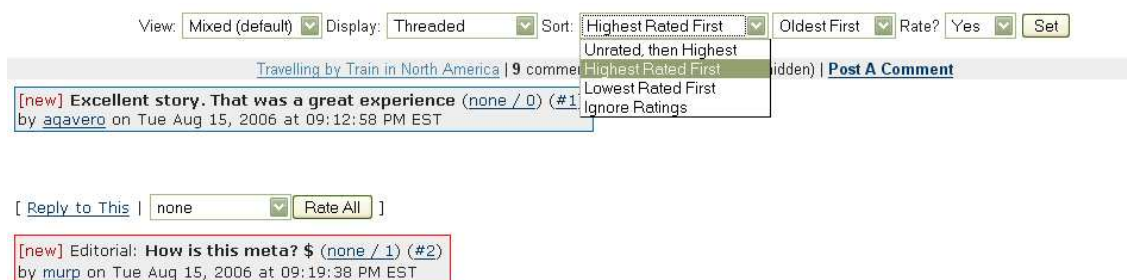


Figura 20 – Comentários feitos por avaliadores e seletor de filtro para comentários do *Kuro5hin*  
 Fonte: <http://www.kuro5hin.org>. Acesso em: 16/8/2006

O objetivo de todos estes níveis de avaliação é, por um lado, permitir o autogerenciamento da comunidade de colaboradores e da publicação de textos e, por outro lado, impedir que *trolls* atrapalhem esse trabalho com comentários desnecessários ou ataques gratuitos. O sistema tem ainda a vantagem de facilitar a filtragem da informação, pois o internauta pode contar com avaliações de dezenas de outros leitores como forma de aferição da credibilidade de um comentário. As matérias publicadas no site, por outro lado, já passaram pelo filtro de credibilidade e qualidade da comunidade de colaboradores, durante o período de edição e votação. O objetivo, essencialmente, é que o sucesso do debate não acaba dificultando sua continuação. Sem um sistema de avaliação, em alguns casos seria necessário ler dezenas de comentários até encontrar as discussões realmente interessantes. Quanto mais comentários fossem feitos, mais difícil seria encontrar aqueles relevantes, fazendo com que os bons autores fossem de certa forma punidos pelo sucesso de seus textos em gerar resposta dos leitores. Por outro lado, nem sempre os comentários pior avaliados são de má qualidade. Diversos fatores podem interferir nas avaliações, como discordância geral de pontos de vista minoritários, aversão à polêmica ou mesmo vingança contra colaboradores que tenham dado avaliações ruins ao autor de um comentário em ocasiões anteriores. A possibilidade de ver os comentários escondidos e colocar os pior avaliados em posição privilegiada contribui para contrabalançar esses efeitos da dinâmica de fóruns online.

Outros filtros para os comentários incluem a visualizar todos misturados (*mixed*), apenas os editoriais (*editorial only*), apenas os topicais (*topical only*), e todos (*all comments*), para incluir os escondidos; o campo *display* apresenta opções para organização do fórum, mostrando apenas os títulos dos comentários (*minimal*), todo o corpo das mensagens (*flat*), todo o corpo das mensagens organizadas por linhas de discussão (*nested*), e apenas o corpo do comentário inicial de uma linha de discussão, seguida pelos títulos das repostas (*threaded*); pode-se ainda escolher ver os comentários mais novos ou mais antigos em primeiro lugar. Os filtros não são excludentes entre si, o que permite uma grande variedade de modos de visualização dos comentários.

O corpus a ser construído com materiais coletados do webjornal K5 será composto pelos comentários às matérias, tanto no período em que elas ficam sob avaliação da comunidade de colaboradores, quanto após a publicação. As submissões passam por três fases: primeiro, podem ser colocadas sob avaliação editorial, quando a comunidade faz sugestões sobre como melhorá-las; depois, entram em votação, quando é decidido se serão ou não publicadas; finalmente, são publicadas ou recusadas. Nas duas primeiras fases, pode-se fazer comentários de caráter editorial ou topical. Os comentários editoriais sugerem melhorias e criticam a construção narrativa da matéria, bem como a credibilidade de fontes e dados. Os comentários topicais são debates iniciados pelas informações contidas no texto. Os comentários editoriais são visíveis apenas para os colaboradores do K5, os leitores não-cadastrados são incapazes de vê-los.

Os colaboradores não podem interferir diretamente no texto das matérias, de modo que nem todas as sugestões são realizadas pelos autores. No entanto, pode-se considerar que existe um processo de negociação entre o proponente e a comunidade, dado que esta sugere modificações a pedido dos próprios autores, que devem aceitá-las ou não, sempre sob pena de ter sua matéria recusada em votação. Embora a negociação não seja explicitada em diálogos, os envolvidos estão cientes do caráter recursivo de suas ações, que são assimiladas e têm impacto no hipertexto colagem (PRIMO, 2002) resultante. O autor pode modificar a matéria original antes de submetê-la a votação para a publicação ou recusa.



## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método usado neste trabalho é a **análise de conteúdo**. A escolha foi feita esperando que as técnicas de tal método permitissem evidenciar as tendências predominantes nas intervenções feitas pelos colaboradores dos webjornais participativos. A hipótese a testar era que os colaboradores produzem uma quantidade predominante de intervenções que ampliam os aspectos jornalísticos dos textos iniciais a que se referem, resultando em uma multiplicação das perspectivas sobre os temas em questão. Os dados foram coletados no *WN* e no *K5* durante sete dias em sete semanas alternadas, totalizando dez<sup>140</sup> textos iniciais e intervenções a eles relacionadas. Considera-se “texto inicial” a primeira versão de uma matéria publicada no *WN*, sobre a qual os colaboradores irão trabalhar diretamente, e a proposta de matéria enviada para a fila de edição no *K5*, à qual serão atreladas sugestões de mudanças e opiniões sobre os fatos narrados.

### 5.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo é uma técnica que revela fenômenos não diretamente observáveis através de dados relacionados àqueles fenômenos. Em outras palavras, analisando-se aquilo que se manifesta em determinado material, é possível acessar as causas da manifestação. Nesta pesquisa, partiu-se da premissa de que as intervenções dos leitores em

---

<sup>140</sup> Apenas três textos foram selecionados no *K5*, pois em quatro ocasiões não houve textos que atendessem aos critérios de coleta.

matérias publicadas em webjornais em que a publicação é aberta devem compartilhar as mesmas características. Uma predominância de intervenções de caráter jornalístico indicaria um nível de interação que transcende a mera escolha entre alternativas pré-definidas, dando ao público real poder de decisão sobre o que deve ser publicado.

KRIPPENDORFF (1980, p.33) embasa esta pretensão, ao afirmar que

[A análise de conteúdo] é capaz, primeiro, de aceitar como dados comunicações simbólicas relativamente desestruturadas, e, segundo, de analisar fenômenos não observáveis através da mediação de dados conectados com o fenômeno, independente de a linguagem estar envolvida<sup>141</sup>.

Isso não significa, porém, que a análise de conteúdo se limite a quantificar qualidades ou extrair significados “contidos” nos dados, nem tampouco que seja um método para descobrir o conteúdo simbólico das mensagens. O autor ressalva que os dados podem ser observados de variadas perspectivas e, dependendo da perspectiva, podem apresentar conteúdos diversos a um mesmo observador (p.22). Ele define a análise de conteúdo como uma “técnica de pesquisa para fazer inferências reproduzíveis e válidas sobre o contexto de dados” (p.21). Isto é, a análise de conteúdo não busca compreender os dados em si, mas como a relação entre eles pode evidenciar um determinado contexto. No caso deste projeto, o contexto a ser evidenciado é a natureza das intervenções do público interagente sobre matérias de webjornais participativos.

BARDIN (1977) define o método como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (p.31) e também vê na inferência, não no tratamento de dados, o objetivo último da análise de conteúdo (p.9):

O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até à extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência.

A autora afirma ainda que a análise de conteúdo tem duas funções primordiais: heurística, ao descobrir fenômenos não previstos, enriquecendo a pesquisa; e validação, ou “administração da prova”, ao confirmar hipóteses anteriores à pesquisa (p.30). O método será usado para testar a hipótese de que, dadas as possibilidades, o público é capaz de contribuir com novas perspectivas, novas fontes, novos dados e novos fatos em determinado material

---

<sup>141</sup> “[Content analysis] is capable, first, of accepting relatively unstructured symbolic communications as data and, second, of analysing unobserved phenomena through the medium of data connected with the phenomena, regardless of whether language is involved.” Tradução livre.

jornalístico. Caso isso seja verificado, considerar-se-á que as intervenções dos colaboradores tendem a pluralizar os textos iniciais sobre os quais atuam.

No caso do *K5*, cada comentário relacionado ao texto no momento da coleta será considerado uma intervenção no próprio texto, visto que em conjunto a matéria proposta e as sugestões, críticas e diatribes dos colaboradores formam um hipertexto único, que pode ser classificado como hipertexto colagem conforme a proposta de PRIMO (2002), na medida em que blocos de sentido criados individualmente são organizados em um todo compreensível, mas as ações de cada membro do grupo não necessariamente têm impacto sobre as ações do todo. Isto é, os comentários fazem referência ao texto da matéria e uns aos outros, mas não formam uma narrativa única, em que a voz de cada autor se dilui em uma voz coletiva. As unidades de análise, portanto, serão procuradas em cada um dos comentários feitos até o momento da coleta. Para todos os efeitos, cada comentário será visto como uma intervenção que amplia e modifica o hipertexto colagem. Considera-se que este hipertexto é atualizado a cada vez que um novo comentário é publicado.

No *WN*, por outro lado, o que se tem é um hipertexto cooperativo, que implica na criação de uma estrutura hipertextual em comum, por meio de negociações e assimilação dos impactos causados pelas ações de cada membro do grupo de autores/leitores. Isto é, “chama por uma discussão contínua que modifica o produto à medida em que é desenvolvido” (PRIMO, 2002, p.13). A discussão contínua não é entendida aqui necessariamente como uma troca de mensagens entre os colaboradores, mas também como a negociação que ocorre quando estes modificam as versões uns dos outros. As unidades de análise serão procuradas em cada uma das diferentes versões publicadas a partir do texto inicial até o momento da coleta.

Embora se tratem de dois webjornais participativos com sistemas de operação dessemelhantes, que se refletem na diferença entre os hipertextos colagem e cooperativo que deles resultam, as categorias foram desenvolvidas para a análise com o objetivo de que possam ser aplicadas a qualquer webjornal participativo em que a participação do público seja essencial para a manutenção do processo produtivo. Ou seja, acredita-se que as categorias que serão expostas a seguir permitem evidenciar o caráter jornalístico das intervenções feitas por colaboradores em qualquer webjornal participativo que, como o *K5* e o *WN*, permitam as leitores enviar material, controlar sua publicação e responder ao que é publicado sem supervisão prévia de uma equipe editorial.

### 5.1.1 Categorias de análise preliminares

Inicialmente, as categorias de análise foram baseadas na observação e experiência com o *K5*, o *WN* e outros webjornais participativos, da mesma forma que a escolha dos dois veículos a ser analisados. Elas foram sistematizadas a partir do trabalho de SOSTER (2003) sobre a precisão no webjornalismo, que num estudo de caso do site UOL Eleições 2002 se utilizou da análise de conteúdo para quantificar e qualificar os erros cometidos nas notícias publicadas. O autor divide os erros em dois grupos: ruídos de linguagem e imprecisões jornalísticas (p.97-98). Os primeiros incluem erros de:

- a) ortografia, concordância, gramática;
- b) grafia de nomes próprios;
- c) pontuação, acentuação, sinais gráficos;
- d) digitação;
- e) empastelamento, repetição e ausência de palavras, prejudicando a leitura;
- f) vícios de linguagem.

Já as imprecisões jornalísticas incluem:

- a) erro flagrante de informação no título;
- b) erro flagrante de informação no texto;
- c) incoerência entre título e texto;
- d) dados incoerentes no próprio texto;
- e) dados incoerentes em relação a outros textos próximos no tempo;
- f) ausência de links prometidos;
- g) ambigüidades.

Esta categorização foi adaptada, visto que a preocupação do estudo para o qual foi desenvolvida é identificar erros. O objetivo desta pesquisa era identificar os tipos de intervenções que contribuam para a ampliação do material jornalístico, não apenas corrijam erros (embora correções sejam contribuições importantes). Por outro lado, não é necessário um desdobramento tão amplo de categorias, podendo algumas ser amalgamadas a outras. Na observação, foi verificado que em muitos webjornais participativos há intervenções que se

limitam a corrigir aspectos lingüísticos, enquanto outras se dirigem aos aspectos mais eminentemente editoriais – apesar de a linguagem certamente ser de grande importância no fazer jornalístico, também tem um papel essencial em outros tipos de práticas que envolvem texto. Portanto, considerou-se melhor separar os dois tipos de categorias. Assim, inicialmente optou-se por dividir as categorias em “intervenções lingüísticas” e “intervenções jornalísticas”. As intervenções lingüísticas foram desdobradas nas seguintes categorias:

- a) ortografia: reunindo as intervenções referentes a erros de digitação, grafia de nomes próprios, acentuação e sinais gráficos;
- b) gramática: concordância, pontuação e vícios de linguagem;
- c) formatação: quebras de parágrafos e linha, repetição de trechos e palavras, ausência de palavras, empastelamento.

O grupo das intervenções jornalísticas compreendeu as intervenções nas categorias:

- a) título: mudanças no título da matéria;
- b) ambigüidades: trechos de significado duvidoso, que dificultem a compreensão;
- c) incoerências: informações conflitantes dentro do texto ou entre título e texto;
- d) fontes: acréscimo ou retirada de fontes, sejam pessoas ou dados provindos de outras matérias, relatórios, sites etc;
- e) links: acréscimo ou retirada de apontadores para textos dentro ou fora do webjornal;
- f) multimídia: acréscimo ou retirada de fotos, áudios, vídeos, animações, gráficos e ilustrações.

Um terceiro grupo de categorias foi criado, para dar conta das intervenções que não possuem caráter jornalístico ou lingüístico, cujo aparecimento é esperado especialmente nos comentários às matérias presentes no K5. O grupo é chamado “intervenções conversacionais”, pois suas categorias fazem parte do fluxo dialógico normalmente encontrável em fóruns e comentários (PRIMO, RECZEK, 2005; EFIMOVA, DE MOOR, 2005). Exemplos são os debates argumentativos sobre a natureza dos acontecimentos narrados, que não tenham relação direta com a estrutura textual, ações disruptivas de *trolls* e participantes de *flames*, que visam somente criar conflitos sem base argumentativa. Os *spams* foram incluídos nesse grupo, embora não sejam propriamente dialógicos, visto que spammers não tomam parte em discussões. Ainda assim, podem gerar comentários irados de outros participantes. As intervenções conversacionais, portanto, eram:

- a) argumentação: intervenções que visam convencer ou expor a opinião de um indivíduo, bem como discutir os dados expostos no material jornalístico;
- b) perturbação: intervenções irrelevantes para um debate, que não têm o objetivo de cooperar em alguma argumentação, intervenções excessivamente agressivas;
- c) *spam*: intervenções de caráter comercial, cujo objetivo é vender produtos ou anunciar sites, sem relação com argumentações ou interrupções.

A partir destas categorias, foi elaborado um roteiro de análise. Neste roteiro, além dos dados gerais das unidades de análise e da identificação das intervenções sofridas, são também coletados dados para efeito de contextualização: a posição da matéria no webjornal; se houve ou não intervenções; quantas foram; e a quantidade de colaboradores que trabalhou sobre o material. Com isso esperava-se verificar a proporção entre publicação e intervenção, bem como entre o número de intervenções e de colaboradores em uma determinada matéria, que pode indicar se estes acompanham a evolução de seu trabalho. Identificar a posição de determinada unidade de análise como manchete ou não também permite explicar eventuais desvios significativos na média de intervenções, evitando um fator de perturbação da amostra.

### 5.1.2 Estudo piloto

Com base em um estudo-piloto realizado durante o período de coleta do material para a análise definitiva, verificou-se porém que este roteiro precisava de ajustes, pois algumas categorias se confundiam e algumas unidades levantaram novos aspectos, não contemplados inicialmente. Duas matérias, uma de cada webjornal participativo, foram coletadas no dia 26 de setembro de 2006, entre 17:20 e 17:30. Um total de 38 intervenções foram analisadas. Na tabela 4, pode-se ver a divisão das intervenções entre lingüísticas, jornalísticas e conversacionais para *WN* e *K5*:

Tabela 1 – Distribuição de intervenções entre as categorias de análise no estudo piloto

	<i>Título</i>	<i>Ambigüidades</i>	<i>Incoerências</i>	<i>Fontes</i>	<i>Multimídia</i>	<i>Links</i>	<b>Total</b>
<b>Wikinews</b>	-	1	-	5	2	1	<b>9</b>
<b>Kuro5hin</b>	-	-	-	1	-	-	<b>1</b>

Percebe-se uma diferença significativa entre os tipos de intervenções feitas pelos colaboradores nos dois webjornais participativos. No primeiro, a predominância é das

intervenções jornalísticas, com 9 casos, sobre as lingüísticas (3 casos) e conversacionais (nenhuma). O quadro se inverte no segundo webjornal participativo, em que há uma predominância das intervenções conversacionais (23) sobre as lingüísticas (2) e jornalísticas (1). Essa diferença está de acordo com as políticas editoriais diversas dos dois veículos, portanto era esperada. O *WN* veda expressamente a inserção de opiniões no texto das matérias, por meio de sua política do “ponto de vista neutro” (NPOV)<sup>142</sup>. Há um espaço de discussão que acompanha cada matéria, mas este é raramente usado e não é o foco principal do site. Por outro lado, a discussão é o foco principal do *K5*. Ainda assim, a discrepância foi considerada muito grande, gerando a suposição de que as categorias não permitiam evidenciar plenamente o caráter jornalístico de alguns tipos de intervenções no *K5*.

Aliado a isso, surgiram unidades de análise ignoradas no primeiro roteiro. Por exemplo, a quinta intervenção na matéria “Thai junta vows retaliation against foreign media” (Junta tailandesa promete retaliação contra mídia estrangeira)<sup>143</sup>, do *WN*, mudou diversos trechos do texto, bem como o marcou para “limpeza editorial”. Quando uma matéria é marcada para limpeza, a seguinte mensagem é mostrada entre o título e o texto: “Este artigo foi marcado para limpeza editorial, ou seja, um editor considera que ela não é publicável em sua forma corrente”. A razão acompanha o aviso. No caso, era: “declarações sem fonte identificada – ‘executado’, bloqueio da tv. necessário checar o pov”<sup>144</sup>. Ou seja, além da fonte supostamente não citada, o administrador considerou as expressões “executado” e “bloqueio da tv” tendenciosas, recomendando uma “checagem de ponto de vista (POV)”. Essa intervenção apontou um problema no roteiro de análise. Trata-se de uma intervenção eminentemente jornalística, porém sem reflexo nas categorias “título”, “ambigüidades”, “incoerências”, “fontes”, “multimídia” e “links”.

Quanto ao *K5*, o exame da matéria “Multifold of destiny in ‘a complete proof of the Poincaré’” fez emergir uma nova unidade de análise: os dados. Trata-se das informações fornecidas pelos colaboradores com base em sua experiência pessoal, ou conhecimentos cuja fonte não é revelada, caso em que seriam enquadrados na unidade “fontes” da categoria jornalística. Outro comentário problemático foi o de Magic Curl: “isto não é muito bom”. É um julgamento de valor, mas não está acompanhado de uma argumentação. Assim, não é

---

<sup>142</sup> [http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Neutral\\_point\\_of\\_view](http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews:Neutral_point_of_view).

<sup>143</sup> Disponível em: [http://en.wikinews.org/wiki/Thai\\_junta\\_vows\\_retaliation\\_against\\_foreign\\_media](http://en.wikinews.org/wiki/Thai_junta_vows_retaliation_against_foreign_media). Acesso: 20/01/2007.

<sup>144</sup> “This article has been nominated for **editorial cleanup**, that is, an editor considers it not to be publishable in its current form” e “unsourced statements – ‘executed’, tv black out. needs pov check”. Tradução livre.

possível saber se o colaborador se baseou em critérios jornalísticos e/ou narrativos, ou se pretendia apenas causar constrangimento ao autor da matéria. A colaboradora LilDebbie, por outro lado, indicou que votaria pela eliminação da matéria e deu como motivo “estou pouco ligando”<sup>145</sup>. Ou seja, a seu ver, a matéria não tem interesse suficiente para ser publicada. Embora no atual roteiro essa intervenção tivesse de ser considerada conversacional argumentativa, é impossível deixar de perceber que se relaciona diretamente com os valores-notícia do jornalismo. Isso denota uma outra distorção no atual roteiro, visto que deveria haver uma unidade prevista na categoria de intervenções jornalísticas.

Após esse estudo-piloto as categorias e subcategorias de análise foram repensadas. Em primeiro lugar, as categorias principais foram renomeadas “pluralizantes” e “comuns”. Entre as pluralizantes se encontram aquelas que, conforme a hipótese desta pesquisa, possam acrescentar informação relevante e contribuir para a multiplicação de perspectivas sobre um determinado fato. As intervenções lingüísticas e conversacionais serão fundidas em uma categoria chamada “formais/disruptivas”, que embora tenham grande importância para o resultado final de uma peça narrativa, não contribuem diretamente para o valor informativo e para a pluralização de pontos de vista, ou mesmo introduzem ruído no texto. Acredita-se que essa mudança permitirá uma análise mais adequada dos dados coletados, tendo em vista que o objetivo desta pesquisa é verificar a predominância das intervenções que possam indicar uma tendência à construção colaborativa do material jornalístico, bem como uma desejável presença da maior quantidade possível de perspectivas conflitantes e interpretação.

### 5.1.3 Categorias de análise definitivas

O roteiro de análise (APÊNDICE D e APÊNDICE E) é dividido, no que tange às **intervenções pluralizantes**, da seguinte forma:

- a) edição: compreende as intervenções cujo objetivo é tornar um texto mais claro e completo, bem como orientar seu desenvolvimento. “Trabalho de preparar as matérias, selecionando os principais assuntos, suprimindo ou desenvolvendo outros” (ERBOLATO, 1991, p.243). A inclusão de multimídia e correção gramatical e ortográfica, que também fazem parte do trabalho editorial, são abarcadas em outras subcategorias. Aqui apenas o caráter orientador da edição interessa;

---

<sup>145</sup> “this is not very good” e “couldn’t care less”, respectivamente. Tradução livre. Indisponíveis porque a matéria foi eliminada pela votação.



- b) dados: relatos de experiências pessoais ou de terceiros sobre fatos relacionados ao tema da matéria em questão, ou mesmo exposições sobre conhecimentos adquiridos de outra forma;
- c) fontes: inclusão de declarações de terceiros envolvidos nos acontecimentos abordados ou relatos, obtidos diretamente ou indiretamente, bem como a oferta de material primário;
- d) valor-notícia: argumentação relativa a critérios de aceitação de um texto, ou seja, quanto à presença de certas características em um texto inicial tidas como desejáveis pelo webjornal participativo no qual será ou foi publicado;
- e) multimídia: inclusão de fotos, áudio, vídeo, animações ou gráficos;
- f) links: inclusão de apontadores para páginas externas ou internas de interesse, mas não necessariamente relacionadas ao tópico do texto inicial. Não inclui a lista de fontes ao final de cada matéria no *Wikinews*, nem os links de caráter administrativo, como menus, e-mail de colaboradores e assinaturas de comentários. Links de caráter flagrantemente comercial serão considerados spam<sup>146</sup>;
- g) argumentação: intervenções de caráter conversacional que refutem ou corroborem fatos expostos no texto inicial ou em outras intervenções, debates, discussões;

Quanto às **intervenções formais/disruptivas**, elas são divididas nas seguintes subcategorias:

- a) formatação: fusão ou separação de parágrafos, espaçamento, posicionamento de objetos multimídia, estilo e tamanho de fonte;
- b) ortografia/gramática: correção de erros de digitação, erros ortográficos e erros gramaticais;
- c) perturbação: intervenções de caráter conversacional que tenham como objetivo agredir ou desviem do tópico de uma discussão ou debate;
- d) *spam*: intervenções pseudo-conversacionais de caráter comercial, que tenham como objetivo levar o leitor a adquirir um produto ou acessar uma página externa.

---

<sup>146</sup> *Spam* é uma mensagem eletrônica não solicitada, em geral anunciando algum produto. O tipo mais conhecido é o *spam* de correio eletrônico, mas também há *spam* em fóruns de discussão, comentários de blogs, sites de relacionamento, programas de mensagens instantâneas etc. O nome vem de um esquete do programa de humor televisivo britânico *Monty Python's Flying Circus*, que os personagens incluíam a palavra “*spam*” (uma marca de carne enlatada) em todas as frases de um diálogo.

As unidades que não puderem ser atribuídas a uma ou outra subcategoria serão reunidas sob a categoria “outros”.

Duas ressalvas devem ser feitas sobre este roteiro. Primeiro, à unidade “edição” estão ligadas intervenções como a atribuição de categorias, arquivamento e pedidos de “limpeza editorial” no *WN*, bem como solicitações de mudança de seção no *K5*. Por outro lado, a subcategoria “valor-notícia” se destina a abrigar julgamentos de valor como aquele de LilDebbie, “estou pouco ligando”. O uso da expressão “valor-notícia” neste roteiro não pretende indicar que os webjornais participativos façam jornalismo *per se*, da mesma maneira que é feito nas redações profissionais, mas sim que adotam alguns critérios para a aceitação de textos, baseados em valores gerados pela interação entre os colaboradores, que têm maior ou menor grau de semelhança com os critérios de noticiabilidade de que se fala na teoria do *newsmaking*, e de qualquer modo cumprem a mesma função. Acredita-se que, mesmo sem educação formal na área, muitos dos colaboradores podem ter introjetado estes valores pelo convívio com a atividade de publicação, além do consumo de produtos midiáticos – ou podem mesmo ser jornalistas profissionais que colaboram nestes webjornais participativos.

## 5.2 COLETA DA AMOSTRA

Ao planejar a coleta do material, levou-se em conta a necessidade de evitar distorções causadas por grandes eventos no fluxo normal de colaborações dos dois webjornais. Fatos como os atentados de 11 de setembro de 2001 contra o World Trade Center ou o tsunami que atingiu o sudeste asiático em 2004 costumam elevar os níveis de publicação em blogs e sites colaborativos, bem como aumentam o nível de intervenções nos textos do *WN* e nos comentários do *K5*. Para evitar este tipo de distorção, a coleta foi feita em semanas alternadas, durante sete semanas. Além disso, procurou-se fazer um panorama do comportamento dos colaboradores ao longo da semana, evitando concentrar todas as coletas em apenas um dia. Os dias de coleta também foram alternados ao longo das sete semanas, com a meta de evitar que todas fossem feitas em um dia de pouca produção no webjornal participativo, mas também de produção que extrapolasse o padrão médio. Por outro lado, manteve-se sempre a mesma faixa de horário, para que a variação de “picos de participação” em determinados horários não influenciassem a amostra.

O período de coleta começou na terça-feira, dia 17 de outubro de 2006. A coleta seguinte ocorreu na quarta-feira, 25 de outubro de 2006 e assim por diante até o último dia, 3

de dezembro, uma segunda-feira. Todas foram feitas na mesma faixa de horário, entre 13:30 e 14:00. As páginas foram abertas em diferentes janelas do navegador e depois arquivadas em formato HTML e em texto. No *K5*, foram selecionadas os textos que estivessem em último lugar na fila de edição. Quando não havia texto algum na fila de edição, não se coletou material. No caso do *WN*, foram selecionados os textos que estivessem em último lugar na lista de últimas notícias na página principal. Ao todo, foram coletados três textos no *K5* (ANEXO B) e sete textos no *WN* (ANEXO A) . Em quatro ocasiões, não havia nenhuma proposta de matéria na fila de edição do *K5* no momento da coleta.

Cada um dos textos coletados recebeu um código. No caso do *WN*, tratou-se da letra *W* acompanhada de números em ordem cronológica crescente de coleta (*W1*, *W2* etc.). As intervenções aos textos receberam um código alfanumérico tendo como critério a ordem crescente desde a primeira intervenção ao primeiro texto até a última intervenção ao último texto (*IW1*, *IW2*... *IW45*). O mesmo sistema foi usado no *K5*, com as letras *K* (*K1*, *K2*...) e *IK* (*IK1*, *IK2*... *IK63*). Estas listagens podem ser encontradas no APÊNDICE B e no APÊNDICE C.

## 6 A PARTICIPAÇÃO EM *WIKINEWS* E *KURO5HIN*

Os dados numéricos da análise de conteúdo apontam para uma predominância das intervenções ampliadoras no webjornalismo participativo. Neste capítulo, as intervenções coletadas no *Wikinews* (*WN*) e *Kuro5hin* (*K5*) serão analisadas quantitativa e qualitativamente. Serão privilegiadas na discussão aquelas intervenções consideradas mais representativas da ação dos colaboradores nos dois webjornais participativos. A partir destes dois tipos de abordagem, acredita-se ser possível verificar se as intervenções pluralizantes têm um peso significativo na colaboração nestes dois webjornais participativos.

O material jornalístico coletado nos dois webjornais participativos resultou em um *corpus* composto por 107 intervenções, sendo 46 delas referentes ao *WN* e 61 ao *K5*. Trata-se de uma distribuição interessante, visto que foram sete textos no *WN* e apenas três no *K5*, conforme a tabela 2. Ainda que menos representado na amostra, o *K5* apresentou mais ocorrências de intervenção sobre os textos iniciais, o que sugere um nível maior de participação em termos quantitativos. Esse dado pode ser explicado pela própria política editorial do *K5*, que favorece o debate a respeito dos fatos apresentados no texto inicial. Assim, os colaboradores continuam intervindo, mesmo quando já foram realizados todos os reparos necessários para enquadrar o texto nos padrões esperados (ortografia e estilo corretos, política editorial, atribuição de fontes, links para material em outros sites etc.). Com efeito, como mostra a tabela 5, no total 66,7% das intervenções no *K5* são conversacionais, sendo quase a metade delas (49,3%) do tipo argumentativo e 17,4% do tipo disruptivo. No *WN*, por outro lado, o comentário a respeito dos fatos narrados nos textos é desencorajado, de modo

que, quando todas as correções e acréscimos que visam colocar o texto dentro dos padrões editoriais são feitos, não há mais motivo para a intervenção. O fato de nenhuma intervenção de caráter argumentativo ou disruptivo ter sido identificada na análise do *WN* corrobora essa conclusão.

Tabela 2 – Número de intervenções coletadas no *Wikinews* e *Kuro5hin*

	<i>Textos coletados</i>	<b>Intervenções</b>
Wikinews	7	46
Kuro5hin	3	61
<b>Total</b>	10	107

A média de intervenções no *K5* tende a ser sempre bastante alta, não se tratando de uma distorção nesta amostra em particular. No dia 31 de janeiro de 2007, os dez textos publicados na página principal somavam 745 comentários às 10:50, uma média de 74,5 intervenções por texto. Às 10:56 do mesmo dia, as matérias de mais destaque na capa do *WN* (manchete, dois destaques principais na coluna à direita e sete matérias no topo da lista de últimas notícias) somavam 93 intervenções, ou uma média de 9,3 por matéria. O *K5* apresentava, portanto, oito vezes mais intervenções por matéria do que o *WN* neste dia e horário, o que indica que os dados coletados durante a análise de conteúdo não estão contaminados, mas seguem o padrão normal de produção nos dois webjornais participativos.

As 46 intervenções feitas aos textos do *WN* resultaram em 35 unidades de análise categorizadas como pluralizantes e 18 unidades categorizadas como unidades formais/disruptivas. A discrepância entre o número de intervenções e o número de unidades de análise codificadas se deve ao fato de que algumas intervenções forneceram mais de uma unidade. Em IW11, por exemplo, o colaborador DragonFire1024 acrescentou à matéria “Friday the 13 Buffalo, New York snow storm in pictures” (ANEXO A) uma nova fonte, o jornal *Lockport Union-Sun & Journal*, e corrigiu dados no lead, como o número de pessoas sem luz (passou de 340 mil para 300 mil) e a inclusão do Estado de Pensylvannia entre os atingidos, gerando as unidades “fonte” e “dados”. O mesmo critério de codificação e contagem das unidades foi usado no *K5*. Em IK26, por exemplo, que discute um texto de

MotorMachineMercenary sobre seriados de televisão, o colaborador OnDemand fornece dados sobre o serviço de TV a cabo Comcast através de seu próprio depoimento e depois segue argumentando sobre as diferenças entre o modelo de negócios da TV por assinatura e da radiodifusão, para concluir que alguns tipos de séries só são economicamente inviáveis na TV aberta. Considerou-se que nesta intervenção estão presentes duas unidades de análise, “dados” e “argumentação”. As 61 intervenções feitas ao K5 resultaram em 54 unidades de análise categorizadas como pluralizantes e 13 como unidades formais/disruptivas.

Tabela 3 – Distribuição de unidades por categoria em números absolutos e proporcionais

	<b>Pluralizantes</b>	<b>%</b>	<b>Formais/Disruptivas</b>	<b>%</b>	<b>Outros</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
Wikinews	35	<b>63,6</b>	18	<b>32,7</b>	2	<b>3,7</b>	55
Kuro5hin	54	<b>76,8</b>	13	<b>18,8</b>	2	<b>2,9</b>	69
<b>Total</b>	89	<b>73,2</b>	31	<b>22,7</b>	4	<b>4,1</b>	124

A tabela 3 mostra em números absolutos e em porcentagem a distribuição das unidades segundo as categorias de análise. Entre as 107 intervenções coletadas foram identificadas 124 unidades de análise, das quais a maioria, 89, foram consideradas pluralizantes, e 31 formais/disruptivas. Em termos proporcionais, houve predominância significativa das unidades pluralizantes (73,2%). O webjornal participativo K5 apresentou mais unidades pluralizantes em relação ao WN, tanto em termos absolutos quanto proporcionais. Houve 54 unidades pluralizantes nas intervenções do K5, representando 76,8% do total de unidades. No caso do WN, as unidades pluralizantes representam 63,6% do total. Apesar da leve vantagem do K5, trata-se de um resultado bastante semelhante, que sugere forte orientação dos colaboradores dos dois webjornais participativos para interferir nas questões jornalísticas do texto.

Os dados referentes ao número de colaboradores que intervieram em cada matéria indicam que os indivíduos costumam acompanhar o desenvolvimento dos textos em que tomam parte. As figuras 24 e 25 mostram que tanto no K5 quanto no WN a quantidade de colaboradores em determinada matéria costuma ser menor do que a quantidade de

intervenções. A correlação entre os dois indicadores é de 1 para 2, ou seja, cada colaborador tende a retornar em média duas vezes aos textos dos quais toma parte.

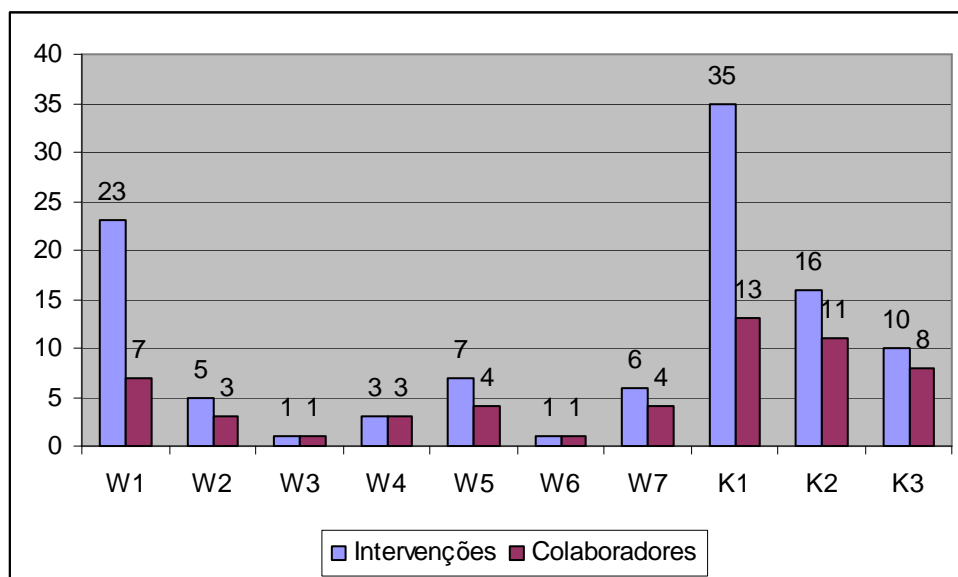


Figura 24 – Gráfico comparativo do número de intervenções e número de colaboradores

Isto significa que em geral os indivíduos que intervêm no material jornalístico publicado por estes dois webjornais participativos não são colaboradores acidentais, mas sim colaboradores que acompanham constantemente o processo de trabalho. Este também é um indicativo que sugere a formação de redes sociais de colaboradores em torno dos webjornais participativos. A figura 25 mostra a diferença entre o número de intervenções total em cada webjornal participativo e o número global de colaboradores identificados na amostra.

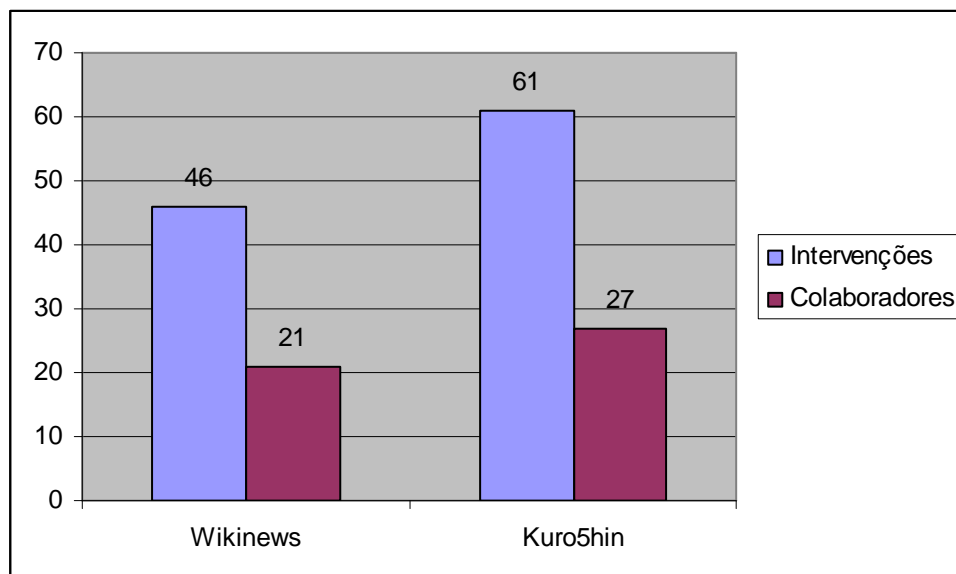


Figura 25 – Gráfico comparativo do número total de intervenções e número global de colaboradores

As 46 intervenções no *WN* foram feitas por 21 colaboradores no total – possivelmente menos, visto que 7 intervenções foram feitas por anônimos que podem ou não ter se repetido<sup>147</sup>. No caso do *K5* as intervenções anônimas são impossíveis, de modo que se pode ter certeza de que 27 contas intervieram 61 vezes, embora um colaborador possa em tese operar mais de uma conta. A média de um colaborador para cada duas intervenções se mantém aqui, confirmando que a taxa de retorno é semelhante nos dois webjornais participativos. Esses dados também indicam que uma noção corrente a respeito da *Wikipedia* e, por extensão, do *WN*, não se confirma. A saber, a idéia de que todo verbete ou notícia nesses serviços é escrita por dezenas de pessoas que acrescentam uma frase ou palavra cada uma. Não é “todo mundo” que participa no webjornalismo participativo, quando se examina o processo produtivo ao longo do tempo, mas um número relativamente fixo de colaboradores, que com isso adquirem experiência na operação das ferramentas e em reportagem.

Essa é uma constatação importante, visto que uma das principais críticas feitas a esse tipo de veículo é o fato de que os colaboradores escrevem muitas vezes sem compromisso com o resultado final. A simples adição ocasional de uma frase em uma matéria do *WN* ou a publicação de um comentário no *K5* por transeuntes ciberespaciais resultaria em uma

<sup>147</sup> Embora os IPs tenham sido registrados pelo sistema do *WN* e sejam todos diferentes, não é possível afirmar com certeza que se tratam de colaboradores diferentes. Quando se acessa a Internet através de um provedor, este atribui um novo IP a um determinado computador a cada novo acesso. Assim, uma mesma máquina pode ter um IP diferente a cada nova sessão de trabalho em que é conectada à rede.



cooperação fragmentada, em que nenhum dos colaboradores se veria como responsável pelo texto. Essa ausência de responsabilidade, por outro lado, prejudicaria a credibilidade dos webjornais participativos. Porém, se os colaboradores costumam retornar e acompanhar o desenvolvimento das matérias, certamente têm algum aprendizado através da experiência. Ver comentários apontando as falhas e equívocos de interpretação em seus textos nos comentários no *K5* ou as correções feitas diretamente pelos outros interagentes no *WN* permite ao colaborador introjetar a política editorial destes veículos, de maneira muito semelhante ao que ocorre nas redações profissionais.

A seguir, os resultados da análise de conteúdo específicos de cada webjornal participativo que compõe a amostra serão analisados mais detidamente.

## 6.1 WIKINEWS

Entre as intervenções feitas no *WN*, predominaram as pluralizantes com 63,6% do total de intervenções, como se pode ver na tabela 4. Entre estas, as mais frequentes foram as relativas à edição (20%), seguidas pela adição de dados (18,2%) e links (9,2%). Já entre as intervenções formais/disruptivas houve ocorrência de modificações em aspectos ortográficos ou gramaticais, representando 27,8% do total, e na formatação dos textos (5,5%). A ausência de unidades na subcategoria pluralizante argumentação está de acordo com as expectativas, dada a política editorial do *WN*, que desestimula o comentário e a opinião. As baixas proporções de inclusão de links e multimídia (5,5%), por outro lado, são uma surpresa. No primeiro caso, o motivo de estranheza é o fato de o *WN* ser um projeto-irmão da *Wikipedia*, o que permite que se criem links para a enciclopédia digital muito facilmente, bastando colocar entre colchetes duplos o termo para cujo verbete se quer apontar. Se o verbete existir, o link é criado automaticamente. Se não, uma página vazia é gerada na *Wikipedia* também automaticamente, e os leitores podem então iniciar aquele verbete. Além disso, não há restrições à inclusão de links externos, de modo que os colaboradores ficam livres para indicar material existente em outros websites dentro do próprio texto. Nos webjornais normais, em geral a criação de links externos é bastante restringida, o que, como foi visto no capítulo 2, dificulta a concretização do ideal de matérias que apontem para material de aprofundamento em outras fontes. Era de se esperar que um webjornal aberto como o *WN* fosse aproveitar a ausência de restrições neste sentido para fazê-lo. Chama atenção também a baixa frequência de inclusão de novas fontes nas matérias do *WN*, com apenas duas ocorrências. A hipótese de

que o webjornalismo participativo poderia ser uma forma de produzir um jornalismo multiperspectivo nos moldes propostos por GANS (2003) fica comprometida neste caso específico.

Tabela 4 – Distribuição de unidades por categorias no *Wikinews* em números absolutos e percentagem

Int. pluralizantes	Quantidade	%	Int. Formais/Disruptivas	Quantidade	%
Edição	11	20	Ortografia/Gramática	15	27,8
Dados	10	18,2	Formatação	3	5,5
Fontes	2	3,7	Perturbação	0	0
Valor-notícia	4	7,4	Spam	0	0
Multimídia	3	5,5	<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>32,7</b>
Links	5	9,2	<b>Outros</b>	<b>2</b>	<b>3,7</b>
Argumentação	0	0			
<b>Total</b>	<b>35</b>	<b>63,6</b>			

Em termos de participação, é interessante notar que a maioria dos colaboradores com presença constante são também administradores do *WN*. É o caso de Nzgabriel, Edbrown05 e Brianmc, que colaboraram em pelo menos duas matérias cada um. Quatro das sete matérias foram iniciadas por Nzgabriel e versavam sobre assuntos da Nova Zelândia. Este fenômeno não se deve a algum tipo de distorção no método de coleta, porque os horários de publicação eram bastante distintos: duas foram publicadas em torno das cinco da manhã UTC<sup>148</sup>, uma em torno da uma da manhã e a outra em torno das 19 horas. Assim, o motivo não é um hábito de publicação de Nzgabriel, que criaria textos diariamente em determinado horário e estes seriam

<sup>148</sup> *Universal Time, Coordinated*, ou Tempo Universal Coordenado, é o fuso-horário de referência no qual se baseiam os cálculos de outras zonas horárias do mundo. É o sucessor do GMT, ou *Greenwich Mean Time*, e coincide com este, com a diferença de que a passagem do tempo é calculada conforme os ciclos de atividade de átomos de Césio, não na rotação da terra. O UTC é usado nos projetos da Wikimedia Foundation.

empurrados para a última colocação na fila de últimas notícias até o horário de coleta no Brasil, entre 16:30 e 17:00 UTC (15:30 e 16:00 durante o horário de verão no hemisfério sul). Conforme seu perfil, Nzgabriel se chama realmente Gabriel Pollard, tem 16 anos e escreve quase que diariamente notícias sobre seu país<sup>149</sup>. No total, já escreveu mais de 500 artigos para o *WN*, sendo considerado um dos repórteres mais importantes. Isso permite concluir que de fato a Nova Zelândia é super-representada no *WN* devido à disponibilidade de Nzgabriel em colaborar. Sob certo aspecto, é interessante que informações sobre um país em geral ignorado pelos noticiários sejam de alguma forma oferecidas ao público. Embora os leitores pudessem buscar diretamente jornais neozelandeses, precisariam saber onde e por quais nomes procurar. A publicação dessas matérias no *WN* torna mais fácil o acesso. Porém, a capacidade de um único colaborador em influenciar tanto os rumos de um portal inteiro de notícias demonstra um ponto fraco dos webjornais participativos em que não há um controle sobre o fluxo de material: caso não haja uma quantidade suficiente de participantes ativos para contrabalançar um participante especialmente ativo, os assuntos preferidos de uma só pessoa se tornam mais proeminentes. O maior risco a que um sistema cooperativo está exposto é a falta de participação. O *WN* ainda é um projeto relativamente novo e há espaço para crescimento nesse aspecto, embora as estatísticas de publicação nos últimos meses não incentivem o otimismo. O gráfico abaixo mostra a média mensal de novos artigos publicados por dia desde o início das operações do *WN* até janeiro de 2007.

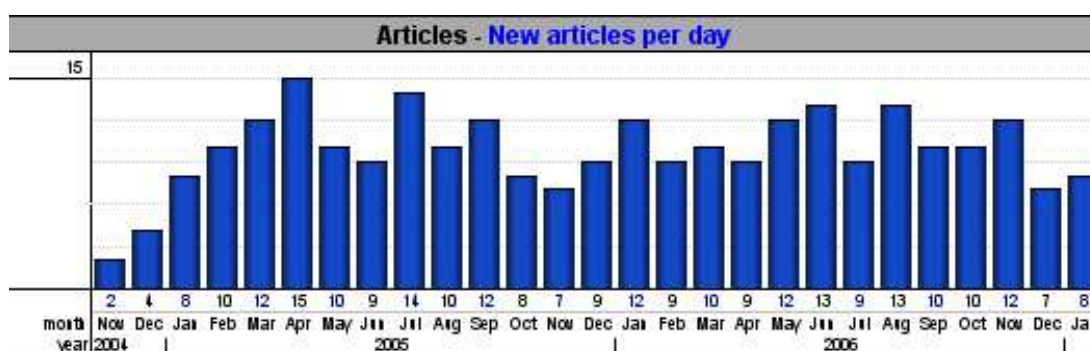


Figura 27 – Gráfico mostrando a média de novos artigos publicados por dia no *Wikinews* entre novembro de 2004 e janeiro de 2007

Fonte: <http://stats.wikimedia.org/wikinews/EN/ChartsWikipediaEN.htm>. Acesso: 05/02/2007

<sup>149</sup> Disponível em: <http://en.wikinews.org/wiki/User:Nzgabriel>. Acesso: 12/02/2007.

Como se pode verificar, o mês em que houve a maior quantidade de publicação foi abril de 2005, com uma média de 15 novos textos a cada dia. Depois desse pico, a média de novos textos diários oscilou entre 7 e 13. Dezembro de 2006 resultou na segunda média mais baixa desde abril de 2005, enquanto a média de janeiro ficou em apenas 8 novos artigos por dia. Os dados sugerem que, após um crescimento vertiginoso no começo do projeto, que pode ser atribuído à curiosidade dos internautas em relação a um serviço de notícias oriundo da mesma instituição que coordena a *Wikipedia*, houve uma estabilização no nível atual de participação. Este é um sério problema, visto que o *WN* depende da ampliação do número de colaboradores para se tornar um webjornal participativo mais relevante. Além disso, o número de colaboradores ativos, que fazem mais de cem intervenções mensais, tem oscilado abaixo do pico de 111 desde julho de 2005, sendo que há uma clara tendência de queda a partir de agosto de 2006, chegando até 75 em dezembro, o ponto mais baixo desde o pico<sup>150</sup>. Se não houver uma reversão desse quadro, o *WN* tende a entrar em decadência.

Essa situação problemática está levando o *WN* a buscar alternativas. Uma proposta envolve a inserção de opinião sob a forma de uma página de comentários atrelada a cada notícia. Na prática, haveria um espaço para comentários como ocorre no *K5* ou nos blogs, embora pretenda-se manter a política de ponto de vista neutro nas notícias em si. Edbrown05, um administrador e autor da proposta, acredita que o *WN* perde muito sem a abertura de suas páginas a interpretações dos leitores:

Se a premissa dos blocos de construção deste sítio só pode acomodar a preparação e criação de artigos, e então deixa faltar um espaço para acomodar a reação do leitor, então está perdendo talvez metade ou mais da participação possível. Como pode um sítio que é “ligado” querer perder a conectividade?<sup>151</sup>

A discussão entre os colaboradores ainda está em andamento, mas sua simples existência indica o reconhecimento de uma tensão entre a política de ponto de vista neutro derivada da *Wikipedia* e as necessidades do webjornalismo participativo. De fato, GANS (2003) já propunha a adição de opinião como uma maneira de melhorar o jornalismo como um todo. O sucesso de outros tipos de sítios em que é permitida a publicação de opinião, dos blogs individuais aos fóruns e páginas de comentários em webjornais como o *New York Times Online* apontam para o fato de que a opinião interessa aos leitores. O próprio jornalismo

---

<sup>150</sup> Disponível em: <http://stats.wikimedia.org/wikinews/EN/ChartsWikipediaEN.htm>. Acesso: 05/02/2007.

<sup>151</sup> “If the premise of the building blocks of this site will only accomodate article preparation and creation, and then lacks a venue to accomodate reader reaction, then it is missing perhaps half or more of possible participation. How could a site that is "connected" want to miss connectivity?” Tradução livre. Disponível em: [http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews\\_talk:Commentary\\_pages\\_on\\_news\\_events](http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews_talk:Commentary_pages_on_news_events). Acesso: 05/02/2007.

tradicional está seguindo essa tendência. O novo editor da revista *Time*, por exemplo, recentemente anunciou que investirá mais na interpretação e opinião em suas páginas, por reconhecer que a Web está suprimindo a necessidade de relatos factuais e objetivos (O'CONNOR, 2006<sup>152</sup>): “A noção de pura objetividade é um mito, e as pessoas são espertas o suficiente para saber disso. (...) Então, objetividade? Não. Transparência? Sim”<sup>153</sup>. Quando mesmo a mídia tradicional está se afastando dos relatos objetivos, o WN se apegua à política do ponto de vista neutro e limita-se a reproduzir conteúdo disponível em outros veículos. É difícil compreender por que o público preferiria ler em um webjornal participativo as mesmas informações que poderia obter na imprensa profissional.

Outra proposta, segundo Erik Möller, o idealizador do WN, é remunerar os colaboradores:

Se você se desloca até algum lugar ou faz telefonemas, isso custa dinheiro. Uma das maneiras que vejo de resolver esta questão é pagar os colaboradores. É claro que muita gente vai querer meter a mão nessa grana, mas penso em fazer os pagamentos usando o mesmo sistema de certificação. Um sujeito que já colabora há algum tempo e faz um bom trabalho pode dizer “ei, eu quero trabalhar nisso em tempo integral”, então a comunidade discute e chega a um consenso sobre se aceita ou não. Porém, a Wikimedia Foundation é um tanto conservadora em alguns aspectos no que concerne ao conceito de Wiki, então não sei se isso algum dia vai funcionar (TRÄSEL, 2006).

Essa possível solução parte do reconhecimento de que ser voluntário no WN exige muito mais esforço do que ser voluntário na *Wikipedia*. Na enciclopédia, pode-se criar um verbete e acrescentar uma ou duas frases, que outras pessoas completarão o texto ao longo do tempo. No webjornal participativo, por outro lado, é necessário publicar a matéria completa, que então receberá modificações em geral bastante pontuais. E é preciso que o texto seja terminado no mesmo dia, enquanto na *Wikipedia* é possível trabalhá-lo durante quanto tempo se desejar. Assim, Möller vê no modelo adotado pelo *OhmyNews*, em que a participação é compensada monetariamente, um caminho para o WN evitar a decadência.

A seguir, os resultados da análise de conteúdo feita sobre o corpus de intervenções do WN serão discutidas conforme as subcategorias das intervenções pluralizantes. As subcategorias das intervenções formais/disruptivas serão discutidas ao final.

---

<sup>152</sup> Documento eletrônico sem paginação.

<sup>153</sup> “The notion of pure objectivity is a myth, and people are smart enough to know that. (...) So objectivity? No. Transparency? Yes.” Tradução livre.

### 6.1.1 Subcategoria edição

Foram identificadas 11 unidades de análise relativas à edição entre as intervenções à amostra de sete textos do *WN*. Seis delas foram encontradas em W1, uma em W2, uma em W5, uma em W6 e duas em W7. Em W1, a única matéria coletada em que houve discussão no espaço reservado para tanto, o autor do texto inicial, DragonFire1024, pergunta se poderia mudar a data de publicação de 14 para 15 de outubro, sob o pretexto de estar prestes a acrescentar uma nova leva de fotos tiradas no dia 15, bem como novas informações obtidas em uma coletiva de imprensa (IW7). Ele também questiona se deve manter o aviso de *breaking news* (últimas notícias) até o momento em que a possibilidade de novas fotos desapareça. Não há resposta, mas em IW10 DragonFire1024 muda a data para o dia 15 de outubro. Apenas em IW22, já no dia 17 de outubro, o colaborador Thunderhead responde à questão, dizendo que em sua opinião a data deveria ter sido mantida, e que o aviso de últimas notícias deveria ficar até a matéria estar completa. Essas intervenções foram consideradas como relativas à edição porque se concentram em orientações sobre o tratamento da informação. Como foi explicado no capítulo sobre procedimentos metodológicos, ações editoriais não diretamente ligadas à orientação da produção, como a formatação, correções gramaticais e ortográficas e inclusão de links e multimídia foram desdobradas em outras subcategorias.

Na última intervenção feita em W1 até o momento da coleta, IW23, Holek retira o selo *breaking news* do topo da página, já no dia 17 de outubro, ou seja, três dias após a publicação da reportagem. Essa demora na retirada do selo de últimas notícias é comum no *WN* e pode ser atribuída à escassez de recursos humanos já comentada. Uma consequência da falta de um número suficiente de colaboradores ativos é que os textos levam mais tempo para evoluir quando são feitos por voluntários sem dedicação exclusiva. Outra consequência é que há menos olhos para esquadrihar as listas de notícias em busca desse tipo de selo em notícias que não são mais atuais.

As outras intervenções consideradas de caráter editorial encontradas são modificações menores destinadas a melhorar a clareza ou remover partes desnecessárias e resolver problemas técnicos. Ainda em W1, Edbrown05 remove o índice de intertítulos da matéria e corrige um link quebrado em duas intervenções diferentes. Em W2, Brian New Zealand modifica o código que formata automaticamente os links da seção “links relacionados” para adequá-los ao padrão do *WN*. No texto W6, Nzgabriel retira o aviso de “matéria em edição” e acrescenta a categoria “Copa Mundial de Rugby” na única intervenção feita à matéria sobre a

reforma do estádio Park Eden, escrita por ele mesmo, duas horas após a publicação do texto inicial, gerando uma unidade “edição”. Em W7, texto sobre a proteção dos tubarões brancos na Nova Zelândia, Edbrown05 muda o título de “Great white sharks will be protected in New Zealand” (Grandes tubarões brancos serão protegidos na Nova Zelândia) para “Great white sharks to be protected in New Zealand” (Grandes tubarões brancos ganham proteção na Nova Zelândia). Embora essa última intervenção ocorra no nível gramatical, foi considerada editorial por remeter a uma exigência específica da linguagem jornalística, que é escrever as manchetes sempre no tempo presente, e porque definir títulos é tradicionalmente uma atividade editorial.

Como se pode perceber, as intervenções editoriais em geral são dirigidas às necessidades de organização do noticiário oferecido pelo *WN*, como a inclusão e retirada de avisos tanto para colaboradores quanto para leitores, adequação de padrões a categorização. No entanto, há casos, como o da discussão sobre a atualização da data de W1, em que os colaboradores mais experientes dão orientação aos menos experientes.

### 6.1.2 Subcategoria dados

Entre as dez ocorrências de acréscimo de dados, apenas quatro não partiram dos autores do texto inicial. Em IW43, por exemplo, o colaborador Edbrown05 acrescentou à matéria “Great white sharks to be protected in New Zealand” (W7) o dado de que a data de anúncio de uma nova lei, referida como “ontem” por Nzgabriel na primeira versão do texto, é uma “quinta-feira”. A lei trata da proibição de que barcos de bandeira neozelandesa matem tubarões brancos em qualquer lugar do mundo, bem como barcos de qualquer procedência em águas nacionais, com o objetivo de preservar a espécie. Edbrown05 também rearranjou a ordem de duas frases, o que foi considerado uma unidade de tipo “ortografia/gramática”. Já na matéria “Canada’s West Coast battles high winds” (W5), sobre fortes tempestades ocorridas na costa oeste do Canadá em outubro de 2006, que causaram destruição e risco de enchentes, houve duas intervenções que geraram a unidade “dados” e não foram feitas pelo autor do texto inicial. A primeira, IW36, foi feita pelo colaborador Wintergreen, adicionando a informação de que o mesmo mau tempo afetara o Estado de Washington, nos Estados Unidos. Esse dado foi retirado de uma das fontes listadas ao final do artigo, a agência *Reuters*, e aparentemente fora ignorado pelo autor do texto inicial. Em IW38, às 3:57 UTC do dia 17 de novembro, mais de 24 horas depois da publicação do texto inicial, um colaborador anônimo acrescenta a informação de que o número de pessoas sem luz na Colúmbia Britânica subira de

180 mil para 200 mil. É interessante perceber que uma das fontes presentes na matéria desde o início, uma notícia da *CBC News*, informava que o número de pessoas sem luz era 200 mil. Ainda no dia 15 de novembro a matéria da *CBC News* foi atualizada, aumentando esse número para 210 mil. Visto que a informação original, de que os consumidores sem energia eram 180 mil, estava na notícia da *Reuters*, pode-se supor que o colaborador anônimo apenas leu a manchete (desatualizada) da *CBC News* listada ao final do texto e modificou o número de acordo com ela.

Se por um lado essas intervenções mostram que os colaboradores, embora não tragam novas fontes eles mesmos, tendem a buscar mais dados nas fontes usadas para construir o texto inicial no *WN*, por outro mostram que as divergências entre veículos concorrentes na mídia tradicional podem se refletir nos webjornais participativos que os usem como fontes. Além disso, também mostra que a falta de checagem por parte dos colaboradores no *WN* pode resultar na inserção de informações erradas ou incompletas nas matérias.

### 6.1.3 Subcategoria fontes

Visto que apenas uma das sete matérias coletadas era do tipo reportagem original (W1), em que as fontes são procuradas diretamente pelo repórter, e as outras seis eram condensações de informações obtidas em matérias publicadas por outros veículos, a inclusão de novas fontes seria um indicador importante de uma preocupação dos colaboradores com a pluralização. Os números mostram que as fontes usadas pelo iniciador da matéria são mantidas durante o período de desenvolvimento na maioria dos casos. Por outro lado, a alta frequência de inclusões de dados, com nove ocorrências, sugeriria em princípio que os colaboradores se preocupam em buscar mais informações nas fontes fornecidas pelo iniciador do texto.

Uma das ocorrências de inclusão de fontes foi feita justamente na reportagem original “‘Friday the 13’ Buffalo, New York snow storm in pictures” (“Tempestade de neve ‘sexta-feira 13’ em Buffalo, Nova York, em imagens”), de código W1. O autor do texto inicial, DragonFire1024, retornou à matéria às 21:51 do dia 15 de outubro para acrescentar informações do jornal *Lockport Union-Sun*, como a diminuição do número de desabrigados pela nevasca de 340 mil para 300 mil e a inclusão do Estado de Pennsylvania entre os atingidos, além de Nova York, Massachusetts e Rhode Island. Esta intervenção gerou uma unidade “fonte” e uma unidade “dados”.



A outra ocorrência de uma intervenção relativa às fontes foi na matéria W6, “Auckland Regional Council supports Eden Park upgrade in New Zealand” (Conselho regional de Auckland apóia melhorias no Eden Park na Nova Zelândia), que trata dos planos para reformas de um estádio na cidade, onde ocorreriam jogos da Copa Mundial de Rugby. Essa intervenção, a única sofrida pela matéria, também foi feita pelo autor da versão inicial do texto, Nzgabriel, um colaborador com status de administrador. O autor fez várias modificações, a) acrescentando links para verbetes na *Wikipedia* sobre o estádio Eden Park e o Conselho Regional de Auckland; b) corrigindo a expressão “at last” (afinal) para “at least” (pelo menos) e um erro de digitação em “resolution” (grafado erroneamente como “resoloution”); c) acrescentando um aposto com o cargo após a citação do nome do primeiro-ministro Trevor Mallard e um parágrafo explicando por que o Conselho preferia apoiar as obras em Eden Park do que o plano do governo de construir um novo estádio; d) adicionando a matéria à categoria “Rugby World Cup” (Copa Mundial de Rugby); e e) as duas fontes de onde as informações para o texto foram retiradas, que não constavam da primeira versão, sendo uma delas um *press release* do próprio Conselho Regional de Auckland. Essas intervenções geraram, respectivamente, as unidades “links”, “ortografia/gramática”, “dados”, “edição” e “fontes”.

Assim, não apenas a frequência de inclusão de fontes foi baixa, mas nos dois casos encontrados os próprios autores do texto inicial foram os responsáveis pela intervenção. Se o baixo índice de intervenções relativas às fontes já não endossa o *WN* como um webjornal participativo em que haveria uma multiplicação mais profunda das perspectivas sobre um determinado fato, a constatação de que são os próprios autores das matérias que trazem novas fontes faz com que os resultados quantitativos da análise pareçam ainda piores. Por certo, não se pode atestar que os autores do texto inicial irão necessariamente adicionar fontes que se coadunem apenas com a perspectiva adotada inicialmente. Porém, isso é exatamente o que ocorre no jornalismo tradicional, de modo que, ao menos nesse aspecto, é preciso questionar a utilidade do *WN* para a concretização da proposta de jornalismo multiperspectivo de GANS (2003).

#### **6.1.4 Subcategoria valor-notícia**

Houve no total quatro intervenções relativas a valores-notícia, todas em uma discussão atrelada a W1, reportagem fotográfica de DragonFire1024 sobre uma nevasca em Buffalo, NY, onde ele reside. O colaborador Quintessenceanx acrescentou às 20:25 do dia 15 de

outubro apontadores para duas galerias de fotos do mesmo acontecimento hospedadas em um site de armazenagem de fotos chamado *Webshots*. No entanto, os links foram retirados três minutos depois pelo administrador Brianmc, com a justificativa de que havia muitos anúncios no *Webshots* e as fotos demoravam a ser carregadas para visualização (unidade “valor-notícia”). Às 20:32, Quintesseanx voltou a publicar os links na matéria (unidade “links”), que foram novamente retirados às 20:48 por DragonFire1024, o autor do texto inicial (unidade “valor-notícia”). A justificativa foi de novo o fato de haver anúncios, aliado à seguinte afirmação na seção de discussão:

As galerias relacionadas foram removidas por causa dos anúncios e porque eu acho que propagandear trabalho exclusivo de terceiros não afiliados ao Wikinews é um tipo de violação de direitos autorais. Este é um artigo do Wikinews e se as pessoas/proprietários dos direitos autorais querem as outras fotos aqui, então sintam-se livres para publicá-las no Wikinews :)<sup>154</sup>

Quintesseanx não respondeu no espaço destinado à discussão, mas fez o *upload* das fotos para o sistema do *WN* e as acrescentou à galeria iniciada por DragonFire1024. Isto é, aceitou a sugestão do autor do texto inicial. Este é um exemplo de negociação que leva à construção de um hipertexto cooperativo (PRIMO, 2002), ainda que não exista uma conversação com a estrutura clássica de turnos entre os participantes, mas sim um jogo de ações e respostas que ora se dão de forma conversacional, ora por modificações no texto construído em conjunto. O essencial é que as ações de um colaborador têm implicações sobre as ações futuras dos outros colaboradores, de forma recursiva.

W1 foi a única matéria coletada em que houve discussão. Por um lado, isso pode se dever ao fato de que a negociação no *WN* ocorre primordialmente na própria redação do texto. Em alguns casos pode ter havido conversação no canal de IRC, porém, não se pode afirmar que isso tenha de fato ocorrido, visto que essa ferramenta não foi estudada nesta pesquisa. Por outro lado, o próprio fato de haver diretrizes editoriais claras e exaustivamente explicitadas pode contribuir para a pouca necessidade de discussão fora do contexto de intervenção direta nos textos. Como se viu, a maioria dos colaboradores costuma voltar às mesmas matérias e intervém freqüentemente no processo produtivo do *WN*. Assim, ganham experiência prática na aplicação das diretrizes editoriais.

---

<sup>154</sup> “The related galleries were removed because of ads and because I think that advertising exclusive work from others not affiliated with Wikinews is somewhat copyvio. This is a Wikinews article and if the people/copyright holders with the other photos want them on here, then feel free to upload them to Wikinews :)” Tradução livre.

Finalmente, em IW16 o autor do texto inicial, DragonFire1024, publicou na seção de discussão uma explicação sobre a origem do material fotográfico e das informações usadas na reportagem, relatando ter participado da coletiva de imprensa realizada e feito as observações em pessoa no parque da cidade: “A maior parte das observações no Delaware Park foram feitas por mim mesmo e por imagens que tirei do parque. Eu também assisti à coletiva de imprensa com a rede Nacional”<sup>155</sup>. Evidentemente, é preciso crer que o colaborador está dizendo a verdade quando faz esse relato de como a matéria foi produzida, e que as informações e fotos não foram obtidas em outros locais. Não é, no entanto, mais crédito do que é preciso dar a uma notícia em webjornais feitos por profissionais. Como mostra a análise de oito publicações europeias feita por QUANDT (2006), é prática comum entre as redações locais reclamar a autoria de notícias produzidas por agências, ou mesmo pela concorrência. Este fenômeno típico da Web também foi identificado no Brasil em um estudo de webjornais do Distrito Federal feito por ADGHIRNI (2001). Se a imprensa tradicional tem mais credibilidade na Web, isso em geral se deve a ter estabelecido anteriormente, em seus jornais, revistas e emissoras, o contrato de leitura com o público de que fala BENETTI (2006), e não necessariamente porque esteja livre de fraudes.

As intervenções aqui relatadas se referem a dois tipos de valor-notícia específicos do *WN*, que pode-se denominar “reportagem original” e “abertura”. Na medida em que os valores-notícia são critérios que permitem a seleção dos fatos a serem transformados em notícia (TRAQUINA, 2005b, WOLF, 2003), o fato de existirem alguns critérios expressos na política editorial do *WN*, emergentes da própria dinâmica de colaboração, autorizam a operacionalização do conceito nesta análise de conteúdo. Nesta discussão, percebe-se a tentativa do grupo em mostrar a Quintessenceanx que, por um lado, fazer um link para galerias de fotos publicadas fora de um contexto noticioso sem pedir autorização poderia ser uma violação de direitos autorais – embora o fato do fotógrafo as ter publicado em um espaço aberto a todos como a Web deponha contra essa interpretação. Ao violar direitos autorais, estaria se prejudicando o objetivo do *WN* de oferecer um produto aberto à redistribuição. Por outro lado, o argumento de DragonFire1024 e Brianmc para eliminar as galerias, de que estavam hospedadas em outro sítio onde havia muitos anúncios, indica um temor de contaminação de uma reportagem original por informações obtidas em outros locais. Há,

---

<sup>155</sup> “Most of the observations in Delaware Park were made by myself and by images I caught of the park. I also watched the news conference this afternoon with National grid.” Tradução livre. National grid é referência à instituição que coordena a distribuição de energia elétrica nos Estados Unidos.

portanto, uma valorização do trabalho original em meio à profusão de informações reproduzidas de outras fontes. A discussão relatada aqui evidencia até mesmo um desconforto dos colaboradores com a necessidade de usar notícias de outros webjornais para manter o *WN* funcionando.

Seria necessário um estudo específico para determinar com exatidão os valores-notícia no *WN*, para além dos evidenciados nesta análise de conteúdo, mas entende-se que o fato deste tipo de discussão existir entre os colaboradores indica uma preocupação em manter padrões para a publicação de matérias, podendo-se traçar um paralelo entre o surgimento de critérios de noticiabilidade nas redações profissionais e nos webjornais participativos. Isto é, ao denominar os critérios de “abertura” e “reportagem original” valores-notícia, não se está afirmando que os colaboradores do *WN* estejam fazendo jornalismo em senso estrito e observando os mesmos valores dos profissionais, mas sim que o webjornalismo participativo cria seus próprios valores com uma dinâmica semelhante à da criação de valores-notícia nas redações.

### 6.1.5 Subcategoria multimídia

Houve três ocorrências da unidade “multimídia” no corpus de intervenções construído a partir da amostra de textos do *WN*. Duas delas foram identificadas na reportagem fotográfica sobre a nevasca em Buffalo (W1) e uma outra na matéria sobre a proteção aos tubarões brancos na Nova Zelândia (W7). Em ambos os casos, trataram-se de inclusões de fotos. Em W1, o autor do texto inicial acrescentou mais oito fotos à sua galeria, tiradas no dia seguinte à publicação da primeira versão. O colaborador Quintessenceanx, após a disputa a respeito dos links para as galerias publicadas em outro sítio, acabou por armazenar as fotos, que eram suas, no servidor da Wikimedia Foundation e incluiu sete delas na galeria criada por DragonFire1024.

Já em W7 o colaborador Towsonu publicou uma foto de um tubarão branco retirada do sítio da National Oceanic and Atmospheric Administration (NOAA) dos Estados Unidos. Essa informação está disponível em uma página em separado<sup>156</sup>, acessável por um clique em cima da foto na matéria. Ela é importante, porque indica que a imagem, por pertencer a uma agência governamental, é de domínio público e não infringe direitos autorais.

---

<sup>156</sup> Disponível em: [http://en.wikinews.org/wiki/Image:Large\\_white\\_shark.jpg](http://en.wikinews.org/wiki/Image:Large_white_shark.jpg). Acesso: 07/02/2007.

Destaque-se que, apesar do baixo número de intervenções que acrescentem objetos multimídia, as matérias do *WN* costumam apresentar esses recursos. A maioria é acompanhada por, no mínimo, um mapa com a localização do país onde o fato ocorreu e listas automáticas de notícias que podem ser relacionadas àquela região, àquele assunto ou uma lista geral de últimas notícias do *WN*. No entanto, como ocorre com as fontes, a multimídia em geral está presente desde a versão inicial do texto. Enquanto as fotos eram o foco principal desde o princípio na reportagem sobre a nevasca em Buffalo, a matéria sobre a proteção aos tubarões brancos já oferecia em sua primeira versão um mapa da distribuição do animal pelo mundo.

### 6.1.6 Subcategoria Links

A disputa sobre os links para galerias em W1, relatada na seção sobre as intervenções relativas a valores-notícia, também foi responsável por duas das cinco inclusões de links identificadas nas sete matérias coletadas no *WN*: três em W1, uma em W2 e uma em W6. A outra inclusão de link em W1 foi feita por Edbrown05 na seção de discussão, também, apontando para uma reportagem no webjornal *8News*, a respeito de nevascas semelhantes na cidade de Richmond, Virginia, onde a Defesa Civil americana (FEMA) negou compensação pelos danos à propriedade. Edbrown05 faz então um comentário a respeito da promessa da FEMA de ajudar os residentes atingidos pela neve em Buffalo, desejando-lhes “boa sorte” no trato com a agência governamental. Essa intervenção é interessante, porque indica uma vontade de comentar os fatos narrados entre os colaboradores do *WN*. De fato, Edbrown05 é o autor da proposta de adicionar uma seção de comentários às matérias. Pode-se questionar por que ele não usou essas informações para problematizar o anúncio de ajuda da FEMA para os habitantes de Buffalo no próprio texto principal da matéria. O motivo é que a modificação seria vetada com base na política editorial, já que não há relação direta entre o acontecimento narrado no *WN* e aquele narrado no *8News*. Estabelecer essa relação na reportagem sobre as nevascas em Buffalo seria considerado um contrabando de opinião, infringindo a política de NPOV. Da mesma forma que no jornalismo tradicional, portanto, a busca de imparcialidade parece prejudicar a discussão de problemáticas no *WN*.

As duas inclusões de links restantes ocorreram em matérias sobre a Nova Zelândia cujo texto inicial foi escrito por Nzgabriel, também responsável por essas intervenções. W2, cujo título é “New Zealand broadcasters to pay back National party’s GST” (Emissoras terão de devolver GST do partido Nacional), trata da tentativa do Partido Nacional de recuperar

junto às emissoras de televisão o imposto sobre bens e serviços relativo a comerciais veiculados durante uma campanha eleitoral. O partido pagou às emissoras 900 mil dólares neozelandeses mais o imposto, quando seu limite de gastos definido por lei era de NZ\$ 900 mil incluindo o imposto. A devolução do dinheiro pelas emissoras seria uma forma de o partido Nacional evitar punições. O link incluído por Nzgabriel foi colocado na seção de matérias relacionadas e aponta para uma notícia anterior publicada no próprio *WN*, sobre a primeira tentativa do partido em criar uma lei para que o imposto deixasse de ser incluído no limite de gastos com publicidade. A quinta inclusão de links ocorreu em W6, matéria sobre o apoio do Conselho Regional de Auckland à reforma do estádio Eden Park, em que Nzgabriel incluiu links para verbetes na *Wikipedia* a respeito do Conselho e do estádio.

Entre as cinco inclusões de links registradas, portanto, apenas duas tiveram como alvo fontes externas aos produtos da Wikimedia Foundation: a notícia do *8News* apontada por Edbrown em seu comentário sobre a FEMA e a galeria de fotos no *Webshots*. Esta última fonte foi responsável por duas unidades “link”, uma na primeira vez em que foi apontada, a outra durante a disputa relativa ao local de hospedagem das fotos, que culminou com a publicação das fotos nos servidores da Wikimedia Foundation e a retirada do link. Assim, entre os cinco links adicionados pelos colaboradores aos textos iniciais desta amostra de sete matérias, apenas um remete a uma fonte que possa ter uma perspectiva diferente sobre os fatos narrados. O resultado da análise de conteúdo já havia demonstrado um índice considerado muito baixo de inclusão de links. Entende-se, portanto, que a pluralização no *WN* não passa pela reunião de diferentes perspectivas sobre um mesmo fato através de links.

### **6.1.7 Intervenções formais/disruptivas**

A intervenção do tipo formal/disruptiva mais freqüente, com 15 ocorrências, foi a correção de erros ortográficos e gramaticais, identificada em todas as matérias que compõem a amostra. Isso significa, em primeiro lugar, que não houve a publicação de um texto sem erros já em sua primeira versão na amostra coletada para esta pesquisa. Trata-se de um problema, mas de pouca gravidade, visto que a publicação da versão inicial de uma matéria no *WN* é apenas o começo do trabalho de edição. No jornalismo tradicional e em webjornais participativos como o *K5*, ao contrário, espera-se que todos os erros tenham sido expurgados das matérias quando de sua publicação. Por outro lado, em todas as matérias, exceto em W2, as primeiras intervenções foram correções ortográficas e gramaticais, em geral feitas pelos próprios autores do texto inicial. Em W2, que trata da devolução do valor de impostos ao

partido Nacional da Nova Zelândia e teve cinco intervenções no total, as duas últimas, feitas pelos colaboradores Brian New Zealand e Nornork, corrigem respectivamente a palavra “inlinkely” para “unlikely” (improvável) e o pronome possessivo “it’s” para a grafia correta “its”. Nzgabriel, o autor do texto inicial, fez duas intervenções antes disso, inclusive na mesma frase onde havia escrito erradamente “inlikely”, mas deixou os erros intactos.

Além disso, foram identificadas três intervenções ligadas à subcategoria “formatação”, todas elas inclusões de intertítulos em W1 pelo próprio iniciador da matéria, DragonFire1024. Embora os intertítulos sejam um aspecto importante da formatação de peças jornalísticas, entende-se que, assim como a grafia correta de palavras e observação da gramática, esse tipo de recurso também é importante em outros gêneros textuais e, portanto, sua aparição na análise de conteúdo não implica necessariamente em uma preocupação com o aspectos jornalísticos dos textos por parte dos colaboradores.

## 6.2 KURO5HIN

O fato de apenas três textos do *K5* terem atendido ao critério de amostragem desta pesquisa reflete um problema semelhante ao encontrado no *WN*: o declínio no número de novas matérias. Apesar do grande número de colaboradores registrados, mais de 70 mil, o fluxo de propostas enviadas para a fila de edição é pequeno. Não apenas algumas delas não são publicadas, como os colaboradores parecem nem mesmo tentar fazer com que um texto chegue à página principal. Além disso, a maior parte das matérias é proposta por um grupo de colaboradores mais ativos.

Este problema tem gerado discussões no *K5*, através de artigos publicados na sessão “meta”, onde se discutem questões relativas ao webjornal participativo. No texto “sobre a página principal e a manutenção de uma quantidade razoável de conteúdo”<sup>157</sup>, o colaborador the ghost of rmg faz um diagnóstico do problema:

As pessoas não se incomodam em ler sítios que são atualizados apenas uma vez a cada tantos dias. Esse, no caso de ainda haver confusão entre aqueles que mantêm esse belo website, é o motivo por que a seção de diários superou as seções de artigos normais em termos de hits.

Para evitar a estagnação, a história nos mostra, precisamos de um influxo constante de novos usuários. No momento, porém, a única boa razão para registrar um novo

---

<sup>157</sup> THE GHOST OF RMG. **On the Front Page and Maintaining a Reasonable amount of content**. Kuro5hin, 7 fev. 2005. Disponível em: <http://www.kuro5hin.org/story/2005/2/6/154059/2141>. Acesso: 13/02/2007.

cadastro é quando o seu artigo é banido. Simplesmente não há conteúdo suficiente na página principal para atrair o interesse de potenciais novos usuários.<sup>158</sup>

As sugestões para resolver o problema apontadas neste artigo foram publicar todos as propostas que receberem votos suficientes automaticamente na página principal, sem a necessidade de ter metade de votos indicando esse destino, e ao mesmo tempo diminuir o patamar de pontos necessários para a publicação. Assim, as propostas seriam mais facilmente aceitas e a rotatividade da página principal aumentaria. Os outros colaboradores se dividiram nos comentários a este artigo, sendo que a maior parte defendeu a manutenção do sistema, argumentando que o valor do *K5* está justamente em publicar apenas os melhores textos, ao contrário de blogs e outros webjornais participativos. No primeiro comentário, por exemplo, Stephen Thompson se pergunta: “Por que o *K5* precisa seguir a necessidade de renovação constante da mídia popular? Eu acho que o que torna o *K5* interessante é ter padrões que não precisa sacrificar em nome da mediocridade e da gratificação do ego”<sup>159</sup>. As outras manifestações contrárias à proposta seguiram a mesma linha, o que evidencia uma visão de que o *K5* faz parte de uma elite por parte de seus colaboradores. De qualquer modo, boa parte deles não parece se preocupar com as estatísticas de acesso, mas sim em publicar matérias de qualidade, que gerem discussões acaloradas.

Aqui, novamente, a política editorial que emerge da dinâmica de colaboração em um webjornal participativo gera dificuldades, como no caso do *WN*. Embora os administradores possam tomar decisões unilaterais sem discussão com os outros colaboradores, em geral se dedicam a resolver problemas técnicos que surjam e a implementar as sugestões discutidas nas seções de comentários. De fato, a administradora Janra acusa o criador do *K5*, Rusty Foster, de ser um “ditador benevolente demais” nos comentários do artigo citado acima. Na prática, a política editorial, que se reflete em modificações nas ferramentas, é feita por toda a coletividade. Ao mesmo tempo, a ferramenta de publicação gera problemas que precisam ser resolvidos pela coletividade. Um deles é o fato de permitir que alguns colaboradores ou um colaborador com várias contas pratiquem o que no jargão do *K5* se chama “voting down” (derrubar no voto) contra textos de que não gostem ou sejam escritos por desafetos – ou ainda

---

<sup>158</sup> “People do not bother reading sites that only update once every several days. This, in case there is still confusion amongst those who run this fair website, is why the diary section overtook the regular article sections in terms of hits. In order to avoid stagnation, history tells us, we need a constant influx of new users. At present, however, the only good reason to register a new account is when your old one gets banned. There is simply not enough front page content to attract the interest of potential new users.” Tradução livre. A palavra *hits* faz referência a um critério de contagem de acessos a sítios da Web.

<sup>159</sup> “Why does *K5* need to follow popular media’s need for constant churn? I think what makes *K5* compelling is that it has standards that it doesn’t need to sacrifice for the bottom line and ego gratification.” Tradução livre.



pelo simples prazer de perturbar o processo produtivo do sítio. Isso ocorre porque as decisões pela publicação ou eliminação dos textos são feitas com base na diferença entre votos favoráveis e contrários, de modo que um texto com 100 votos favoráveis e 31 contrários pode ser eliminado, se o patamar de publicação estiver definido em 70 pontos. As reclamações quanto a esse tipo de perturbação são constantes e os administradores buscam identificar os infratores e apagar seus cadastros na medida do possível, mas é muito fácil criar novas contas e voltar à ativa.

A dificuldade em publicar um texto na primeira página, ou mesmo nas diversas seções do *K5*, aliada ao desprezo demonstrado pelos colaboradores pela rotatividade em detrimento da qualidade, pode explicar o declínio do número de propostas enviadas para a fila de edição, em favor dos diários, onde a publicação é livre. Uma navegação informal por essa seção mostra que ao menos um texto é publicado a cada hora, mas em geral muitos mais, vários deles com qualidade suficiente para serem publicados nas seções normais. Em vista disso, o autor da idéia para o aumento da rotatividade na página principal chegou a sugerir uma ferramenta para a publicação de bons *posts* na seção de diários para as seções controladas do *K5*, mas até o momento ela não foi implementada. A discussão da proposta, que reuniu dezenas de colaboradores, evidencia porém o compromisso do grupo com a coletividade

Mesmo com uma amostra de apenas três matérias, devido às dificuldades expostas acima, houve mais intervenções no *K5* (61) do que no *WN* (46). Predominaram as intervenções pluralizantes argumentativas, com quase metade do total (49,3%). Houve uma presença significativa de intervenções formais/disruptivas de perturbação, o segundo tipo mais freqüente, com 17,4% do total. À primeira vista isso indicaria a existência de certa dose de más intenções entre os indivíduos que colaboram no webjornalismo participativo, mas esse índice precisa ser relativizado. Isto porque, devido à importância que o *K5* dá ao debate e mesmo ao conflito, e também pelo caráter necessariamente conversacional das intervenções feitas por meio de comentários, a perturbação por vezes tem um papel de formação de laços sociais. O próprio guia do *K5* indica isso:

O *trolling* não é de todo mal e nem de todo bom. Um bom *troll* pode injetar humor em uma situação, apontar (de maneira um tanto óbvia) a idiotice da afirmação de outra pessoa, ou fazer com que as pessoas reconheçam seu próprio mau comportamento. Já *trolls* ruins fazem com que eles mesmo pareçam totais idiotas.<sup>160</sup>

---

<sup>160</sup> “Trolling is not all bad, and not all good. A good troll can inject humour into a situation, point out (in a rather obvious way) the idiocy of someone else's statement, or cause people to recognize their own bad behaviours.

Ou seja, no *K5* os *trolls* são tolerados, de modo que a grande representatividade da perturbação entre as intervenções formais/disruptivas precisa ser tomada em contexto.

Tabela 5 – Distribuição de unidades por categorias no *Kuro5hin* em números absolutos e porcentagem

Int. ampliadoras	Quantidade	%	Int. Formais/Disruptivas	Quantidade	%
Edição	3	4,3	Ortografia/Gramática	0	0
Dados	6	8,7	Formatação	1	1,4
Fontes	0	0	Perturbação	12	17,4
Valor-notícia	8	11,6	Spam	0	0
Multimídia	0	0	<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>18,8</b>
Links	3	4,3	<b>Outros</b>	<b>2</b>	<b>2,9</b>
Argumentação	34	49,3			
<b>Total</b>	<b>54</b>	<b>76,8</b>			

Cabe lembrar que todos os comentários que compõem o corpus foram feitos antes da publicação, ainda no período de edição do artigo. Apenas a primeira matéria (K1) terminou recebendo votos positivos suficientes para ser publicada na página principal. Das 69 intervenções no total, 13 se referem a comentários marcados como editoriais por seus autores, enquanto os outros 53 foram marcados como topicais. Isto é, entre todas as intervenções, apenas essas 13 editoriais deveriam apresentar as subcategorias “edição”, “valor-notícia”, “ortografia/gramática” ou “formatação”, conforme as regras de funcionamento do *K5*, que prevêem sugestões para correções nos textos apenas no período em que estão na fila de edição. Ao marcar essas sugestões como comentários editoriais, faz-se com que o sistema as esconda dos leitores não-cadastrados após a publicação do texto. A soma das intervenções

relativas a estas três categorias resulta em 11 unidades, um número próximo ao mínimo esperado de 13. Porém, nem todos os comentários marcados como editoriais traziam alguma destas unidades. É o caso do comentário de Sir Digby Chicken (IK59), que embora considerado editorial pelo colaborador, apresentou apenas as unidades “dados” e “argumentação”. Por outro lado, o comentário de mirleid (IK29) não foi marcado como editorial, mas apresentou a unidade “edição”. Depreende-se disso que nem sempre os colaboradores do *K5* sabem diferenciar um tipo de intervenção do outro, ou lembram-se de aplicar as regras da fila de edição.

Apenas duas intervenções foram atribuídas à categoria “outros”. A seguir, as intervenções serão examinadas mais detidamente conforme as subcategorias pluralizantes e as subcategorias formais/disruptivas.

### 6.2.1 Subcategoria edição

Houve três ocorrências da subcategoria pluralizante “edição”. A primeira foi em K1, um artigo que trata do que o autor, MotorMachineMercenary, chama de nova onda de séries televisivas, chamado “The rise of the TV Serial” (O surgimento da série de TV). Em IK29, o colaborador mirleid dá sugestões para a melhoria do artigo em um comentário intitulado “MORE MEAT” (mais substância): “Eu acho que o artigo promete, mas está um pouco mal desenvolvido... Talvez você devesse falar do que coisas como ‘Six Feet Under’ fizeram pelo espectador inteligente, e talvez comentar sobre o papel de minisséries como ‘Band of Brothers’”<sup>161</sup>. O comentário segue dando outras indicações de séries que poderiam ser citadas no texto para dar a pretendida “maior substância”. O comentário não traz o antetítulo “editorial”, indicando que seu autor esqueceu ou ignorou a política de divisão dos comentários entre aqueles que apontam problemas a ser melhorados nas propostas de matérias e aqueles que discutem os fatos narrados em si.

A segunda intervenção que gerou uma unidade na subcategoria “edição” foi feita em K3, artigo em que o colaborador megid faz uma lista de supostos fatos sobre o desenvolvimento de tecnologia nuclear pelo Irã. Em IK37, o colaborador Sir Digby Chicken Caesar publica o seguinte comentário:

---

<sup>161</sup> “I think that the article shows promise, but it is a bit undeveloped...Maybe you should talk about what stuff like ‘Six Feet Under’ did for the intelligent TV viewer, and maybe comment on the part played by mini-series like ‘Band of Brothers’...” Tradução livre.

Editorial: **Ótimo. Você publicou o rascunho de seu ensaio.** (none / 0) (#2) por Sir Digby Chicken Caesar no Sáb, 18 Nov de 2006 às 07:20:21 AM EST

Agora, se você pudesse publicar o resto dele, eu seria capaz de dizer se gosto ou não.<sup>162</sup>

A intervenção foi reproduzida aqui completa, inclusive com os dados sobre data de publicação e avaliação, para ilustrar uma prática corrente no K5, que é iniciar um argumento, ou mesmo uma sentença, no título e terminá-lo no corpo do comentário. De forma indireta e irônica, o colaborador Sir Digby está fazendo uma crítica sobre a solidez do artigo e exigindo que o autor do texto inicial, megid, desenvolva melhor seus argumentos.

A terceira unidade foi identificada em K3, uma análise de autoria de urbanforces sobre o caso do ex-espião russo Alexander Litvinenko, morto por envenenamento radioativo em Londres no ano de 2006. O comentário é do colaborador 1419, e diz que escrito de um modo diferente o texto seria excelente. Sugere que o autor adicione alguns links para as fontes de onde tirou seus argumentos, ou os desenvolva melhor, bem como dê mais razões para sua conclusão de que não se deveria dar tanta atenção à morte do espião. No artigo, urbanforces argumenta que como espião da KGB Litvinenko provavelmente matou pessoas e cometeu outros crimes, de modo que sua morte não chegaria a ser lamentável, muito menos deveria ter alguma importância geopolítica. Apesar disso, sua hipótese é que a morte de Litvinenko teria sido orquestrada para prejudicar o presidente russo, Vladimir Putin. As hipóteses são lançadas sem maiores explicações, mas ressalte-se que no início do texto urbanforces avisa que será breve por estar sofrendo de uma afecção no nervo radial, por jogar videogame por muito tempo.

Pode-se perceber nestas duas intervenções uma forte preocupação em orientar o tratamento da informação de modo a deixar o texto opinativo mais sólido, passando pelo fornecimento de exemplos e indicações de fontes e material de apoio a partir dos quais o autor tirou suas conclusões.

### 6.2.2 Subcategoria dados

As intervenções relativas ao fornecimento de dados sem indicação de fontes ou relatos pessoais pertinentes aos fatos narrados foram a quarta subcategoria mais freqüente, com seis

---

<sup>162</sup> “Editorial: **Great. You've posted your essay plan.** (none / 0) (#2) by Sir Digby Chicken Caesar on Sat Nov 18, 2006 at 07:20:21 AM EST

Now if you'd just post the rest of it I'd be able to say whether I like it or not.” Tradução livre.

ocorrências. Em IK26, comentário feito ao artigo sobre os novos seriados de televisão, o colaborador Psycho Dave relata sua experiência com o serviço *on demand* do canal de TV a cabo americano Comcast, após a discussão evoluir para os tipos de modelos de negócios que permitiriam a existência de uma quantidade maior de bons programas de televisão:

Eu uso [o serviço Comcast] principalmente para ver a HBO. Como eles publicam episódios antigos de seus programas no OnDemand, eu pude ver todos os episódios de *The Sopranos*, finalmente vi a terceira temporada de *The Wire* antes de ser lançada em DVD, e fui sugado para dentro de *Entourage*. Eu nunca tinha assistido a nenhum desses programas durante a primeira exibição, mas como resultado de os oferecerem, eu agora sou um fã dos três.<sup>163</sup>

Este tipo de testemunho fornece dados que ampliam as perspectivas em torno de um assunto, mas sem embasá-los em fontes, de modo que é preciso dar um voto de confiança a seu autor. Esse relato marca uma diferença fundamental entre o *K5* e o *WN*, onde um depoimento com essa carga de pessoalidade seria inaceitável. Naquele webjornal participativo, a inclusão de dados se limita a fatos de conhecimento geral, como por exemplo que determinado dia era terça-feira, ou então na busca de mais informações nas fontes listadas ao final de cada matéria. No *K5* há muito mais liberdade.

Em IK12 o colaborador QuantumFoam faz um relato mais semelhante àqueles encontráveis no *WN*. Em lugar de fazer um testemunho pessoal, lembra que a série *Arrested Development* foi cancelada e em seu lugar a emissora *Fox* passou a veicular *Skating with Celebrities*, um programa em que celebridades aprendem a patinar no gelo. QuantumFoam não fornece fonte alguma para lastrear seu comentário, embora as informações sejam de conhecimento geral para quem acompanha a televisão americana. Entende-se que sua intenção principal era apresentar esse fato para contribuir com a discussão geral, não fazer um raciocínio lógico em cima do mesmo, caso em que essa intervenção seria considerada argumentativa.

Por outro lado, algumas intervenções misturam inclusão de dados e argumentação no *K5*. O comentário do mesmo QuantumFoam ao texto K2, intitulado “Iran: military facts” (Irã: fatos militares), é um exemplo. Escrito por megid, o artigo, que não foi publicado em nenhuma seção do *K5*, lista algumas premissas sobre a relação de forças entre as potências nucleares para concluir que o Irã não será atacado por sua insistência em infringir as

---

<sup>163</sup> “I primarily use it for HBO. Since they post past episodes of their shows on OnDemand, I was able to catch up on every episode of *The Sopranos*, finally got to see the third season of *The Wire* before it got released on DVD, and got sucked into *Entourage*. I never watched any of these shows during their opening runs, but as a result of offering these, I’m now a fan of all three.” Tradução livre.

determinações da ONU contra o enriquecimento de urânio e terminará por desenvolver armamento nuclear, mas não poderá usá-lo contra Israel sob pena de sofrer um contragolpe por parte dos Estados Unidos e Europa. QuantumFoam então acrescenta a informação de que o Irã, não sendo um signatário do tratado de não-proliferação de armas nucleares, tem o direito de desenvolvê-las. Inclui ainda a informação de que os Estados Unidos forneceram tecnologia nuclear à Índia, outro país não-signatário do tratado. O colaborador segue adiante, porém, fazendo o raciocínio de que o Irã não precisaria atacar Israel diretamente com suas armas nucleares, podendo repassá-las a grupos terroristas. Como não se trata de um fato, mas de uma hipótese, considerou-se que a intervenção de QuantumFoam gerou também uma unidade “argumentação”.

O mesmo ocorre em IK48, uma intervenção feita ao mesmo artigo sobre o Irã, em que o colaborador circletimesquare reproduz o trecho inicial da constituição iraniana para informar que o país é uma teocracia oficialmente, mas não oferece links para a fonte de tal trecho – caso em que essa intervenção geraria uma unidade “fonte” – o que permite questionar sua veracidade<sup>164</sup>. O colaborador usa esse dado como base para apontar uma contradição no discurso de outros colaboradores, que buscam identificar o presidente americano George W. Bush, cuja fé católica é reconhecidamente fervorosa, com o presidente iraniano Ahmadinejad, que comanda uma teocracia:

vamos colocar dessa forma: se bush diz bombardeiem teerã, ele tem fiscalização e controle sobre seus poderes e pode ser derrubado... LEGALMENTE. se ahmacrazyguy diz não bombardeiem washington dc, ELE pode ser derrubado por um velhote de bata cujo trabalho é interpretar a vontade de deus... LEGALMENTE.<sup>165</sup>

Novamente, uma hipótese é formulada com base em dados incluídos pelo autor do comentário, o que sugere que essa é uma dinâmica comum no K5. De fato, uma das duas unidades da subcategoria dados restantes, em K3, segue o mesmo padrão. A sexta, é oriunda do comentário de Orion Blastar Again (IK60), que publicou uma citação do comediante Yakov Smirnoff: “Na América, você pega a doença, na Rússia soviética, a doença pega você”

<sup>164</sup> Uma busca na ferramenta *Google* pelos trechos reproduzidos permitiu encontrar uma versão em inglês da constituição iraniana e verificar que eram verdadeiros os trechos. Disponível em: <http://www.iranonline.com/iran/iran-info/Government/constitution-1.html>. Acesso: 19/02/2007.

<sup>165</sup> “let's put it this way: if bush say nuke tehran, he has checks and balances on his powers and he can be overruled... LEGALLY. if ahmacrazyguy says don't nuke washington dc, HE can be overruled by some old guy in a robe whose job it is to interpret the will of god... LEGALLY.” Tradução livre. O trocadilho com o nome do presidente iraniano não é traduzível para o português, mas em inglês soa como “eu sou um doidão”.

(“In America, you get illness, in soviet Russia, illness gets you”), também sem indicar uma fonte<sup>166</sup>.

### 6.2.3 Subcategoria valor-notícia

Houve no total oito intervenções referentes a valores-notícia específicos do K5 na amostra coletada. Duas delas ocorreram nos comentários do artigo sobre seriados de televisão. Em IK30, o autor da matéria, MotorMachineMercenary, defende-se da crítica de mirleid sobre a falta de menção às séries *Band of Brothers* e *Six Feet Under*, feita em IK29 (descrita na seção 6.2.1, sobre a subcategoria “edição”):

Eu tentei manter a matéria curta e sólida para encorajar as pessoas a começarem uma discussão, e não para procurar por buracos em minha tese. Eu estaria interessado em ouvir suas opiniões sobre como BoB e especialmente Six Feet Under afetaram a TV.<sup>167</sup>

O autor da matéria demonstra nesta defesa um reconhecimento da “participação” através da polêmica como um valor-notícia do K5, expresso inclusive na política editorial, como foi visto na descrição do objeto no capítulo 4. A meta deste webjornal participativo não é esgotar os fatos até chegar ao ponto mais próximo possível da verdade sobre um acontecimento, mas apresentar uma visão particular sobre ele e deixar que o público acrescente suas próprias perspectivas. Por isso MotorMachineMercenary, em vez de aceitar as sugestões editoriais de mirleid, convida o colaborador a contribuir por si mesmo.

Ainda em K1, há uma curta intervenção de khallow sobre a matéria, marcada como comentário editorial: “Este parece o melhor artigo por aqui, então +1 FP quando entrar em votação”<sup>168</sup>. O termo “+1 FP” significa que o colaborador pretende votar positivamente nessa proposta de matéria (+1) e recomendá-la para a página principal (FP), selecionando a opção *post it to the front page* no sistema de votação. Aqui khallow está claramente definindo um critério de seleção de matérias, o que mais uma vez evidencia a pertinência de se fazer um paralelo entre os valores-notícia da teoria de que se fala nas teorias do jornalismo e os valores construídos pelos colaboradores nos webjornais participativos. No caso, pode-se inclusive fazer uma relação com o que TRAQUINA (2005b) chama de “dia noticioso”, ou seja, a

---

<sup>166</sup> Novamente, uma busca no *Google* indicou o nome completo do comediante. No entanto, a citação correta parece ser “In America, you get a cold, in soviet Russia cold gets you”.

<sup>167</sup> “I tried to keep the story short and solid to encourage people to start discussion, and not to look for holes in my thesis. I'd be interested to hear in your opinions on how BoB and especially Six Feet Under affected TV.” Tradução livre.

<sup>168</sup> “This appears to be the best article around so +1 FP when it comes up for voting.” Tradução livre.

tendência dos jornalistas a escolher um acontecimento que em geral não mereceria cobertura, por pouco relevante, quando nada de mais importante está acontecendo. Uma intervenção semelhante foi encontrada em IK61, texto a respeito do assassinato do ex-espião russo Litvinenko, quando o colaborador MrHanky afirma que normalmente votaria pela eliminação de um artigo como aquele, mas, dada a antigüidade e má qualidade dos textos na página principal do K5, estaria disposto a aceitá-lo.

Outra unidade “valor-notícia” foi encontrada nas intervenções feitas sobre o texto K2, a respeito das conseqüências do desenvolvimento de tecnologia nuclear pelo Irã. Novamente, trata-se de um comentário em que o raciocínio é iniciado no título e terminado no corpo. A colaboradora Gloria Privatus diz no título que nenhum dos argumentos listados é um fato militar, como promete o título do artigo, “Iran: military facts”. No corpo do comentário, está escrito apenas “conserte” (“fix it”). A colaboradora questiona com esta intervenção tanto a veracidade quanto a pertinência dos fatos listados por megid. Assim, entende-se que faz uma referência ao valor-notícia “precisão”.

A unidade “valor-notícia” restante foi encontrada nos comentários a K3, sobre o caso Litvinenko. Em IK58, o colaborador 1419, após dar sugestões editoriais apresentadas acima (seção 6.2.1), fecha sua intervenção com a frase “eu acho que artigos sobre o caso Litvenko (*sic*) precisam ser escritos”<sup>169</sup>. O colaborador remete claramente à “importância” do caso como um critério para incentivar o autor do artigo a melhorá-lo, de modo que possa ser publicado na área aberta ao público do K5.

#### 6.2.4 Subcategoria links

Nesta subcategoria foram registradas três ocorrências, duas delas em K1 e uma delas em K2. Na primeira intervenção, no texto “Rise of the TV serial”, o colaborador circletimesquare fornece um apontador para uma notícia do *San Francisco Gate* a respeito dos planos da rede de televisão *NBC* de não produzir mais programas com roteiro, apenas noticiários, programas ao vivo e *reality shows*, considerados mais lucrativos. Não há um desenvolvimento de argumentação com base nesta notícia, que no entanto serve de contraponto à conclusão do autor do texto inicial, de que as séries de televisão estariam se tornando mais inteligentes.

---

<sup>169</sup> “I think articles about the Litvenko case need to be written.” Tradução livre.



A segunda ocorrência da subcategoria “link” foi encontrada em um comentário de rpresser também em K1. O artigo sobre seriados provocou uma discussão sobre o futuro da televisão na seção de comentários, com participação do próprio autor do texto inicial, MotorMachineMercenary. Em IK14 este apresenta a hipótese da substituição da distribuição de vídeo via televisão pela distribuição via Web. Em resposta, rpresser publica um link para uma coluna sobre tecnologia de Robert Cringely, da *PBS*, em que este questiona a possibilidade de que os espectadores passem em frente ao computador, assistindo vídeos em serviços de compartilhamento como *YouTube*, o mesmo tempo que passam em frente ao aparelho de televisão. Neste caso, como no anterior, o link é acompanhado apenas por um breve resumo do artigo para o qual aponta. A leitura do artigo no sítio da *PBS* é que fornece um argumento completo contra a hipótese de MotorMachineMercenary.

Em K3, artigo sobre as razões políticas para o assassinato do ex-espião russo Litvinenko, foi identificada a terceira ocorrência da unidade “link”. Esta intervenção foi feita por megid, autor de K2, a matéria sobre a situação militar do Irã. Ao contrário das duas anteriores, nesta intervenção as informações para as quais o link aponta servem para embasar opiniões expressas no próprio comentário, não se referindo diretamente a comentários anteriores ou ao texto inicial. O colaborador primeiro apresenta a hipótese de que Litvinenko tenha sido morto porque era uma peça de propaganda valiosa contra Putin, que controla através de seu cargo de presidente da Rússia a produção de matérias-primas das quais muitos países ocidentais dependem – porém, diz não saber o culpado. Depois, diz que “em todo caso, a *Wikipedia* ajuda...”, e fornece um link para o verbete sobre Litvinenko na enciclopédia. Não explica, entretanto, como as informações lá contidas ajudam a compreender o caso.

Pode-se perceber que o uso de links nesta amostra de intervenções ao K5 é bastante diferente daquele feito na amostra coletada no WN. Enquanto naquele webjornal participativo os links encontrados eram em sua maioria auto-referentes, aqui todos apontam para recursos em outros sítios. Além disso, nenhum dos links foi publicado pelo autor do texto inicial, como aconteceu na maioria dos casos no WN, mas por colaboradores que buscavam apresentar contrapontos ou oferecer mais informações do que as disponíveis. Assim, considera-se que a adição de links nas intervenções feitas pelos colaboradores do K5 tendem a ser pluralizantes, na medida em que apontam para informação em uma variedade de fontes externas, que não necessariamente têm as mesmas perspectivas sobre os fatos que aquelas apresentadas no texto inicial ou em outros textos no próprio K5.

### 6.2.5 Subcategoria argumentação

Estas intervenções são comentários que visam discutir os fatos apresentados no texto inicial com base na lógica, embora não necessariamente sejam desprovidos de emoção ou certa dose de agressividade. Foi o tipo de intervenção predominante no K5, com 34 unidades identificadas. O resultado era esperado, dado que o principal foco desse webjornal participativo é o debate, embora a publicação de material jornalístico seja essencial como elemento iniciador de qualquer discussão.

O debate mais representativo foi encontrado em K2, envolvendo cinco intervenções por quatro colaboradores. Em IK38, QuantumFoam procura desmontar o argumento do texto inicial segundo o qual o Irã não atacaria Israel por causa das represálias dos Estados Unidos e Europa. Na intervenção, sugere a hipótese de que o governo iraniano poderia repassar armas nucleares para grupos terroristas que atuam contra Israel, podendo assim negar envolvimento. Em IK40, o colaborador speak responde dizendo que “eles negarão o envolvimento com tanto sucesso quanto sua negação do holocausto”<sup>170</sup>. QuantumFoam faz uma réplica em IK41:

Plutônio é plutônio e urânio é urânio, os átomos não têm etiquetas de “feito no Irã”. Então, quando um homem-bomba com uma libra de Pu enfiada na bunda detonar a si mesmo em algum lugar de Israel, o mundo Ocidental pode acusar o Irã o quanto quiser, mas não poderá provar conclusivamente (no sentido de justificar represálias) que [o plutônio] era do Irã, e não da Coreia do Norte ou do mercado negro russo.<sup>171</sup>

Neste momento, thejeff entra na discussão (IK43), para argumentar que o Irã seria bombardeado no caso de um ataque nuclear a Israel, com ou sem provas conclusivas. Os motivos que lista são o fato de o Irã ter um motivo para o ataque e influência sobre os grupos terroristas que combatem Israel. “Assim como se uma [bomba nuclear] explodir na Índia, a Índia vai atacar o Paquistão”<sup>172</sup>. A isso, QuantumFoam responde “grande verdade”, encerrando essa linha de discussão.

Pode-se perceber nesse debate, em primeiro lugar, um alto grau de conhecimento dos assuntos políticos da época, o que indica que os colaboradores acompanham o noticiário. Em segundo lugar, pode-se ver que os argumentos não são lançados em uma conversação caótica

---

<sup>170</sup> “They'll deny involvement about as successfully as they deny the holocaust.” Tradução livre.

<sup>171</sup> “Plutonium is plutonium and uranium is uranium, the atoms don't have little "made in Iran" markers. So when some suicide bomber with a pound of Pu stuffed up his ass detonates himself somewhere in Israel the Western world can accuse Iran all it wants, but it won't be able to prove conclusively (as in justifying reprisals) that it was from Iran and not North Korea or the Russian black market.” Tradução livre.

<sup>172</sup> “Just like if one goes off in India, India will strike Pakistan.” Tradução livre.

e sem sentido, mas causam efeitos nas intervenções posteriores, em uma dinâmica recursiva que denota a existência de um verdadeiro diálogo entre os colaboradores. Em terceiro lugar, percebe-se que a apresentação de diferentes perspectivas sobre os fatos pode colaborar para a compreensão geral dos mesmos, como ocorre com QuantumFoam, que começa defendendo a impossibilidade de acusar o Irã e termina por mudar de opinião, entendendo que isso não seria necessário para que o país fosse bombardeado em represália a um ataque em Israel.

Evidentemente, toda essa discussão gira em torno de hipóteses, mas isso não significa que o esclarecimento de certos aspectos do problema iraniano por meio do embate entre diferentes pontos de vista não possa ter repercussões concretas, incentivando o apoio a um ou outro partido, por exemplo, conforme suas posições quanto à política nuclear. De todo modo, em outros casos as discussões tratam de temas concretos, sendo este apenas um caso representativo do funcionamento cotidiano do *K5*.

Por vezes, entretanto, os argumentos apresentados nos comentários não engendram uma discussão prolongada. Ainda assim, são registros de perspectivas diferentes sobre os fatos apresentados no texto inicial. Em *K3*, por exemplo, Ijazbec faz uma avaliação racional do caso Litvinenko:

Parece bastante interessante que Putin se oponha a medidas punitivas contra o Irã e a Coreia do Norte enquanto seu próprio país está cheio de skinheads violentos, assassinatos da máfia, soldados corruptos e sádicos, etc. Isso para não mencionar a liberdade de expressão que parece incomodá-lo tanto.<sup>173</sup>

Nenhum outro colaborador respondeu a essa intervenção, mas isso não invalida sua importância no hipertexto formado pelo conjunto do texto inicial e os comentários a ele atrelados. Essas perspectivas ficam à disposição dos leitores, permitindo que tenham acesso a visões diversas sobre os acontecimentos.

### **6.2.6 Intervenções formais/disruptivas**

Foram identificados dois tipos de intervenções formais disruptivas na amostra do *K5*, uma relativa à subcategoria “formatação”, e 12 à subcategoria “perturbação”. Não foram identificadas as unidades “ortografia/gramática” ou “*spam*”.

---

<sup>173</sup> “It does seem rather interesting that Putin opposes punitive measures against Iran and North Korea while his own country is full of violent skinheads, mafia murders, corrupt and sadistic soldiers, etc. Not to mention the freedom of speech that seems to bother him so much.” Tradução livre.

A unidade “formatação” foi encontrada em um comentário de kstrandstr ao texto “spy games” (K3). Em IK54, marcado como comentário editorial, o colaborador pede que urbanforces, autor do texto, use menos letras maiúsculas. A sugestão foi aceita e algumas maiúsculas impertinentes retiradas.

Como já foi explicado, as atitudes disruptivas do tipo perturbação são vistas como fazendo parte da desejável polêmica e toleradas no K5 até certo ponto. No entanto, foram consideradas perturbações aquelas intervenções que não davam prosseguimento a um debate racional, ainda que elas possam ter utilidade para a socialização entre os colaboradores. Um exemplo ilustrativo ocorreu em K1, quando o colaborador debacle afirmou que os novos seriados de televisão citados no artigo de MotorMachineMercenary não tinham idéias originais. Quem responde é circletimessquare, chamando debacle de idiota e afirmando que “NADA é original” (“NOTHING is original”) em IK9. Segue-se então a seguinte troca de insultos:

IK11 (circletimessquare): “É, nada é original, inclusive dizer que ‘nada é original’. Você tem um argumento, seu merda?”

IK24 (debacle): “Sim, seis polegadas no seu reto e pulsando.”

IK25 (circletimessquare): “Desculpe, este não é um site de encontros.”<sup>174</sup>

A intervenção argumentativa de debacle, afirmando que considerava os programas de televisão *24 Horas* e *Lost* pouco originais, terminou descambando para uma troca de ofensas sem relação alguma com qualquer fato apresentado no artigo inicial. Há no entanto as disruptões um tanto mais humorísticas, como a intervenção de jangleditters em K2, em que o próprio título do comentário (“Iran: marital facks”) ironiza o título do artigo (“Iran: military facts”). Em IK39, o interventor faz uma lista de itens, assim como a lista de itens do texto inicial:

\* O Irã tem mulheres totalmente desenvolvidas

\* O Irã tem a capacidade de desenvolver ainda mais os seios de suas mulheres

\* Os peitos das mulheres iranianas são ativamente apoiados por sutiãs meia-taça e outros aparelhos NUCULARES.

---

<sup>174</sup> “yes, nothing is original, including saying ‘nothing is original’. you have a point asswipe?”

“Yeah, It's six inches in your rectum and throbbing.”

“sorry, this isn't a dating site”

Tradução livre.

\* Muitas nações, entre elas a Rússia e a China, esforçam-se em impor limitações ao tamanho dos seios das mulheres iranianas (no presente momento desproporcionalmente GRANDES) para prevenir o infanticídio por afogamento.<sup>175</sup>

Embora seja uma disrupção do transcurso normal do debate, essa paródia exige certo esforço criativo e demonstra o papel lúdico que a agressividade e nonsense desempenham no K5. Em IK46, j1mmy responde a essa paródia publicando uma semelhante, com o título “Iran: Military Fax”, que dá supostas instruções sobre como enviar um fax para aquele país. Esse intercâmbio mostra como mesmo as intervenções do tipo perturbação podem ter uma natureza cooperativa, na medida em que o jogo contribui para a socialização entre os colaboradores.

### 6.3 SÍNTESE

O objetivo principal desta análise de conteúdo era evidenciar o caráter predominante nas intervenções feitas pelos colaboradores no *KuroShin* e no *Wikinews*. Apesar de todas as ressalvas feitas no exame qualitativo de algumas dessas intervenções, pode-se afirmar com segurança que predomina o caráter pluralizante, isto é, os colaboradores buscam em sua maioria acrescentar informações importantes aos textos iniciais sobre os quais atuam – mesmo quando o fazem de forma equivocada. Por outro lado, ao contrário do que se poderia esperar de webjornais participativos em que a publicação é totalmente aberta e autogerida, beirando a anarquia (em sentido estrito), não se verificou a presença expressiva de *spam* ou vandalismo. A produção cooperativa de conteúdo, então, pode ser considerada uma forma viável de se atingir a proposta de jornalismo multiperspectivo de GANS (2003).

A análise resultou em uma distribuição de unidades bastante diferente para os dois webjornais participativos estudados. Isso mostra que não existe apenas um modelo para esse tipo de iniciativa. Nesta pesquisa, dois deles foram abordados: um sistema em que a publicação é totalmente aberta, mas em que se busca o relato equilibrado dos fatos, sem interferência direta da subjetividade do colaborador, e outro em que há um controle da publicação, ainda que coletivo, e a valorização da opinião e da subjetividade. A análise da intervenção em outros webjornais participativos talvez resultasse em distribuições diferentes de unidades, conforme as políticas editoriais e as ferramentas disponíveis. Salta à vista,

---

<sup>175</sup> “\* Iran has fully developed women

\* Iran has the capability to further develop their women's breasts

\* Iranian women's tits are actively supported by push up bras and other NUKULAR devices.

\* Many nations, among them Russia and China, strive to limit the size of Iranian women's breasts (at the current time disproportionately LARGE) in order to prevent infanticide by drowning.”

Tradução livre. “NUKULAR” é um chiste com a pronúncia do presidente George W. Bush para a palavra “nuclear”. Já “facks” é uma brincadeira com a palavra “facts” e a pronúncia texana de “fuck”.

entretanto, o fato de que a proporção de intervenções pluralizantes foi semelhante no *K5* e no *WN*, variando de 60% a 75% aproximadamente. Esse dado sugere que a tendência à cooperação é constante nos diferentes tipos de webjornal participativo e permite concluir que as pessoas estão dispostas a tomar parte na dinâmica noticiosa de maneira construtiva. As previsões apocalípticas sobre a instauração do caos comunicativo quando todo indivíduo pode publicar suas opiniões e relatos sem controle algum devem então, ao menos no que tange ao webjornalismo participativo, ser deixadas de lado.

Ainda que se rejeite aqui qualquer determinismo tecnológico, os resultados desta pesquisa mostram que há uma relação entre as ferramentas disponíveis e o tipo de intervenção que se encontra. No *WN*, por exemplo, houve um grande número de correções de erros gramaticais, o que pode ser atribuído à possibilidade de que qualquer leitor edite o texto para corrigi-los imediatamente. No *K5* é preciso publicar um comentário, fazer uma lista de cada erro e esperar que o autor do texto inicial os corrija, o que implica em muito mais trabalho para o colaborador. Não há, também, a gratificação de ver as mudanças publicadas no momento. Entende-se que essa dificuldade desestimula as tentativas de fazer sugestões de correções gramaticais no *K5*. Por outro lado, o fato de ser preciso fazer qualquer intervenção por meio de comentários, nos quais o linguajar é em princípio informal, favorece a argumentação e a perturbação lúdica no *K5*, enquanto a inexistência de espaços para isso reduz a níveis muito baixos a argumentação e a perturbação no *WN*. Mesmo o espaço para discussão das matérias em desenvolvimento é pouco usado pelos colaboradores, dado que eles podem simplesmente fazer as mudanças que julgarem necessárias e esperar que os outros as aceitem ou tornem a modificá-las também diretamente.

Outro fator que parece determinar o tipo de intervenções encontráveis no webjornalismo participativo é a política editorial. É surpreendente encontrar mais intervenções relativas a valores-notícia no *K5*, em que há pouca preocupação em seguir os ideais profissionais do jornalismo, do que no *WN*, que transformou o ponto de vista neutro em verdadeira ideologia. Isso se deve provavelmente ao fato de que existem políticas editoriais claras e compreensivas neste webjornal participativo, ao contrário do *K5*, que apenas aponta algumas diretrizes como sugestões. Devido a isso, a responsabilidade por definir quais são os critérios de publicação recai sobre a coletividade, que precisa redefini-los a cada novo ciclo de edição de propostas de matérias. É natural, portanto, que esses “valores-notícia” sejam discutidos mais freqüentemente no *K5*. No *WN*, embora os critérios de edição e publicação

também sejam criados pela coletividade, eles estão escritos e bem definidos, bastando acessar o guia editorial quando se está em dúvida a respeito das regras.

As pressões e jogos de poder a que um repórter é submetido na redação incentivam a introjeção do ideário profissional do jornalismo, sobretudo os valores de imparcialidade e objetividade. Em artigo publicado em 1955, BREED (1993, p.154-156) demonstra que a assimilação da política editorial depende de um processo de socialização entre o jornalista, seus chefes e colegas. O novato “aprende a antever aquilo que se espera dele, a fim de obter recompensas e evitar penalidades”. No caso, o autor está fazendo uma crítica à ingerência do proprietário do veículo sobre a produção de notícias, através da política editorial. Mas a socialização também funciona no sentido oposto: um dos fatores de resistência às interferências superiores é a ética jornalística. Ética que o novato assimila da mesma forma que faz com a política editorial: interagindo com seus pares.

SOLOSKI (1993, p.91-100) retoma em 1989 o tema do controle social na redação, afirmando que a interação das políticas editoriais com o profissionalismo, consubstanciado nos valores-notícia e no código de ética do jornalismo, cria constrangimentos organizacionais que agem sobre as rotinas produtivas. Além da convivência na redação, o autor reconhece os cursos de jornalismo como forma de introjeção do ideário profissional: “Estas escolas profissionais asseguram (...) que os ideais e os objetivos da profissão sejam aceitos pelos novos profissionais” (p.94). O tom é de crítica, porém, pois a educação – logo, os ideais e objetivos da profissão – seria controlada pelas próprias organizações jornalísticas, comprometendo o ensino com a ideologia capitalista (no contexto americano, foco da análise). As escolas funcionariam então como reprodutoras de uma visão de mundo que desestimula qualquer mudança no *status quo*.

Através das sanções impostas pela rede de colaboradores em cada webjornal participativo, acredita-se que os ideais e valores específicos a cada veículo são introjetados e ao mesmo tempo criados em conjunto, pela própria dinâmica da interação, de forma semelhante ao que ocorre nas redações profissionais. As diretrizes editoriais do *WN* são criadas após discussões sistemáticas entre todos os membros da publicação, enquanto no *K5* as regras emergem do próprio processo de avaliação e discussão das matérias propostas. Em todo caso, não são ideais e valores que vêm de cima, mas são definidos coletivamente, o que pode inclusive contribuir para sua observação durante a produção dos textos. Como vimos, a

honestidade nos relatos é um valor tanto no *WN* quanto no *K5*. FOSTER (2001<sup>176</sup>), criador do *K5*, critica o ufanismo em relação às tentativas de blogueiros em fazer jornalismo, com base na percepção de que na maioria das vezes os fatos não são adequadamente checados e não há controle por parte de pares antes da publicação, como ocorre nas redações (ou no *K5*). Ainda assim, rejeita a idéia de que somente por isso os leigos sejam incapazes de reportar fatos de maneira honesta: “acho que todos nós conseguimos pegar a idéia de que quando você escreve uma notícia, deve tentar fazer com que ela seja verdadeira”<sup>177</sup>. Ao introjetar esse valor de honestidade nos relatos – embora não objetividade, necessariamente – os colaboradores formam a base para a construção da credibilidade dos webjornais participativos.

Os blogueiros podem dizer a verdade? Suspeito que sim. Ao longo do tempo, eles constroem uma história, como qualquer publicação faz quando começa. Filtros de reputação e círculos de credibilidade ajudam a eliminar o besteiro na blogosfera. Todos precisamos ajustar nossos sensores de bobagem<sup>178</sup> (LASICA, 2003b<sup>179</sup>).

O maior patrimônio de um colaborador em webjornais participativos é sua credibilidade. Enquanto os assinantes de revistas e jornais precisam ter a iniciativa de cancelar suas assinaturas caso as publicações percam credibilidade, e de qualquer modo precisarão escolher outra fonte de informação em um mercado de oferta limitada a em geral dois ou três veículos nas grandes cidades (ou algumas dezenas de canais de televisão e emissoras de rádio), para deixar de ler um webjornal participativo ou blog basta não acessar mais seu sítio e escolher uma outra leitura em meio a um número sempre crescente de alternativas. Na Web, um leitor não está restrito ao que a mídia local oferece, mas pode acessar concorrentes em outras partes do mundo.

Não se defende aqui que a formação seja inútil ou desnecessária ao desempenho do jornalismo, mas apenas que um colaborador experiente de webjornais participativos pode aprender algumas técnicas de tratamento de texto e apresentação da informação de forma autodidata. Conforme LASICA (2003<sup>180</sup>), o uso de distribuição de conteúdo de blogs por meio de fluxos RSS, por exemplo, está levando os seus autores a adotar um estilo mais jornalístico nos textos, para facilitar a leitura nas listas de “manchetes” dos programas

---

<sup>176</sup> Documento eletrônico sem paginação.

<sup>177</sup> “I think all of us basically grasp the idea that when you report news, you should try to make it true.” Tradução livre.

<sup>178</sup> “Can bloggers tell the truth? I suspect so. Over time, they build up a track record, much as any news publication does when it starts out. Reputation filters and circles of trust in the blogosphere help weed out the nonsense. We all need to fine-tune our bullshit meters.” Tradução livre.

<sup>179</sup> Documento eletrônico sem paginação.

<sup>180</sup> Documento eletrônico sem paginação.



agregadores: “Blogueiros dizem ter aprendido a trabalhar seus textos nos weblogs para escrever chamadas no estilo da pirâmide invertida e a fazer manchetes diretas.”<sup>181</sup> Embora talvez não o faça tão bem quanto um jornalista formado nos bancos universitários, o repórter amador estará apto a desempenhar suas funções no papel que cabe ao webjornalismo participativo, que é menos o de competir com o jornalismo tradicional e mais o de complementá-lo com uma multiplicidade de pontos de vista sobre um mesmo fato, bem como por meio de uma atitude fiscalizadora. Tampouco defende-se que os jornais tenham se tornado inúteis. Não apenas porque a maioria dos blogs e webjornais participativos como o *WN* continuam mais apontando para matérias de outros veículos do que produzindo reportagens originais, como porque, como foi dito, nem todo mundo quer participar. Como bem coloca Dominique Wolton (MALLAVAL, 1999<sup>182</sup>):

A Rede pode muito bem dar acesso a uma massa de informações, mas ninguém é um cidadão do mundo querendo saber tudo sobre o mundo inteiro. Quanto mais informação há, maior a necessidade de intermediários – jornalistas, arquivistas, editores, etc – que filtrem, organizem, priorizem. Ninguém quer brincar de editor-chefe todas as manhãs. A igualdade na oportunidade de acesso à informação não cria a igualdade de competência em manipular a informação.<sup>183</sup>

Embora tenha razão quanto ao fato de que simplesmente dar ferramentas para que as pessoas publiquem na Web não democratiza automaticamente a comunicação, por causa da dificuldade em lidar com imensos volumes de informação, essa afirmação foi feita em uma época em que as ferramentas de *gatematching* (BRUNS, 2005) ainda não estavam tão desenvolvidas e disseminadas. Ao longo dos últimos anos, sistemas de filtragem, organização e priorização baseados na cooperação, como o sistema de avaliação de comentários do *K5*, por exemplo, passaram a permitir que, além de publicar, o internauta atue também como mediador. Essa mediação, porém, não é mais feita individualmente ou em conjunto com outros colegas de trabalho, mas é levada a cabo por uma coletividade de internautas dispersos.

Defende-se aqui, então, que os colaboradores de webjornais participativos têm pela experiência prática a possibilidade de aprender algumas técnicas e introjetar alguns valores que lhes permitam produzir material com alguns traços jornalísticos, que adquirem

---

<sup>181</sup> “Bloggers say they've learned to craft their weblog entries to write blurbs in the inverted pyramid style and to craft straightforward headlines.” Tradução livre.

<sup>182</sup> Documento eletrônico sem paginação.

<sup>183</sup> “The Net may well give access to a mass of informations, but nobody is a world citizen wanting to know everything about the entire world. The more information there is, the greater the need for intermediaries – journalists, archivers, editors, etc – who filter, organise, prioritise. Nobody wants to play for chief editor every morning. The equality of access opportunity to information does not create equality of competence in handling information.” Tradução livre.

credibilidade ao longo do tempo – ou são desacreditados por seus erros. Ao mesmo tempo, os prognósticos de soterramento do público sob uma avalanche de informação feitos nos primeiros tempos de explosão da publicação de conteúdo na Web têm sido superados pelo desenvolvimento de ferramentas que permitem filtrar coletivamente a informação. Esses dois fatores colocam o público em uma posição de produtor e mediador de informação, papel que era restrito a jornalistas e outros profissionais de comunicação nos mídias tradicionais. Essa ampliação do papel do público é importante, porque permite a pluralização das perspectivas sobre os fatos na Web, na forma de webjornais participativos, blogs, ou seções de portais e webjornais normais em que a divisão entre profissional e amador se torna indistinguível. Isso não significa, porém, que se defenda aqui o fim do jornalismo. Muito pelo contrário: há a certeza de que o jornalismo profissional tem e terá um papel importante nas sociedades democráticas, na medida em que, através da manutenção da objetividade, pode reclamar imparcialidade e assim oferecer uma versão “oficial” dos fatos. Como se viu, porém, essa versão dos fatos baseada na objetividade sofre distorções inevitáveis. Ao se afastar da objetividade na maioria dos casos, o webjornalismo participativo pode cumprir o papel de preencher as lacunas do jornalismo profissional. Em um estudo sobre blogs, RODRIGUES (2006, p.107-8) chega à mesma conclusão:

Os *blogs* dependem muito da personalidade do seu autor, o que no jornalismo não deve acontecer. Mas, a aproximação entre *bloggers* e jornalistas pode suscitar oportunidades interessantes para a dinamização da esfera pública. (...) [Os blogs] assumem-se como espaços privilegiados de opinião, análise e discussão sobre várias áreas temáticas e podem incentivar a participação mais como um complemento do que propriamente como uma alternativa.

O webjornalismo participativo é portanto complementar, e não um substituto do jornalismo. Por outro lado, em sendo um complemento ao jornalismo tradicional, não se pode exigir do webjornalismo participativo a observação das mesmas regras – nem o mesmo gênero de credibilidade do jornalismo profissional, evidentemente. Se é esperado do consumidor de jornais, webjornais, programas de televisão e rádio um espírito crítico frente às notícias, o leitor de materiais publicados em webjornais participativos deve ter o dobro de cautela, já que os controles sobre a publicação são menos rígidos. Porém, desprezar o conteúdo criado cooperativamente por leigos para poupar a sociedade dos “perigos” oferecidos pela publicação sem controle profissional é uma atitude paternalista, que dá muito pouco crédito à inteligência do público.

Não faz sentido falar em um modelo pior ou melhor de webjornalismo participativo, pois cada um dos modelos apresentados aqui e em estudos de outros pesquisadores pode dar

sua contribuição para a concretização do ideal de uma esfera midiática em que o maior número possível de grupos sociais e visões de mundo estejam representados. Além disso, neste caso específico, há uma grande diferença de tempo de operação entre os webjornais participativos, tendo o *K5*, lançado em 1999, cinco anos de vantagem sobre o *WN*, nascido em 2004. Embora hoje o *WN* pareça estar em declínio após um início promissor, trata-se de um projeto ainda em fase inicial, com muitas possibilidades de evolução. É, porém, inegável que o *K5* apresenta muito mais vitalidade e diversidade em termos de colaboração. Apesar de haver um ritmo lento de publicação pelo sistema de fila de edição, na seção de “diários” há pelo menos um novo texto a cada hora. Além disso, a disposição em intervir nos textos publicados na página principal e nas seções, ainda que estes sejam poucos, é demonstrada pelo fato de o *K5* ter gerado um número maior de intervenções com uma amostra menor. Enquanto o *WN* não reunir massa crítica suficiente de colaboradores para garantir um fluxo constante de reportagem original, carecerá de interesse para aqueles que acompanham as notícias em webjornais normais. Em lugar de assegurar o equilíbrio das matérias publicadas e ajudar na obtenção de credibilidade, a política do ponto de vista neutro parece estar sufocando o entusiasmo dos participantes do *WN*. Relatos mornos e burocráticos dos fatos abundam na imprensa tradicional, por isso é provável que muitos colaboradores considerem fúteis seus esforços em dado momento – porque na prática apenas acrescentam outra instância de seleção de informações aos jornalistas profissionais que produziram as notícias nas quais a maioria das matérias do *WN* se baseia (TRÄSEL, 2005) – e decidam abandonar o projeto. Neste contexto, o webjornalismo participativo fica ameaçado, pois a participação não é um valor em si, isto é, não se busca a participação pela participação. Esta é na verdade uma condição necessária para a existência do webjornalismo participativo.

Embora essa crítica ao *WN* pareça estar em contradição com a defesa do *gatewatching* como processo que tem um valor em si mesmo, ao filtrar a informação disponível na Web e apresentá-la em contextos adequados a determinado público, é preciso salientar que agregar valor não implica em sucesso. O sucesso de um webjornal participativo parece depender também do fomento à expressão da opinião. BRUNS (2005b), com efeito, considera que o desestímulo à discussão dos eventos correntes desestimula também a participação e a leitura do *WN*:

Este problema é exacerbado ainda mais pelo desencorajamento ativo da *discussão* de notícias no *Wikinews*, já que em outros sites é exatamente essa discussão que

promove um sentido de comunidade, apesar do quão aguerridos possam ser os debates sobre desentendimentos específicos nestes sites.<sup>184</sup>

Conquanto o ponto de vista neutro encoraje a cobertura multiperspectiva dos fatos, essa apresentação de variadas perspectivas não é usada para fomentar o debate, uma característica indissociável da proposta de GANS (2003) para melhorar o jornalismo. Como foi visto, no caso do *K5* a expressão da opinião e a troca de idéias são colocadas em primeiro plano, e isso resulta em maior vitalidade. Falta ao *WN* a “tactilidade”, a “sociabilidade” que LEMOS (2002) considera um dos princípios da comunicação em redes telemáticas.

Apesar dos problemas do *WN*, é preciso admitir que a simples existência de um veículo onde indivíduos possam publicar sem controle por uma hierarquia superior reportagens sobre algo que aconteça em sua localidade é em si mesma revolucionária, ainda que isso ocorra pouco freqüentemente. Na mídia de massa, por exemplo, imagens de uma nevasca feitas por um integrante da audiência são às vezes publicadas, mas em um espaço reduzido e sem que o colaborador possa opinar a respeito da edição do material. Isso fica a cargo do jornalista – o que não é ruim em princípio, pois um editor experiente pode melhorar muito o material coletado por um repórter amador. Dado que existe a possibilidade de os indivíduos publicarem suas próprias versões sobre os fatos, porém, não há por que não fazê-lo, ainda que não mais de meia dúzia de leitores sejam atraídos. Em meio a uma profusão de relatos pessoais dispersos a respeito dos acontecimentos, os processos de *gatewatching* podem fazer emergir aqueles mais relevantes e por vezes dar extrema visibilidade a fatos que não teriam chegado ao conhecimento do público através dos processos tradicionais do jornalismo. “Cada vez mais, o trabalho dos *gatewatchers* pode ser visto sendo filtrado de volta para veículos jornalísticos tradicionais, completando um ciclo de *feedback*” (BRUNS, 2005b, p.1)<sup>185</sup>. Assim, a pluralização não é atingida apenas pelo trabalho intensivo dos colaboradores em um ou outro webjornal participativo, mas também pelo trabalho disperso de milhares de internautas produzindo conteúdo relevante esporadicamente.

Como foi visto, apesar de não existir a figura de um editor o outro tipo de controle sobre a publicação, a não ser o da coletividade, o processo produtivo no webjornalismo participativo é praticamente livre de perturbações por vândalos e a qualidade das colaborações

---

<sup>184</sup> “This problem is further exacerbated by the active discouragement of news *discussion* on *Wikinews*, as in other sites it is exactly this discussion which promotes a sense of community, however hard-fought the arguments over specific disagreements may be on many such sites.” Tradução livre.

<sup>185</sup> “Increasingly, the work of *gatewatchers* can also be seen to filter back into the traditional news media, completing a *feedback loop*.” Tradução livre.

é razoável. Por outro lado, essa ausência se reflete na tendência ao declínio no *WN* e na baixa rotatividade de matérias na área aberta do *K5*. BRAMBILLA (2006, p.202), em seu estudo sobre o *OhmyNews*, chegou à conclusão de que o editor é essencial para o bom andamento dos projetos de jornalismo *open source*: “É sua a responsabilidade de fazer da notícia uma construção permanente, um diálogo entre olhares diversos”. Um editor poderia tomar decisões com muito mais rapidez do que a coletividade de colaboradores do *WN* e do *K5*, e assim evitar que a Nova Zelândia seja super-representada num, ou que a página principal passe dias sem uma nova matéria noutro, entre outros problemas identificados. Além disso, o editor poderia atuar como uma liderança, incentivando os colaboradores a participar. Como a história do desenvolvimento do Linux mostra, uma figura de comando pode ser importante para manter em alta o moral da coletividade, mesmo que essa figura não tenha tantos poderes. Quando todos são responsáveis por tudo, pode ocorrer que em alguns momentos ninguém se responsabilize por nada. Assim, o *WN* e o *K5* talvez se beneficiassem com a existência de um editor, ou um grupo de editores, mesmo que este atuasse apenas em momentos críticos e na maior parte do tempo deixasse o processo produtivo seguir seu rumo. Com efeito, há dois webjornais participativos que mostram a eficácia desta proposta. O *Centro de Mídia Independente* funciona de maneira semelhante ao *WN*, permitindo a publicação totalmente aberta, mas conta com um coletivo editorial, formado por voluntários, atuante e com o poder de tomar decisões sobre o processo produtivo e sobre algumas questões operacionais sem submeter toda e qualquer proposta à avaliação da coletividade e a votações. O *Slashdot*, por outro lado, funciona de forma muito semelhante ao *K5*, com a diferença de que não há votação para definir se uma proposta de matéria será publicada ou não, mas um grupo de editores que assume essa responsabilidade. Tanto o *CMI* quanto o *Slashdot* – e o *OhmyNews* – têm atingido cada vez mais sucesso, o que indica a importância de algum tipo de liderança.

Propõe-se, então, que os modelos de webjornalismo participativo incluam a presença de um editor ou comitê editorial que possa tomar decisões sobre a cobertura rapidamente, para evitar os problemas de superrepresentação de uma região, grupo social ou problemática em detrimento de outras e também a diminuição do fluxo de material jornalístico por impedimentos gerados pelo próprio sistema de avaliação e edição. Além disso, acredita-se que a expressão da opinião é indispensável, tanto para a manutenção do entusiasmo entre os colaboradores, quanto para contemplar a pluralização de perspectivas sobre os acontecimentos.

A análise das intervenções no webjornalismo participativo mostrou que os colaboradores têm uma genuína preocupação em atender a certos critérios e ideais jornalísticos e a ampliar as perspectivas sobre os fatos narrados nos textos iniciais, não se limitando apenas a corrigir erros ortográficos ou a discutir irrelevâncias. Além disso, o impacto da interação mútua que ocorre no processo produtivo faz com que os colaboradores adquiram experiência na redação e tratamento de material jornalístico, ao mesmo tempo criando e introjetando valores e critérios de publicação próprios. Isso permite à coletividade de colaboradores manter um controle de qualidade auto-organizado, o que se reflete em ganho de credibilidade deste tipo de veículo, dentro de certos limites.

## CONCLUSÃO

Este trabalho partiu da premissa de que uma participação maior do público no jornalismo é desejável para as sociedades democráticas. Se o jornalismo é uma forma de conhecimento, e portanto contribui na construção da realidade ao colocar certos acontecimentos e problemáticas em evidência, legitimar certos padrões e não outros, é nada mais do que justo permitir que a sociedade tenha influência mais direta sobre a forma como as notícias são produzidas e que possa fiscalizar as práticas jornalísticas.

Um dos principais problemas do jornalismo identificados por MEDITSCH (1997) é a falta de transparência sobre seus próprios condicionantes, sobre os constrangimentos que levam o repórter ou veículo a adotar determinada perspectiva sobre um fato, e não outra:

A notícia é apresentada ao público como sendo a realidade e, mesmo que o público perceba que se trata apenas de uma versão da realidade, dificilmente terá acesso aos critérios de decisão que orientaram a equipe de jornalistas para construí-la, e muito menos ao que foi relegado e omitido por estes critérios, profissionais ou não.

A história específica do desenvolvimento da Internet teve como uma de suas conseqüências a criação de ferramentas que permitem ao público cooperar em grande escala na publicação de material jornalístico e em analisar a produção dos jornalistas profissionais, apontando suas falhas – mas também seus acertos. Através dos sistemas de *gatewatching*, é possível a um grande número de indivíduos dispersos filtrar e atribuir sentido e contexto a virtualmente toda informação disponível na Web. Dessa forma, a proposta de um jornalismo multiperspectivo feita por GANS (2003) originalmente no final dos anos 1970 encontra um

suporte tecnológico que a torna possível. O jornalismo multiperspectivo deveria seguir vários critérios, como ser mais amplo, cobrindo uma variada gama de acontecimentos e questões além daquelas ligadas aos principais atores políticos e econômicos; ter uma abordagem de baixo para cima na cobertura dos administradores públicos, levando as demandas dos cidadãos até eles, em lugar de levar aos cidadãos as versões oficiais sobre o que é importante; seria mais representativo, no sentido de cobrir a vida de pessoas comuns de todos os tipos, não quase que exclusivamente da elite; e daria mais ênfase às informações realmente úteis para o cotidiano da maior parte da sociedade. Para atingir esses objetivos na mídia de massa, entretanto, seriam necessários investimentos altos em equipamentos e contratação de pessoal. Porém, a tendência nos últimos anos é de redução da mão-de-obra e cortes de custos nas redações. As ferramentas usadas para o webjornalismo participativo, como o *Kuro5hin* e *Wikinews*, oferecem uma solução para esse problema: os custos com equipamentos são baixos, porque o espaço de armazenagem e tráfego na Internet é abundante, muitas das ferramentas usadas são gratuitas e o trabalho de incluir novas perspectivas às notícias pode ser distribuído entre o próprio público, em vez de se tornar um peso para as empresas de mídia.

O jornalismo multiperspectivo parece pouco adequado para a mídia um-muitos tradicional do jornalismo impresso e da radiodifusão, já que essas mídias quase que inerentemente implicam na presença de jornalistas ou editores para selecionar em uma miríade de perspectivas possíveis aquela quantidade de informação que se encaixa no intervalo de tempo ou espaço de colunas disponível, reduzindo necessariamente a gama de perspectivas que podem ser cobertas. Inversamente, ainda que não haja garantia de que serão usados desta forma, os intercâmbios muitos-muitos possibilitados pela Internet parecem muito mais adequados para representar uma ampla variedade de pontos de vista, idéias e histórias individuais (BRUNS, 2005a, p.26).<sup>186</sup>

Conforme já se insistiu aqui, porém, simplesmente criar ferramentas não garante a participação, muito menos uma participação construtiva. Daí a necessidade de verificar o caráter predominante das intervenções feitas pelos colaboradores no webjornalismo participativo. O método escolhido para tanto foi a análise de conteúdo, por permitir lidar com grandes quantidades de material e ser adaptável a diferentes sistemas. A diferença na distribuição das unidades entre os dois corpora analisados indica que o roteiro dá conta de diferentes tipos de intervenção existentes no webjornalismo participativo. Estudos futuros

---

<sup>186</sup> “Multiperspectival news seem ill-suited to the traditional one-to-many media of print and broadcast journalism, as these media almost inherently imply the presence of journalists or editors to select from the multitude of possible perspectives that amount of information that fits the available airtime or column space, thus by necessity reducing the range of perspectives able to be covered. Conversely, while there is no guarantee that they will be used in this way, the many-to-many exchanges possible through Internet technologies seem much better suited for representing a broad range of views, ideas, and individual stories.” Tradução livre.



permitiriam aferir se resultados semelhantes aos do *Kuro5hin* e do *Wikinews* podem ser obtidos em outros webjornais participativos. Esses estudos seriam de extrema importância, visto que o presente trabalho tem algumas limitações. Em primeiro lugar, embora os dois veículos escolhidos representem os principais tipos de webjornais participativos, o que permite fazer inferências a respeito do funcionamento geral do fenômeno, uma amostra mais ampla permitiria obter maior certeza sobre o caráter da participação neste tipo de sistema. Em segundo lugar, os próximos estudos poderiam incluir também juízes para controlar distorções na codificação dos corpora, que nesta pesquisa foi feita apenas por mim. O fato de ter criado as categorias de análise e ao mesmo tempo as utilizado pode ter gerado perturbações. Dado, porém, que as intervenções pluralizantes chegaram a uma predominância acima dos 60%, acredita-se que as possíveis perturbações não tenham interferido significativamente no resultado.

Uma terceira limitação desta pesquisa é o fato de que a análise de conteúdo aponta tendências gerais, mas pouco diz a respeito dos aspectos discursivos de seu objeto. É certo que alguns desses aspectos estão embutidos na própria categorização prévia dos diferentes tipos de fenômenos textuais que se esperava encontrar na amostra, mas seria preciso submeter o material jornalístico produzido pelos colaboradores do *Kuro5hin* e do *Wikinews* a uma análise do discurso para verificar a profundidade da pluralização de enunciados e vozes que resulta da colaboração nesses webjornais. O objetivo aqui não era esse, porém, mas sim verificar uma etapa anterior, isto é, se algum caráter jornalístico poderia ser encontrado nessas colaborações. Acredita-se que a existência desse caráter foi demonstrada, o que indica que a intervenção do público tem o potencial de pluralizar as perspectivas nos webjornais participativos. A partir disso, uma investigação mais profunda se torna útil. Caso não houvesse preocupação alguma dos colaboradores em atingir certas características jornalísticas com suas intervenções, uma análise do discurso nos webjornais participativos seria inútil.

A principal contribuição deste trabalho é, portanto, demonstrar que o webjornalismo participativo não é um fenômeno insignificante, mas, ao contrário, pode desempenhar um papel importante nas sociedades democráticas.

A capacidade de mobilização da opinião pública para um determinado tema pode encontrar nestes *sites* um meio perfeito, uma vez que se tratam de espaços onde é possível mostrar vários pontos de vista sobre uma mesma questão, o que é, sem dúvida saudável. No entanto, torna-se necessário ressaltar o facto de estes mesmos espaços não se sentirem necessariamente obrigados a reunirem o conjunto de saberes e competências profissionais, bem como um certo número de obrigações deontológicas da imprensa de referência (RODRIGUES, 2006, p.107).

Embora na maioria das vezes não consigam atingir a competência de jornalistas profissionais no relato de acontecimentos, nem estejam obrigados por códigos de ética, isso não significa que os colaboradores de webjornais participativos não tenham competência alguma ou sejam totalmente desprovidos de compromissos éticos, como fazem parecer certas críticas a este tipo de publicação. MORETZSOHN (2006, p.7) faz uma caricatura dos argumentos em prol do webjornalismo participativo para desmerecer os avanços permitidos por essas práticas:

Por isso o elogio do “jornalismo participativo” concentra-se no confronto entre os jornalistas (confinados a procedimentos rígidos e orgulhosos de seu privilégio como detentores da informação) e o público (isto é, a audiência), desinteressado, ansioso pela verdade e agora possuidor dos meios para obtê-la e revelá-la. Logo, não haveria qualquer problema na inversão de procedimentos para publicar alguma informação: em vez de primeiro filtrar para depois publicar, o “jornalismo participativo” trabalha com a lógica inversa, publicando primeiro e filtrando depois.

Deixe-se de lado o fato de que os procedimentos adotados nas redações para publicar alguma informação jamais impediram e nem impedirão erros e má-fé por parte dos jornalistas profissionais, dado que muita tinta já foi gasta por pesquisadores apontando essas falhas, e procure-se apontar as fraquezas neste argumento. Em primeiro lugar, dar crédito a webjornais participativos por achar que o público é “desinteressado” e “ansioso pela verdade” seria uma atitude temerária não apenas em relação a este tipo de publicação, mas também em relação à mídia tradicional, em que os jornalistas profissionais procuram muitas vezes manter os mitos de que as notícias simplesmente reproduzem a realidade como é e que os repórteres agem exclusivamente no interesse público. Se um webjornal participativo tem alguma credibilidade, é por demonstrar ao longo do tempo que seu sistema de checagem e avaliação foi capaz de destacar o trigo e esconder o joio de maneira aceitável. Da mesma forma, os leitores de webjornais participativos estão cientes de que muitas vezes o material é publicado sem qualquer tipo de avaliação prévia, de modo que levam mais a sério uma notícia do *Wikinews* do que uma do *The New York Times* por sua própria conta e risco. Nos webjornais participativos aqui estudados, por exemplo, o sistema é completamente transparente, de modo que o processo de edição pode ser resgatado e avaliado pelo público. Dificilmente se pode dizer o mesmo das decisões tomadas em redações profissionais, em geral inacessíveis a seus leitores. De fato, comprar as informações publicadas pela imprensa tradicional por seu valor de face é tão perigoso quanto fazer o mesmo com webjornais participativos. No fundo, o argumento da autora dá um poder muito maior ao webjornalismo participativo do que o efetivamente existente. É como se todas as pessoas estivessem considerando a hipótese de substituir o consumo de notícias da imprensa tradicional pelas notícias produzidas de forma

cooperativa. Se autores como GILLMOR (2004) exageram no idealismo quanto à participação do público, isso não quer dizer que o público compartilhe desses ideais.

Vale lembrar, também, que o webjornalismo participativo tem dado contribuições fundamentais à sociedade e ao próprio jornalismo, como atestam episódios semelhantes aos dos atentados de 11 de Setembro em Nova York e o tsunami que varreu o sudeste asiático, nos quais indivíduos munidos de computadores, câmeras digitais e telefones celulares puderam fornecer informação em tempo real via Web, ajudando nas operações de socorro e na identificação de vítimas – informações que a imprensa tradicional soube aproveitar muito bem. Pode-se lembrar também os protestos contra a reunião da OMC em Seattle em 1999, quando notícias publicadas pelo *CMI* acabaram forçando a mídia a acrescentar a perspectiva dos movimentos sociais à sua cobertura.

De resto, como foi visto, em especial no caso do *Wikinews*, há toda uma preocupação em manter padrões de imparcialidade e respeito a determinados valores. Existe também uma preocupação entre os repórteres leigos de checar, na medida do possível, as informações publicadas. Evidentemente, as capacidades desenvolvidas pelos colaboradores nos webjornais participativos dificilmente levarão muitos deles a competir em pé de igualdade com jornalistas profissionais. Mas isso não é um problema que deva levar ao desprezo desse tipo de atividade. O problema real é esperar do webjornalismo participativo a mesma qualidade do jornalismo profissional e o cumprimento das mesmas obrigações e funções sociais, quando na verdade seu papel é complementar. “Finalmente, também, deve-se lembrar que o objetivo do jornalismo aberto não é necessariamente substituir a mídia existente por inteiro, mas efetuar uma mudança na maneira como o jornalismo opera e as notícias são relatadas” (BRUNS, 2005, p.76)<sup>187</sup>. Em outras palavras, o papel do webjornalismo participativo é forçar os jornalistas profissionais a reconhecerem suas falhas e limitações e passarem a atender melhor às demandas de seu público. E, quando descobrirem pérolas em meio à informação produzida por uma multidão de repórteres leigos, dar-lhes o devido valor, retirá-las dos nichos em que se encontram e amplificar essas informações importantes para a totalidade da sociedade.

---

187 “Ultimately, too, it should be remembered that the aim of open news is not necessarily to replace existing media altogether, but to effect change in the way that journalism operates and news is reported.” Tradução livre.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADGHIRNI, Zélia Leal. **Informação online: jornalista ou produtor de conteúdos?** XXIV Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Campo Grande, 2001. Anais, Campo Grande, 2001.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUER, Martin; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BENETTI, Marcia. **Jornalismo e perspectivas de enunciação**: uma abordagem metodológica. In: Texto, n.14, jan./jun., 2006. Disponível em: <http://www.intexto.ufrgs.br>. Acesso: 13/01/2007.
- BENETTI, Marcia; SOSTER, Demétrio. **A velocidade e a precisão em tempos de webjornalismo**. XII Compós - Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação, 2003, Recife. *Anais...* Recife, 2003.
- BURGER, Marcelo Wanderley. **Centro de Mídia Independente**: ativismo político na Internet e ação direta nas ruas. Rio de Janeiro, 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- BLOOD, Rebecca. **Introduction**. In: We've got blog!: how weblogs are changing our culture. Cambridge: Perseus, 2002.
- BOND, Fraser. **Introdução ao jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1959.
- BRADY, Jim; LITTLE, Caroline. **Ten internet years**: a changed news industry. Washingtonpost.com, 20 jun. 2006. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/discussion/2006/06/20/DI2006062000444.html>. Último acesso em: 18/8/2006.
- BRAMBILLA, Ana Maria. **A reconfiguração do jornalismo através do modelo open source**. Sessões do Imaginário, Porto Alegre, n.13, p.87-94, setembro de 2005.

- \_\_\_\_\_. **Jornalismo open source**: discussão e experimentação do *OhmyNews International*. Porto Alegre, 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- BRECHT, Bertolt. **Teoria do Rádio**. In: MEDITSCH, Eduardo. Teorias do rádio: textos e contextos. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2005.
- BREED, Warren. **Controle social na redação**: uma análise funcional. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993.
- BRUNS, Axel. **Gatewatching**: collaborative online news production. Nova York: Peter Lang, 2005a.
- \_\_\_\_\_. **Wikinews**: the next generation of alternative online news? Association of Internet Researchers Conference 2005. Chicago, 2005. Anais..., 2005b. Disponível em: <http://eprints.qut.edu.au/archive/00002288/01/Wikinews.pdf>. Último acesso em: 15/3/2006.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CROSBIE, Vin. **Frustrated in Amherst**. *Rebuilding Media*, jun. 2006. Disponível em: [http://rebuildingmedia.corante.com/archives/2006/06/29/frustrated\\_in\\_amherst.php](http://rebuildingmedia.corante.com/archives/2006/06/29/frustrated_in_amherst.php). Último acesso em: 18/8/2006.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal**: uma releitura. São Paulo: Summus, 1986.
- EDMONDS, Rick. **As blogs and citizen journalism grows, where is the news?** *Poynter Online*, 14 nov. 2005. Disponível em: [http://www.poynter.org/content/content\\_view.asp?id=91391](http://www.poynter.org/content/content_view.asp?id=91391). Último acesso em: 18/8/2006.
- ENZENSBERGER, Hans M. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo: Ática, 1991.
- FORD, Tamara V.; GIL, Genève. **A Internet radical**. In: DOWNING, John D. H. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2002.
- FOSTER, Rusty. **The utter failure of weblogs as journalism**. *Kuro5hin*, 11/10/2001. Disponível em: <http://www.kuro5hin.org/story/2001/10/11/232538/32>. Último acesso em: 18/6/2006.
- GANS, Herbert. **Democracy and the news**. Nova York: Oxford, 2003.
- GHOSH, Rishab A. **FM interview with Linus Torvalds**: what motivates free software developers? *First Monday*, v.3, n.3, mar./1998. Disponível em: [http://www.firstmonday.org/issues/issue3\\_3/index.html](http://www.firstmonday.org/issues/issue3_3/index.html). Acesso: 28/01/2007.
- GILES, Jim. **Internet encyclopaedias go head to head**. *Nature*, 14/12/2005. Disponível em: <http://www.nature.com/news/2005/051212/full/438900a.html>. Último acesso em: 10/01/2007.
- GILLMOR, Dan. **We, the media**: grassroots journalism by the people, for the people. Sebastopol: O'Reilly, 2004.

- GLOBESCAN. **BBC/Reuters/Media Center Poll: Trust in the Media**. 2006. Disponível em: [http://www.globescan.com/news\\_archives/Trust\\_in\\_Media.pdf](http://www.globescan.com/news_archives/Trust_in_Media.pdf). Último acesso em: 10/8/2006.
- HAFNER, Kate. **Growing Wikipedia refines its “anyone can edit” policy**. New York Times, 17/6/2006.
- IBGE. **Pesquisa de informações básicas municipais – Gestão Pública 2005**. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=744&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=744&id_pagina=1). Último acesso em: 09/01/2007.
- JOHNSON, Steven. **Emergência: dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- KOLLOCK, Peter. **The economies of online cooperation: gifts and public goods in cyberspace**. In: KOLLOCK; SMITH. “Communities in cyberspace”. Londres: Routledge, 1999. Disponível em: <http://www.sscnet.ucla.edu/soc/faculty/kollock/papers/economies.htm>. Último acesso em: 15/8/2006.
- KRIPPENDORF, Klaus. **Content analysis: an introduction to its methodology**. Newbury Park: Sage, 1980.
- LAGE, Nilson. **A estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1993.
- LANDOW, George. **Hypertext 2.0: The convergence of contemporary theory and technology**. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1997.
- LASICA, J. D. **News that comes to you**. Online Journalism Review, 23 jan. 2003a. Disponível em: <http://www.ojr.org/ojr/lasica/1043362624.php>. Acesso: 12/02/2007.
- \_\_\_\_\_. **Random acts of journalism**. JD's New Media Musings, 12 mar. 2003b. Disponível em: [http://www.jdlasica.com/blog/archives/2003\\_03\\_12.html](http://www.jdlasica.com/blog/archives/2003_03_12.html). Último acesso em: 26/7/2006.
- LEAL FILHO, Laurindo Lalo. **De Bonner para Homer**. Observatório da Imprensa, 06/12/2005. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=358ASP010>. Acesso: 10/02/2007.
- LEMANN, Nicholas. **Amateur hour: journalism without journalists**. The New Yorker, 31 jul. 2006. Disponível em: [http://www.newyorker.com/fact/content/articles/060807fa\\_fact1](http://www.newyorker.com/fact/content/articles/060807fa_fact1). Último acesso em: 18/8/2006.
- LEMONS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina: 2002.
- LEONARD, Andrew. **Open source journalism**. Salon, 8 out. 1999. Disponível em: [http://www.salon.com/tech/log/1999/10/08/geek\\_journalism](http://www.salon.com/tech/log/1999/10/08/geek_journalism). Acesso: 10/02/2007.
- LESSIG, Lawrence. **The future of ideas: the fate of the commons in a connected world**. Nova York: Vintage Books, 2002.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

- MALLAVAL, Catherine. **Dominique Wolton: “Internet is not a media”**. Libération, 20/21 mar. 1999. Disponível em: <http://www.nettime.org/Lists-Archives/nettime-l-9908/msg00118.html>. Acesso: 20/02/2007.
- MARTINS, Beatriz Cintra. **Cooperação e controle: um estudo de caso do website Slashdot.org**. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 1997. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.html>. Último acesso em: 26/6/2006.
- MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo, mediação, poder: considerações sobre o óbvio surpreendente**. I SBPJor – Encontro da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Brasília, 2003. Anais, Brasília, 2003. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/moretzsohn-sylvia-jornalismo-mediacao.pdf>. Acesso: 15/09/2005.
- \_\_\_\_\_. **Sobre alguns mitos do “jornalismo cidadão”**. 4ª SBPJor – Encontro da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Porto Alegre, 2006. Anais, Porto Alegre, 2006.
- O’CONNOR, Rory. **Meet the new Time magazine**. Alternet, 11 out. 2006. Disponível em: <http://alternet.org/mediaculture/42877>. Acesso: 05/02/2007.
- O’REILLY, Tim. **What is Web 2.0?: Design patterns and business models for the next generation software**. O’Reilly.net, 30/09/2005. Disponível em: <http://www.oreillynet.com/lpt/a/6228>. Acesso: 10/08/2006.
- PALÁCIOS, Marcos. **Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória**. In: MACHADO, E., PALÁCIOS, M. Modelos de jornalismo digital. Salvador: Calandra, 2003.
- PARK, Robert. **A notícia como uma forma de conhecimento**. In: STEINBERG, Charles. Meios de comunicação de massa. São Paulo: Cultrix, 1972.
- PAUL, Nora. **“New News” retrospective: is online news reaching its potential?** Online Journalism Review, 24/03/2005. Disponível em: <http://www.ojr.org/ojr/stories/050324paul>. Acesso: 05/02/2007.
- PEW Internet & American Life Project. **Latest trends**. 26/4/2006a. Disponível em: <http://www.pewinternet.org/trends.asp#adoption>. Último acesso em: 09/01/2007.
- \_\_\_\_\_. **Bloggers: a portrait of the Internets new storytellers**. 19/7/2006. Disponível em: <http://www.pewinternet.org/pdfs/PIP%20Bloggers%20Report%20July%2019%202006.pdf>. Último acesso em: 09/1/2007.
- POWELL, Adam C. **NY Times Reporter Has Seen It All Before, and He's Still Pessimistic**. Online Journalism Review, 16 out. 2003. Disponível em: <http://www.ojr.org/ojr/technology/1066258791.php>. Último acesso: 18/8/2006.

- PRIMO, Alex. **Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador.** In: Intercom 2003 - XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte.
- \_\_\_\_\_. **Quão interativo é o hipertexto?** Da interface potencial à escrita coletiva. In: Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 11, 2002, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0.** In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Anais, 2006. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/pesquisa.html>. Acesso:
- PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo. **Webjornalismo participativo e a escrita coletiva de notícias.** Contracampo, Niterói, v.14, 1º semestre/2006. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf>. Último acesso em: 10/01/2007.
- PRIMO, Alex; SMANIOTTO, Ana Maria. **A conversação na blogosfera:** um estudo da comunidade de blogs *insanus*. Intercom 2005 - XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: [http://www.compos.org.br/e-compos/adm/documentos/abril2006\\_alex\\_ana.pdf](http://www.compos.org.br/e-compos/adm/documentos/abril2006_alex_ana.pdf). Último acesso em: 20/6/2006.
- QUANDT, Thorsten. **(No) news on the World Wide Web?:** a comparative content analysis of journalistic news sites in four European countries. Journalism Brazil Conference – thinking journalism across national boundaries, 2006, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre, 2006.
- RAMOS, Murilo C. **Leu um, leu todos!** Terra Magazine, 23/01/2007. Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1363151-EI6794,00.html>. Acesso: 23/01/2007.
- RAYMOND, Eric S. **The Cathedral and the Bazaar.** First Monday, v.3, n.3, mar.1998. Disponível em: [http://www.firstmonday.org/issues/issue3\\_3/index.html](http://www.firstmonday.org/issues/issue3_3/index.html). Acesso: 28/01/2007.
- RHEINGOLD, Howard. **Smart mobs: the next social revolution.** Cambridge: Basic Books, 2002.
- RICHARDSON, Roberto. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.
- RIGITANO, Maria Eugênia Cavalcanti. **Redes, TIC's e Ciberativismo:** uma análise do *Centro de Mídia Independente - Brasil*. Salvador, 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- RODRIGUES, Catarina. **Blogs e a fragmentação do espaço público.** Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2006. Disponível em: <http://www.labcom.ubi.pt/livros/labcom>. Acesso: 13/01/2007.
- RÜDIGER, Francisco. **Introdução às teorias da cibercultura:** perspectivas do pensamento tecnológico contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço:** o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.
- SANTOS, Francisco C. dos. **Peripécias de agosto:** alguns episódios da cena hacker. Fronteiras, São Leopoldo - RS, v. IV, n. 2, p. 79-101, 2002. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2002/textos2002.html>.



- SERRA, Sonia. **Relendo o "gatekeeper"**: notas sobre condicionantes no jornalismo. XIII Compós - Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2004. São Bernardo do Campo, 2004. Anais... São Bernardo do Campo, 2004. Disponível em:  
[http://www.facom.ufba.br/Pos/gtjornalismo/home\\_2004.htm](http://www.facom.ufba.br/Pos/gtjornalismo/home_2004.htm). Acesso em: 10/7/2005.
- SCHUDSON, Michael. **The sociology of news**. Nova York: Norton, 2003.
- SHERBLOM-WOODWARD, Blake. **Hackers, gamers and lamers: the use of l33t in the computer subculture**. Swarthmore, 2002. Dissertação (Mestrado em lingüística). Faculdade de Lingüística, University of Swarthmore, Swarthmore, 2002. Disponível em: <http://www.swarthmore.edu/SocSci/Linguistics/papers/2003/sherblom-woodward.pdf>. Último acesso em: 10/01/2007.
- SIFRY, Dave. **State of the blogosphere 2005, part 5: the A-list and the long tail**. Technorati Weblog, 10/08/2005. URL: <http://technorati.com/weblog/2005/08/39.html>. Acesso: 04/02/2007.
- SILVA, Juremir M. da. **A miséria do jornalismo brasileiro: as (in)certezas da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SILVA, Jan Alyne. **Dos fanzines aos weblogs: uma análise sobre as semelhanças e diferenças entre os dois suportes**. In: Intercom 2002 - XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002, Salvador. Anais... Salvador. Disponível em:  
<http://www.intercom.org.br/papers/2002/np08/NP8SILVA2.pdf>. Último acesso em: 21/3/2006.
- SOLOSKI, John. **O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico**. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1993.
- TRÄSEL, Marcelo. **Gatekeeping no jornalismo digital: o caso Wikinews**. III encontro da Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo, 2005, Florianópolis. Anais... Florianópolis, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Criador do Wikinews quer pagar colaboradores**. Blog do Limc, 15 fev. 2006. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/blog/arquivos/2006/02/index.html>. Último acesso em: 17/02/2007.
- VERBEAT. **Pesquisa Blogosfera Brasil**. Ago./2006. Disponível em:  
<http://www.verbeat.org/pesquisablogosferabrasil>. Acesso: 05/02/2007.
- WILLIAMS, Lisa. **If I Didn't Build it, They Wouldn't Come: Citizen Journalism is Discovered (Alive) in Watertown, MA**. Pressthink, 14 de novembro de 2005. Disponível em:  
[http://journalism.nyu.edu/pubzone/weblogs/pressthink/2005/11/14/lw\\_h2tn.html](http://journalism.nyu.edu/pubzone/weblogs/pressthink/2005/11/14/lw_h2tn.html). Último acesso: 10/3/2006.
- WHITE, David M. **O gatekeeper: uma análise de caso na selecção de notícias**. In: TRAQUINA, N. *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1993.
- WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ZELIZER, Barbie. **Taking journalism seriously: news and the academy**. Thousand Oaks: Sage, 2004.

## **APÊNDICE**

## **APÊNDICE A – Lista de webjornais participativos pré-selecionados**

**Boing Boing** - <http://boingboing.net>

**Centro de Mídia Independente** - <http://www.midiaindependente.org>

**Daily KOs** - <http://www.dailykos.com>

**FotoRepórter** - <http://www.estadao.com.br/fotoreporter>

**Gizmodo** - <http://gizmodo.com>

**H2OTown** - <http://h2otown.info>

**Indymedia** - <http://www.indymedia.org>

**Instapundit** - <http://www.instapundit.com>

**Jornal de Debates** - <http://www.jornaldedebates.com.br>

**Kuro5hin** - <http://www.kuro5hin.org>

**Metafilter** - <http://www.metafilter.com>

**Newsvine** - <http://www.newsvine.com>

**OhmyNews International** - <http://english.ohmynews.com>

**Overmundo** - <http://www.overmundo.com.br>

**Slashdot** - <http://slashdot.org>

**vc repórter** - <http://www.terra.com.br/vcreporter>

**Wikinews** - <http://en.wikinews.org>

**Wikinotícias** - <http://en.wikinews.org>

**APÊNDICE B – Lista de intervenções coletadas no *Wikinews***

**IW1**

\* (cur) (last) 19:28, 14 October 2006 DragonFire1024 (Talk | contribs) m (typo)

**IW2**

\* (cur) (last) 04:07, 15 October 2006 209.180.123.216 (Talk)

**IW3**

Good luck to Erie County with FEMA. The Battery Park vicinity in Richmond, VA was dealt the one-two punch of Tropical Storm Ernesto, followed a week later by a nor'easter, both of which dumped a bucketful of rain causing porperty damage... Assistance denied to Battery Park residents. -

Edbrown05 06:52, 15 October 2006 (UTC)

**IW4**

\* (cur) (last) 20:25, 15 October 2006 Quintessenceanx (Talk | contribs) m (→Related Wikinews)

**IW5**

\* (cur) (last) 20:28, 15 October 2006 Brianmc (Talk | contribs) (→Related Galleries - these are covered in ads and slow)

**IW6**

\* (cur) (last) 20:32, 15 October 2006 Quintessenceanx (Talk | contribs) m (→Related Wikinews)

**IW7**

I will be having more pictures but have to upload them to computer then to Wikinews. Can the date be bumped when I do and can breaking stay until the likelihood that images stop being taken. Thoughts? Jason Safoutin 20:42, 15 October 2006 (UTC)

**IW8**

\* (cur) (last) 20:48, 15 October 2006 DragonFire1024 (Talk | contribs) (removed related galleries...ads are bad...and plus given OR I think its a bad idea)

**IW9**

zThe related galleries were removed because of ads and becuase I think that advertising exclusive work from others not affiliated with Wikinews is somewhat copyvio. This is a Wikinews article and if the people/copyright holders with the other photos want them on here, then feel free to upload them to Wikinews :) Jason Safoutin 20:49, 15 October 2006 (UTC)

**IW10**

\* (cur) (last) 21:27, 15 October 2006 DragonFire1024 (Talk | contribs) (date bump as more images are going to be added soon)

**IW11**

\* (cur) (last) 21:51, 15 October 2006 DragonFire1024 (Talk | contribs) (update story to add images)

**IW12**

\* (cur) (last) 21:52, 15 October 2006 DragonFire1024 (Talk | contribs)

**IW13**

\* (cur) (last) 21:54, 15 October 2006 DragonFire1024 (Talk | contribs) (→Federal aid immediately available)

**IW14**

\* (cur) (last) 21:54, 15 October 2006 DragonFire1024 (Talk | contribs) (section)

**IW15**

\* (cur) (last) 21:59, 15 October 2006 DragonFire1024 (Talk | contribs) (update)

**IW16**

Most of the observations in Delaware Park were made by myself and by images I caught of the park. I also watched the news conference this afternoon with National grid.

**IW17**

\* (cur) (last) 22:42, 15 October 2006 DragonFire1024 (Talk | contribs) (→Gallery - added images)

**IW18**

\* (cur) (last) 02:17, 16 October 2006 Quintessenceanx (Talk | contribs) m (→Gallery)

**IW19**

\* (cur) (last) 07:02, 16 October 2006 Edbrown05 (Talk | contribs) (remove Table of Contents)

**IW20**

\* (cur) (last) 07:05, 16 October 2006 Edbrown05 (Talk | contribs) m (→Federal aid immediately available - tweak pointer)

**IW21**

\* (cur) (last) 01:04, 17 October 2006 202.180.121.160 (Talk) (→Federal aid immediately available - - sp)

**IW22**

Well, the way I see it, when you write an article, that's what it is, however, breaking had 'ought to stay until your pictures are complete. Thunderhead(talk) 00:13, 17 October 2006 (UTC)

**IW23**

\* (cur) (last) 16:41, 17 October 2006 Holek (Talk | contribs) m (it is not breaking (not today ;)))

**IW24**

\* (cur) (last) 05:46, 23 October 2006 Nzgabriel (Talk | contribs) (related news)

**IW25**

\* (cur) (last) 05:48, 23 October 2006 Nzgabriel (Talk | contribs) (another fix up)

**IW26**

\* (cur) (last) 05:48, 23 October 2006 Brian New Zealand (Talk | contribs) m (→Related news - use template)

**IW27**

\* (cur) (last) 05:50, 23 October 2006 Brian New Zealand (Talk | contribs) m (sp)

**IW28**

\* (cur) (last) 17:43, 23 October 2006 NorkNork (Talk | contribs) m

**IW29**

\* (cur) (last) 07:29, 31 October 2006 24.68.25.36 (Talk) (→Australian workers get minimum wage increase)

**IW30**

\* (cur) (last) 01:18, 9 November 2006 150.203.2.85 (Talk) (grammar)

**IW31**

\* (cur) (last) 02:48, 9 November 2006 125.236.178.115 (Talk) (fix quote)

**IW32**

\* (cur) (last) 08:28, 10 November 2006 Derbeth (Talk | contribs) (→Sources - read Wikinews:Water cooler/technical#Sources section)

**IW33**

# (cur) (last) 02:25, 16 November 2006 FellowWikiNews (Talk | contribs) m

**IW34**

# (cur) (last) 02:27, 16 November 2006 FellowWikiNews (Talk | contribs) m (typo)

**IW35**

# (cur) (last) 05:15, 16 November 2006 203.87.90.46 (Talk)

**IW36**

# (cur) (last) 23:10, 16 November 2006 Wintergreen (Talk | contribs)



**IW37**

# (cur) (last) 02:56, 17 November 2006 FellowWikiNews (Talk | contribs)

**IW38**

# (cur) (last) 03:57, 17 November 2006 24.81.71.174 (Talk)

**IW39**

# 18:39, 17 November 2006 FellowWikiNews (Talk | contribs) m (rmv breaking)

**IW40**

\* (cur) (last) 07:42, 24 November 2006 Nzgabriel (Talk | contribs) (finished)

**IW41**

\* (cur) (last) 06:43, 1 December 2006 Edbrown05 (Talk | contribs)

**IW42**

\* (cur) (last) 06:45, 1 December 2006 Edbrown05 (Talk | contribs)

**IW43**

\* (cur) (last) 06:46, 1 December 2006 Edbrown05 (Talk | contribs) m (Great white sharks will be protected in New Zealand from 2007 moved to Great white sharks to be protected in New Zealand)

**IW44**

\* (cur) (last) 16:04, 1 December 2006 Doldrums (Talk | contribs) (→Sources - +cat)

**IW45**

\* (cur) (last) 18:29, 1 December 2006 Towsonu2003 (Talk | contribs) (add pic)

**IW46**

\* (cur) (last) 23:17, 1 December 2006 Nzgabriel (Talk | contribs) (fix up first para)

**APÊNDICE C – Lista de intervenções coletadas no *Kuro5hin***

**IK1**

Deleted scenes from this story, a K5 first (none / 0) (#1)

by MotorMachineMercenary on Tue Oct 24, 2006 at 09:18:27 PM EST

here!

--

"My mental image of you is Wyatt's brother Chet in Weird Science."

- zHHD

**IK2**

We are in the renaissance of television. (none / 0) (#2)

by Psycho Dave on Tue Oct 24, 2006 at 09:38:29 PM EST

In a few cases, I'd say that television is beginning to rival cinema in the high art category. Even a movie as well made as *The Departed* seems like bubblegum in comparison to a series like *The Wire*.

In a purely literary analogy, cinema is the equivalent of a short story where a serial television show is like a novel. The characters in TV shows can evolve over the course of a run in ways that a movie character cannot over the course of two hours.

That said, I still think that TV is hampered by too many artistic limitations due to the FCC and arbitrary market considerations. Given some room to develop, I think something like *Firefly* would have evolved into a huge hit (just look at the cult following it has gained from a mere 13 episodes and one movie.) Of course, I didn't watch it when it first aired, but DVD is lowering the barrier for entry considerably.

HBO churns out some challenging series, but there could be so much more. Networks could take off in producing adult (by which I don't mean pornographic) programming, but we would have to muzzle the vocal minority of groups who shit their pants at a flash of Janet Jackson's titty.

**IK3**

you mean the fall of tv serials (none / 0) (#3)

by circletimesquare on Tue Oct 24, 2006 at 09:48:20 PM EST

<http://www.sfgate.com/cgi-bin/article.cgi?f=/c/a/2006/10/23/DDGKOLSPOK1.DTL>

nbc plans on getting rid of scripted shows

why? too expensive

so it's all reality tv, game shows, and news for us in the future, to save money

I'm making a Low Budget HDV Filipino Horror Movie in NYC

[ Reply to This | ]

#### **IK4**

Ah haa haa NBC lol (none / 0) (#4)

by MotorMachineMercenary on Tue Oct 24, 2006 at 09:53:47 PM EST

Come on, don't compare present-day NBC with others.

In any case, this is a real concern with other channels also, the success of 24 and Lost is sure to result in executive need to find more of the same: original concepts and good writers and creators. A serial doesn't have to be expensive and high production values can be achieved with a modest budget - just look at The Shield.

--

"My mental image of you is Wyatt's brother Chet in Weird Science."

- zHHD

#### **IK5**

Lost and 25 (none / 0) (#5)

by debacle on Tue Oct 24, 2006 at 09:58:55 PM EST

Are not original concepts. They're rehashed cliches that have been really, really drawn out.

It tastes sweet.

#### **IK6**

This is indeed a huge problem (none / 0) (#6)

by MotorMachineMercenary on Tue Oct 24, 2006 at 10:03:27 PM EST

And I was planning to touch more on this but decided to put it in deleted scenes as it started to veer off course.

Syndication is the main culprit here. As you said, HBO produces excellent stuff which is unsuited for syndication. Same with my favorite, The Shield on FX Networks, another cable channel. There's no way such a racially sensitive, abhorrently real and ugly series would survive the Bible Belt boycotts.

But as most things these days, niche-ism is becoming more and more attainable. Lower cost of producing a series results in lower threshold to greenlight one. And the fragmented consumer groups mean there's a niche for the trekkies, the cop-fans and many others.

I think the widescale internet distribution of "TV" series will result in an influx of niche series (and serials) which won't be as slick as 24 but more appealing to the varied and jaded tastes of the modern TV-watcher.

--

"My mental image of you is Wyatt's brother Chet in Weird Science."

- zHHD

**IK7**

Yes they are (3.00 / 2) (#7)

by MotorMachineMercenary on Tue Oct 24, 2006 at 10:12:16 PM EST

Why is it that every time someone admits to watching a wildly popular series there's some snob who snubs the series based on some triviality, not on the (de)merits of the series itself?

Everything has been done one or more times in entertainment by now. Everything is a rehash. The modern stories we fall in love again are the same Greek tragedies retold.

While 24 might not be an original concepts by your definition, it is original in that it is taking the concept of Hitchcock's The Rope and others to its natural extreme, and has gained widespread approval. And I challenge you to call the concept of 24 a cliché; there aren't that many movies/series based on that premise.

And what are parallel series/movies to Lost? Please don't say Gilligan's Island or anything to do with a guy named "Friday."

--

"My mental image of you is Wyatt's brother Chet in Weird Science."

- zHHD

**IK8**

dude, read the article (none / 0) (#8)

by circletimessquare on Tue Oct 24, 2006 at 10:16:04 PM EST

they talk about abc doing the same thing

I'm making a Low Budget HDV Filipino Horror Movie in NYC

**IK9**

hey moron: NOTHING is original nt (none / 0) (#9)

by circletimessquare on Tue Oct 24, 2006 at 10:17:01 PM EST

I'm making a Low Budget HDV Filipino Horror Movie in NYC

**IK10**

Well (none / 0) (#10)

by MotorMachineMercenary on Tue Oct 24, 2006 at 10:40:19 PM EST

maybe so, but my point remains. Besides, this kind of neglect for the intelligence of the viewer will hopefully result in another backlash.

Or maybe people will just feed on the feces.

--

"My mental image of you is Wyatt's brother Chet in Weird Science."

- zHHD

**IK11**

tv is dying (none / 0) (#11)

by circletimesquare on Tue Oct 24, 2006 at 11:05:04 PM EST

youtube is the new boobtube

and when i say tv is dying, it will of course never be dead

but don't expect tv to ever approach its glory days ever again

just like radio lost "only the shadow knows" and that "war of the worlds" sensation and similar cultural vitality when tv came along, so it now goes with tv: still used, but as a dreary also ran, like radio

I'm making a Low Budget HDV Filipino Horror Movie in NYC

**IK12**

Bah (none / 1) (#12)

by QuantumFoam on Tue Oct 24, 2006 at 11:13:05 PM EST

Television is dead. Arrested Development, the funniest, most intelligent comedy I have ever seen, was canceled for Skating with Celebrities. This show was flawless. Anyone who hasn't seen it would do well to rent, Netflix, download, or buy the DVDs. Abslo-fucking-lutely brillaint.

[The FCC] Already has the power to protect people from hate.

They will come here. They have to.

-madhax

**IK13**

Funnier than Mencia? /nt (1.00 / 2) (#13)

by MotorMachineMercenary on Tue Oct 24, 2006 at 11:23:30 PM EST

--

"My mental image of you is Wyatt's brother Chet in Weird Science."

- zHHD

#### **IK14**

I agree completely (none / 1) (#14)

by MotorMachineMercenary on Tue Oct 24, 2006 at 11:25:24 PM EST

Internet distribution is the next breakthrough in "TV" (and movie) distribution and it will change the industry entirely. Whether Hollywood retains its deathgrip on our entertainment remains to be seen, but I'm sure there'll be much more variety in the future, although 99% of it will be shit. Just like always.

--

"My mental image of you is Wyatt's brother Chet in Weird Science."

- zHHD

#### **IK15**

hey moron: They've been saying that for (none / 0) (#15)

by debacle on Tue Oct 24, 2006 at 11:32:48 PM EST

Hundreds of years.

Humans are always caught up in the past.

It tastes sweet.

#### **IK16**

Who said TV is dying? (none / 0) (#16)

by United Fools on Tue Oct 24, 2006 at 11:46:23 PM EST

Our members watch TV more than any other activity. We cannot imagine without TV what our lives would be like. The ratings may not show it, but we can confirm the TV is alive!

Fools: the source of your inspiration!



**IK17**

TV viewing is down. Period. /nt (none / 0) (#17)

by MotorMachineMercenary on Tue Oct 24, 2006 at 11:49:27 PM EST

--

"My mental image of you is Wyatt's brother Chet in Weird Science."

- zHHD

**IK18**

Funnier than Mencia: (3.00 / 2) (#18)

by rpresser on Tue Oct 24, 2006 at 11:54:22 PM EST

\* Visiting my mother's grave in the cemetery this past September, in the rain, to find mud all around it despite paying out the wazoo for "Perpetual Care" is funnier than Mencia.

\* Compiling statistics on the use of various punctuation marks within the comments of K5 is funnier than Mencia.

\* The JDF specification documents are inherently funnier than every single word that Mencia has ever uttered.

I should have a capper line here, but I'm too unmotivated.

**IK19**

I guess that means AD sucks ass /nt (none / 0) (#19)

by MotorMachineMercenary on Tue Oct 24, 2006 at 11:57:14 PM EST

--

"My mental image of you is Wyatt's brother Chet in Weird Science."

- zHHD

**IK20**

The Old New Thing (none / 0) (#20)

by rpresser on Wed Oct 25, 2006 at 12:00:14 AM EST

<http://www.pbs.org/cringely/pulpit/pulpit20061013.html>

Can you really see yourself sitting down to watch YouTube for 30 hours a week? OK, maybe not a sane person. But can you imagine an average TV viewer, who does indeed spend that much time in front of the tube, doing so?

-----

A blank is ya know, like, a tab or a space. A name is like wow! a sequence of ASCII letters, oh, baby, digits, like, or underscores, fer shure, beginnin' with a letter or an underscore.

**IK21**

The acme of TV writing (none / 0) (#21)

by rpresser on Wed Oct 25, 2006 at 12:02:29 AM EST

is to be found in the I Love Lucy show.

-----

A blank is ya know, like, a tab or a space. A name is like wow! a sequence of ASCII letters, oh, baby, digits, like, or underscores, fer shure, beginnin' with a letter or an underscore.

**IK22**

God save us from youtube future (none / 0) (#22)

by MotorMachineMercenary on Wed Oct 25, 2006 at 12:15:48 AM EST

That's not what I'm saying. I'm saying that even the big production companies will move to internet distribution via iTunes or whatever MS retaliates with or some upstart. We will get the same series on our computer but there will be more of them (produced with less money). But they will certainly have higher production values than youtube shite.

It'll take a while for iTunes video distribution to reach reallllly mainstream. But Xbox 360's marketplace or whatever it's called and/or the eventual move to fully digital TV (soon even in the US!) might be one potential ways for it to reach even the less tech-savvy people.

--

"My mental image of you is Wyatt's brother Chet in Weird Science."

- zHHD

**IK23**

yes, nothing is original (none / 0) (#23)

by circletimesquare on Wed Oct 25, 2006 at 12:23:41 AM EST

including saying "nothing is original"

you have a point asswipe?

I'm making a Low Budget HDV Filipino Horror Movie in NYC

**IK24**

Yeah (none / 1) (#24)

by debacle on Wed Oct 25, 2006 at 12:27:21 AM EST

It's six inches in your rectum and throbbing.

It tastes sweet.

**IK25**

sorry, this isn't a dating site nt (none / 0) (#25)

by circletimesquare on Wed Oct 25, 2006 at 01:12:59 AM EST

I'm making a Low Budget HDV Filipino Horror Movie in NYC

**IK26**

OnDemand is the way of the future. (none / 0) (#26)

by Psycho Dave on Wed Oct 25, 2006 at 02:33:36 AM EST

I've got it on my Comcast Digital Cable and I love it. The sooner networks can start putting more shows on there, the better.

I primarily use it for HBO. Since they post past episodes of their shows on OnDemand, I was able to catch up on every episode of The Sopranos, finally got to see the third season of The Wire before it got released on DVD, and got sucked into Entourage. I never watched any of these shows during their

opening runs, but as a result of offering these, I'm now a fan of all three.

Of course, HBO's business model is much different than the standard broadcast one, which is there to sell you to advertisers rather than keep you as a subscriber. The invention of DVRs and the ability to fast forward through commercials makes them justifiably nervous.

I think there's a way around it all. For shows that require advertising, disable the fast forward button. You can still rewind or pause the show, but you can't skip through it. You'll just have to use it as an opportunity to go to the bathroom like it was in the good old days.

Plus, by switching to an on demand broadcast model, you can increase the number of people who watch the different shows. With a relatively small number of time slots, competition is fierce on the network schedules. You can watch Lost or you can watch Veronica Mars, but not both. And on demand model would reduce competition, but increase viewership of both and make niche shows more viable.

#### **IK27**

YES (none / 0) (#27)

by jnana on Wed Oct 25, 2006 at 07:24:38 AM EST

Agreed! Arrested Development was one of the best shows I've ever seen.

I rank it up there with the Fawlty Towers (my previous all-time comedy favorite) and Babylon 5 (my all-time sci-fi favorite), and Arrested Development takes the Gold medal of the 3.

I wonder how it would have fared if it started on HBO originally? That it was cancelled so early is the greatest tv tragedy that I can remember.

--

Students for Orwell: because 2006 is 22 years too late!

#### **IK28**

Editorial: I'm sure there is a potential for an article there (none / 0) (#28)

by Zombie Abu Musab al Zaraqawi on Wed Oct 25, 2006 at 07:48:25 AM EST

But this is just a few statements of opinion. Besides, every soap ever, even crap like Dynasty, have been serials. It's not a measure of quality. Your article isn't interesting, and doesn't even work as a troll.

OK, the potentially interesting subject trolled me into reading it, so I'll give it 1/10 for trollery, and a -1 for the actual text.

**IK29**

MORE MEAT... (none / 0) (#29)

by mirleid on Wed Oct 25, 2006 at 09:44:33 AM EST

...and I'm not referring to any dumb zombie serial...I think that the article shows promise, but it is a bit undeveloped...Maybe you should talk about what stuff like "Six Feet Under" did for the intelligent TV viewer, and maybe comment on the part played by mini-series like "Band of Brothers"...

Of course, if you're feeling really adventurous, you might want to venture into stuff like "Danger: UXB" (a series, according to your definition, and a really old one at that), "Space: 1999" (an "episodical") and "Reilly"...Basically, what I am trying to say is that the current craze for the "intelligent serial as a hip new thing" can be traced back to the BBC series of the late seventies and eighties (as in, they've been doing it for ages)...

Chickens don't give milk

**IK30**

Apart from BoB (none / 0) (#30)

by MotorMachineMercenary on Wed Oct 25, 2006 at 10:14:54 AM EST

I haven't seen any of the series you mention. Although we got quite a few BBC/UK series in Finland when I lived there, I only watched the episodic ones (Bergerac, Robin Hood).

I state as much as that a serial is not a new thing, and that soaps have been doing it for ages (re: zombie's editorial comment). It's just that they have become much more popular as at least two (24 and Lost) command top advertising dollar and as much mindshare as the most popular episodic series.

I tried to keep the story short and solid to encourage people to start discussion, and not to look for holes in my thesis. I'd be interested to hear in your opinions on how BoB and especially Six Feet Under affected TV.

--

"My mental image of you is Wyatt's brother Chet in Weird Science."

- zHHD

**IK31**

Editorial: I hope you're trolling, otherwise you're a moron € (none / 0) (#31)  
by MotorMachineMercenary on Wed Oct 25, 2006 at 10:17:52 AM EST

--

"My mental image of you is Wyatt's brother Chet in Weird Science."  
- zHHD

**IK32**

I disagree (none / 0) (#32)  
by MotorMachineMercenary on Wed Oct 25, 2006 at 10:26:10 AM EST

The time of the commercial is largely gone. I'm sure we'll have some commercials but product placement and other more surreptitious advertising will become more and more necessary. Of course, if MS Vista really takes off we might be stuck with whatever DRM comes up and your nightmare scenario might play out.

Also, the advent of digital will mean there'll be many more channels available. I don't know what the schedule in the States is, but Finland will move to full digital in a year (that means no analog broadcasting whatsoever in a year). And although executives are promising "digital HDTV quality" what it really means is that the bandwidth which could be used to push one channel of true 1080p HDTV high quality video with 5.1 audio will be split into five channels 1080i video full with compression artifacts and it'll look like ass.

In other words, the rise of digital channels enables distributors to split their channels into more, having more reruns and creating an almost on-demand marketplace. Hopefully we don't have to wait for DVD to get the full HDTV quality, though (iTunes? OnDemand you mention?).

--

"My mental image of you is Wyatt's brother Chet in Weird Science."  
- zHHD

**IK33**

Editorial: No, it really is a piss poor article (none / 0) (#33)  
by Zombie Abu Musab al Zarqawi on Wed Oct 25, 2006 at 11:47:30 AM EST

And I think you could do a lot better if you weren't on steroids.

**IK34**

Editorial: front page is boring so +1 FP (none / 0) (#34)

by khallow on Wed Oct 25, 2006 at 11:53:10 AM EST

This appears to be the best article around so +1 FP when it comes up for voting.

Stating the obvious since 1969.

**IK35**

I would watch TV, but I always forget (none / 0) (#35)

by Egil Skallagrimson on Wed Oct 25, 2006 at 12:26:10 PM EST

when the shows are on and won't bother to look them up.

-----

'Egil had supernatural size and strength, reputedly because he had "troll blood". It's a clever name for a K5 troll.' - mr.strange

**IK36**

Editorial: This seems more appropriate for a diary entry \$ (none / 0) (#1)

by Eric Wayne on Sat Nov 18, 2006 at 07:12:51 AM EST

**IK37**

Editorial: Great. You've posted your essay plan. (none / 0) (#2)

by Sir Digby Chicken Caesar on Sat Nov 18, 2006 at 07:20:21 AM EST

Now if you'd just post the rest of it I'd be able to say whether I like it or not.

**IK38**

You missed something (none / 1) (#3)

by QuantumFoam on Sat Nov 18, 2006 at 08:02:12 AM EST

Iran, as a Nuclear Nonproliferation Treaty signatory, is entitled to nuclear power. The US just passed an agreement allowing the transfer of nuclear technology to India, a country that hasn't signed the pact, so giving India the tech and forbidding Iran to develop it is hypocritical as hell.

However, you miss the fact that if Iran does develop nuclear materials that are used against Israel, it will likely not openly attack but will hand the materials off to some third party like Hezbollah. Hezbollah will use them and Iran will be able to deny involvement.

[The FCC] Already has the power to protect people from hate.

They will come here. They have to.

-madhax

**IK39**

Iran: Marital Facks (none / 0) (#4)

by jangledjitters on Sat Nov 18, 2006 at 08:48:00 AM EST

- \* Iran has fully developed women
- \* Iran has the capability to further develop their women's breasts
- \* Iranian women's tits are actively supported by push up bras and other NUKULAR devices.
- \* Many nations, among them Russia and China, strive to limit the size of Iranian women's breasts (at the current time disproportionally LARGE) in order to prevent infanticide by drowning.
- \* The U.N. is a meetup joint to ensure that other nations can feel up Iranian women determin if the above facks are true. At the current time it is not a place to touch Iranian men's junk liberally. (TEH GHEYS GO SOMEWHERE ELSE.)
- \* Israeli women has smaller breastes.
- \* If Iranian women gain even larger brestes, the the USA and Europe will make it abundantly clear that it was the result of BREASTES ENLARGEMENTS. Israeli women attack with smaller ones and muh dick.

Discuss...you know ... muh dick an' stuff...

"A fool's brain digests philosophy into folly, science into superstition, and art into pedantry. Hence University education." - George Bernard Shaw

[ Reply to This | ]



**IK40**

They'll deny involvement (none / 0) (#5)

by speek on Sat Nov 18, 2006 at 08:49:40 AM EST

... about as successfully as they deny the holocaust.

--

al queda is kicking themsleves for not knowing about the levees

**IK41**

Well, (none / 0) (#6)

by QuantumFoam on Sat Nov 18, 2006 at 09:01:01 AM EST

Plutonium is plutonium and uranium is uranium, the atoms don't have little "made in Iran" markers. So when some suicide bomber with a pound of Pu stuffed up his ass detonates himself somewhere in Israel the Western world can accuse Iran all it wants, but it won't be able to prove conclusively (as in justifying reprisals) that it was from Iran and not North Korea or the Russian black market.

[The FCC] Already has the power to protect people from hate.

They will come here. They have to.

-madhax

**IK42**

Editorial: None of those was a military fact. (none / 0) (#7)

by Gloria Privatus on Sat Nov 18, 2006 at 09:10:57 AM EST

Fix it.

--

Blaine, Blaine, James G. Blaine, The Continental Liar from the State of Maine.

**IK43**

Nobodys going to waste time (none / 0) (#8)

by thejeff on Sat Nov 18, 2006 at 09:26:22 AM EST

Analyzing traces to figure out where the bomb came from. If a nuke goes off in Israel, missiles will fly towards Iran. Because they will be the nuclear power that has the motivation to strike at Israel. They have the influence on the terrorist groups fighting Israel.

Just like if one goes off in India, India will strike Pakistan.

This will get more complicated when more Middle Eastern countries get nukes, but for the foreseeable future the equation is simple.

**IK44**

Very true -NT (none / 0) (#9)

by QuantumFoam on Sat Nov 18, 2006 at 09:33:36 AM EST

[The FCC] Already has the power to protect people from hate.

They will come here. They have to.

-madhax

**IK45**

COUNTRIES ARE PEOPLE?!?!?! (none / 0) (#10)

by Hung Three on Sat Nov 18, 2006 at 09:39:32 AM EST

COUNTRY A WANTS THIS COUNTRY B WANTS THAT LOL FUCK OFF AND DIE YOU STUPID COUNTRYIST

-1

**IK46**

Iran: Military Fax (none / 0) (#11)

by j1mmy on Sat Nov 18, 2006 at 09:39:54 AM EST

- \* Press 9 to get an outside line
- \* Press pause
- \* Press 1, followed by the phone number and area code
- \* Place pages face down in the tray
- \* Press start.
- \* Wait for the pages to be sent.
- \* A report will be printed when the fax is complete.
- \* For help, call Mustafa at x31337

fine art

**IK47**

You miss the real problems (none / 0) (#12)

by BerntB on Sat Nov 18, 2006 at 10:13:31 AM EST

How will the Arab countries which feel threatened by Iran react? Answer -- get nuclear weapons.

It is the basic problem with nuclear proliferation... if a country gets nuclear weapons, its safety will be increased. But if a few more countries get nuclear weapons -- then all countries get motivation to get nuclear weapons. In the end, all countries' safety is decreased.

As a second problem -- I've seen the argument that the priests in Iran aren't crazy. The arguments sounds reasonable, but I have no idea about the next generation of priests. Neither do you. (Like any dictator, present or modern. One might be good -- but the next might be a Nero/Stalin. Or the good dictator might get a mental disease.)

For a third problem -- with nuclear weapons, the priests of Iran will be so safe that it'll take decades longer for real democracy to be established (where the priests doesn't choose who can be elected).

To sum up:

A democracy with nukes is bad enough. I frankly get very nervous when a theocracy or crazy dictator gets nuclear weapons. It is interesting that you think industrialized theocracies are dependable. It do make for an uncommon opinion, which needs support more than that Russia/China happily sells support to them -- it only means they don't think they'll be the targets...

**IK48**

you're forgetting something (none / 0) (#13)

by circletimesquare on Sat Nov 18, 2006 at 10:16:05 AM EST

Iran is a theocracy

no, dear propagandized fools, not a theocracy because "bush is teh stupid and bush is teh hitler and bush talks to teh god"

a theocracy because, get this, THAT'S WHAT IS ACTUALLY WRITTEN IN THE FUCKING CONSTITUTION

#### Chapter I General Principles

##### Article 1 [Form of Government]

The form of government of Iran is that of an Islamic Republic, endorsed by the people of Iran on the basis of their longstanding belief in the sovereignty of truth and Koranic justice, in the referendum of 29 and 30 March 1979, through the affirmative vote of a majority of 98.2% of eligible voters, held after the victorious Islamic Revolution led by Imam Khomeini.

##### Article 2 [Foundational Principles]

The Islamic Republic is a system based on belief in:

1. the One God (as stated in the phrase "There is no god except Allah"), His exclusive sovereignty and right to legislate, and the necessity of submission to His commands; 2) Divine revelation and its fundamental role in setting forth the laws;

3. the return to God in the Hereafter, and the constructive role of this belief in the course of man's ascent towards God;

4. the justice of God in creation and legislation;

5. continuous leadership and perpetual guidance, and its fundamental role in ensuring the uninterrupted process of the revolution of Islam; 6) the exalted dignity and value of man, and his freedom coupled with responsibility before God; in which equity, justice, political, economic, social, and cultural independence, and national solidarity are secured by recourse to: a) continuous leadership of the holy persons, possessing necessary qualifications, exercised on the basis of the Koran and the Sunnah, upon all of whom be peace;

nah... nothing to worry about there right?

relax, a theocracy with nukes... nothing to get excited about, right?

take these 2 statements:

"OMFG! bush talks to god! that's stupid and irresponsible! run for your lives!"

"iran an actual theocracy, where all authority flows through some grumpy old men who say they know what god's will is and actually, as legally written down, control the government... no big deal"

nothing contradictory there, right?

let's put it this way: if bush say nuke tehran, he has checks and balances on his powers and he can be overruled... LEGALLY. if ahmacrazyguy says don't nuke washington dc, HE can be overruled by some old guy in a robe whose job it is to interpret the will of god... LEGALLY

nah... nothing wrong with letting a country like that have nukes, right?

because we, us intelligent rational western elite, we fucking freak out because bush talks to god, but an actual stated real theocracy with nukes? just makes us yawn

yeah, we're really smart and clever that way

I'm making a Low Budget HDV Filipino Horror Movie in NYC

#### **IK49**

Theocracy is your hangup, not mine. (none / 0) (#14)

by thejeff on Sat Nov 18, 2006 at 10:51:23 AM EST

Iran's a theocracy, Saudi Arabia's a monarchy and Pakistan's a dictatorship.

I don't really care what form of authoritarian government they have. In many ways Iran's actually better than many of our allies in the region. Sure, the "grumpy old men" do limit who can run, but the people still have more voice than in Pakistan or Saudi Arabia or Jordan or Kuwait or ...

Why does it being a theocracy make it so much worse?

This smells to me like the old cold war theory that communist dictatorships were horrible, but right-wing dictatorships were just fine.

**IK50**

did i say there was any good kind of theocracy? nt (none / 0) (#15)  
by circletimesquare on Sat Nov 18, 2006 at 10:55:18 AM EST

I'm making a Low Budget HDV Filipino Horror Movie in NYC

**IK51**

Overruled? (none / 0) (#16)  
by thejeff on Sat Nov 18, 2006 at 10:57:19 AM EST

If Bush wanted to nuke Tehran, he could. As CinC, he could order a launch, and unless the military controlling the launch actually mutineed, the missiles would fly.

Our checks and balances on this might lead to him being impeached after the fact, after the process ground it way through Congress, depending on the political calculations of each party. Maybe 6 months or so.

**IK52**

I'll be (none / 0) (#1)  
by ljazbec on Sun Dec 03, 2006 at 07:54:00 AM EST

seeing you in Guantanamo, brother.

**IK53**

Editorial: careful there, d00d (none / 0) (#2)  
by ksandstr on Sun Dec 03, 2006 at 08:42:08 AM EST

best not use so many capital letters. everyone knows "they" can't catch you if you write your title in all lower case.

**IK54**

Editorial: be kind to the crippleds, man (none / 0) (#3)

by nostalgiphile on Sun Dec 03, 2006 at 09:06:43 AM EST

he has a rare nerve disorder that makes him type one-handed, thereby making certain shift+letter combos difficult...A glance at my own keyboard indicates that capital-y's and h's would be esp. challenging for the mono-dexterous.

"Politics is the art of preventing people from taking part in affairs which properly concern them."

-- Paul Valery

**IK55**

Why we should care about Litvinenko (none / 0) (#4)

by megid on Sun Dec 03, 2006 at 09:22:09 AM EST

Because he is a valuable propaganda tool against Putin, who controls far too many resources that our industry depends on, so he has to be kept at bay. Who killed him? Who knows. In any case, first being poisoned and then telling horror stories about the russian government it just what our public influence groups need. Besides, it makes a good story!

In any case, wikipedia helps...

<http://en.wikipedia.org/wiki/Litvinenko>

--

"think first, write second, speak third."

**IK56**

Editorial: Then (none / 0) (#5)

by ljazbec on Sun Dec 03, 2006 at 09:35:51 AM EST

one can use the caps lock key. Although that would be tempting to be misused, but most of us are mightier than FEEEEKLAR in that respect.

**IK57**

It does (none / 0) (#6)

by Ijazbec on Sun Dec 03, 2006 at 09:38:58 AM EST

seem rather interesting that Putin opposes punitive measures against Iran and North Korea while his own country is full of violent skinheads, mafia murders, corrupt and sadistic soldiers, etc. Not to mention the freedom of speech that seems to bother him so much.

Although a Russian friend of mine supports his 'tighter' control on the basis that Russians need that kind of stuff, they need the man with the iron fist and two faces.

**IK58**

Editorial: Written slightly differently this might make a (none / 0) (#7)

by 1419 on Sun Dec 03, 2006 at 09:40:18 AM EST

great story.

I would add some links to your arguments, or else develop them better.

Give us more reasons for your conclusions ("We should not care because...").

I think articles about the Litvenko case need to be written.

Good work!

--

AFSP: American Foundation for Suicide Prevention

**IK59**

Editorial: I can't claim to mourn Litvinenko's passing (none / 0) (#8)

by Sir Digby Chicken Caesar on Sun Dec 03, 2006 at 09:55:33 AM EST

and don't think that's really the issue. The issue is 'did the Russian government sanction this conspicuous murder?' and what really intrigues me are the possibilities for Anglo-Russian relations. I'm of the opinion that what may be happening now, in front me in the media, is an equally conspicuous freely flowing release of information to the public.

We've had every little twist and nuance of the investigation presented to us - the consequences of



someone importing the polonium over here, the operation to determine the radiological threat to the public at large. A public help line. Initial estimates that up to around fifty people were possibly affected. Public posturing from our government (but careful not to accuse I might add) - I just think the UK authorities could be telling me a lot less than they are via the media. And I therefore think this is a counter-operation.

They are making the Russian government sweat. They can't say 'did you bring this polonium into our country' but they let the media know as much as possible about this so Russian officials will be sat there wondering whether they want to do this again. At the moment the polonium has been traced to a Russian nuclear reactor - it looks pretty bad - though I am open to the possibility of someone framing the Russian authorities.

--

dum-da-da-dum-da-da-dum-da-da-dum da da da der-da-da da der-da-da der-der-der..

### **IK60**

Make sure to quote Yakov (none / 0) (#9)

by Orion Blastar Again on Sun Dec 03, 2006 at 09:57:13 AM EST

"In America, you get illness. In Soviet Russia, illness gets you!"

Learn how to be a liberal.

I can't believe it's not Liberalism!

### **IK61**

Editorial: Normally, I'd vote this down (none / 0) (#10)

by MrHanky on Sun Dec 03, 2006 at 10:08:20 AM EST

Considering the current standard of the front page, I can't see much wrong with it. Actually, I can't see much wrong with anything. Since consistency is king (well, sometimes), I'll have to vote this shit up.

Hey! Thanks for sigging me! I am so proud. -MichaelCrawford

## **APÊNDICE D – Codificação de intervenções do *Wikinews***

## W1

### Dados gerais

Título: "Friday the 13" Buffalo, New York snow storm in pictures

Intervenções relacionadas: IW1–IW23

Link:

[http://en.wikinews.org/wiki/%22Friday\\_the\\_13%22\\_Buffalo%2C\\_New\\_York\\_snow\\_storm\\_in\\_pictures](http://en.wikinews.org/wiki/%22Friday_the_13%22_Buffalo%2C_New_York_snow_storm_in_pictures)

Data: 14/10/2006, 19:27 UTC (16:27)

Coleta: 17/10/2006, 13:44

Autor: DragonFire1024

Intervenções	23
Colaboradores	7

### Intervenções pluralizantes

Edição	11
Dados	3
Fontes	1
Valor-notícia	1
Multimídia	2
Links	3
Argumentação	-

### Intervenções formais/disruptivas

Ortografia/gramática	3
Formatação	-
Disrupção	-
Spam	-

Outros	1
--------	---

## W2

### Dados gerais

Título: New Zealand broadcasters to pay back National party's GST

Intervenções relacionadas: IW23 – IW28

Link: [http://en.wikinews.org/wiki/New\\_Zealand\\_broadcasters\\_to\\_pay\\_back\\_National\\_party%27s\\_GST](http://en.wikinews.org/wiki/New_Zealand_broadcasters_to_pay_back_National_party%27s_GST)

Data: 23/10/2006, 5:32 UTC (2:32)

Coleta: 25/10/2006, 13:34

Autor: Nzgabriel

Intervenções	5
Colaboradores	3

### Intervenções pluralizantes

Edição	1
Dados	-
Fontes	-
Valor-notícia	-
Multimídia	-
Links	1
Argumentação	-

### Intervenções formais/disruptivas

Ortografia/gramática	3
Formatação	-
Disrupção	-
Spam	-

Outros	-
--------	---

## W3

### Dados gerais

Título: Wikinews Shorts: October 31, 2006

Intervenções relacionadas: IW29

Link: [http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews\\_Shots:\\_October\\_31%2C\\_2006](http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews_Shots:_October_31%2C_2006)

Data: 31/10/2006, 1:00 UTC (30/10/2006, 22:00)

Coleta: 02/11/2006, 13:39

Autor: Messedrocker

Intervenções	1
Colaboradores	1

### Intervenções pluralizantes

Edição	-
Dados	-
Fontes	-
Valor-notícia	-
Multimídia	-
Links	-
Argumentação	-

### Intervenções formais/disruptivas

Ortografia/gramática	1
Formatação	-
Disrupção	-
Spam	-

Outros	-
--------	---

## W4

### Dados gerais

Título: New Zealand students able to use txt language in exams

Intervenções relacionadas: IW30 – IW33

Link: [http://en.wikinews.org/wiki/New\\_Zealand\\_students\\_able\\_to\\_use\\_txt\\_language\\_in\\_exams](http://en.wikinews.org/wiki/New_Zealand_students_able_to_use_txt_language_in_exams)

Data: 08/11/2006, 19:44 (17:44)

Coleta: 10/11/2006, 13:37

Autor: Nzgabriel

Intervenções	3
Colaboradores	3

### Intervenções pluralizantes

Edição	-
Dados	-
Fontes	-
Valor-notícia	-
Multimídia	-
Links	-
Argumentação	-

### Intervenções formais/disruptivas

Ortografia/gramática	2
Formatação	-
Disrupção	-
Spam	-

Outros	1
--------	---

## W5

### Dados gerais

Título: Canada's west coast battles high winds

Intervenções relacionadas: IW34 – IW40

Link: [http://en.wikinews.org/wiki/Canada%27s\\_west\\_coast\\_battles\\_high\\_winds](http://en.wikinews.org/wiki/Canada%27s_west_coast_battles_high_winds)

Data: 16/11/2006, 02:20 UTC (00:20)

Coleta: 18/11/2006, 14:00

Autor: FellowWikiNews

Intervenções	7
Colaboradores	4

### Intervenções pluralizantes

Edição	1
Dados	3
Fontes	-
Valor-notícia	-
Multimídia	-
Links	-
Argumentação	-

### Intervenções formais/disruptivas

Ortografia/gramática	3
Formatação	-
Disrupção	-
Spam	-

Outros	-
--------	---

## W6

### Dados gerais

**Título:** Auckland Regional Council supports Eden Park upgrade in New Zealand

**Intervenções relacionadas:** IW41

**Link:**

[http://en.wikinews.org/wiki/Auckland\\_Regional\\_Council\\_supports\\_Eden\\_Park\\_upgrade\\_in\\_New\\_Zealand](http://en.wikinews.org/wiki/Auckland_Regional_Council_supports_Eden_Park_upgrade_in_New_Zealand)

**Data:** 24/11/2006, 05:29 UTC (03:29)

**Coleta:** 26/11/2006, 13:41

**Autor:** Nzgabriel

Intervenções	1
Colaboradores	1

### Intervenções pluralizantes

Edição	1
Dados	1
Fontes	1
Valor-notícia	-
Multimídia	-
Links	1
Argumentação	-

### Intervenções formais/disruptivas

Ortografia/gramática	1
Formatação	-
Disrupção	-
Spam	-

Outros	-
--------	---



## W7

### Dados gerais

Título: Great white sharks to be protected in New Zealand

Intervenções relacionadas: IW42 – IW47

Link: [http://en.wikinews.org/wiki/Great\\_white\\_sharks\\_to\\_be\\_protected\\_in\\_New\\_Zealand](http://en.wikinews.org/wiki/Great_white_sharks_to_be_protected_in_New_Zealand)

Data: 01/12/2006, 01:16 UTC (30/11/2006, 23:16)

Coleta: 02/12/2006, 13:38

Autor: Nzgabriel

Intervenções	6
Colaboradores	4

### Intervenções pluralizantes

Edição	2
Dados	1
Fontes	-
Valor-notícia	-
Multimídia	1
Links	-
Argumentação	-

### Intervenções formais/disruptivas

Ortografia/gramática	2
Formatação	-
Disrupção	-
Spam	-

Outros	-
--------	---

**APÊNDICE E – Codificação de intervenções do *Kuro5hin***

**K1****Dados gerais**

Título: The rise of the TV serial

Intervenções relacionadas: IK1 – IK35

Link: <http://www.kuro5hin.org/story/2006/10/24/211246/67>

Data: 24/10/2006, 21:12 UTC -4 (23:12)

Coleta: 25/10/2006, 13:37

Autor: MotorMachineMercenary

Intervenções	35
Colaboradores	13

**Intervenções pluralizantes**

Edição	1
Depoimento	2
Fontes	-
Valor-notícia	2
Multimídia	-
Links	2
Argumentação	21

**Intervenções formais/disruptivas**

Ortografia/gramática	-
Formatação	-
Disrupção	8
Spam	-

Outros	1
--------	---

**K2****Dados gerais**

Título: Iran: Military Facts

Intervenções relacionadas: IK36 – IK52

Link: Não disponível

Data: 18/11/2006, 06:35 UTC -4 (09:35)

Coleta: 18/11/2006, 13:57

Autor: megid

Intervenções	16
Colaboradores	11

**Intervenções pluralizantes**

Edição	-
Depoimento	2
Fontes	-
Valor-notícia	3
Multimídia	-
Links	-
Argumentação	10

**Intervenções formais/disruptivas**

Ortografia/gramática	-
Formatação	-
Disrupção	3
Spam	-

Outros	-
--------	---

**K3****Dados gerais**

Título: spy games

Intervenções relacionadas: IK53 – IK63

Link: Não disponível

Data: 03/12/2006, 05:29 UTC-4 (08:29)

Coleta: 03/12/2006, 13:37

Autor: urbanforces

Intervenções	10
Colaboradores	8

**Intervenções pluralizantes**

Edição	1
Dados	2
Fontes	-
Valor-notícia	3
Multimídia	-
Links	1
Argumentação	3

**Intervenções formais/disruptivas**

Ortografia/gramática	-
Formatação	1
Disrupção	1
Spam	-

Outros	2
--------	---

## **APÊNDICE F – Lista de websites citados**

**Amazon.com** - <http://www.amazon.com>

**Blog do LIMC** - <http://www.ufrgs.br/limc/blog>

**Blogger** - <http://www.blogger.com>

**Boing Boing** - <http://boingboing.net>

**Cardosonline** - <http://www.qualquer.org/col>

**Centro de Mídia Independente** - <http://www.midiaindependente.org>

**Conversas Furtadas** - <http://www.insanus.org/conversas>

**Correio do Povo** - <http://www.correiodopovo.com.br>

**Daily KOs** - <http://www.dailykos.com>

**Dear Raed** - [http://dear\\_raed.blogspot.com](http://dear_raed.blogspot.com)

**Del.icio.us** - <http://del.icio.us>

**Die Zeit** - <http://www.zeit.de>

**Digg** - <http://digg.com>

**Estado de São Paulo** - <http://www.estadao.com.br>

**Eu-Repórter** - <http://oglobo.globo.com/participe>

**FARK** - <http://www.fark.com>

**FotoRepórter** - <http://www.estadao.com.br/fotoreporter>

**Free Software Foundation** - <http://www.fsf.org>

**Garfada** - <http://www.insanus.org/garfada>

**Gilberto Dimenstein - Jornalismo comunitário** - <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein>

**Gizmodo** - <http://gizmodo.com>

**Globo Online** - <http://oglobo.globo.com>

**Google** - <http://www.google.com>

**Google Scholar** - <http://scholar.google.com>

**H2OTown** - <http://h2otown.info>

**IG** - <http://www.ig.com.br>

**Indymedia** - <http://www.indymedia.org>

**Insanus.org** - <http://www.insanus.org>

**Instapundit** - <http://www.instapundit.com>

**Jornal de Debates** - <http://www.jornaldedebates.com.br>

**Kuro5hin** - <http://www.kuro5hin.org>

**Los Angeles Times** - <http://www.latimes.com>

**Martelada** - <http://www.insanus.org/martelada>

**Metafilter** - <http://www.metafilter.com>

**Minha Notícia** - <http://minhanoticia.ig.com.br/index.html>

**Netlingo** - <http://www.netlingo.com>

**New York Times online** - <http://www.nytimes.com>

**No Mínimo** - <http://nominimo.ig.com.br>

**OhmyNews** - <http://www.ohmynews.com>

**OhmyNews International** - <http://english.ohmynews.com>

**Open Source Initiative** - <http://www.opensource.org>

**Orkut** - <http://www.orkut.com>

**Pitas** - <http://www.pitas.com>

**Portland Pattern Repository** - <http://c2.com/ppr>

**Salon** - <http://www.salon.com>

**Slashdot** - <http://slashdot.org>

**Technorati** - <http://technorati.com>

**The Guardian** - <http://www.guardian.co.uk>

**Tiago Dória** - <http://www.tiagodoria.blogspot.com>

**Tiago Dória (IG)** - <http://www.tiagodoria.blig.ig.com.br>

**UOL** - <http://www.uol.com.br>

**vc repórter** - <http://www.terra.com.br/vcreporter>

**Washingtonpost.com** - <http://www.washingtonpost.com>

**Wired** - <http://www.wired.com>

**Wikinews** - <http://en.wikinews.org>

**Wikinotícias** - <http://en.wikinews.org>

**Wikipedia** - <http://www.wikipedia.org>

**WikiWikiWeb** - <http://c2.com/cgi/wiki>



## **ANEXOS**

## ANEXO A – Amostra de material jornalístico do *Wikinews*

# "Friday the 13" Buffalo, New York snow storm in pictures

From Wikinews, the free news source you can write!

Jump to: [navigation](#), [search](#)



This article is [breaking news](#), and the article may change rapidly. [Cite all sources used](#). Please consider [joining our IRC channel](#) to help co-ordinate work.

[\[edit\]](#)

**October 15, 2006**

[Buffalo, New York](#) – According to National Grid and NYSEK during an afternoon press conference, at least 300,000 people and businesses are still without power as the City of Buffalo, New York begins to clean up after the worst October [lake effect snow](#) storm in "137 years of records" being kept, according to the [National Weather Service](#). The [NOAA](#) calls the weather event "unprecedented." Power in many areas may not be fixed until early next week. Electric crews from [Massachusetts](#) and [Rhode Island](#), and [Pennsylvania](#) have been called in to assist in the clean-up efforts, but power to many areas may not be fully restored until next weekend.

[\[edit\]](#)

## Federal aid immediately available

The [Federal Emergency Management Agency](#) or FEMA has cleared the way for at least \$5 million [USD] to be given to Erie County and Western New York to be used for the efforts of cleaning up the city. Shelters will also be reimbursed for their services. Residents will also have a chance to be reimbursed for goods, food and water that they needed to purchase during the storm. Items such as bottled water, radios and flashlights could be among those items eligible for reimbursement, according to a press conference with city officials and [National Grid](#) this afternoon.

Hundreds of trees in Buffalo and the surrounding suburbs such as [Amherst](#) and [Tonawanda](#) are severely damaged and in many cases have to be cut down completely.

Erie County has been declared a natural disaster area and the Mayor of Buffalo, Byron Brown said in a press conference yesterday that the city and county will file several applications for federal aid and assistance with [FEMA](#).

[\[edit\]](#)

## Flooding possible

A flood watch still remains in effect for much of the region as melting snow pack is causing storm drains to over flow and debris from trees is causing some drains to clog completely making many unaccessable to city workers.

Delaware Park, located near the Albright Knox Art Gallery is nearly flooded as the banks of Hoyt Lake are beginning to over flow.

City workers are working to clear debris from a main storm drain near the overpass next to the intersection of Delaware and Forest Avenues.

[\[edit\]](#)

## Spoiled food

A local business, the Lexington Co-op on Elmwood Avenue in Buffalo had to throw out nearly every perishable good in the store after being without power for almost 2 days. During the late afternoon on October 14, the Co-op aquired a generator which is currently supplying the entire store with electricity, but power itself has not yet been restored.

These pictures are just some of the very widespread damage caused by the storm. Many were taken within less than 1 mile from Forest and Elmwood in Buffalo.

[\[edit\]](#)

## Sources

- Michael Regan "[STORM 2006: FEMA funds \\$5 million for storm relief](#)". *Lockport Union-Sun & Journal*, October 15, 2006

[\[edit\]](#)

## Related Wikinews

- "[Buffalo, New York snow storm closes schools, leaves nearly 400,000 without power](#)". *Wikinews*, October 13, 2006

[\[edit\]](#)

## Gallery





This article features [first-hand journalism](#) by a [Wikinews member](#). See the [talk page](#) for more details. Articles are translated through [WORTNET](#).



Retrieved

from

["http://en.wikinews.org/wiki/%22Friday\\_the\\_13%22\\_Buffalo%2C\\_New\\_York\\_snow\\_storm\\_in\\_pictures"](http://en.wikinews.org/wiki/%22Friday_the_13%22_Buffalo%2C_New_York_snow_storm_in_pictures)

Categories: [Breaking News](#) | [October 15, 2006](#) | [Original reporting](#) | [Published](#) | [United States](#) | [Weather](#) | [Disasters and accidents](#) | [New York](#)

- This page was last modified 07:05, 16 October 2006.
  - All text created after September 25, 2005 is available under the terms of the [Creative Commons Attribution 2.5](#) License unless otherwise specified.
- Wikinews® is a registered trademark of the Wikimedia Foundation, Inc.



## New Zealand broadcasters to pay back National party's GST

From Wikinews, the free news source you can write!

Jump to: [navigation](#), [search](#)

**October 23, 2006**

### [New Zealand](#)

Other New Zealand stories

- 24 October 2006: [New Zealand Labour party drops in latest poll](#)
- 23 October 2006: [New Zealand broadcasters to pay back National party's GST](#)
- 22 October 2006: [Waikato win Air New Zealand Cup](#)
- 20 October 2006: [Sir Edmund Hillary receives honorary doctorate](#)
- 19 October 2006: [New Zealand Post introduces redirection and hold fees](#)

[...More articles here](#)

Location of New Zealand



[To write, edit, start or view other New Zealand articles, see the New Zealand Portal](#)



Today New Zealand newspaper, [The Press](#), reported that New Zealand broadcasters are having to pay back the [GST \(Goods and Services Tax\)](#) owed to Inland Revenue by the [New Zealand National Party](#) for its election advertising. The amount owed is at least NZ\$112,000.

Talks between broadcasters and the National Party were said to have failed.

Crown owned broadcaster, Television New Zealand (TVNZ) is having to pay back about \$60,000. TVNZ told The Press that they have paid back \$57,369 on behalf of the tax payer. "We did consider taking (legal) proceedings, but we actually decided against that," a spokesman for TVNZ said. "The likelihood would be that judgment could not be entered against the party as the debt was actually illegal. That is not to say that at some point we will not be looking to recover our money."



The owner of TV3, Canwest MediaWorks, said that it has paid back \$16,011. Roger Beaumont, spokesman, said: "We are still in discussions with the National Party in pursuit of that outstanding money."

Tony O'Brien, spokesman for Sky Network Television, said that Sky is in talks with National over the unpaid GST and hopes to get to a resolution soon.

National said the money owed has been put into a trust fund and wont be available until the law has been changed. But with Michael Cullen, finance minister, saying that he will block the legislation the law is unlikely to get passed.

This follows Labour Party agreeing to give back \$800,000 taxpayer money which they spent on illegal advertising. That illegal spending was last week made legal by Labour.

National is now trying to introduce it's own bill to allow it to pay back the GST, without the bill it will be illegal for them to break the \$900,000 advertising cap. If National was to break the cap they would receive a big fine. National report that they do have enough money to pay back the GST.

### [\[edit\]](#) **Related news**

- ["New Zealand's National Party's bill blocked"](#). *Wikinews*, June 14, 2006
- ["NZ Government passes bill to legalise controversial electioneering overspending"](#). *Wikinews*, October 18, 2006

### [\[edit\]](#) **Sources**

- Dan Eaton ["TV channels pay Nats' GST"](#). *The Press*, October 23, 2006
- Juha Saarinen ["TV stations forced to pay GST owed by National"](#). *Geekzone*, October 23, 2006

Retrieved from  
["http://en.wikinews.org/wiki/New\\_Zealand\\_broadcasters\\_to\\_pay\\_back\\_National\\_party%27s\\_GST"](http://en.wikinews.org/wiki/New_Zealand_broadcasters_to_pay_back_National_party%27s_GST)

**Categories:** [October 23, 2006](#) | [Published](#) | [New Zealand](#) | [Oceania](#) | [Crime and law](#) | [Television](#)

- This page was last modified 17:43, 23 October 2006.
  - All text created after September 25, 2005 is available under the terms of the [Creative Commons Attribution 2.5](#) License unless otherwise specified.
- Wikinews® is a registered trademark of the Wikimedia Foundation, Inc.



## **Wikinews Shorts: October 31, 2006**

From Wikinews, the free news source you can write!

Jump to: [navigation](#), [search](#)

**October 31, 2006**

### **[\[edit\]](#) Gas station workers get attacked**

*October 24, 2006*

Two gas station workers employed at the Marathon station on Gratiot Avenue in [Clinton Township](#) were injured by a group of teenagers. According to police, "at least four people were arrested."

*Sources:*

- "[Police: Teens Attack Gas Station Workers](#)". *yahoo news*, October 24, 2006
- Mitch Hotts "[Teens attack gas station workers with knife, flag](#)". *Macomb Daily*, October 24, 2006

### **[\[edit\]](#) Australian workers get minimum wage increase**

*October 26, 2006*

Australia's Fair Pay commission has ordered a 5.6 percent wage increase for workers earning minimum wage.

*Sources:*

- Reuters "[Australia increases minimum wage by 5.6%](#)". *International Herald Tribune*, October 26, 2006

### **[\[edit\]](#) Crane falls on houses in Portland, Maine**

*October 30, 2006*

A crane fell on houses in Portland, Maine. No one was injured.

*Sources:*

- ELBERT AULL "[Wind sends crane crashing](#)". *Portland Press Herald*, October 30, 2006

Retrieved from "[http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews\\_Shots:\\_October\\_31%2C\\_2006](http://en.wikinews.org/wiki/Wikinews_Shots:_October_31%2C_2006)"

Categories: [October 31, 2006](#) | [Michigan](#) | [Crime and law](#) | [Australia](#) | [Politics and conflicts](#) | [Economy and business](#) | [Maine](#) | [United States](#) | [North America](#) | [Disasters and accidents](#) | [Published](#)

- This page was last modified 01:00, 31 October 2006.
  - All text created after September 25, 2005 is available under the terms of the [Creative Commons Attribution 2.5](#) License unless otherwise specified.
- Wikinews® is a registered trademark of the Wikimedia Foundation, Inc.



## New Zealand students able to use txt language in exams

From Wikinews, the free news source you can write!

Jump to: [navigation](#), [search](#)

**November 9, 2006**

### [New Zealand](#)

Other New Zealand stories

- 10 November 2006: [New stadium in Auckland for 2011 rugby world cup preferred by NZ government](#)
- 9 November 2006: [New Zealand's alcohol purchasing age not to be raised](#)
- 8 November 2006: [New Zealand students able to use txt language in exams](#)
- 8 November 2006: [Location of 100 icebergs near New Zealand known](#)
- 8 November 2006: [New Zealand police want more taser stun guns](#)

Location of New Zealand



[To write, edit, start or view other New Zealand articles, see the New Zealand Portal](#)



The [New Zealand Qualifications Authority](#) (NZQA) has announced that a shorter version of English known as txt language will be acceptable in the external end of year exams. Txt language is where words are shortened for easier mobile phone usage, e.g. txt is for text, lol is for laugh out loud, brb is for be right back, etc.

Txt language has been approved if the marker can see that the paper "clearly shows the required understanding", however the NZQA still advises not to use it. Bali Haque, deputy chief executive of NZQA, said: "Students should aim to make their answers as clear as possible. Markers involved in assessing NCEA (National Certificate of Educational Achievement) exams are trained professionals, experienced in interpreting the variety of writing styles and language uses encountered during the marking process," Mr Haque is confident that marker will understand txt language.

Educators and students alike are divided saying that it will be easier and others saying it could damage the English language.

Mr Haque said that if the marking schedule said that good language use is needed then txt language will be penalised.

Debbie Te Whaiti, president of the Post-Primary Teachers' Association, said: "The authority's new stance reflected the situation in the classroom. Individual teachers are grappling with [txting] every day. However, teachers would have concerns if text slang became an acceptable everyday written language in the classroom."

Year 11 student at Avonside Girls High School, Cathy Adank, said: "Most students would be surprised to hear text language was acceptable in some exams. That's great. You'll just be able to get your ideas out quicker. It's so much faster; you can get through the exam faster." But her close friend, Harriet Prebble, disagreed, "I think it's a terrible idea. When you start progressing in the world, people judge you on the written language, and spelling things incorrectly seems sloppy and lazy and gives a bad impression." However both girls did agree that the use of txt language damages the overall spelling of the users.

Denis Pyatt, principal of Papanui High School, said: "While I would not encourage students to use text abbreviations in exams, I am excited by the language developments. I think text messaging is one of the most exciting things that has happened in a long time. It is another development in that wonderful thing we call the English language. Society has to adapt to change and I think ultimately text messaging could help resolve one of the strangest parts of English, which is its spelling, though I think it will be some time before text spelling is formally adopted."

Lincoln High School NZQA officer, Stephen Rout, said: "[I] will not be recommending text speak to his students. I would advise students to use proper English rather than text abbreviations. Students need to be able to write and understand full English and I would encourage our students to do that."

Lynda Harris, chief executive of the Write Group who help people develop their English skills, said that her staff are worried "about students being allowed to write in text abbreviations."

This decision comes over a week later when the Scottish Qualifications Authority also allowed txt language.

## [\[edit\]](#) **Sources**

- Arwen Hann and Anna Chalmers "[Txt speak approved for exams](#)". *The Press*, November 9, 2006
- "[Morning Report: local papers](#)". *Radio New Zealand*, November 9, 2006

Retrieved

from

"[http://en.wikinews.org/wiki/New\\_Zealand\\_students\\_able\\_to\\_use\\_txt\\_language\\_in\\_exams](http://en.wikinews.org/wiki/New_Zealand_students_able_to_use_txt_language_in_exams)"

**Categories:** [November 9, 2006](#) | [Published](#) | [New Zealand](#) | [Oceania](#) | [Education](#)

- This page was last modified 02:48, 9 November 2006.
  - All text created after September 25, 2005 is available under the terms of the [Creative Commons Attribution 2.5](#) License unless otherwise specified.
- Wikinews® is a registered trademark of the Wikimedia Foundation, Inc.



## Canada's west coast battles high winds

From Wikinews, the free news source you can write!

Jump to: [navigation](#), [search](#)



This article is **[breaking news](#)**, and the article may change rapidly. [Cite all sources used](#). Please consider [joining our IRC channel](#) to help co-ordinate work.

[\[edit\]](#)

**November 16, 2006**

### Canada

Other Canadian stories

- 16 November 2006: [Canada's west coast battles high winds](#)
- 15 November 2006: [Canadian law proposes to ban spitting, swearing and urinating in public](#)
- 15 November 2006: [Tsunami wave alert for British Columbia dropped](#)
- 15 November 2006: [Interview with John Sanderson, Regional Council candidate for Wards 3 & 4 in Brampton, Canada](#)
- 15 November 2006: [Canada's Toronto—Danforth \(Ward 30\) city council candidates speak](#)

Location of Canada



[To write, edit, start or view other Canada articles, see the Canada Portal](#)



Currently, there are blackouts, heavy rain, and high winds in British Columbia. Over 180,000 [BC Hydro](#) customers have no power. Buildings have already collapsed and trees have been knowed down. Five Vancouver rivers were in danger of flooding, which rain fell at 10 mm an hour for more than six hours at midday.

The steel frame of a four-storey building under construction in [Vancouver](#) collapsed. Construction workers escaped injury, luckily they were on a coffee break at the time of the incident. The steel frame crushed cars in a parking lot and missed a truck driver.

Citizens had to evacuate a subdivision of 30 homes. The winds smashed trees into houses in [West Vancouver](#).

"We have some real fears here with electrical problems," said Captain Rob Jones Cook of the Vancouver Fire Department. "This is impinging on electrical poles and lamp standards. We also have hydro bus lines running down two sides of the building." The Vancouver Fire Department says they have no idea as to why the building collapsed.

Winds are gusting at more than 100 kilometres an hour (62 mph) in some areas and rainfall amounts of 50 to 110 millimetres.

According BC Hydro spokeswoman Elisha Moreno, the hardest-hit areas are Vancouver, Surrey, Langley, Abbotsford and Mission, B.C. "We're trying to be optimistic and hoping it's by end of day today, but there may very well be customers that are into the early-morning hours before restoration," Moreno said.

Extensive [ferry](#) cancellations, road closures, and massive power outages are in effect until the storm ends.

The [RCMP](#) have advised people to stay home and off the highway.

### [\[edit\]](#) **Related news**

- "[Tsunami wave alert for British Columbia dropped](#)". *Wikinews*, November 15, 2006

### [\[edit\]](#) **Sources**

- "[Building falls as winds batter Canada's west coast](#)". *Reuters*, November 15, 2006
- Scott Sutherland "[Building collapses, area evacuated, ferries cancelled by B.C. storm](#)". *Canada.com*, November 15, 2006
- "[200,000 in the dark as storm pounds B.C. coast](#)". *CBC News*, November 15, 2006

Retrieved from "[http://en.wikinews.org/wiki/Canada%27s\\_west\\_coast\\_battles\\_high\\_winds](http://en.wikinews.org/wiki/Canada%27s_west_coast_battles_high_winds)"

Categories: [Breaking News](#) | [November 16, 2006](#) | [Published](#) | [North America](#) | [Canada](#) | [British Columbia](#) | [Disasters and accidents](#)

- This page was last modified 02:27, 16 November 2006.
  - All text created after September 25, 2005 is available under the terms of the [Creative Commons Attribution 2.5](#) License unless otherwise specified.
- Wikinews® is a registered trademark of the Wikimedia Foundation, Inc.





## Auckland Regional Council supports Eden Park upgrade in New Zealand

From Wikinews, the free news source you can write!

Jump to: [navigation](#), [search](#)

**November 24, 2006**

### [New Zealand](#)

Other New Zealand stories

- 24 November 2006: [Auckland Regional Council supports Eden Park upgrade in New Zealand](#)
- 23 November 2006: [New Zealand National Party leader, Don Brash, resigns](#)
- 23 November 2006: [Auckland City Council supports waterfront stadium in New Zealand](#)
- 23 November 2006: [Injunction fails to stop decision on waterfront stadium in New Zealand](#)
- 23 November 2006: [NZ National party leader wants book based around his emails published](#)

Location of New Zealand



[To write, edit, start or view other New Zealand articles, see the New Zealand Portal](#)



The [Auckland Regional Council](#) (ARC) has voted to support an upgrade of [Eden Park](#) and not the New Zealand government's preferred option of a new stadium built on Auckland's waterfront. The stadium consultation is because to host the Rugby World Cup, which New Zealand is hosting in 2011, the final venue has to be able to seat at least 60,000 people.

[Trevor Mallard](#), minister for sports, would not comment on the decision made by the ARC. Mr Mallard would not speak to the media until Monday when he goes to the cabinet.

Yesterday the [Auckland City Council](#) also made their decision on the stadium but they had a different opinion, going with the waterfront stadium.

Mr Mallard said a fortnight ago that the final will go to Christchurch's stadium [Jade Stadium](#) if the two councils could not agree on the stadium they wish to pursue.

With coming to its decision the ARC said that it sympathizes with the public as there was no formal public consultation and the two weeks given to them to make their decision and tell the government their choice was not enough time.

The ARC also said that the Auckland City Councils resolution to move the waterfront stadium around 200 metres to the east is not viable as found by a Technical Working Group working for Trevor Mallard.

"By taking this decision, they may be putting more responsibility on Auckland ratepayers," the mayor of Auckland, Dick Hubbard, said.

The ARC found the waterfront stadium was "inappropriate" because there would be a significant adverse reaction to the council owned Ports of Auckland, special legislation would be required to build it, it would have a "negative impact on the heritage and urban design values of the Britomart precinct and the adjacent waterfront area", and it would be quite expensive to build.

With all the above considered the ARC decided to pursue the Eden Park option as it is also an internationally recognised stadium and was used for the bid to attempt New Zealand to get the 2011 Rugby World Cup.

"Trevor Mallard's stadium is a dead duck," he said. "This afternoon he has no option but to take the waterfront stadium off the table," Keith Locke, Member of Parliament for the Green party.

### [edit] **Related news**

- ["Auckland City Council supports waterfront stadium in New Zealand"](#). *Wikinews*, November 23, 2006
- ["Injunction fails to stop decision on waterfront stadium in New Zealand"](#). *Wikinews*, November 23, 2006
- ["New Zealand National party rejects waterfront stadium"](#). *Wikinews*, November 18, 2006
- ["Christchurch can host 2011 Rugby World Cup final"](#). *Wikinews*, November 14, 2006
- ["New stadium in Auckland for 2011 rugby world cup preferred by NZ government"](#). *Wikinews*, November 10, 2006
- ["Possible new stadium in Auckland for 2011 rugby world cup"](#). *Wikinews*, November 7, 2006

### [edit] **Sources**

- Media Release "[ARC resolutions on stadium decision](#)". *Auckland Regional Council*, November 24, 2006
- Michael Field and NZPA "[Mallard silent after stadium voted down](#)". *stuff*, November 24, 2006

Retrieved

from

["http://en.wikinews.org/wiki/Auckland\\_Regional\\_Council\\_supports\\_Eden\\_Park\\_upgrade\\_in\\_New\\_Zealand"](http://en.wikinews.org/wiki/Auckland_Regional_Council_supports_Eden_Park_upgrade_in_New_Zealand)

Categories: [November 24, 2006](#) | [Published](#) | [Rugby World Cup](#) | [New Zealand](#) | [Oceania](#) | [Sports](#)

- This page was last modified 07:42, 24 November 2006.
- All text created after September 25, 2005 is available under the terms of the [Creative Commons Attribution 2.5](#) License unless otherwise specified.

Wikinews® is a registered trademark of the Wikimedia Foundation, Inc.



## Great white sharks to be protected in New Zealand

From Wikinews, the free news source you can write!

Jump to: [navigation](#), [search](#)

**December 1, 2006**

### New Zealand

Other New Zealand stories

- 2 December 2006: [Genetically modified seeds got into New Zealand](#)
- 2 December 2006: [New Zealand MPs to receive payrise](#)
- 1 December 2006: [Hell Pizza condom advertisements: complaints upheld](#)
- 1 December 2006: [Great white sharks to be protected in New Zealand](#)
- 30 November 2006: [Don Brash, ex-leader of New Zealand National Party, leaves politics](#)

[...More articles here](#)

Location of New Zealand



[To write, edit, start or view other New Zealand articles, see the New Zealand Portal](#)



The great white shark.





The distribution of the great white shark internationally.

The New Zealand conservation minister, [Chris Carter](#), announced Thursday that it will be illegal in New Zealand to hunt [great white sharks](#) in New Zealand waters or in any waters with a boat carrying the [New Zealand flag](#) starting in April 2007. The decision is being hailed by conservation groups who claim the sharks would become extinct if hunting continued.

It will be illegal for a great white sharks, also known by the less common name white pointer sharks, to be hunted, possessed, killed or traded within 200 [nautical miles](#) of New Zealand according to The Wildlife Act. However if the shark was accidentally caught or killed then no prosecution will occur if they register the incident with authorities. And swimmers in Dunedin, New Zealand will also be protected by the use of shark nets.

The decision mainly comes because New Zealand signed the Convention on the Conservation of Migratory Species of Wild Animals.

Mr Carter said: "These majestic animals occur naturally in low numbers and, without protection, could be pushed to the brink of extinction. The Wildlife Act provides a strong deterrent against targeting great whites with a \$250,000 fine and up to six months imprisonment as a maximum penalty."

Kirstie Knowles, spokeswoman for Forest and Bird, said: "The sharks had been landed with an undeserved bad rap."

Vaughan Hill wants Mr Carter to reconsider as he is the latest man in New Zealand who has survived a shark attack. Mr Hill wants the reconsideration because of fear of his children being attacked and not because he was once attacked. Mr Hill now only 35% control of one arm with the other been amputated and has scars on his back and front. Mr Hill was 23-years-old when the attack occurred 10 years ago while he was diving for pāua, or [Abalone](#), commercially 100 meters away from [Pitt Island](#), "It was pretty murky water and I felt a big smack ... I was looking into the eye and the jaw of the shark."

"The last thing I thought was that I had to get another mouthful of air to fight it off, but blood overtook me."

Mr Hill said that sharks should only be protected if they are in a "ring-fenced marine reserve." He described the great white shark as "the ultimate killing machines [which] should be controlled. I want the beaches protected, and the workplace, which for divers is the sea."

Dr Malcolm Francis, principal scientist of [NIWA \(National Institute of Water and Atmospheric Research\)](#), said: "Despite the sharks' fierce reputation they were mysterious to biologists. Great whites were known to travel huge distances but their breeding and life cycles were not as well documented."

"They are incredible predators, but they are more vulnerable than us," Dr Francis said, "Human attacks are more likely a case of mistaken identity. They let go when they realise we're not their normal prey (fish and seals), but often the initial bite is devastating."

[Jim Anderton](#), minister of fisheries, said: "The white pointer shark was not known to be targeted by commercial fishing but was occasionally taken, unintentionally, as by-catch. They were sometimes targeted by recreational fishers and there was some demand for jaws and teeth as fishing trophies. Others were unintentionally caught in set nets."

"No one wants to see an animal hunted to extinction for the sake of a jaw or a few teeth or to be placed under pressure by accidental catch. Under these new regulations no fisher will be able to profit from taking a white pointer, and any fisher inadvertently catching one will have to return it to the sea, intact, and alive, if possible."

In New Zealand there have only been nine reported cases of shark attacks for 16-years.

## [\[edit\]](#) **Sources**

- Beck Eleven "[Protection for feared predator](#)". *The Press*, December 1, 2006
- Hon Chris Carter "[Full protection for great white sharks from April 2007](#)". *Beehive*, November 30, 2006

Retrieved

from

"[http://en.wikinews.org/wiki/Great\\_white\\_sharks\\_to\\_be\\_protected\\_in\\_New\\_Zealand](http://en.wikinews.org/wiki/Great_white_sharks_to_be_protected_in_New_Zealand)"

**Categories:** [December 1, 2006](#) | [Published](#) | [New Zealand](#) | [Oceania](#) | [Environment](#) | [Crime and law](#)

- This page was last modified 23:17, 1 December 2006.
  - All text created after September 25, 2005 is available under the terms of the [Creative Commons Attribution 2.5](#) License unless otherwise specified.
- Wikinews® is a registered trademark of the Wikimedia Foundation, Inc.



**ANEXO B – Amostra de material jornalístico do *Kuro5hin***



# Kuro5hin

technology and culture, from the trenches

[submit story](#) | [your account](#) | [help/FAQ](#) | [contact](#) | [links](#) | [search](#) | [IRC](#) | [site news](#)

[Everything](#) | [Diaries](#) | [Technology](#) | [Science](#) | [Culture](#) | [Politics](#) | [Media](#) | [News](#) | [Internet](#) | [Op-Ed](#) | [Fiction](#) | [Meta](#) | [MLP](#)

We need your support: [buy an ad](#) | [premium membership](#) | [k5 store](#)

## ⊕ The Rise of the TV Serial



By [MotorMachineMercenary](#) in [Culture](#)  
 Tue Oct 24, 2006 at 09:12:46 PM EST  
 Tags: [TV](#), [screenwriting](#) ([all tags](#))

I stopped watching TV in the late 90s. Unlike most things in my life I didn't do it (just) to advertise my excellence or to distance myself from the plebes. The driving reason was that my access to TV at the time was extremely limited. But I also felt that TV writing wasn't up to par with my intellectual pursuits.

I only got back to watching TV two or so years ago. And I was flabbergasted - yes, flabbergasted - at the apparent increased quality of TV writing. The main reason for this is the rise of the TV serial.

I grew up with the original Battlestar Galactica, Miami Vice, Knight Rider, Robin Hood (a UKian series) and McGyver. As I'm sure even the younger k5ers know all of those series are pure bubblegum for the brain. Every episode was a story in itself. The protagonist did his thing keeping his hairdo intact, the antagonist was one-dimensional and bad. Repeat ad nauseam. The biggest changes from season to season were the occasional cast change, which was *always* driven by executive or casting decision, never by story requirements. These series are called "episodic" due to their episodic nature.

The dull firmament of episodic TV series was lit up by the bright star of [Twin Peaks](#). It was one of the first serials, ie. a TV series where significant changes occurred during its running time to characters, their relationships or surroundings. Some serials have a preset running time á la Babylon 5 but many don't, like The Sopranos. This is not to say there weren't serials before this - early example is [Prisoner](#) from down under or the hundreds of soap operas - but Twin Peaks was the first one which gained mainstream acceptance. But time wasn't ripe for the golden age of serials, yet.

The serial is weighted by the requirement to follow it every week, otherwise you will miss important plot points or find yourself looking for your favorite cleavage

### Sponsors

**voxel dot net**  
 best of breed linux solutions

- [Managed Servers](#)
- [Managed Clusters](#)
- [Virtual Hosting](#)

**Dedicated and VPS Colo  
 Now with FreeBSD 6.x !**

- Linux and FreeBSD
- Open Source Specialists
- Tier-One Internet Connections

**John Companies**  
[www.johncompanies.com](http://www.johncompanies.com)

**rsync.net**

**Secure Offsite Backup**

Win / Mac / Unix  
 Unlimited Transfer  
 rsync / ssh / WebDAV

### trasel

- [Moderate Submissions](#)
- ([1/2/3](#))
- [Review Hidden Comments](#)
  - [User Info](#)
  - [Your Comments](#)
  - [Your Stories](#)
  - [Your Diary](#)
  - [Your Ads](#)
  - [New Diary Entry](#)
  - [New Ad](#)
  - [New Story](#)
  - [User Preferences](#)
  - [Display Preferences](#)
  - [Comment Preferences](#)
  - [Logout from all locations](#)
  - [Logout trasel](#)

### Poll

**Best current serial**



only to find out she got devoured by a slimy mold last week. Episodic series are easy on the viewer as you can miss an entire season and pick it up like riding a bicycle after years of neglect. DVDs and reruns have alleviated this serial problem greatly, though.

Another reason for the ongoing popularity of episodic series is that serials can change. A lot. Take Prison Break for example [SPOILER ALERT for those who haven't watched second season]. Prison Break's first season was an enthralling mix of episodic material within an overarching serial framework. The first season ended with a massive cliffhanger. While it was quite inconceivable that they would be thrown back in prison, it was almost equally inconceivable that the entire series would move from the premise similar to [Escape from Alcatraz](#) to [The Fugitive](#). I wonder how scared the executives were to give the green light to practically start a whole new series with the second season.

What is most amazing is that the writers have managed to keep the best characteristics of the series intact even with this change. The literally claustrophobic constraints of prison have transformed into the metaphorical claustrophobia of men on the run. The fragmentation of men who really can't trust each other but still have to work together is still there even with the physical separation. And thus far none of it feels convoluted within the premise of the series. [SPOILERS END]

But the strength of the serial over the episodic series are as varied as its shortcomings. Episodic series don't offer the same room for the producers, writers and actors to grow the story, to explore the arching plot and to portray the growth - or shrinkage - of characters. With a serial you can spend an entire season - or series! - exploring a facet of humanity without resorting to tautology of the episodic series. Therefore the "weakness" of an ongoing story of a serial becomes a strength, one a crafty writer can exploit to its fullest. That is one reason why I compared Prison Break above to two movies, not two series: the serial has a more feature movie -like approach to the story.

The reasons behind the recent surge of serials is tough to pinpoint. I like to think it's partly a backlash from writers to show that reality TV is shit, and that quite a few viewers agree with them. It could be that some viewers like me require more stimulation than just the same old shit every week. It could be that series on DVD has enabled people to pick up good serials even if they miss the first - or second - season.

Whatever the reasons are, we, the viewers, are better off. Just ten years ago we didn't have several serials to

▪ Lost	0%
▪ Prison Break	0%
▪ The Shield	0%
▪ Battlestar Galactica	0%
▪ 24	0%
▪ The Sopranos	0%
▪ Dr. Hannibal Lecter	0%

Votes: **0**

[Results](#) | [Other Polls](#)

#### Related Links

- [Twin Peaks](#)
- [Prisoner](#)
- [Escape from Alcatraz](#)
- [The Fugitive](#)
- [Also by MotorMachineMercenary](#)

pick from like we do today - and no, X-Files was more episodic than serial. Today one can still watch the bubblegummy Desperate Housewives or rot our brains with the latest America's Next Top Model. But those of us who want real character development can watch The Shield, those who want a challenge to their world-views can pick up Battlestar Galactica and those who want to really get lost in a series... well, watch Lost.

**Please Help.** The author of this story has requested editorial help from you, and the rest of the community. Please read, and post your editorial suggestions below. The author can edit at any time, so some suggestions may already have been fixed when you read them. After editing, the story will continue on to voting as usual.

If this article is abusing the edit queue please indicate this by pressing the button below.

Move to Vote

Kuro5hin  
dot org

Search

XML

All trademarks and copyrights on this page are owned by their respective companies. The Rest © 2000 - 2006 Kuro5hin.org Inc. See our [legalese page](#) for copyright policies. Please also read our [Privacy Policy](#). Kuro5hin.org is powered by [Free Software](#), including [Apache](#), [Perl](#), and [Linux](#). The [Scoop Engine](#) that runs this site is freely available, under the terms of the GPL.

Need some help? Email [help@kuro5hin.org](mailto:help@kuro5hin.org).

Tiny poetry for midgets: so much depends / upon / a red wheel / barrow / glazed with rain / water / beside the white / chickens. --William Carlos Williams



[submit story](#) | [create account](#) | [help/FAQ](#) |  
[mission](#) | [links](#) | [search](#) | [IRC](#) | [YOU choose the stories!](#)





# Kuro5hin

technology and culture, from the trenches

[submit story](#) | [your account](#) | [help/FAQ](#) | [contact](#) | [links](#) | [search](#) | [IRC](#) | [site news](#)

[Everything](#) | [Diaries](#) | [Technology](#) | [Science](#) | [Culture](#) | [Politics](#) | [Media](#) | [News](#) | [Internet](#) | [Op-Ed](#) | [Fiction](#) | [Meta](#) | [MLP](#)

We need your support: [buy an ad](#) | [premium membership](#) | [k5 store](#)

## ⊕ Iran: Military Facts



By [megid](#) in [Op-Ed](#)

Sat Nov 18, 2006 at 06:35:05 AM EST

Tags: [\(all tags\)](#)

Look, I am fed up with the stupid discussing of Iran and its nuclear ambitions. Let's get some military facts straight.

---

I ask everyone to challenge me on these items which I consider fact:

- Iran is a fully developed industrial nation.
- Iran has the capability to develop nuclear arms.
- Iran is actively supported by Russia and China, both economically and in its nuclear program.
- Many nations, among them Russia and China, strive to limit the (at the current time disproportionally high) military power of the USA.
- The U.N. is a meeting ground to ensure people can talk even if they are enemies at the current time; it is not a place to make effective decisions (as long as matters of strategic power are involved, at least).

### Sponsors

**voxel dot net**  
best of breed linux solutions

- [Managed Servers](#)
- [Managed Clusters](#)
- [Virtual Hosting](#)

Dedicated and VPS Colo  
Now with FreeBSD 6.x !

- Linux and FreeBSD
- Open Source Specialists
- Tier-One Internet Connections

**John Companies**

[www.johncompanies.com](http://www.johncompanies.com)

**rsync.net**

Secure Offsite Backup

Win / Mac / Unix  
Unlimited Transfer  
rsync / ssh / WebDAV

trassel

- [Moderate Submissions](#)

(2/1/3)

- [Review Hidden](#)

[Comments](#)

- [User Info](#)
- [Your Comments](#)
- [Your Stories](#)
- [Your Diary](#)
- [Your Ads](#)
- [New Diary Entry](#)
- [New Ad](#)
- [New Story](#)
- [User Preferences](#)
- [Display Preferences](#)
- [Comment Preferences](#)
- [Logout from all](#)

[locations](#)

- [Logout trassel](#)

[Related Links](#)

▪ [Also by megid](#)

- Israel has nuclear arms.
- If Iran gains nuclear arms, the USA and Europe will make it abundantly clear that they will attack Iran with nukes if Iran attacks Israel with nukes.
- Israel will attack Iran with nukes if Iran attacks Israel with nukes.
- Iran has no interest in getting nuked by the USA and Europe (and Israel, of course).
- Iran probably wants Israel destroyed -- but probably not so badly as Iran wants to survive.
- The USA does not want Iran to have nukes because this limits their military possibilities in the middle east.
- The USA can only attack Iran if they use the military resources currently bound in Iraq.

In conclusion (which might be wrong -- this is an Op-Ed, after all), I would bet that within some years, Iran gains nuclear arms and the consequences are about as dire as Pakistan and India gaining nuclear arms.

And now, please challenge the items, and feel free to add important strategic aspects I did not see. Thank you.

**Please Help.** The author of this story has requested editorial help from you, and the rest of the community. Please read, and post your editorial suggestions below. The author can edit at any time, so some suggestions may already have been fixed when you read them. After editing, the story will continue on to voting as usual.

If this article is abusing the edit queue please indicate this

by pressing the button below.

Move to Vote

**Kuro5hin**  
dot org



XML

All trademarks and copyrights on this page are owned by their respective companies. The Rest © 2000 - 2006 Kuro5hin.org Inc.  
See our [legalese page](#) for copyright policies. Please also read our [Privacy Policy](#).  
Kuro5hin.org is powered by [Free Software](#), including [Apache](#), [Perl](#), and [Linux](#). The [Scoop Engine](#) that runs this site is freely available,  
under the terms of the GPL.

Need some help? Email [help@kuro5hin.org](mailto:help@kuro5hin.org).

Tiny poetry for midgets: so much depends / upon / a red wheel / barrow / glazed with rain / water / beside the white / chickens. --William  
Carlos Williams



[submit story](#) | [create account](#) | [help/FAQ](#) |  
[mission](#) | [links](#) | [search](#) | [IRC](#) | [YOU choose the stories!](#)





# Kuro5hin

technology and culture, from the trenches

[submit story](#) | [your account](#) | [help/FAQ](#) | [contact](#) | [links](#) | [search](#) | [IRC](#) | [site news](#)

[Everything](#) | [Diaries](#) | [Technology](#) | [Science](#) | [Culture](#) | [Politics](#) | [Media](#) | [News](#) | [Internet](#) | [Op-Ed](#) | [Fiction](#) | [Meta](#) | [MLP](#)

We need your support: [buy an ad](#) | [premium membership](#) | [k5 store](#)

## ⊕ spy games



By [urbanforces](#) in [Meta](#)

Sun Dec 03, 2006 at 05:29:00 AM EST

Tags: [espionage](#), [russia](#), [britain](#), [poison](#), [dead people](#) (all tags)

Alexander Litvinenko was a Russian intelligence officer. As exaggerated a threat Russia was during the so-called Cold War, he probably did some bad shit, so why should we give a fuck that he's now dead?

This is going to be short and sweet because I have radial nerve palsy from too much gaming so I am typing with one hand.

Basically, I figure this whole Litvinenko saga has been orchestrated by the opponents of kick-ass black belt President Vladimir Putin - the only president in the world who could merit being a character in Street Fighter 2.

Or Mortal Kombat.

Actually, I reckon Chavez would be kinda cool as a gaming icon, but that's another story.

Anyway, to me, Litvinenko's poisoning and subsequent death pose this question; why should we give a fuck about some dude who most likely, during his intelligence work made some decisions that resulted in the the death of some people?

His claim that Putin ordered his death is unsubstantiated and irrelevant.

He says he left the KGB or FSB because he wouldn't kill some rich jewish businessman who no doubt supports the Israeli genocide in Palestine.

With that in mind, I figure the guy probably deserved to die.

After all, what goes around comes around, etc... so fuck

### Sponsors

**voxel dot net**  
best of breed linux solutions

- [Managed Servers](#)
- [Managed Clusters](#)
- [Virtual Hosting](#)

Dedicated and VPS Colo  
Now with FreeBSD 6.x !

- Linux and FreeBSD
- Open Source Specialists
- Tier-One Internet Connections

**John Companies**

[www.johncompanies.com](http://www.johncompanies.com)

**rsync.net**

Secure Offsite Backup

Win / Mac / Unix  
Unlimited Transfer  
rsync / ssh / WebDAV

### traseL

- [Moderate Submissions](#)

(0/1/1)

- [Review Hidden](#)

[Comments](#)

- [User Info](#)
- [Your Comments](#)
- [Your Stories](#)
- [Your Diary](#)
- [Your Ads](#)
- [New Diary Entry](#)
- [New Ad](#)
- [New Story](#)
- [User Preferences](#)
- [Display Preferences](#)
- [Comment Preferences](#)
- [Logout from all locations](#)
- [Logout traseL](#)

[Related Links](#)

him.

▪ [Also by urbanforces](#)

It's clear the West has some kind of vendetta against Putin because of his opposition to any kind of punitive measure against Iran and North Korea - two countries that pose no threat to anyone but are being used as excuses for the US to smear its empirical formula across the globe.

Ironically, George Bush's spurious "war on terror" is killing the people who want to kill Putin for his occupation of Chechnya since all those "terrorist training camps in Afghanistan were training people to fight there and nothing to do with the 11th September attacks.

So exactly why they're blowing up out of all proportion this spy thing is beyond me.

But then again - the "war on terror" isn't actually about terrorism, is it? It's about oil - something Russia has quite a bit of after acquiring Yukos, a deal Litvinenko had apparently been investigating, found dodgy dealings and passed the info onto the Israelis.

Hmmm...

**Please Help.** The author of this story has requested editorial help from you, and the rest of the community. Please read, and post your editorial suggestions below. The author can edit at any time, so some suggestions may already have been fixed when you read them. After editing, the story will continue on to voting as usual.

If this article is abusing the edit queue please indicate this by pressing the button below.

Move to Vote

Kuro5hin  
dot org

Search



All trademarks and copyrights on this page are owned by their respective companies. The Rest © 2000 - 2006 Kuro5hin.org Inc. See our [legalese page](#) for copyright policies. Please also read our [Privacy Policy](#). Kuro5hin.org is powered by [Free Software](#), including [Apache](#), [Perl](#), and [Linux](#). The [Scoop Engine](#) that runs this site is freely available, under the terms of the GPL.

Need some help? Email [help@kuro5hin.org](mailto:help@kuro5hin.org).

Tiny poetry for midgets: so much depends / upon / a red wheel / barrow / glazed with rain / water / beside the white / chickens. --William Carlos Williams



[submit story](#) | [create account](#) | [help/FAQ](#) |  
[mission](#) | [links](#) | [search](#) | [IRC](#) | **YOU** choose the  
[stories!](#)





# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)